

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC-SP

MARIA SILVIA COSTA PESSOA

**ELABORAÇÃO DE UM MÉTODO DE ANÁLISE DOS SONHOS NA
TERAPIA DE CASAL – UM ENFOQUE JUNGUIANO**

DOUTORADO EM PSICOLOGIA

São Paulo

2011

MARIA SILVIA COSTA PESSOA

**ELABORAÇÃO DE UM MÉTODO DE ANÁLISE DOS SONHOS NA
TERAPIA DE CASAL - UM ENFOQUE JUNGUIANO**

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de DOUTOR em Psicologia Clínica, sob orientação do Professor Dr. Durval Luiz de Faria.

DOUTORADO EM PSICOLOGIA

São Paulo

2011

Pessoa, Maria Sílvia Costa

Elaboração de um método de análise dos sonhos na terapia de casal – um enfoque junguiano /

Maria Sílvia Costa Pessoa. – São Paulo : [s.n.], 2011

237 f.: il.; 1 CD-ROM

Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

Orientador: Prof. Dr. Durval Luiz de Faria

1. Psicologia Analítica 2. Sonhos 3. Conflitos Conjugais 4. Terapia de Casal

BANCA EXAMINADORA

Aos meus filhos, TALITA, CAUÊ e GABRIELLA,
luzes que motivam e alegam a minha
caminhada.

Ao CAIO, meu parceiro,
com quem compartilho sonhos e realidades.

AGRADECIMENTOS

Ao finalizar este trabalho, tenho a sensação de ter deixado para trás muitas vivências que, acredito, só poderei recuperar com o tempo e que virão com o nome “saudade”. Muitas pessoas queridas ajudaram em minha caminhada, acolheram-me com incentivos, olhares e afagos. Algumas, muito queridas, se foram no meio do caminho e me visitam em sonhos.

Ah, os sonhos!

Mas muitas estão por perto e hoje posso finalizar este momento da minha vida, compartilhando com todas elas este trabalho. A estas, meu muito obrigada!

A DEUS,
que tem o poder de saber muito mais do que pedimos ou pensamos...

Aos meus filhos, TALITA, CAUÊ e GABRIELLA,
que me apoiaram nesta caminhada e que, com paciência, souberam lidar com os momentos mais atribulados que tivemos que enfrentar juntos.

Ao CAIO,
pela compreensão e apoio. Juntos, vamos construindo nossa história e estreitando nossos laços.

Aos meus familiares, COSTA e PESSOA,
presenças especiais na minha vida.

À família BENDEL,
pelo carinho.

Aos meus pais e meu irmão CARLOS (*in memoriam*),
vocês deixaram saudades.

À minha querida sogra/mãe, EDENIA,
pessoa especial a quem eu amo muito.

À SUSAN ALBERT, minha irmã de coração,
pelas trocas preciosas.

Ao Professor DURVAL, meu orientador e amigo,
pela sua dedicação, compreensão e pela sua afetividade.

Às Professoras Doutoras DENISE RAMOS, LAURA VILLARES e MARION GALLBACH, minha gratidão pelas valiosas contribuições na realização deste trabalho.

Aos membros da Banca, pela especial participação neste trabalho.

Aos casais que participaram da pesquisa, meu muito obrigada pela confiança que depositaram em meu trabalho e por tudo que aprendi com vocês.

Aos professores e colegas do NÚCLEO DE ESTUDOS JUNGUIANO, pela dedicação e trocas valiosas.

À SUSAN e BETH, pelo encontro frutífero na PUC, que se estendeu à SBPA e gerou uma grande amizade.

Aos professores e colegas da SBPA-SP, por esses anos de formação como analista junguiana. Agradeço pelo rico aprendizado proporcionado, o qual foi valioso para a realização deste trabalho.

Aos colegas da 8ª Turma, pessoas especiais, junguianos de vários lugares do Brasil, pelo apoio quando me viram cansada e desanimada. Vocês moram no meu coração!

Ao grupo da Igreja, que se reúne em casa, meu muito obrigada pelo conforto da Palavra compartilhada com cada um de vocês.

Aos colegas da Clínica, do grupo do Curso de Terapia de Casal, do Núcleo Eranos de Bauru, pelas trocas, incentivos e bons momentos.

Aos meus clientes, fonte de inspiração para meu crescimento pessoal e profissional, pela confiança depositada em mim.

... ao relatar o sonho, o sonhador entra em contato com a imagem, ouvindo sua própria voz. O outro é estimulado a tecer sua própria imagem a partir da mesma temática, ao mesmo tempo e no mesmo espaço. Essa vivência traz uma sensação única de aproximação.

PESSOA, M. S. C. **Proposta de um modelo de análise dos sonhos na terapia de casal – um enfoque Junguiano**. 2011. 248 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Programa de Estudos Pós-Graduados e Clínica, PUCSP, 2011.

RESUMO

Este estudo teve por objetivo propor um método de trabalho com sonhos na terapia de casais, fundamentado na abordagem da Psicologia Analítica de C. G. Jung, em outros autores junguianos e na experiência clínica da pesquisadora como terapeuta de casal. Participaram da pesquisa dois casais, que estavam vivenciando conflito conjugal e mantinham uma relação estável por mais de um ano. No trabalho com o primeiro casal, realizamos 15 sessões semanais e trabalhamos 8 sonhos e com o segundo casal, realizamos 16 sessões semanais e trabalhamos 6 sonhos. Nesta pesquisa, adotamos o método qualitativo, que possibilitou a compreensão dos processos psíquicos e dos sonhos enquanto instrumento terapêutico. O método de trabalho com os sonhos foi elaborado e sistematizado a partir dos atendimentos dos casais, quando os sonhos foram relatados e trabalhados. Os resultados sugerem ser possível o delineamento de um método de trabalho com os sonhos no contexto da psicoterapia de casal, método este sistematizado em três fases: sonho do casal, apreciação e reflexão. A pesquisa sugere também que o trabalho com os sonhos pode ajudar o casal a ampliar a visão do conflito, a aumentar a autopercepção de cada cônjuge na participação da problemática do casal, revelar a disfunção do padrão da dinâmica conjugal e apontar as mudanças necessárias para a retomada do processo de individuação no casamento.

Palavras-chave: Psicologia Analítica; Sonhos; Conflitos Conjugais; Terapia de Casal.

PESSOA, M. S. C. **Proposal for a model to analyze dreams in couple therapy – a Jungian focus.** Doctorate thesis. Program for Post Graduate Studies in Clinical Psychology – PUCSP-2011.

ABSTRACT

The objective of this research is to propose a method to work with dreams in couple therapy based on the analytical psychology of C. G. Jung and others Jungian authors and the clinical experience of the researcher as a couple therapist. Two couples participated in this research. These couples were experiencing conjugal conflicts and had been in a stable relationship for more than one year. The first couple attended a total of 15 weekly sessions and 8 dreams were considered during this period. The second couple attended a total of 16 weekly sessions and 6 dreams were considered during this period. We adopted a qualitative method, which permitted a deeper understanding to be obtained of the psychic processes, and dreams were used as a therapeutic instrument. The method for working with dreams emerged and was systematized based on the sessions with the couples, when the dreams were told and investigated. The results suggested that it is possible to develop a method to work with dreams within the context of couple psychotherapy, with this method systematized into three stages: the couple's dream, consideration and reflection. The research also suggests that working with dreams can help the couple amplify their vision of the conflict, increase the self-perception of each spouse from participating in the couple problematic, reveal the dysfunctions in the pattern of the couple's dynamic and highlight the changes necessary to recover the individuation process within the marriage.

Key words: Analytical psychology; Dreams; Conflicts; Couple therapy.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 O SONHO NA PSICOTERAPIA JUNGUIANA	20
1.1 A natureza dos sonhos e sua leitura simbólica	22
1.2 Trabalho com os sonhos	27
1.3 Os diferentes aspectos dos sonhos	31
1.3.1 Sonhos iniciais na análise	31
1.3.2 Sonhos antecipatórios	32
1.3.3 Séries de sonhos	33
1.3.4 Sonhos recorrentes	34
1.4 Os sonhos e seus símbolos	34
1.5 Os sonhos e o campo relacional	36
1.6 O legado de Jung	37
2 A DINÂMICA CONJUGAL E A TERAPIA DE CASAL NA VISÃO JUNGUIANA	39
2.1 O arquétipo da união e a construção de um relacionamento íntimo amoroso	45
2.2 A terapia de casal na visão junguiana	49
2.2.1 O papel do terapeuta	51
2.2.2 Fases da terapia de Casal	53
2.2.2.1 Exposição do Conflito	53
2.2.2.2 Elaboração simbólica do conflito	56
2.2.2.3 Possibilidades de saída do impasse	58
3 O SONHO NA TERAPIA DE CASAL: UMA REVISÃO DA LITERATURA	60
4 OBJETIVOS	79
4.1 Objetivo geral	79
4.1 Objetivo específico	79
5 MÉTODO	80
5.1 Participantes	82
5.2 Procedimento	83
5.2.1 Entrevista inicial	83
5.2.2 O enquadre	84
5.2.3 O trabalho realizado com os casais	85
5.2.4 Contrato terapêutico	86
5.2.5 O trabalho com os sonhos com os casais	87
5.3 Procedimento de análise dos dados	90
5.3.1 Categoria I	90
5.3.1.1 Sonho do Casal	91
5.3.1.2 Apreciação	92
5.3.1.3 Reflexão	93

5.3.2 Categoria II	94
5.4. Cuidados éticos	94
6 RESULTADOS E ANÁLISE	95
6.1 Casal 1: Lana e Joel	95
6.1.1 Primeiro sonho: “Atrasada” (Lana)	99
6.1.2 Segundo Sonho: “Inadequação” (Lana)	105
6.1.3 Terceiro Sonho: “Fragilizada” (Joel)	110
6.1.4 Quarto Sonho: “Sem Saída” (Joel)	114
6.1.5 Quinto Sonho: “O Sequestro” (Lana)	119
6.1.6 Sexto Sonho: “Medo” (Joel)	126
6.1.7 Sétimo Sonho: “Contramão” (Lana)	130
6.1.8 Oitavo Sonho: “Contundida” (Lana)	137
6.2 Casal 2: Paulo e Rita	145
6.2.1 Primeiro Sonho: “Traição” (Rita)	148
6.2.2 Segundo Sonho: “O Encontro” (Paulo)	157
6.2.3 Terceiro Sonho: “O Vizinho” (Rita)	164
6.2.4 Quarto Sonho: “Início” (Paulo)	171
6.2.5 Quinto Sonho: “Desafio” (Rita)	178
6.2.6 Sexto Sonho: “Iniciativa” (Paulo)	188
6.3 As repercussões do método de trabalho com os sonhos na dinâmica conjugal	195
6.3.1 Casal: Lana e Joel	195
6.3.1.1 Sonho do casal	195
6.3.1.2 Apreciação	198
6.3.1.3 Reflexão	199
6.3.2 Casal 2: Rita e Paulo	200
6.3.2.1 Sonho do Casal	200
6.3.2.2 Apreciação	203
6.3.2.3 Reflexão	204
7 DISCUSSÃO E ELABORAÇÃO DE UMA PROPOSTA DE ANÁLISE DOS SONHOS NA TERAPIA DE CASAL	205
7.1 O trabalho com o casal	206
7.1.1 Sonho do casal	206
7.1.2 Apreciação	211
7.1.3 Reflexão: compartilhamento das percepções, ideias, sentimentos e insights do casal, no sentido de esclarecer os conflitos do relaciona- relacionamento	214
7.2 A função do terapeuta na abordagem dos sonhos com os casais	216
CONSIDERAÇÕES FINAIS	219
REFERÊNCIAS	226
ANEXOS	232

INTRODUÇÃO

Em nosso mundo moderno conquistamos a liberdade sexual. Agora, vem o problema mais difícil – a liberdade do coração.

Marie-Louise Von Franz (1997, p.195)

Colocar mais alma no casamento é deixar de olhá-lo simplesmente como duas engrenagens ajustadas funcionando em paralelo. Segundo Caillé (1994), o casal pode ser visto como um tecido cuja qualidade da textura é variável: encolhe, estica, cria problemas e satisfaz os cônjuges em maior ou menor grau. Formado a partir do encontro de dois parceiros que intencionam viver uma existência rica e significativa, o casal tem existência própria e, por isso, não hesita em entrar em conflito com as necessidades pessoais dos que lhe dão vida. Assim, inserir os sonhos dos parceiros na terapia de casal consiste em ajudá-los a ouvir sua voz interior e seguir em direção à individuação. Como escreve Von Franz (1997, p. 205): “Quanto mais nos tornamos um indivíduo único, mais nos individualizamos no sentido junguiano do termo, mais podemos ver o outro como um ser único, sem juízos estereotipados”.

A intenção de realizar esta pesquisa surgiu a partir de nosso trabalho clínico com sonhos, inicialmente num contexto individual e, posteriormente, no trabalho com casal. Como terapeuta de casais, deparamo-nos com a questão da relação entre os sonhos do casal e seus conflitos, levando-se em conta a complexidade que caracteriza o vínculo conjugal.

Outra questão motivadora, que nos permitimos narrar em primeira pessoa, foi a seguinte: um ano antes de meu casamento e, portanto, há 26 anos, tive um sonho que me tem acompanhado desde então:

Eu estava na sala de espera de uma clínica com meu noivo que, então, era estudante de medicina. Ele iria fazer uma entrevista com um médico. Ao entrar em sua sala, ele me entrega um cão e pede para que o segure. Este começa a me morder e tento suportar suas mordidas e não largá-lo, pois não quero decepcionar meu noivo.

Este sonho despertou-nos para o grande desafio e complexidade do casamento, mostrando-nos, ao longo dos anos, a necessidade de correr riscos, de viver cada etapa e prosseguir o processo de amadurecimento dessa relação. Ele mostra um ego onírico, com medo de largar o cachorro e confrontar o sentimento de perda de uma situação idealizada. Porém, sabemos que a quebra da harmonia no relacionamento, cuja base está nas projeções de certas imagens, é um sacrifício necessário para o desenvolvimento (JUNG, 1991a).

No processo de individuação no casamento, a natureza das motivações inconscientes que envolvem a escolha do parceiro precisa ser reconhecida e discriminada. Só então, tal união pode tornar-se um espaço no qual cada um enxerga a si mesmo e ao outro como um indivíduo completamente único e separado. Caso contrário, como Hewison (2003) coloca, o casamento pode tornar-se um espaço que gera uma estagnação no processo de crescimento.

A vasta literatura no campo da terapia de casal realça a importância do trabalho nesta área e aponta para a necessidade de estudos que visem compreender a estrutura e a dinâmica conjugal, desenvolvendo recursos terapêuticos adequados para a criação de novos espaços psicológicos no casamento e na vida pessoal de cada parceiro. Este é um desafio para os profissionais que atuam junto aos casais em crise.

O casal contemporâneo é confrontado por duas forças paradoxais: a individualidade e a conjugalidade, surgindo daí um terceiro elemento - o "nós", que precisa ser construído e cuidado. Dessa forma, caberá a cada casal criar seu modelo único de ser, com um espaço de crescimento dinâmico e flexível para os dois (GUGGENBÜHL-CRAIG, 1977; CAILLÈ, 1994; CARNEIRO, 1994).

Sabemos ser a terapia de casal uma realidade da sociedade contemporânea, a qual passa por profundas transformações nos modelos de funcionamento das famílias, dos casais, do indivíduo, e também do trabalho do terapeuta. O que, certamente, justifica a importância de estudos sistematizados sobre intervenções eficazes que ultrapassem a fixação de modelos e que se estabeleçam com base na diversidade (GARCIA; TASSARA, 2003; PONCIANO; CARNEIRO, 2003).

Apesar das mudanças ocorridas no âmbito do casamento – aqui entendido como uma relação de compromisso, a partir de uma escolha mútua espontânea e que envolve continuidade temporal e projeto compartilhado – as

uniões e separações continuam presentes em nossa sociedade (IBGE, 2007) e os psicoterapeutas necessitam conhecer e entender a constituição dessa relação contemporânea saudável e o que ela demanda.

Jung (1991a), em seu artigo *O Casamento como relacionamento psíquico*, discorre sobre o casal como unidade. Para ele, a relação somente pode existir quando existe a diferenciação entre o eu e o outro. Assim, nos fundamentos arquetípicos do casamento, as dificuldades individuais não são deixadas de lado, pois esse relacionamento não surge como um fenômeno isolado, mas como resultado da interação eu/outro (DODSON; GIBSON, 1996).

Para Jung (1991a, 2001), a individuação é a busca mais nobre da vida do indivíduo. Ele define este conceito como um processo que envolve a realização possível do potencial de cada ser humano e que ocorre por meio do diálogo contínuo entre o mundo consciente e o mundo inconsciente. Para o autor suíço, os sonhos, como mensageiros do inconsciente, têm uma função fundamental no processo de individuação.

Jung (2000b) sugere como podemos nos colocar disponíveis frente aos sonhos para usufruirmos desse rico material que a psique produz todas as noites e a nossa consciência retém. Ele escreve: “Seria bom tratar cada sonho como se fosse um objeto totalmente desconhecido. Olhe-o de todos os lados, tome-o em suas mãos, leve-o com você, deixe que sua imaginação brinque com ele”. (JUNG, 2000b, p.143).

Apesar da terapia de casal não ser o foco da obra, Jung (1986, p. 211) relata o sonho de uma jovem mulher, que está a serviço tanto da dinâmica pessoal da sonhadora como da sua dinâmica conjugal: “No sonho, ela se encontra num jardim, no qual havia uma estranha árvore exótica com singulares flores ou frutos avermelhados e carnosos; ela colheu alguns e os comeu. Com grande susto, sentiu-se envenenada”. Segundo Jung, em sua vida conjugal existiam certas dificuldades sexuais, em consequência das quais, em sua fantasia ela começou a ocupar-se com um rapaz do seu círculo de amizade.

Ele escreve: “É a árvore da libido, que neste caso representa tanto o feminino como o masculino, indicando simplesmente o tipo de relacionamento entre os dois”. (JUNG, 1986, p. 211).

A hipótese por nós elaborada, a partir da constatação da prática clínica, é a de que trabalhar com os sonhos do casal – como um fenômeno revelador e porta-

voz do inconsciente – pode torná-los um instrumento facilitador nessa modalidade terapêutica, de modo a favorecer a compreensão da dinâmica do casal e apontar caminhos para a resolução do conflito conjugal.

Assim, o objetivo deste trabalho é propor, dentro da perspectiva junguiana, um método de análise dos sonhos na terapia de casal. Para tanto, serão estudados e avaliados os aspectos que envolvem a abordagem dos sonhos de casais e, então, apresentaremos um modelo de intervenção que os tornem um instrumento facilitador no trabalho com os conflitos conjugais.

Quando o foco é o trabalho com sonhos numa perspectiva relacional, poucas referências clínicas e empíricas são encontradas na literatura, pois a maioria dos estudos visa ao trabalho intrapsíquico com os sonhos, até mesmo quando realizados em grupo (GALLBACH, 1995, 2000; KRON; AVNY, 2003). Na literatura analítica, podemos citar o livro *The use of dreams in couple counseling*, de Renée Nell (2005), psicóloga e terapeuta junguiana, como uma obra rara e escassa, que foi publicado a partir de um estudo da autora apresentado em 1975, no qual ela discorre sobre sua experiência no trabalho com os sonhos em atendimentos de casais.

Nell (2005) enfatiza a importância de um trabalho com casais que considere tanto o inconsciente pessoal como o inconsciente coletivo dos parceiros. Para a autora, uma vez que os sonhos criam pontes entre o mundo consciente e o mundo inconsciente, eles elucidam espontaneamente a questão central do relacionamento do casal e mostram o que é necessário para alcançar o equilíbrio.

A mesma autora descreve quatro razões para inserir os sonhos na terapia de casal. São elas:

- os sonhos mostram as conexões entre o comportamento observado e a dinâmica inconsciente;
- os sonhos lançam luz sobre os conflitos que causam tensão e projeção;
- os sonhos confrontam cada parceiro com suas próprias características e com as raízes profundas de seus problemas, inclusive as dificuldades sexuais;
- os sonhos permitem *insights* na situação transferencial que facilitam as discussões sobre o relacionamento conjugal.

O estudo de Hill e Kolchakian (2002), baseado na abordagem cognitiva-experimental, mostra que a tarefa de compartilhar os sonhos de um dos parceiros na sessão, pode ajudar a modificar posturas defensivas, que ao longo do tempo poderiam tornar a convivência entre os cônjuges insustentável. Segundo os pesquisadores, este recurso terapêutico fortalece o vínculo do casal, aumenta a capacidade de empatia na relação, favorece a intimidade psíquica e ajuda o casal a construir novos significados, que contribuem para a qualidade do vínculo conjugal.

Nos conflitos conjugais, estão presentes elementos inconscientes de cada parceiro, que são projetados no outro. Estes conteúdos mobilizam uma força psíquica e, quando não conscientizados, podem criar um campo conjugal caótico, fazendo com que os parceiros passem a atuar defensivamente, impedindo os símbolos de serem discriminados e integrados. Assim, a terapia de casal visa ajudar os parceiros a encontrar formas de enriquecer a relação, bem como compreender melhor seus conflitos e dificuldades (YOUNG-EISENDRATH, 1995; BENEDITO, 1996; VARGAS, 2004; VITALE, 2004).

Siver (2006) propõe que a compreensão por parte de cada parceiro de seu próprio mundo interno, o habilita a compreender o mundo interno do outro. Desse modo, ambos poderão progredir em direção à capacidade de resolver seus conflitos conjugais de maneira efetiva e sustentável.

A elaboração do símbolo facilita o processo de discriminação na consciência, o qual é contínuo na psique e faz parte da estruturação da identidade (JUNG, 1984, 1986; RAMOS, 1994). No casamento, este processo pode ser vivenciado como um grande conflito, daí a importância de considerarmos as imagens arquetípicas ativadas no casal e conectá-las ao problema concreto, desse modo possibilitando o processo de simbolização (VARGAS, 1981; YOUNG-EISENDRATH, 1995; BENEDITO, 1996; ULANOV, 1996; VITALE, 2004; NELL, 2005).

A analista junguiana Célia Brandão, em seu artigo sobre a identidade do analista junguiano, insere o conflito na dinâmica psíquica como um fenômeno propiciador de mudanças. Ela escreve que

A psicologia junguiana enfatiza o mistério e o caráter obscuro da psique, o caráter compensatório do inconsciente em relação à consciência e o conflito, como elemento gerador do novo e da ampliação da consciência. (BRANDÃO, 2000, p. 495).

Tal conflito indica uma oposição, contradição ou luta entre estruturas, princípios e atitudes e precisa ser confrontado e resolvido numa ótica atual. O conflito psíquico de cada um, como um estado de colisão entre consciente e inconsciente, afeta a relação conjugal e seus padrões de comunicação. Segundo o enfoque analítico, ele pode ser um fator de motivação para o casal buscar soluções, pois contém energia que precisa ser redistribuída para que não haja uma estagnação (PIERI, 2002).

Na revisão de literatura realizada, encontramos artigos de diferentes abordagens que tratam dos recursos terapêuticos, incluindo os sonhos utilizados na terapia de casal para facilitar a ampliação da compreensão de conflitos de intimidade, sexualidade, fidelidade, comunicação e estagnação do desenvolvimento pessoal dos cônjuges.

Assim, a inserção de técnicas de intervenções terapêuticas na terapia de casal, como o desenho livre, a técnica psicodramática da escultura humana, a caixa de areia e os sonhos visam ajudar os parceiros a identificar, vivenciar e integrar os complexos inconscientes da dinâmica conjugal e assisti-los em sua dificuldade de comunicação e capacidade de resolver conflitos (CAILLÈ, 1994; CARVALHO; SANT'ANNA, 2000; BENEDITO, 2004; ALBERT, 2008).

As pesquisas de Hill e Kolchakian (2002) e o trabalho de Nell (2005) sugerem que os sonhos trabalhados num contexto terapêutico podem ajudar os casais a se aproximarem entre si e a alcançar um nível mais profundo de compreensão mútua. Alguns trabalhos destacam que o sonho, como um fenômeno simbólico, pode ser considerado uma manifestação do sistema conjugal e ajudar no diagnóstico e prognóstico e, quando compartilhados no *setting* da terapia de casal, propiciar um importante momento, no qual padrões inconscientes de comunicação são manifestados e podem ser elaborados (PERMULTTER; BABINEAU, 1983; BENEDITO, 2006).

Segundo diferentes autores (GALLBACH, 2000; HILL; KOLCHAKIAN, 2002; KRON; AVNY, 2003; NELL, 2005; BENEDITO, 2006), o interesse científico para a pesquisa com sonhos pode ser sustentado pelos trabalhos que apontam sua função benéfica, tais como um maior envolvimento do cliente no processo terapêutico, capacidade de empatia com o outro e diminuição das defesas frente aos conteúdos que precisam ser elaborados e integrados.

O trabalho clínico com os sonhos, em diferentes abordagens teóricas, foi tema de estudo de Schredl et al. (2000). Os resultados mostram que os profissionais reconhecem o valor terapêutico dos sonhos, mas trabalham apenas ocasionalmente com eles. Apontam ainda a existência de uma correlação entre a frequência com que o analista trabalha seus próprios sonhos e a frequência do trabalho com sonhos na terapia.

Alguns pontos podem explicar o uso ocasional e informal do sonho como um instrumento terapêutico. Os autores Schredl et al. (2000), Pensant e Zadra (2004) e Nell (2005) salientam que a formação teórica e prática dos profissionais com o trabalho com sonhos é realizada de modo informal, por meio de leituras e seminários. Para Pensant e Zadra (2004), um dos maiores obstáculos para uma avaliação científica dos resultados de trabalhos com sonhos, no contexto clínico, está na dificuldade de operacionalizar o processo.

Ainda de acordo com o artigo de Pensant e Zadra (2004), a abordagem cognitivo-experimental é a que produz mais pesquisas empíricas com sonhos; e as abordagens analíticas e psicanalíticas são as mais usadas pelos profissionais de diversas linhas teóricas. Os estudos sobre os sonhos, na terapia de casal, foram realizados sob o prisma da abordagem cognitiva por Hill e Kolchakian (2002) e sob o referencial teórico psicanalítico, temos os trabalhos de Permultter e Babineau (1983) e Scharff e Scharff (2004).

Com relação à abordagem analítica adotada no presente estudo, não encontramos artigos publicados em revistas indexadas, nos últimos dez anos, sobre o trabalho com os sonhos na terapia de casal, apesar da grande ênfase dada pelos profissionais junguianos aos sonhos (JUNG, 1987; ZOJA in BEYOND, 1992). É possível notar a escassez de produção científica sobre o trabalho com os sonhos com enfoque na dimensão interpessoal e, mais especificamente, na terapia de casal.

A complexidade do trabalho com os sonhos na terapia de casal nos conduziu a questões importantes, as quais levaram à necessidade de estudos aprofundados. Entre outras indagações, citamos: Qual a relação dos conteúdos oníricos trazidos pelo casal com o conflito conjugal? Como o casal e cada parceiro podem elaborar os conteúdos expressos nos sonhos? Como ocorre o trabalho com os sonhos num contexto da terapia de casal? Como eles podem ajudar os casais a resolver seus conflitos? Quais são os ganhos terapêuticos do trabalho com os sonhos nos conflitos dos casais? Quais as implicações dos conflitos pessoais de

cada cônjuge na dinâmica do casal e como os sonhos expressam e possibilitam resoluções criativas para os impasses vivenciados?

Por tudo isso, realizamos esta pesquisa como uma contribuição no sentido de preencher a lacuna existente na literatura científica, uma vez que apresenta uma proposta de modelo de intervenção terapêutica que possa ser útil para os profissionais da área clínica que trabalham com casais e com os sonhos. Esperamos também que esta proposta possa trazer um ganho terapêutico que ultrapasse a díade marido e mulher, pois o trabalho psíquico com um casal de uma geração pode alcançar uma família, a comunidade e as gerações seguintes (JUNG, 1999a).

Para a realização desta pesquisa, os capítulos foram organizados da seguinte forma:

- no capítulo 1: O sonho na psicoterapia junguiana, o sonho é apresentado a partir das ideias de Carl Gustav Jung e seus seguidores. O ponto central do capítulo é a ênfase na importância das ideias de Jung sobre o sonho e a dinâmica psíquica e sua contribuição para o desenvolvimento de novas propostas e descobertas sobre esse fenômeno psíquico.
- no capítulo 2, A dinâmica conjugal e a terapia de casal na visão Junguiana, abordamos conceitos da psicologia analítica relacionados à dinâmica conjugal, assim como os aspectos do processo terapêutico do casal;
- no capítulo 3, O sonho na terapia de casal: uma revisão da literatura, apresentamos o resultado do levantamento da pesquisa bibliográfica por nós realizada sobre a inserção dos sonhos como instrumento de técnicas de intervenções terapêuticas na terapia de casal. Abordamos igualmente os estudos que trazem os sonhos com casal como seu objeto;
- no capítulo 4, Objetivos, relatamos os objetivos do trabalho;
- no capítulo 5, Método, o relato da trajetória da construção da pesquisa, os participantes, o procedimento, o procedimento de análise dos dados e cuidados éticos;

- no capítulo 6, Resultados e análise, trazemos os resultados da pesquisa e sua análise;
- no capítulo 7, Discussão e elaboração de uma proposta de análise dos sonhos na terapia de casal, propomos e discutimos o delineamento do método, a partir dos seus passos e procedimentos.
- encerramos, então, esta pesquisa, com as Considerações Finais e as Referências Bibliográficas.

1 O SONHO NA PSICOTERAPIA JUNGUIANA

O sonho é uma tentativa de nos fazer assimilar coisas ainda não digeridas. É uma tentativa de cura. (JUNG, 1991c, §. 52).

Com o surgimento da Psicologia como disciplina acadêmica voltada aos estudos da psique humana, no século XIX, os sonhos também passaram a ser reconhecidos como fenômenos psíquicos com funções e significado. Durante o século XX até nossos dias, as investigações sobre o uso terapêutico dos sonhos se expandiram, de modo que temos à disposição uma variedade de métodos e técnicas no trabalho com eles.

Do ponto de vista histórico, as descobertas de Freud e Jung foram valiosas, pois permitiram aos psicólogos e outros estudiosos investigarem os fatos conscientes, a partir dos aspectos psíquicos inconscientes (JUNG, 1977).

A partir de tais considerações, neste capítulo discutiremos o sonho na prática clínica a partir das ideias de Carl Gustav Jung e de outros teóricos da psicologia junguiana.

A teoria proposta por Jung tem sido estudada, criticada e ampliada no decorrer do tempo, e suas descobertas e os conceitos desenvolvidos por ele continuam vivos e férteis (BULKELEY, 1997). Eles são continuamente atualizados, por meio de pesquisas empíricas, de estudos teóricos e da prática clínica. Como salienta Samuels (2008), a abordagem junguiana continua sendo referência para os estudos interdisciplinares e promotora de espaço para debates socioculturais.

Uma das maiores contribuições de Jung à teoria e à prática da psicologia contemporânea, foi sua visão sobre o papel dos sonhos na psique e no processo de individuação do ser humano. E entender o lugar do sonho na psicologia analítica e o método de interpretação proposto por Carl Gustav Jung, é de fundamental importância para o desenvolvimento de novas propostas e descobertas sobre este fenômeno tão instigante.

Jung sentiu-se atraído pela ousadia das ideias de Freud quando leu *A interpretação dos sonhos*, em 1903, e descobriu a relação entre esta obra e suas ideias teóricas a respeito das perturbações psíquicas que há tempo vinha desenvolvendo (JUNG, 1975). Ao se aproximar de Freud, Jung já trazia em si uma concepção de inconsciente e do psiquismo. O que o levou ao pai da psicanálise foi o

fascínio por sua obra, na qual acreditava encontrar a confirmação de suas hipóteses sobre o inconsciente, as associações verbais e os complexos.

Quando estudamos a vida e a obra de Jung observamos que, apesar dele não ter se submetido à análise, os sonhos sempre o guiaram (JUNG, 1975). Seu contato com os aspectos inconscientes, por meio dos sonhos, aos quais ele dedicou tempo, atenção e reflexão, possibilitou-lhe profundas experiências pessoais com as imagens, as quais guiaram sua vida e a construção da sua teoria (VON FRANZ, 1998).

Vale a pena citarmos um sonho que sinalizou um dos momentos importantes da vida de Jung, ou seja, sua ruptura com Freud (JUNG, 1975, p. 143, 2007, § 484, p. 215). No sonho ele se encontra em uma casa desconhecida, de dois andares, que sentia como sua. O segundo andar era uma espécie de sala de estar, decorada com móveis rococós e quadros valiosos. No andar térreo, tudo era antigo, como se pertencesse ao século XV ou XVI. Querendo explorar a casa inteira, Jung depara-se com uma porta que dá para uma escada que conduz à adega. Lá, havia uma sala antiga, cujo teto era uma abóbada e as paredes datavam da época romana. Examina o piso recoberto de lajes e descobre uma argola. Puxando-a, descobre outra escada de degraus estreitos e chega a uma gruta baixa e rochosa. Em meio à poeira, vê ossadas, vasos e vestígios de uma civilização primitiva e dois crânios antigos já desintegrados.

Jung atentou para certos conteúdos deste sonho que o levaram, pela primeira vez, à noção de inconsciente coletivo. Por meio da realização de uma amplificação histórica e considerando seu próprio momento de vida na época do sonho, ele o vê como um retrato da sua vida psíquica (JUNG, 1975).

De acordo com a interpretação de Jung, sua consciência está representada pela sala de estar, a qual parecia habitável, apesar do estilo antigo. O andar térreo era o espaço onde as coisas começavam a se tornar estranhas e obscuras. Na gruta, ele descobre restos de uma civilização primitiva, isto é, o mundo do homem primitivo nele, um mundo que não podia ser atingido pela consciência. Ele escreve: “A alma primitiva do homem confina com a vida da alma animal, da mesma forma que as grutas dos tempos primitivos foram frequentemente habitadas por animais, antes que os homens se apoderassem delas”. (JUNG, 1975, p. 143).

Em *Analytical Psychology: notes of the Seminar Given in 1925*, Jung (1991c) inicia sua primeira conferência, em sete de novembro de 1928, declarando

que a análise de sonhos é uma questão central no processo analítico, cujo objeto principal é apreender a mensagem do inconsciente. Para ele, o trabalho com o sonho é o meio técnico mais importante para alcançar o inconsciente, pois permite a averiguação objetiva dos processos psíquicos. Hoje, poderíamos dizer que o trabalho com o sonho é *um* meio técnico importante para alcançar o inconsciente e um recurso valioso na vida do indivíduo, especialmente em certos momentos de transição.

Segundo a abordagem junguiana no trabalho com os sonhos, três princípios norteadores podem ser ressaltados:

- a natureza dos sonhos e sua leitura simbólica, na qual os símbolos devem ser considerados, em detrimento de uma leitura literal das imagens oníricas;
- o método de interpretação conectado tanto ao inconsciente pessoal do sonhador quanto ao inconsciente coletivo;
- a função prospectiva do sonho.

1.1 A natureza dos sonhos e sua leitura simbólica

Para Jung (2007), o sonho é um fenômeno natural e espontâneo da psique, que aponta para algo que ainda não chegou à consciência. Ele descreve o sonho como: “[...] um auto-retrato espontâneo, em forma simbólica da situação presente do inconsciente”. (JUNG, 2000a, p. 201). Os sonhos são como uma série de imagens aparentemente contraditórias e incoerentes, mas seu conteúdo, quando apreendido pela consciência, apresenta um sentido claro (JUNG, 1986). Eles expressam o estado do inconsciente, tal como ele é e está num determinado momento e contêm algo essencialmente desconhecido, que emerge de forma espontânea e criativa. Esse conteúdo busca sua expressão e integração na consciência.

Ao explanar sobre a natureza do fenômeno onírico, Jung salienta a importância da atitude daquele que entra em contato com suas imagens. Para ele, quando interpretamos um sonho, tendemos a preencher com projeções, as lacunas presentes em nossa compreensão e pressupomos que nossos pensamentos são também, os do nosso interlocutor (JUNG, 2007).

Mattoon (1984, 2006) e Kathrin Asper (BEYOND..., 1992), concordam com Jung, cuja postura no trabalho com os sonhos era de conceder espaço para o analisando e seu sonho. Ele procurava estabelecer claramente o contexto pessoal do sonhador, ajudando-o a ampliar seu próprio sonho, por meio de associações, metáforas e mitos. Segundo as autoras, esse procedimento, dentro do contexto da relação e baseado na empatia, ajuda a intensificar os aspectos arquetípicos que são trazidos para a consciência.

De acordo com Jung (1986), a atitude do observador deve ser isenta de ideias pré-concebidas, pois ao analisar um sonho, não se pretende descobrir o desejo instintivo reprimido que se apresenta disfarçado nas imagens que ele traz, mas apreender suas imagens e deixá-las se apresentarem.

Ver o sonho, simplesmente como ele se apresenta, não é uma tarefa simples; pelo contrário, é preciso considerar cuidadosamente sua complexidade, pois o mundo onírico e suas imagens estão muito distantes do nosso consciente e pouco nos resta a fazer para, deliberadamente, reduzir esta distância.

Jung (1986), ao comentar sobre a sua análise das fantasias dos materiais criativos de Miss Miller, escreve que quando deixamos nosso inconsciente “falar”, este sempre pronuncia as coisas mais íntimas.

Segundo Von Franz (1998), Jung não fazia uma interpretação imediata de seus sonhos, ao invés disso, ele os mantinha consigo em contínua reflexão e quando tinha alguma experiência que o remetia às imagens dos sonhos que ele guardava consigo, as empregava para clarear os possíveis significados de outros sonhos. A função terapêutica de alguns sonhos não se esgota, pois podemos encontrar significados novos neles, à luz de diferentes experiências de vida, e em outros sonhos subsequentes (HILLMAN, 1979; SANFORD, 1988; HALL, 1998).

Assim, o ego, como centro da consciência, é constantemente desafiado a se colocar diante das demandas do inconsciente e se o fizer livre de ideias preconcebidas, estará apto e disponível para receber, reconhecer e integrar as novas possibilidades que as imagens apontam.

Inserido nesta dinâmica psíquica, está o processo de individuação. Esse conceito foi desenvolvido por Jung e refere-se ao processo de desenvolvimento do indivíduo, como um ser único e indivisível no mundo. Tal processo envolve a diferenciação e a autonomia em relação ao coletivo. A individuação diz respeito à realização melhor e mais completa possível das qualidades do indivíduo e à

conscientização de suas potencialidades e limitações (JUNG, 2001, 2007).

Segundo a teoria junguiana, a psique possui um sistema auto-regulador e compensatório, no qual o movimento constante da energia busca o equilíbrio do aparelho psíquico ao evitar a unilateralidade, a qual pode gerar estagnação. Assim, a tensão entre os opostos é superada por meio do diálogo constante entre consciente e inconsciente, possibilitando o surgimento de um terceiro elemento, isto é, de uma nova possibilidade (JUNG, 1991a).

De acordo com a dinâmica da psique, proposta por Jung, o sonho funciona como uma compensação para uma lacuna na orientação do consciente. O inconsciente fornece todos os conteúdos constelados para a situação consciente, cuja integração é indispensável para que esta possa se adaptar plenamente tanto ao meio externo quanto ao seu mundo interno.

Segundo a abordagem junguiana, a função mais importante do inconsciente é a função criadora dos símbolos, juntamente com o mecanismo compensatório ou complementar (JUNG, 2000b). Esta função resulta do fato de que tudo aquilo que foi reprimido, desvalorizado ou ignorado pela consciência – como emoções, pensamentos, desejos e tendências que interferem em nossa vida racional – permanece no inconsciente e lá se fortalece. Com o passar do tempo, esse conteúdo passa a agir sobre o nosso consciente e se apresenta em oposição em relação à nossa atitude consciente e pede uma nova configuração, uma nova postura.

É interessante observar, porém, que Jung não considera a influência do inconsciente sobre o consciente como oposição, mas como compensação, na medida em que o inconsciente contém a força criativa que consegue levar o homem a novas formas de vida e é capaz de acrescentar à consciência tudo aquilo que impede o entorpecimento e uma direção unilateral.

O sonho é um instrumento valioso para o equilíbrio psíquico, seja ele interpretado ou não. Todavia, como a consciência do homem moderno está longe de seus recursos primitivos e naturais, o trabalho com ele, no contexto psicoterapêutico, não é uma tarefa simples e exige do sonhador uma disposição consciente. Como Jung (2000b, p. 33) escreve:

Esta função [compensatória] age automaticamente, mas devido à atrofia dos instintos do homem civilizado, é muitas vezes fraca demais para modificar efetivamente a orientação consciente unilateral apoiada na

sociedade humana como um todo. Por isso, é e sempre foi necessário o emprego de artifícios para trazer à luz do dia a salutar colaboração.

As formas compensatórias dos sonhos foram abordadas por Hall (1998). O autor descreve três maneiras possíveis de os sonhos exercerem sua função compensatória. São elas: a compensação de distorções temporárias na estrutura do ego, mostrando ao consciente novas possibilidades de ação e atitudes; o sonho como autorrepresentação da psique, alertando o indivíduo sobre a necessidade de retomar seu processo de individuação, do quanto o ego está se desviando dele; e, por último, apontar os complexos sobre os quais o ego se apóia defensivamente.

Os complexos – predisposições inatas para experimentar e simbolizar situações humanas universais de diferentes maneiras – contêm imagens e vivências pessoais enraizadas numa matriz arquetípica. Assim, desde a primeira tomada de consciência, as possibilidades arquetípicas da psique tomam forma por meio das vivências pessoais, o que dá ao complexo um caráter único e ao mesmo tempo coletivo.

De acordo com a teoria junguiana, na estrutura psíquica estão o inconsciente pessoal e o inconsciente coletivo. O primeiro refere-se à instância psíquica, cujos conteúdos são ideias e experiências não conscientes, por repressão ou por não terem carga energética para alcançar a consciência, presentes em cada indivíduo. E o segundo, refere-se ao conjunto de possibilidades virtuais, características do ser humano que não estão ligadas às experiências pessoais do indivíduo. Constituído pelos instintos e arquétipos, o inconsciente coletivo apresenta uma base humana universal (JUNG, 1996; 2000a).

Para Jung, a única forma de alcançarmos os significados das imagens oníricas, que nascem da profundidade da psique – a qual ele denominou inconsciente coletivo – está na compreensão das imagens que permanecem na consciência. Em *A vida simbólica*, Jung (2007, p. 53) escreve:

Não se pode lidar diretamente com os processos inconscientes, por serem eles dotados de uma natureza inatingível. Não são imediatamente captáveis, revelando-se apenas através de seus produtos, pelos quais inferimos que deve ter uma fonte que os produza. Essa esfera obscura é denominada inconsciente.

O símbolo é a linguagem própria do inconsciente e, segundo Jung, nós

não a entendemos, pois devido a nossa racionalidade estamos distanciados da natureza instintiva da psique. Em razão disso, as imagens oníricas são inicialmente enigmáticas e só adquirem sentido quando apreendidas sob o prisma do inconsciente. Para a compreensão dos símbolos que se apresentam à consciência, é necessária uma disposição consciente e esse é o desafio, pois sabemos o quanto o ego, como centro da consciência, está distante da realidade do inconsciente (JUNG, 1991b).

Sobre esse distanciamento, ele escreve: “Nossa consciência pessoal é como um edifício erguido sobre o inconsciente coletivo, de cuja existência ela normalmente nem suspeita”. (JUNG, 1991a, p. 122).

Para Jung (1991b), o símbolo expressa, da forma mais fidedigna possível, algo relativamente ainda desconhecido e permanece vivo enquanto estiver se direcionando para algo que a consciência ainda não se apoderou.

Assim como a planta gera sua flor, a psique produz seus símbolos. Todo sonho dá testemunho desse processo. As forças instintivas influenciam a atividade da consciência de forma positiva ou negativa, através de sonhos, intuições, impulsos e outros acontecimentos espontâneos. (JUNG, 2007, p. 225).

Por conseguinte, o sonho, de início, pode parecer confuso e fortuito. Mas quando examinado cuidadosamente, uma coesão entre as imagens oníricas e os conteúdos da consciência pode ser observada. Ao nos colocarmos no lugar do não-saber, estamos nos prevenindo de quaisquer preconceitos ou interpretações apressadas em relação ao sonho e possibilitando sua compreensão (JUNG, 1991a, JUNG, 1996).

De acordo com Gambini (2008), não devemos conceber o sonho como o próprio “inconsciente”, mas sim considerar que sua estrutura é formada por ele. Também devemos lembrar que o fato de o sonho conter material da consciência nos permite a sua compreensão e o reconhecimento das imagens que o compõem, pois se não há familiaridade, o contato consciente e inconsciente não se realiza.

Segundo Jung (1991a), cada sonho tem suas próprias especificidades e importância para o sonhador em determinado momento de sua vida. Em seus escritos, ele discorre sobre os grandes sonhos e os descreve como acontecimentos psíquicos cuja força de impacto sobre a consciência é suficiente para resistir a

qualquer forma de racionalização. Para ele, a experiência com os sonhos arquetípicos é uma vivência do *Self*, que traz o numinoso para a vida humana.

Estes sonhos têm como função propiciar ao ego uma oportunidade de desenvolvimento por meio de experiências emocionais, que vão além das vivências pessoais, ou seja, experiências que pertencem a uma vivência arquetípica, universal. Tais sonhos devem ser contemplados, cabendo ao sonhador, muitas vezes, ficar com suas imagens, interagir com elas, pois como afirma Jung (1991a), a interpretação só reduziria sua força.

Martin (1992) traz uma importante discussão sobre o valor dos sonhos e sua classificação em “grandes e pequenos”, sagrados ou profanos, ou ainda aqueles orientados pelo *Self* ou orientados pelo ego. Para o autor, todos os sonhos contêm significados tanto pessoais, como arquetípicos e podem ser acessados no processo de individuação. Hall (1998, p. 18) compartilha esta ideia, quando escreve que em experiências emocionais muito fortes, o ego pode experimentar “os verdadeiros alicerces arquetípicos dos complexos”.

Assim, para Kast (2010), os sonhos podem contribuir para o autoconhecimento e nos sensibilizar para a convivência humana, mas permanecem misteriosos e sua compreensão apenas alcançada parcialmente.

1.2 Trabalho com os sonhos

[...] a trajetória da vida é tão individual que certamente nenhum conselheiro, por mais competente que fosse, poder-lhes-ia prescrever o único caminho certo. Por isso devemos fazer com que a própria alma da pessoa venha falar, a fim de que esta compreenda, a partir de seu próprio íntimo, qual é a sua situação verdadeira. (JUNG, 1991a, p. 66).

Jung se negava a fazer conclusões apressadas ao confrontar as imagens do inconsciente. Ele mesmo, ao deparar-se com um material onírico, de início, o considerava como uma mera hipótese, deixando que a experiência da vida viesse a decidir se era útil, necessário ou recomendável entender simbolicamente seus conteúdos em vista de uma orientação. Segundo Jung (1991a, p. 112), “a interpretação dos sonhos é uma arte que requer habilidade específica, conhecimentos consideráveis de história dos símbolos e, sobretudo, capacidade de

sintonizar-se emotivamente com o outro”.

Jung (1991a) propõe um modo de trabalho com os sonhos, no qual defende que num primeiro momento é necessário reunir todas as informações que o sonhador pode fornecer sobre eles, de modo que esses dados se sobreponham às observações que provenham das considerações teóricas, pois estas costumam ser tentativas arbitrárias de interpretação. Para ele, um bom trabalho com os sonhos ocorrerá se houver uma troca dialética entre o sonhador e o outro.

Desse modo, quando recolhemos as ideias associadas ao sonho, realizamos a parte preparatória da análise e alcançamos o contexto da imagem onírica que nos desvenda as ligações entre o sonho e os conteúdos da consciência. Por isso, as associações devem estar sempre a serviço do processo de individuação do sonhador, sejam elas pessoais ou arquetípicas. A partir daí, começamos a perceber um relacionamento íntimo entre as imagens oníricas e as questões que durante a vigília nos ocupam interiormente.

Para Jung (1991a), o sonho está ligado a todas as tendências da personalidade, do modo mais íntimo possível. Por isso, no decorrer de sua obra, ele salientou a importância de conectarmos o sonho à história do sonhador, como base para compreender a intenção compensatória deste. Sobre este ponto, Jung escreve: “O significado e o conteúdo dos sonhos estão sempre em relação íntima com o estado ocasional da consciência [do sonhador]. Sonhos que se repetem correspondem a estados da consciência que também se repetem” (JUNG, 1991a, p. 106).

Um segundo momento, envolve a interpretação de que, em alguns casos, basta olhar a imagem onírica e o material recolhido por meio de associações pessoais para perceber seu significado. Porém, em outros casos, torna-se necessário um trabalho mais laborioso com os símbolos, como ampliações arquetípicas e associações culturais e pessoais. Para Jung, devemos buscar a compreensão do significado do sonho da forma mais profunda possível, de modo que o sonhador apreenda seu sentido, pois uma mesma imagem pode ter significado diferente em outro sonho ou para outro sonhador (JUNG, 1991b). Por isso, Jung alerta que uma atitude de espera é melhor que uma interpretação precipitada ou mesmo estender a interpretação além daquilo que foi apresentado pelo sonhador. Segundo ele, tais atitudes podem colocar em risco o reconhecimento da mensagem do inconsciente.

No terceiro momento do trabalho, terapeuta e sonhador tecem juntos os significados do sonho. Daí a importância do terapeuta conhecer a situação de vida e da personalidade de seu analisando, além do conhecimento teórico da dinâmica da personalidade e da dedicação ao seu autoconhecimento. No processo analítico, analista e analisando estão juntos, numa troca dialética e, inevitavelmente, a personalidade do terapeuta está presente e interagindo com a alma do analisando (JUNG, 1991b).

O trabalho com os sonhos proposto por Jung (1984) considera a sua estrutura dramática, que pode ajudar analista e analisando a envolverem todos os elementos importantes do sonho que merecem ser analisados. Segundo Gallbach (2000), a estrutura dramática de um sonho é semelhante a uma história relatada com começo, meio e fim.

Jung (1984) descreve a estrutura dramática do sonho em quatro fases. São elas: *exposição* - situação inicial, que traz a temática ou problemática, localização no tempo e espaço, apresentação do cenário, personagens e protagonistas; *intriga* - desenvolvimento da problemática, complicação e tensão da situação; *culminação* - ápice do desenvolvimento dramático, mudanças e/ou decisões, sequências, modificações e questões que emergem; e *desfecho* - solução ou conclusão esboçada pelo sonho.

Para examinar os conteúdos dos sonhos, ele utilizou o método sintético ou construtivo, que envolve a apreensão dos fenômenos psicológicos em sua totalidade e considera os aspectos teleológicos na força da expressão das imagens, de forma que uma nova configuração do material psíquico é apreendida. Este procedimento envolve as associações pessoais e arquetípicas e visa descobrir, no sentido de desvelar, a estrutura em que tais associações se inserem, assim como seus possíveis significados (JUNG, 1987, 2007).

Jung introduz dois termos para diferenciar a interpretação em que as expressões oníricas se referem às pessoas e às relações concretas – *interpretação em nível do objeto* – e a interpretação em que cada elemento do sonho se refere a um aspecto do próprio sonhador – a *interpretação em nível do sujeito*. A primeira pode ser chamada analítica, pois decompõe o conteúdo do sonho em conjuntos de recordações que se referem às situações externas. Assim, as pessoas presentes em nossos sonhos estão relacionadas com as pessoas reais do nosso mundo. Já no segundo modo de leitura, a sintética, todas as imagens são consideradas como

partes ou tendências do próprio sujeito sonhador como aspectos da sua personalidade.

De acordo com Jung (1986, 1999a), o trabalho com o sonho exige muita atenção e cuidado, uma vez que seus resultados podem ser completamente imprevisíveis e incompreensíveis e nossa concepção consciente pode não estar inteiramente apta a entender todos os mistérios da alma. Há pessoas cuja unilateralidade psíquica se apresenta muito acentuada e podem sucumbir às vivências com as imagens oníricas, pois estas aproximam o material inconsciente do consciente.

Conseqüentemente, este trabalho envolve uma dedicação racional, científica e intelectual e, ao mesmo tempo, a vivência pessoal do analista com seus próprios sonhos e autoconhecimento. Tudo isso permitirá que o analista se apresente completamente disponível para o trabalho com o analisando que está à sua frente.

Kathrin Asper (BEYOND..., 1992) e Penna (2004) defendem que o autoconhecimento do analista é um requisito necessário para que ele se coloque à disposição do desenvolvimento do outro. Para Kathrin Asper (BEYOND..., 1992), no trabalho clínico com os sonhos, o terapeuta é um instrumento terapêutico quando se sente em harmonia consigo mesmo e, assim, consegue perceber o outro na relação, sem deixar de ser muito influenciado pelos seus próprios complexos. Para a autora, trabalhar com os sonhos é também trabalhar com a contratransferência, com os aspectos do outro que ressoam no terapeuta.

Como já foi citado anteriormente, Jung não apenas sugere que os terapeutas analisem os sonhos de seus clientes desprovidos de qualquer preconceito, mas também com a maestria de um especialista. Ele também defende e propõe o uso de um método flexível e dinâmico para o trabalho com os sonhos. De acordo com Hopcke (1999), Jung, em sua época, procurava trabalhar com os sonhos por meio de associações pessoais e ampliações com paralelos arquetípicos, pois além dos fins terapêuticos, ele tinha interesses científicos, logo, buscava ilustrar e comprovar sua tese a respeito do inconsciente coletivo.

Ele acreditava no valor terapêutico de se empregar um ponto de vista coletivo à compreensão do sonho e defendeu a ideia de que a tarefa da análise é tornar essa antiga sabedoria acumulada em nós, útil em nossa atitude pessoal para com a nossa própria vida e na interação com o outro. Porém, em sua obra, ele

também deixou claro que, para que a imagem coletiva tenha valor terapêutico, ela deve estar de acordo com a condição do paciente, para que os paralelos arquetípicos dos mitos, religiões e contos de fada os ajudem a se sentirem ligados ao mundo e a encontrar um lugar na coletividade, entre os homens, o que, segundo Jung, traz um sentimento de alívio, de conforto e pertencimento à alma. Ele escreve: “O indivíduo é elevado acima de sua miserável solidão e colocado como quem suporta um destino heróico e significativo”. (JUNG, 1996, p. 114-115).

Hall (1998), ao discorrer sobre a abordagem junguiana da interpretação dos sonhos, descreve três etapas principais: compreensão clara dos detalhes do sonho (elucidação do sonho); reunião de associações e ampliações em ordem progressiva nos níveis pessoal, cultural e arquetípico e finalmente, a colocação do sonho ampliado no contexto da situação vital e do processo de individuação da pessoa que teve o sonho.

1.3 Os diferentes aspectos dos sonhos

Sob a ótica junguiana, os sonhos são imparciais e não estão sujeitos ao julgamento da consciência. Eles são aptos para nos ajudar a resgatar uma atitude condizente com a natureza humana, quando nossa consciência se afastou por demais de seus fundamentos (JUNG, 2000b).

Em toda sua obra, Jung abordou vários aspectos dos sonhos, entre os quais, os grandes sonhos, os sonhos iniciais, os proféticos, a série de sonhos, os sonhos que estão a serviço do sonhador e de seus relacionamentos interpessoais e os sonhos que marcam as fases importantes da vida. Mais tarde, outros pesquisadores junguianos desenvolveram importantes trabalhos sobre esses temas, contribuindo, assim, para aumentar a compreensão do fenômeno onírico e de sua função terapêutica.

1.3.1 Sonhos iniciais na análise

Sonhos significativos ocorrem em momentos de transição, quando precisamos enfrentar mudanças em nossas vidas. Freitas (1991), analista junguiana,

desenvolveu um trabalho sobre os sonhos iniciais e sobre o seu papel no processo psicoterápico. Para a autora, os conteúdos oníricos estão vinculados às manifestações do inconsciente no momento do início da análise, quando o analisando entra em contato com o terapeuta e consigo mesmo. A autora tece interessantes considerações em seu trabalho sobre a psicoterapia e o rito de iniciação. Para ela, os sonhos iniciais são também iniciáticos, pois apontam para o ego novos símbolos de transformação.

Para Kast (2010), os sonhos iniciais sinalizam uma estagnação psíquica e podem colocar a psique em movimento, mostrando possíveis caminhos. Assim, eles podem modificar nossas disposições afetivas e nossas atitudes conscientes frente às demandas do Self. Herrmann (1992), psicanalista, define a função diagnóstica do sonho quando escreve que “o sonho é um momento diagnóstico por excelência”, pois ele identifica a situação do sonhador e seus sentimentos em relação ao início do processo terapêutico e, portanto, deve ser aproveitado.

Segundo Jung (1986), os sonhos que surgem no início da análise são importantes, pois retratam a situação do paciente de forma resumida e servem como guia para o analista, quanto ao diagnóstico e prognóstico do processo terapêutico. Os primeiros sonhos podem revelar questões transferenciais, como julgamentos e avaliações sobre a personalidade do analista e a possibilidade de construir um relacionamento adequado com o terapeuta (JUNG, 1986, 2007).

1.3.2 Sonhos antecipatórios

Para Jung (2007), a maioria das situações críticas que o indivíduo enfrenta tem um tempo de incubação que a consciência não percebe, pois esta ocorre na esfera do inconsciente. Desse modo, os sonhos antecipatórios não são meros pressentimentos e podem ser compreendidos cientificamente à luz da teoria dos arquétipos e do fenômeno da sincronicidade.

De acordo com Jung (2007), o analista deve considerar os aspectos dos sonhos que anunciam ou preveem determinadas situações. Cabe a ele sinalizar tais fatores ao analisando como que preparando o sonhador para enfrentá-las. O inconsciente pode enviar mensagens de alerta via sonhos para o consciente, cujas incumbências podem ser mudar algo em sua vida, capacitá-lo a lidar da melhor

maneira possível com aspectos críticos de sua vida, ou mesmo, prevenir que uma situação mais grave ocorra. Por meio do sonho, o inconsciente age de forma a chamar a atenção do ego para fatos que, por estar ocupado demais com outros aspectos do seu cotidiano, o sonhador pode deixar de atentar em seu processo de individuação.

1.3.3 Séries de sonhos

A importância do trabalho com uma série de sonhos é enfatizada por Jung, quando comparado com o trabalho com um sonho isolado. Em *Analytical Psychology: notes of the Seminar Given in 1925* (JUNG, 1991c), ele alerta seus ouvintes para relacionar um sonho presente ao sonho anterior.

De acordo com Bosnak (2006), os sonhos se agrupam em temas específicos e se manifestam no tempo. Para o autor, este fenômeno ocorre naturalmente, cabendo a nós estudarmos a série de sonhos, observando a transformação das imagens oníricas. Isso faz sentido quando pensamos na dinâmica da psique como algo que se encontra em constante movimento e ligado a uma grande rede de arquétipos. De acordo com o autor, na série de sonhos, os símbolos pessoais e arquetípicos podem ser observados quanto ao desenvolvimento, mudanças e interação entre eles.

Desse modo, é importante observar se a temática de um sonho está inserida numa série de sonhos e acompanhar como se desenvolve, para que ambos, analista e analisando, possam atentar tanto para os limites como para as possibilidades de desenvolvimento dos processos criativos.

A respeito disso, Jung (2007) propõe estabelecermos conexões entre os sonhos para levantarmos hipóteses sobre a dinâmica da psique. Os pressupostos teóricos sobre o trabalho com a sequência de sonhos são descritos por ele no trecho abaixo:

A continuidade é inerente à estrutura psíquica e não há razões de supormos o contrário, assim como não podemos imaginar que haja lacunas no processo da natureza. A natureza é um contínuo, e muito provavelmente a nossa psique também o é. Tal sonho é apenas um relance ou uma observação da continuidade psíquica, que se torna visível em um determinado momento. Como continuidade, [o sonho presente] está ligado aos sonhos anteriores. (JUNG, 2007, p. 100).

Segundo Hall (1998), o trabalho com uma série de sonhos pode fornecer imagens semelhantes, que trazem à tona aspectos diferentes do mesmo complexo, mostra o processo terapêutico de um padrão neurótico, ilustra importantes pontos na interpretação clínica dos sonhos, além de ampliar a compreensão das imagens oníricas. Outro aspecto é a possibilidade de acompanharmos as ações do ego onírico e vígil e suas identificações com certos padrões psíquicos presentes na dinâmica do indivíduo.

1.3.4 Sonhos recorrentes

Segundo Jung (2007), os sonhos recorrentes merecem nossa atenção, pois em geral podem sinalizar uma tentativa de compensação para algum desequilíbrio na atitude do sonhador, ou uma adaptação necessária em relação a alguma situação de sua vida, expressar uma experiência vivida como trauma ou mesmo prever algum acontecimento importante. Jung cita um motivo onírico que se repetiu por um longo período de tempo em sua vida. Sonhou várias vezes que descobria em sua casa uma ala que ainda não conhecia. No último sonho, ele se depara com livros contendo figuras simbólicas, descobre seu interesse pela alquimia e, na mesma época, recebe um livro antigo de um amigo sobre o tema. Desde então, dedica-se ao estudo da alquimia e seus sonhos cessam.

Este relato de Jung reforça a ideia de que os sonhos estão a serviço do processo de desenvolvimento humano, pois eles buscam processarem experiências, das quais, por muitas razões, temos dificuldades em nos aproximarmos. Assim, por exemplo, por meio dos sonhos recorrentes, o inconsciente pode conectar o sonhador com seus próprios recursos, buscando compensar uma unilateralidade psíquica na qual se encontra, muitas vezes, sem se dar conta.

1.4 Os sonhos e seus símbolos

Podemos considerar o mundo onírico como um mundo que é gerado por nós. Enquanto estamos sonhando, estamos totalmente absorvidos por este mundo.

Por isso, ao dormirmos, criamos constantemente novas imagens oníricas e estabelecemos ligações com as memórias e experiências passadas. Transformamos nossos sonhos e somos transformados por eles. Assim, um elemento de um sonho tem um significado único para o sonhador no momento em que é sonhado. E o seu significado também é único e não pode ser generalizado. Imagens semelhantes sonhadas em épocas diferentes terão interpretações diferentes, bem como os sonhos semelhantes tecidos por diferentes indivíduos, provavelmente terão diferentes leituras.

Para Jung (2007), os símbolos que aparecem nos sonhos não são classificáveis segundo seus significados fora do seu contexto, pois a maioria dos sonhos é individual e atípica e seus símbolos trazem um sentido específico para o sonhador. Como o sonhar é uma atividade criativa, em cada sonho experimentamos o mundo onírico como familiar e ao mesmo tempo estranho e novo.

Desse modo, apenas podemos falar em motivos que sejam típicos, que se repetem em determinados contextos. Jung entendia alguns temas recorrentes nos sonhos como uma constituição de base da linguagem do inconsciente. Ele cita, entre outras, a imagem da água, da serpente, do velho, da criança e alguns motivos típicos, como cair, voar, ser perseguido, estar com roupa inadequada. Segundo Von Franz (1997), que se dedicou aos estudos sobre os temas típicos em sonhos e contos de fadas, os estudos dos temas recorrentes facilitam a compreensão dos sonhos e seus possíveis significados.

Entre os neo-junguianos, encontramos interessantes estudos e pesquisas sobre sonhos que tratam temas específicos e seus símbolos. Em seus estudos, esses autores salientam a importância da conexão entre o mundo consciente e inconsciente. Por conta disso, entre as inúmeras contribuições, temos a apresentação da possibilidade de ampliar e aprofundar as leituras simbólicas das imagens oníricas a partir do conceito junguiano de arquétipo. Assim, reconhece-se a importância do material simbólico e a busca de conhecimento histórico para que o símbolo se torne inteligível e significativo para o momento específico da vida do sonhador. Porém, permanece a postura de que não é aconselhável classificar os sonhos de acordo com imagens análogas, pois incorremos no risco de reducionismo (HILLMAN, 1997; VON FRANZ, 1997; LEISCESTER, 2005).

1.5 Os sonhos e o campo relacional

Um mesmo sonho pode abordar simultaneamente diferentes temas. Sendo assim, pode sua manifestação ir além do campo individual e atingir o campo relacional e coletivo. O sonho pertence exclusivamente ao indivíduo que sonha, porém ele também lança luz sobre as situações sociais do sonhador, podendo expressar aspectos de suas relações interpessoais, seja no contexto terapêutico, conjugal, familiar ou social. Em 1923, num Congresso Internacional de Educação, Jung (1991a) discorre sobre os sonhos ocorridos na primeira infância. Para Jung, esses eram “grandes sonhos” que além de trazerem os conflitos infantis, refletiam também a dinâmica psíquica dos pais.

Jung (2007), ao abordar a relação terapêutica, relata um sonho que teve com uma jovem, sua paciente, que o ajudou a perceber sua atitude distorcida em relação a ela. Este sonho foi compartilhado no *setting* e contribuiu para o manejo criativo do fenômeno da contratransferência. Ele escreve:

Tive um sonho em que eu tinha que olhar para cima, na direção em que você se encontrava; isso requeria de mim um esforço tão grande que dei um mau jeito no pescoço, e a razão desta compensação é o fato de eu tê-la desprezado. (JUNG, 2007, p. 154).

Assim, na relação eu-outro, o consciente e o inconsciente de cada um estão em constante interação e o sonho, como produto do inconsciente, expressa aspectos de cada indivíduo e da sua relação com o outro, que precisam ser conscientizados. Este fenômeno pode ser compreendido por meio dos conceitos junguianos como inconsciente coletivo e arquétipo (KAST, 2010), sincronicidade (GAMBINI, 2008) e *Self* enquanto princípio ordenador da psique (JUNG, 1991b).

No processo de reflexão sobre a ideia da manifestação do inconsciente no campo interpsíquico por meio do sonho, podemos também citar Byington (1999) que ampliou o conceito de *Self* individual e incluiu a dimensão relacional. Ele desenvolveu a ideia de *Self* familiar, conjugal, cultural, cósmico e demais dimensões, nas quais percebemos a interação significativa das partes formando um todo.

Na abordagem junguiana, o indivíduo não é concebido como uma entidade isolada, mas como aquele que está em constante interação com o outro e

também com uma grande estrutura coletiva de significados. Os espaços terapêutico, conjugal, familiar e social podem ser considerados sistemas arquetípicos, uma complexa rede interconectada que funciona como um vaso, onde vivenciamos as vicissitudes do crescimento.

Para Kast (2010), o nível do objeto nos fornece, entre outros aspectos, o conflito relacional importante e o nível do sujeito, o complexo que quando constelado no relacionamento gera o conflito relacional. Desse modo, podemos estender o modo de olhar o sonho quando relacionamos pessoas do círculo pessoal do sonhador que aparecem nos sonhos com as pessoas reais ou mesmo com os nossos aspectos projetados nelas.

A partir desta proposta, ou seja, que os sonhos podem se referir tanto ao processo intrapsíquico como interp-síquico e que a maneira mais fértil de olhá-los é considerando os dois níveis: o subjetivo e o objetivo, autores pós junguianos desenvolveram interessantes trabalhos, levando-se em conta a questão relacional. Podemos citar os trabalhos de Gallbach (2000) com o grupo de vivência de sonhos; de Kron e Avny (2003), sobre os sonhos do analista com seus analisandos; de Nell (2005), com grupo de casais e de Benedito (2006), com casal.

1.6 O legado de Jung

Para Murray Stein (BEYOND..., 1992) e Mattoon (1984, 2006), a teoria deixada por Jung continua orientando os trabalhos teóricos e práticos dos profissionais que atuam de acordo com sua proposta. De acordo com os autores, quando estudamos os sonhos sob o prisma da teoria de Jung, percebemos que toda inovação apresentada pelo pós-junguianos são enriquecedoras e tornam sua teoria mais explícita, clara e aplicável, mas não se configuram mudanças estruturais ou novas teorias.

Podemos dizer que a originalidade das hipóteses teóricas sobre o funcionamento psíquico levantadas por Jung no início do século XX, tem sido confirmada pelas pesquisas atuais, incluindo as pesquisas na neurociência e permanecem como base para futuras explorações e descobertas, de modo que podemos considerar que Jung anteviu a estrutura da mente e de suas funções primordiais (KONX, 2003; RIBEIRO, 2003; WILKINSON, 2006).

A teoria proposta por Jung sobre os sonhos permanece viva, útil e atual como um instrumento terapêutico. E nossa proposta de trabalho repousa em seus pressupostos. Desta perspectiva, o material onírico trazido para a análise funciona como condutor às figuras autônomas da psique, as quais não estão submetidas às dimensões de tempo e espaço do mundo consciente, mas a ele conectadas.

Ao término deste capítulo, podemos concluir que deixar de considerar os sonhos de nossos pacientes, equivale a limitarmos nosso conhecimento da psique, assim como nosso trabalho como analistas.

2 A DINÂMICA CONJUGAL E A TERAPIA DE CASAL NA VISÃO JUNGUIANA

O problema do amor faz parte dos grandes sofrimentos da humanidade, e ninguém deveria envergonhar-se do fato de ter que pagar seu tributo a ele. (JUNG, 1991a, §. 219).

Jung, em sua obra, não escreveu diretamente sobre terapia de casal. Ele, em seus estudos, atentou mais especificamente para o desenvolvimento da psique individual, seu funcionamento e sua compreensão. No entanto, ao desenvolver a teoria dos arquétipos, abordou temas importantes como casamento, família, sistema cultural e social, deixando uma rica base teórica para o desenvolvimento de pesquisas em diferentes áreas da psicologia (JUNG, 1977)

Segundo Diniz Neto (2005), a tradição clínica de atendimento individual permeou o padrão dos modelos de psicoterapia desenvolvidos no século XX e as questões relacionadas aos conflitos conjugais foram muitas vezes tratadas dentro de um contexto da terapia individual ou da terapia de família. Em seu trabalho, o autor reconhece a contribuição de Jung para o desenvolvimento da terapia de casal. Sobre isso ele escreve:

A história da terapia de casal apresenta diferentes inícios, de acordo com o critério de corte adotado por diferentes revisores. Os trabalhos de pioneiros como C. G. Jung que escreveu no contexto de sua obra, já no início do século XX, sobre aspectos ligados ao relacionamento conjugal, e pesquisou aspectos ligados à transmissão transgeracional de complexos inconscientes, podem ser adotados como ponto de partida. Porém, esta contribuição não é sequer mencionada pela maioria dos revisores. No entanto todos apontam para as contribuições ocorridas no século XX, nos EUA, como significativas. (DINIZ NETO, 2005, p.49).

O olhar clínico para as questões conjugais tem uma longa história e Jung faz parte dela. Quando escreve sobre o casamento como um relacionamento psicológico, Jung (1991c) o reconhece como um vaso propiciador de um espaço privilegiado para o processo de individuação, no qual cada cônjuge, através do espelhamento, pode lidar com os temas ligados à vida humana e ao processo de individuação como nascimento, apego, separação, individualidade, morte e renascimento. Ele escreve também, que o casamento só pode ser considerado uma

relação psicológica, quando cada parceiro olhar o outro em sua totalidade, ou seja, como um indivíduo separado de si.

A conjugalidade pode ser considerada uma das várias formas de totalidade de experiências humanas e é movida por forças arquetípicas que estão constantemente conectadas com nossos dramas pessoais, familiares, culturais e universais, merecendo ser estudada e compreendida. Há uma tensão entre as polaridades conjugalidade x individualidade. Ao mesmo tempo em que desejamos compartilhar nossa vida com outra pessoa, também necessitamos preservar nossa unicidade, nossa individualidade.

Jung (2000), em seu texto “A mulher na Europa”, escreve sobre a importância de se buscar um relacionamento verdadeiro, inteiro e real entre homem e mulher, o que certamente envolve o sacrifício, ou seja, a retirada da idealização do outro. Este tema foi posteriormente desenvolvido por Guggenbuhl-Craig (1997) que o definiu como um ato necessário para que o casamento se mantenha vivo, em chamas, não morto e mergulhado no tédio.

Jung escreve:

A esta exclusiva masculinidade e feminilidade basta o tradicional casamento medieval, instituição louvável como quase sempre se comprovou na prática. Mas o homem de hoje acha extremamente difícil voltar a esta instituição, porque esta forma de casamento só pode existir se colocarmos de lado os problemas do tempo presente como se não existissem. (JUNG, 2000, §. 260).

Neste estudo, nos valem da contribuição de Byington (2003) e utilizamos o termo Self conjugal para nos referir à soma dos conteúdos psíquicos do casal como uma unidade, a qual engloba a totalidade das funções conscientes e inconscientes de cada cônjuge que atuam na dinâmica conjugal. Esta unidade que chamamos de nós, o terceiro elemento da união eu-outro.

O autor ampliou o conceito junguiano de Self individual - a soma de todos os conteúdos psíquicos, incluindo a identidade do Ego e do Outro no consciente e no inconsciente - para todas as dimensões do indivíduo que têm um dinamismo de totalidade. Ele desenvolveu os conceitos de Self individual, Self conjugal, Self familiar, Self cultural e Self cósmico. Todos têm como denominador comum a elaboração dos seus símbolos estruturantes pelo arquétipo central.

Sobre essa associação ele escreve:

Essa conceituação psicológica está centrada no conceito de símbolo estruturante que expressa toda e qualquer vivência e engloba todas as polaridades como, por exemplo, subjetivo-objetivo, interno-externo, individual e coletivo, mente-corpo, mente-natureza e abstrato-concreto. (BYINGTON, 1999, p.58).

O conceito de Self conjugal é importante no trabalho com os casais na medida em que uma das metas da terapia de casal é justamente mobilizar forças psíquicas criativas desta unidade arquetípica, por meio de um espaço dialógico, para que o casamento, entendido aqui como a interação entre os parceiros, possa funcionar como um vaso psicológico para os dois cônjuges (ULANOV, 1996; YOUNG-EINSENRATH, 1997). Assim, Ulanov propõe uma forma de compreendermos o casamento. Ela escreve:

Podemos olhar o casamento - que tem suas raízes arquetípicas - sob o ponto de vista dos arquétipos que lhe caracterizam e das possíveis experiências de vida que nele desdobram. (ULANOV, 1996, p113.).

Os dinamismos arquetípicos, assim como suas atuações nas dinâmicas individuais e coletivas, desenvolvidos por Byington (1986, 1999, 2008) nos ajudam a entender a complexidade da realidade psíquica da dinâmica conjugal. Para o autor, os ciclos simbólicos estruturantes se diferenciam entre si pelo padrão que rege a estruturação. Inseridos no contexto evolutivo, são eles que orientam o relacionamento do Eu e o Outro.

O autor denominou quatro principais dinamismos arquetípicos estruturantes da psique: os dinamismos parentais - matriarcal e patriarcal; os dinamismos de alteridade; e o Cósmico. Neste estudo, citaremos brevemente os três primeiros, relacionando-os à dinâmica conjugal.

O dinamismo matriarcal é regido pelo arquétipo da Grande Mãe (JUNG, 2000) que opera muito próximo ao inconsciente. Ele é caracterizado pela fertilidade, nutrição, sensualidade e prazer. Sendo um dinamismo mais arcaico, ele predomina no início do relacionamento.

Como na relação mãe e filho, em que um é o cuidado e o outro o cuidador, este dinamismo na conjugalidade cria espaço para o acolhimento, a

doação e a nutrição do outro fora e dentro de nós. Porém, ele somente poderá enriquecer a relação conjugal se houver trocas de papéis entre os parceiros, ou seja, dentro da polaridade básica, ora um é ativo e ora passivo em relação ao outro (VARGAS, 2004).

Diferente do dinamismo matriarcal, o padrão patriarcal funciona mais distante do inconsciente e atua como discriminador e sinalizador dos pólos de cada símbolo. A rigidez na colocação dos limites, do dever e do compromisso caracteriza esse padrão. A presença da lei gera a ordem, a organização e o desenvolvimento. No relacionamento do Eu com o Outro, sob a regência deste dinamismo, há a tendência a separar nitidamente o que é meu do que é do outro. Fato que capacita o casal a administrar quais são os deveres de cada um dentro da relação. O problema desse dinamismo é quando um dos parceiros ou mesmo os dois, se identificam com papéis rígidos e autoritários que tomam o espaço e impedem as trocas entre os parceiros, paralisando o processo de individuação de cada um (GALIÁS, 1988; VARGAS, 2004).

O terceiro é o denominado dinamismo de alteridade, o qual traz um padrão de estruturação da consciência que transcende o padrão patriarcal e o padrão matriarcal. Neste dinamismo, os componentes matriarcais e patriarcais interagem juntos dentro de uma dinâmica de respeito e diversidade.

Para Byington (2003), dentro do padrão de alteridade, o indivíduo torna-se capaz de perceber a si mesmo, ao mesmo tempo em que percebe o outro em relação ao todo. Deste modo, alteridade não é somente um padrão igualitário de relacionamento isolado do Eu com o Outro, mas do Eu com os Outros dentro de um contexto maior de significados, ou seja, dentro de um todo relacionado entre si.

Assim, na vivência da alteridade o Eu se torna capaz de vivenciar a dualidade na unidade, cada um responde pelas suas necessidades pessoais e ambos cuidam com carinho e respeito do relacionamento (ULANOV, 1996; VARGAS, 2004). No relacionamento do casal, os elementos eróticos do dinamismo matriarcal e os elementos discriminadores do dinamismo patriarcal se mesclam e a identidade Eu, Outro e o nós, aqui entendido como a relação dos dois, pode ser mantida claramente na consciência.

Retomando o texto de Jung de 1927 - "A mulher na Europa", podemos dizer que este é o desafio que ele já estava anunciando, ou seja, a importância da conquista de um novo padrão arquetípico no casamento, no qual o casal pode

vivenciar o real, o vivo e o melhor em si e no outro. Semelhante ao processo de individuação descrito por Jung (2000b), o casamento vivo envolve um árduo trabalho, muito diálogo e paciência, podendo produzir em cada parceiro uma sensação de completude.

Os arquétipos se comunicam com a consciência por meio dos símbolos, que são representações que emergem a partir da tensão entre os polos opostos e operam no campo psíquico buscando seu equilíbrio. Ao emergirem na consciência, os símbolos apontam o caminho para a individuação de cada um e do casamento. Eles trazem algo novo para ser elaborado e, portanto, podem provocar uma instabilidade no funcionamento psíquico, gerando incômodo e ansiedade. Na convivência conjugal, o casal cria meios para que o símbolo, como a linguagem do inconsciente, seja elaborado e seus conteúdos integrados à consciência (BENEDITO, 1996).

Segundo Ulanov (1996) e Hewison (2003), o casamento tem como base arquetípica as imagens da união dos opostos, e como tal, não pode estar identificado com a *persona*, isto é, preso a um modelo ou estereótipo social, ligado apenas ao coletivo, mas inserido num processo dinâmico, no qual há combinação de vários elementos dispersos e diferentes que resulta num modelo único e flexível de funcionamento. No arquétipo da união, a tensão entre as polaridades – individualidade e conjugalidade e/ou narcisismo e egoísmo – está sempre presente.

O conceito de narcisismo e da dinâmica Eco e Narciso foram estudados por Montellano (1998, p.90). Para a autora, “Narciso e Eco estão em relação dialética de opostos complementares não só de feminino e masculino, mas como símbolos daquele que permanece no Outro”. Porém, o problema não está em buscarmos quem somos no outro, pois somente nos construímos por meio do relacionamento com o outro, mas como diz o mito, Narciso quer tocar a própria imagem, como se ela fosse real. Na convivência conjugal, o parceiro pode despertar em nós o que precisamos desenvolver e encontrar em nós mesmos, com nossos próprios recursos.

Portanto, quando o arquétipo da *coniunctio* é dominante na vida de um casal, ele traz um novo espaço para o casamento, fundamentalmente diferente de um casamento baseado numa *persona* conjugal rígida, celebrado por razões coletivas, em conformidade com as convenções sociais, ou mesmo, motivado por desejos pessoais como esperar que o outro nos torne feliz e realizado. Um

casamento motivado por demandas externas se mantém à custa da estagnação de um dos parceiros, de ambos e/ou do casamento.

Segundo Ulanov (1996), no casamento, os parceiros lidam com os opostos inúmeras vezes e de diversas formas, o que possibilita a criação de um modelo próprio e único de convivência. A flexibilidade, a troca de funções e papéis são aspectos indispensáveis para uma dinâmica saudável e equilibrada. A polaridade criativa da *persona* pode se expressar na adaptação e interação social, enquanto o polo defensivo se expressa na conformidade (JUNG, 1991b). Uma *persona* conjugal flexível serve para apoiar a união do casal, protegendo-os das diversas forças e atitudes sociais que os invadem, inclusive os diferentes papéis que poderão desempenhar como marido, esposa, pai, mãe, genro e nora. A esse respeito, Ulanov (1996, p. 113) escreve:

Nesse espaço arquetípico [da *coniunctio*], nós não procuramos encontrar o pai para nossa criança interior, e mesmo assim, considerável reparo pode ser feito à criança em nós. Não procuramos que o outro modifique todo o ambiente por nós – como aumentar nosso status sócio-econômico, por exemplo – e ainda, consideráveis transformações ocorrem dentro e fora de nós. Não procuramos uma garantia de felicidade eterna, e ainda, podemos alegremente viver juntos. (tradução nossa).

Sabemos que a *persona* conjugal é necessária e salutar, pois inclui os papéis sociais do casal frente à sociedade, à família de origem e entre os membros da família atual. Porém, um casal identificado com a *persona* corre grande risco de se distanciar do âmago da relação e se desgastar com o cotidiano, perdendo seu verdadeiro significado (HEWINSON, 2003). Portanto, o casamento não é algo que conquistamos externamente e que tem a função de tornar cada cônjuge feliz, pelo contrário, ele nasce do encontro entre duas pessoas adultas e são elas que constroem um casamento feliz, vivo e duradouro.

Os parceiros trazem para a vida conjugal os aspectos de sua vida pessoal como vivências primárias, por exemplo, as figuras parentais, sexualidade, corpo, fantasias, autoconceito, valores, possibilidades de reparações e renovações, compartilhando-as entre si. E é tudo isso que faz do casamento uma das formas mais complexas e desafiadoras de amar (MONTORO, 2004).

2.1 O arquétipo da união e a construção de um relacionamento íntimo amoroso

A partir da teoria dos arquétipos, Jung desenvolveu o conceito de *anima* e *animus* e os considerou como mediadores entre a consciência e o inconsciente, uma ponte que liga o mundo interno e externo. Em O Segredo da Flor de Ouro, Jung escreve:

Defini a *anima* como uma personificação do inconsciente, e também como uma ponte que leva ao inconsciente, isto é, como uma função de relação com o inconsciente. (JUNG; WILHELM, 1986, §. 55).

Segundo Jung (1991b) e, posteriormente, outros teóricos (SANFORD, 1986; HOLLIS, 1997), os arquétipos, *anima* e *animus* possuem uma característica dinâmica e criativa que possibilita o encontro com o outro. No caso da relação íntima entre homem e mulher, esse encontro pode ser caracterizado por uma experiência luminosa, na medida em que se constela uma situação arquetípica.

A *anima* é a imagem feminina que o homem carrega dentro dele e o *animus* a imagem masculina que a mulher carrega dentro dela. No encontro entre os dois, essas imagens, carregadas de significados, são projetadas no respectivo parceiro, as quais, no decorrer da relação, precisam ser discriminadas. Esse dinamismo é complexo e ao mesmo tempo, muito enriquecedor tanto para a individualidade de cada parceiro quanto para a relação que os dois estabelecem. É justamente por isso que Jung escreve que é quase impossível um casamento se desenvolver sem crises, pois “Não há nascimento de consciência sem sofrimento.” (JUNG, 1991c, p.192).

No encontro amoroso, uma situação arquetípica é constelada por meio dos arquétipos da *anima* e do *animus*, ocorrendo, em nível intrapsíquico, uma possessão do ego pelo Self e no interp-síquico, uma fusão entre o indivíduo e o objeto da paixão (VARGAS, 2004). Configura-se uma situação como se tivéssemos quatro figuras atuando. Por exemplo, homem, mulher e a imagem interna correspondente de cada um, a *anima* do homem e o *animus* da mulher. Portanto, é desta forma que explicamos que a escolha do parceiro se reveste de idealizações referentes ao que esperamos que o outro possa nos proporcionar.

Na fase da paixão, na qual o desejo de um pelo outro é preponderante em relação a outros sentimentos e percepções, os aspectos indesejáveis do parceiro como as diferenças individuais e as atitudes que desagradam não são relevantes ou sequer percebidos. Como escreve Vargas (2004, p.110): “O objeto da paixão é muito mais o que se quer ou se precisa que ele seja do que aquilo que de fato é”.

Para Benedito (1996), Hollis (1997) e Vargas (2004), a paixão contém uma força que possibilita o encontro entre duas pessoas. Ela expressa um desejo e uma busca, possibilitando que cada parceiro se coloque disponível para vivenciar diferentes e profundas experiências no campo do relacionamento íntimo. Esse fenômeno é denominado identificação projetiva e ocorre quando um fica fascinado pelo outro e envolvido pela ideia afetiva.

A projeção é um fenômeno natural da psique que envolve uma busca inconsciente dos aspectos de nós mesmos e nos guia em direção ao outro. Quando uma pessoa projeta suas qualidades desejáveis e/ou indesejáveis na outra pessoa, ela mantém contato com essas partes que lhe pertencem. É como se estivéssemos nos vendo no outro. Esse fenômeno é expresso na fala dos enamorados quando dizem: “Acabamos de nos conhecer, mas sentimos como se já nos conhecêssemos há muito tempo”. Para Hollis (1997), é a forma mágica de nos transportarmos ao paraíso e vivermos, por tempo delimitado, uma sensação de completude.

Benedito (1996) descreve dois movimentos distintos que envolvem o mecanismo de projeção: o criativo e o defensivo. Um pode preponderar sobre o outro em determinados momentos da relação. Na projeção defensiva, o indivíduo é impelido pela fantasia a buscar alguém que represente uma promessa reparatória para suas demandas inconscientes, sua visão do outro se apresenta difusa e indiscriminada. Já na projeção criativa, há mais discriminação e o outro pode ser visto com mais objetividade. Nessa condição, a escolha do cônjuge pode representar um caminho criativo para o desenvolvimento mútuo das personalidades.

Um relacionamento baseado em projeções recíprocas, mecanismo característico da projeção defensiva, não pode ter uma vida saudável e duradoura, pois em algum momento a vida conjugal pedirá que cada parceiro retire do outro aquilo que é seu, e então será preciso criar um espaço no casamento para que cada um possa ser ele mesmo, ser visto como pessoa única, com qualidades e defeitos e que não está à mercê do outro.

Como escreve Benedito (1996, p.21): “O indivíduo que não consegue tomar para si aquilo que constitui parte do seu mundo interno fica perdido de si mesmo buscando achar-se no outro”.

Aqui nos remetemos ao conceito de sombra, uma instância psíquica do inconsciente que mantém proximidade com o inconsciente pessoal. Ela representa o lado obscuro da personalidade, do qual tendemos a manter distância. Por diversas razões julgamos que esses aspectos não contribuem para a imagem que desejamos apresentar ao outro e então, procuramos escondê-los. Porém, o confronto com a sombra é necessário, pois nos libera para aceitarmos nossa própria natureza, a querer o bem do outro e a entrar em contato com o melhor e o pior que há em nós mesmos.

Como a escolha do parceiro envolve motivações conscientes e inconscientes ligadas às nossas histórias pessoais, quanto mais estivermos inconscientes de nossa sombra, ou seja, de aspectos que não reconhecemos em nós por julgá-los inadequados ou mesmo por não se encontrarem desenvolvidos em nossa personalidade, mais eles interferirão nas escolhas que fazemos. A sombra conjugal, quando não integrada, torna-se potencializada e age, via complexos, de forma perturbadora e de difícil controle. Um entra no espaço do outro sem pedir licença e, em momentos de crise, o ciúme, a inveja e a violência ultrapassam a medida e a convivência pode se tornar insuportável.

Num relacionamento de paixão, os parceiros têm como desafio tornar as projeções o mais conscientes possível e lutar contra a tentação de se identificar com elas, para que o casal possa prosseguir no processo de amadurecimento da relação. Esse momento de transição, Benedito (1996, p. 89) chama de “sacrifício da condição psicológica infantil”, o qual pode desencadear um abalo tanto na estrutura pessoal, quanto na dinâmica conjugal quando vivenciado pelo casal como ameaçador. Assim é preciso que cada parceiro discrimine aquilo que é seu daquilo que é do outro para que ambos possam atualizar a configuração do relacionamento por meio de um diálogo aberto, renovador e contínuo.

A idealização do parceiro presente na fase da paixão pode perdurar na relação conjugal, porém, ela precisa perder força para ceder espaço para um relacionamento mais maduro e realístico. Quando o caminho da projeção dos conteúdos inconscientes se fecha na fase da paixão é por já ter cumprido sua função criativa. Então, a alma daquele que projeta pode pedir a integração destes

aspectos psíquicos em sua personalidade e o outro, por sua vez, pode já não se encontrar mais disponível para aceitar o que lhe foi projetado.

Nessa fase, cada parceiro precisa abrir mão dos ganhos secundários da dependência emocional do outro e dar lugar a sentimentos de autonomia, de modo que o casal possa mobilizar forças para estruturar a relação e atender suas demandas atuais. De acordo com Vargas:

A grande tarefa da relação iniciada pela paixão é a integração pelo homem de sua *anima* e pela mulher, de seu *animus*, sem destruir a relação, transformando-a em amor, num relacionamento com base na inter-relação entre dois indivíduos. Aqui deve existir o respeito às individualidades. A relação de amor traz a vivência de alteridade, ou seja, do respeito ao outro, com suas peculiaridades e características próprias, incluindo o convívio com as diferenças; enfim, a relação real entre duas pessoas como elas são e não como deveriam ser. (VARGAS, 2004, p. 116).

Benedito (1996) salienta que o amadurecimento de um vínculo amoroso está diretamente ligado à competência do casal para lidar com as frustrações que a retirada da projeção impõe. É justamente nesse período que os conflitos surgem e a experiência clínica mostra que quanto maior a idealização no casamento e na escolha do parceiro, maior é a frustração e mais difícil se torna a convivência entre eles. O conflito se instala na dinâmica conjugal quando há resistência por parte dos parceiros em reconhecer os aspectos que um projetou no outro e que cada um precisa desenvolver à sua própria maneira.

O conflito é o resultado de uma colisão entre dois elementos que apresentam oposição entre si. Ele expressa, via símbolo, um desequilíbrio na dinâmica psíquica, uma unilateralidade, e aponta para a necessidade de mudanças a fim de que o equilíbrio seja alcançado. Dentro dessa visão, o conflito tem um valor teleológico, não devendo ser eliminado como um precedente inoportuno (PIERI, 2002).

Como escreve Benedito (1996, p.45):

Na fase da decepção do relacionamento amoroso, em que a idealização do outro cai por terra, mas os parceiros ainda têm esperança de restaurar os sonhos do casamento perfeito, encontramos nos casais, de forma explícita, a projeção de conteúdos de complexos dirigidos ao parceiro. Uma vez que os conflitos intrapsíquicos inconscientes são substituídos por conflitos interpessoais, o caminho do confronto com o material sombrio projetado torna-se mais acessível.

Como sabemos, os complexos têm suas raízes nos arquétipos e atuam de forma dinâmica e autônoma (JUNG, 1984). Assim, no casamento, muitas vezes os complexos se revelam na maneira pela qual um cônjuge se aproxima e se distancia de seu parceiro, de acordo com as vivências pessoais de temas arquetípicos que são evocados em determinadas situações conjugais.

Enquanto na paixão, num estado contaminado e indiferenciado, o parceiro espera ter suas necessidades atendidas de maneira mágica pelo outro, sem dizer claramente o que necessita; na fase da convivência amorosa, cada um deve diferenciar o ego do complexo ameaçador e abrir-se ao diálogo. Porém, o que muitas vezes acontece é que o parceiro para não decepcionar o outro, esforça-se para corresponder à sua expectativa até então muito idealizada.

Um exemplo típico é do casal que é tomado pelo complexo materno e atua os papéis de filho e mãe. Neste caso, além da vida sexual ficar empobrecida, tanto os cuidados exagerados na dinâmica conjugal quanto o repúdio por parte do casal ou de um dos parceiros a qualquer ideia ligada aos cuidados de um com o outro indicam que ambos permanecem contaminados pelo complexo, cada um a si próprio e um em relação ao outro (ULANOV, 1996).

O confronto com as feridas da história pessoal de cada um é inevitável, mas não há crescimento sem destacar o complexo do outro, ao invés de identificar-se com ele. Quando isso é feito, o complexo fica apenas como uma parte do ego, sem dirigir à pessoa como um todo ou ao próprio relacionamento conjugal. Tal intercessão de consciência abre possibilidade para cada um lidar melhor com seus próprios complexos e transcendê-los. Então a convivência torna-se mais saudável, promotora da saúde física e emocional (RAMOS, 1994).

Assim, o desafio do casamento está em redirecionar a libido para o centro da relação, em direção a tudo que os parceiros podem vivenciar juntos, de forma que o relacionamento afetivo não o limite, mas expanda o relacionamento, o qual deve ser visto como um caminho a ser construído e reinventado continuamente.

2.2 A terapia de casal na visão junguiana

O encontro de duas personalidades é semelhante à mistura de duas diferentes substâncias químicas: uma ligação pode a ambas transformar. (JUNG, 1999b).

A terapia de casal propõe-se a trabalhar o relacionamento conjugal dentro de um modelo terapêutico face a face. Neste, os parceiros e o terapeuta, juntos, analisam a relação, suas demandas e seus conflitos. Para La Tour (2004), a terapia de casal implica uma intervenção complexa que se configura num atendimento “de’ couple, ‘du’ couple, e ‘en’ le couple”. É neste contexto que será definido o modo de escuta, as proposições do quadro apresentado e as possíveis intervenções.

Assim, o foco da intervenção na terapia de casal é o relacionamento conjugal, a interação entre os dois cônjuges. O funcionamento da díade emerge como um fenômeno de análise. É nessa base de projeção mútua que o relacionamento é construído. Quanto mais os aspectos projetados são recuperados e integrados por cada um, mais forte a estrutura da relação conjugal se apresenta. E o espaço terapêutico deve procurar proporcionar um lugar seguro para que as verdades de cada um sejam desveladas e integradas por meio do diálogo.

Esta não é uma proposta simples, pois sabemos que, muitas vezes, a irracionalidade da expectativa dos parceiros em relação ao casamento acarreta uma decepção inevitável, porém, as ambições e percepção de si mesmos e do casamento trazidas para a relação precisam ser transformadas.

Na terapia, a situação atual da relação e a expectativa de cada cônjuge são abordadas de modo que cada parceiro possa compartilhar sua história, seus sentimentos, sem dominá-los e sem julgá-los. Para Benedito (1996), é preciso olhar o outro a partir da nossa própria história e é na complementaridade dos parceiros que encontramos o fator curativo da compensação psíquica a ser incorporada por cada um, por meio da retirada das projeções realizadas sobre o outro no decorrer do relacionamento.

Ulanov (1996) associa o casamento com a imagem de um vaso psicológico que propicie segurança e estimule o crescimento dos dois cônjuges. Assim, ao analisar a dinâmica conjugal, é importante considerar se realmente esse vaso existe e como ele está funcionando. Podemos ver o relacionamento como um vaso alquímico, no qual os elementos básicos são misturados, adicionados um ao outro e trabalhados para que sejam transformados. Assim Ulanov (1996, p. 114) escreve:

A interpenetração, a diferenciação e a integração dos elementos na psique seriam trabalhadas, assim como o encontro e a combinação de todos os elementos entre ambos os parceiros.

As autoras Young-Einsendrath (1995, p.137) e Benedito (1996) enfatizam a importância de se atentar para a individuação de cada cônjuge durante o processo terapêutico por meio da diferenciação e da discriminação do mundo externo e interno de cada um. Esta postura é importante, pois a individuação de cada parceiro está atrelada à individuação do casamento e ambas precisam ser negociadas e conquistadas também dentro da relação.

2.2.1 O papel do terapeuta

O casal que procura ajuda terapêutica geralmente traz uma história de desencontros e ressentimentos e já fez muitas tentativas para resolver o problema pelo qual está passando. Os recursos antes utilizados e que se mostravam eficazes, já não funcionam mais para restabelecer a harmonia conjugal. Ambos, num movimento de busca, procuram uma solução para o impasse, porém, em muitos casos, cada qual com a sua visão diferente do problema. É neste contexto que a figura do terapeuta entra em cena.

Na fantasia de cada parceiro, a intervenção do terapeuta pode modificar a situação num sentido favorável ou desfavorável a ele, pois para o casal, o terapeuta, como um especialista no assunto, é quem indicará o caminho que eles devem seguir. Assim, ambos têm interesse em influenciar o julgamento desse terapeuta, a fim de tê-lo como aliado. Entretanto, o profissional não pode perder de vista que seu foco é o “nós”, a relação do casal ou como denomina Caillé (1994), “o casal absoluto”.

Um dos maiores desafios do terapeuta de casal é lidar com a transferência e contratransferência no campo interacional. Esse manejo garantirá o lugar e a função de cada um na tríade, além das mudanças significativas no padrão do funcionamento do casal. Assim, o terapeuta precisa permitir a projeção, mas não se identificar com ela, e funcionar como um estimulador da comunicação, certificando-se que cada cônjuge possa se expressar livremente nas sessões sem ser interrompido, ajudando-o a se expressar com lógica e clareza suficiente de modo que a capacidade de dialogar entre eles se estabeleça aos poucos.

Ao interagir com o casal, o terapeuta conta com ferramentas importantes, como sua referência teórica, experiência pessoal, estilo de trabalho e os elementos conscientes e inconscientes que podem ser constelados em qualquer momento. Seu autoconhecimento é imprescindível para que ele se torne um instrumento eficaz para o desenvolvimento do processo terapêutico. Sabemos que no *setting*, ele está presente com seus problemas relacionais, sua história de vida e que não é uma tarefa fácil não envolvê-los nos conteúdos carregados de emoções que o casal traz. Por isso, a formação do terapeuta inclui sua experiência como analista e como analisando, além de um conhecimento teórico sólido e profundo.

Young-Eisendrath (1995, p.112) escreve sobre a importância das questões transferenciais e contratransferenciais:

O rumo da interação terapêutica é mais influenciado pelos elementos “carregados” dos terapeutas do que dos clientes quando os terapeutas estão inconscientes destes elementos. Elementos carregados são aquelas expressões consteladas pelos complexos arquetípicos em um campo interpessoal.

Portanto, no posicionamento analítico, o terapeuta precisa ficar atento às manifestações de transferências de cada cônjuge e do casal estabelecidas com ele, assim como às suas reações diante de certas situações evocadas nas sessões. Desse modo, no decorrer do processo, alguns questionamentos podem ajudá-lo a atentar para os “elementos carregados” que possam surgir, tais como: descobrir quais emoções, sentimentos e posturas algumas situações constelam em si; detectar as mensagens de sua família de origem que norteiam suas atitudes e posturas. Quanto à sua bagagem cultural e familiar, deve procurar discernir aquilo que é criativo e proveitoso e evitar o que não é útil.

Podemos observar que a complexidade do campo interpessoal constelado na terapia de casal demanda uma capacidade do terapeuta de compreender e sentir a experiência do outro, sem perder o foco no funcionamento do casal. Young-Eisendrath (1995, p.107) alerta para a necessidade do terapeuta não perder sua objetividade, chamada por ela de “empatia objetiva”, uma vez que, por mais que o terapeuta fique atento, ele pode ser “pego por um complexo” e, por exemplo, identificar-se com o cônjuge sofredor. Nesse momento, é importante que ele reconheça a situação objetivamente e se abstenha de realizar uma intervenção

direta com o casal, pois como sabemos, os complexos estão fora do nosso controle intencional.

Cabe ao terapeuta cuidar do vínculo que ele estabelecerá com o casal no decorrer do processo terapêutico. Um casal em conflitos pode trazer para a terapia complicados jogos de acordos, conluios e compromissos que se não cuidados, podem se tornar obstáculos para a construção de um vínculo forte e ao mesmo tempo flexível entre ele e o terapeuta. Como o curso normal de um rio, no qual podem suceder corredeiras, águas paradas, redemoinhos e quedas (LA TOUR, 2004), assim pode ser ilustrado o processo terapêutico de casal, que possui certa previsibilidade, mas que pode constantemente surpreender tanto o terapeuta quanto os parceiros.

2.2.2 Fases da terapia de casal

A seguir, com base nos estudos de Young-Eisendrath (1995), Ulanov (1996) e Benedito (2004), discorreremos sobre algumas fases do processo da terapia de casal. Notamos que estas não se apresentam de forma linear, nem são excludentes, mas têm apenas uma finalidade didática, ajudando a situar o momento do casal no processo, assim como os ganhos terapêuticos alcançados.

2.2.2.1 Exposição do Conflito

De um modo geral, quando um casal procura terapia, ele está em busca de uma solução para algum conflito que esteja refletindo em sua vida, mesmo que este conflito não esteja diretamente ligado ao casal, mas apenas a um dos cônjuges, a família de origem, aos filhos, etc. Assim, numa primeira etapa, procuramos focar na possibilidade de ampliar a visão do conflito vivido na relação, observar o seu significado na dinâmica do casal, olhando-o como o símbolo que além de denunciar uma disfunção na dinâmica conjugal, também aponta para alguma direção. Essa maneira de olhar o conflito é uma forma de “soltar” a energia que se encontra ligada

a ele e que impede o casal de sair da situação fechada e caracterizada por uma comunicação ineficiente.

A situação conflituosa do casamento pode apresentar-se tensa e fusionada, repleta de conteúdos psíquicos projetados um no outro devido ao estado emocional dos parceiros. Sentimentos hostis como raiva, mágoas e ressentimentos podem predominar na relação conjugal. Assim, neste momento, é importante que o terapeuta perceba os sentimentos que permeiam a relação, de modo a abrir espaço para que ambos possam observar a relação de certa distância para, então, perceber como ela se apresenta.

Segundo Young-Eisendrath (1995), no primeiro estágio da terapia, a maioria dos casais está envolvida na questão de dominação-submissão que prepondera sobre o reconhecimento da interdependência como base para um relacionamento íntimo. A queda do encantamento original da paixão dá lugar aos problemas do poder, ou seja, do domínio de uma pessoa por outra, fato que afeta a saúde do casamento, constituindo o impasse no processo de individuação deste. De um modo geral, o relacionamento baseado na desigualdade leva cada parceiro a se colocar como aquele que tem razão e que está “sozinho” tentando manter ou salvar o casamento.

Cada parceiro, ao sentir sua individualidade ameaçada pela dinâmica conjugal, pode ser tomado por temores associados à baixa autoestima, o que tende a produzir um sentimento de desamparo. A ansiedade ocupa um lugar de destaque na relação, que, somada às defesas consteladas, impede cada parceiro de se abrir verdadeiramente no *setting*, falando e respondendo com espontaneidade.

Os casais que procuram pela terapia têm dificuldade em falar do significado de ser casal. Neste momento, é mais fácil falar do relacionamento como um objeto adquirido que não atendeu às suas expectativas. Por isso, é importante que se crie junto ao casal uma atmosfera sem acusações, encorajando-os a falar de si mesmo e da relação que eles construíram.

Nessa primeira fase, analisamos a capacidade e a disposição do casal de resolver conflitos e estabelecer e experimentar um senso de igualdade entre si. Observamos o seu estado emocional e quais as defesas ativadas para lidar com a situação conflituosa. É importante que o terapeuta tenha alguns esclarecimentos sobre a dinâmica do casal, para que ele saiba com quem irá trabalhar e que postura deverá tomar. Porém, o diagnóstico não é exclusivo dessa fase, mas se constrói ao

longo do processo, visto que devido à grande ansiedade e às fantasias quanto ao que a terapia pode revelar, tanto a *persona* de cada parceiro quanto a do casal como uma unidade, apresentam-se rígidas e a confiança na figura do terapeuta ainda não está fortalecida, o que pode dificultar o conhecimento da dinâmica conjugal.

Assim, é relevante observar a qualidade do vínculo do casal, o acordo que eles mantêm entre si e sob qual padrão de relacionamento funcionam. Por exemplo, se o casal tem um acordo, explícito ou não, sobre o que é ou não aceitável na relação, quanto um desvio à essa regra pode ser tolerado sem reações com hostilidade e enrijecimento ou quais são seus recursos disponíveis para as mudanças necessárias.

Alguns aspectos da sombra projetada no parceiro podem ser examinados quando perguntarmos ao cônjuge o que mais chamou sua atenção em sua(seu) companheira(o) quando se conheceram. Aquela característica, que na fase da paixão era tida como qualidade, agora é nomeada como defeito. É o caso de parceiro que no início do namoro via a esposa como ativa e segura, no entanto, posteriormente, passa a vê-la como controladora e mandona. É muito provável que, nesse exemplo, o esposo deposite na esposa características dele que precisam ser integradas e desenvolvidas em sua própria personalidade (ZWEIG; ABRAMS, 2000).

Nessa etapa, e durante todo o processo, o terapeuta pode levantar algumas questões, tais como: Qual é a capacidade do casal para se relacionar num dinamismo de alteridade? O que está mantendo este casal? Qual o papel da complementaridade na vida deles? Quão dispostos estão para fazer o sacrifício necessário para alcançar uma verdadeira transformação em suas vidas e na vida conjugal? Os parceiros acreditam na possibilidade de separação? Quais as expectativas de cada um em relação ao casamento e às próprias mudanças do cônjuge? O que eles esperam da terapia?

Os sonhos e outras técnicas terapêuticas são úteis em todas as etapas, mas nesta fase especificamente, eles podem ajudar a elucidar o conflito, indicar a direção do processo terapêutico e apontar o prognóstico. As técnicas terapêuticas também podem ajudar os parceiros a diminuir a rigidez e o receio de expor suas ideias e sentimentos.

Numa primeira sessão, o terapeuta já tem ideia da possibilidade de trabalhar ou não com o casal, assim como o casal em relação ao terapeuta. O

contrato terapêutico, então, pode ser feito e não precisa ser necessariamente esgotado em uma sessão. É frequente ter que retomá-lo junto ao casal. Além do enquadre sobre horário, honorário, frequência e sigilo, na terapia de casal é preciso deixar claro que o objetivo desta não é mostrar quem tem razão, nem mesmo fazer com que os parceiros permaneçam casados, mas sim, restaurar a comunicação entre eles e ajudá-los a encontrar a melhor forma de convívio.

Alguns pontos importantes também precisam ser discutidos nesta etapa como a questão do segredo que pode impedir um trabalho profundo e verdadeiro; as possibilidades de se depararem com surpresas boas e ruins no decorrer da terapia; e a responsabilidade de cada um no processo terapêutico, tanto a parte que cabe ao casal quanto àquela do terapeuta.

O terapeuta deve procurar garantir um espaço terapêutico no qual aquele que fala é ouvido e compreendido e aquele que ouve possa entender a mensagem, tecendo sua resposta ou comentário a partir dela. Esse trabalho estrutura a base da próxima etapa que envolve a elaboração do conflito.

2.2.2.2 Elaboração simbólica do conflito

Nesta fase, a condição psicológica e o compromisso profundo de cada parceiro para ouvir a realidade do outro e assumir a sua própria realidade são fundamentais, pois este momento se caracteriza pela revelação das verdades de cada um e do papel que cada qual desempenha no conflito enfrentado pelo casal. O trabalho envolvendo o que cada cônjuge espera do outro pede um exame claro e objetivo de como a relação se apresenta em termos de comunicação, apoio, cooperação e harmonia sexual, além da questão de serem essas expectativas realísticas ou não.

O terapeuta, neste momento da terapia, pode identificar a estrutura egóica de cada cônjuge, seus recursos e disponibilidade interna para adentrar em campos altamente energizados e caracterizados por sentimentos ambivalentes. Esse trabalho envolve o enfrentamento por parte dos parceiros de seus próprios complexos na busca por defesas mais criativas para lidar com as ameaças consteladas na relação. O confronto com os conteúdos sombrios é inevitável, pois

estes, por se encontrarem fortemente indiscriminados, acabam interferindo na dinâmica conjugal. Neste momento, o trabalho de diferenciação e discriminação entre o que pertence à esfera pessoal de cada cônjuge e aquilo que pertence aos dois enquanto casal é muito importante.

Jung (1991a) escreve sobre a força autônoma do complexo e sua capacidade de transpor a intenção do indivíduo. Assim, na dinâmica conjugal é importante que o complexo seja trabalhado e conscientizado, pois sabemos que apesar de todo o esforço do ego para lidar com as situações que o afligem diante de um complexo ativado, quando o ego não se rende, ele faz muito pouco para consertar uma dada situação (ULANOV, 1996). Desse modo, o que ocorre muitas vezes, é que o casal é levado por comportamentos compulsivos e desnorteados, reproduzindo um padrão que já lhes é familiar.

Quando isso acontece, a tríade terapeuta-casal, muitas vezes, sente que não está progredindo, o que nem sempre é verdadeiro. É preciso retomar o trabalho com os complexos do casal e ajudar os parceiros a discriminá-los ao invés de projetá-los. E, por sua vez, o parceiro que recebe a projeção, ao invés de se identificar com o complexo correspondente a ele, precisa discriminá-lo. Exemplo disso é o parceiro movido pelo complexo materno e que atua como o protetor do outro, devendo evitar atitudes que o infantilize.

Ulanov (1996) discorre sobre como o parceiro pode facilitar o caminho de individuação do outro. Para ela, quando destacamos o complexo de alguém, ao invés de identificar-se com ele, este fica apenas como uma parte do eu, sem tomar conta da pessoa ou do relacionamento. Tal intervenção da consciência abre espaço tanto para o complexo quanto para a possibilidade de transcendê-lo. É deste modo que o casamento pode ser um espaço para a transformação, no qual cada parceiro pode se sentir livre para ser quem ele é e a partir daí, relacionar-se verdadeiramente com o outro, diferenciado de si. Este é o desafio desta etapa, quando não mais podemos olhar o outro como o único responsável pelo problema conjugal, pela felicidade do casamento e pelo próprio processo de individuação. Assim, procura-se trabalhar com o casal sua habilidade em encontrar seus recursos, ajudando-os e direcionando-os para o centro da relação de forma que a energia psíquica se dirija no sentido da resolução do conflito.

2.2.2. 3 Possibilidades de saída do impasse

Nesta etapa, auxiliamos o casal a desenvolver sua capacidade de dialogar consigo mesmo e com o outro, e a caminhar em direção às mudanças necessárias para a superação do impasse. O terapeuta procura observar o quanto o casal está apto a dar um sentido prospectivo ao conflito e lidar criativamente com as vicissitudes da relação, legitimando suas ideias próprias para restabelecer intimidade e confiança.

As expectativas que cada um trouxe para o casamento e a necessidade de reavaliá-las foram discutidas e estão mais adequadas à situação do casal. Esse estágio, que chamamos a saída do impasse, é decisivo na terapia, pois apesar da tensão dos opostos estar presente, o casal agora pode perceber-se como capaz de lidar com os desafios e as diferenças. O conflito agora pode ser olhado com seriedade e lidado conscientemente a partir do envolvimento responsável de cada um.

Nessa etapa, o casal precisa se empenhar para construir encontros maiores, mais significativos e com junções mais espaçosas, que permitam a existência de pontos de vistas diferentes entre os dois. É preciso exercitar uma comunicação efetiva, que traga maior clareza sobre o que o outro(a) deseja dar e receber. Isso significa que cada um deve ter bem claro consigo mesmo o que ele deseja para si, o que ele coloca disponível para o outro e também o quanto ele se dispõe para novas formas de receber.

Como escreve Benedito (2004, p.95):

Neste momento, para haver uma transformação, o ego tem que abrir mão de posturas que até então se justificavam pela inconsciência das próprias feridas, e cuja dor estava, de forma transferencial, atrelada e justificada pelo comportamento do outro.

Isso não significa que impasses e discussões não irão mais existir nem que essas terminarão em acordos felizes, mas sim que o casal pode buscar a completude em um relacionamento suficientemente bom, porém, não perfeito. Significa também que ambos precisam desenvolver posturas ativas que fortaleçam e protejam o casamento. Para Nell (2005), a fase final da terapia começa quando terapeuta e casal vislumbram essa possibilidade. E o final acontece quando os

parceiros conseguem compreender seus mais significativos problemas, assim como se comunicar um com o outro de maneira construtiva.

No decorrer do processo terapêutico, alguns pontos já trabalhados nas fases anteriores são retomados, sem que este movimento configure mera repetição, mas sim um movimento *circumbulatio* (JUNG, 1986), pois observamos que depois de algum tempo de trabalho, o casal tem maior consciência da dinâmica conjugal e pessoal que está vivenciando e mais recursos para lidar com temas já conhecidos. Assim, há diferentes maneiras de entendermos quando um atendimento está chegando ao fim, mas podemos dizer, que quando o casal encontra sua maneira própria de dialogar, de cuidar da relação e, quando cada um se responsabiliza pelo seu processo de individuação, a terapia chegou ao fim.

3 O SONHO NA TERAPIA DE CASAL: UMA REVISÃO DA LITERATURA

O projeto desta pesquisa foi elaborado a partir de nossa experiência no atendimento clínico com casais. O levantamento bibliográfico incluiu uma busca de artigos que versavam sobre o tema em revistas indexadas, dissertações e teses publicadas num período de dez anos. Usou-se como estratégia de busca a pesquisa digital em diferentes bases de dados como *Medline, Pubmed, Bireme, Psicoinfo, Psyclic, Bvs, Capes, Scielo*.

Encontramos nos trabalhos de Garcia e Tassara (2003) e Ponciano e Carneiro (2003) diretrizes a respeito de dados atuais sobre a terapia de casal como uma realidade social. Eles destacam a necessidade dos profissionais acompanharem as profundas transformações sociais que o casamento tem sofrido em nossa sociedade e salientam a importância de estudos sistematizados sobre intervenções eficazes que se estabeleçam com base na diversidade e que ultrapassem a fixação de modelos. Esses estudos apóiam o desenvolvimento de nossa pesquisa com os sonhos enquanto um fenômeno presente na relação conjugal e que pode facilitar o trabalho profundo e criativo com respeito às questões que envolvem a vida dos casais contemporâneos.

A literatura sobre os sonhos e seu papel no processo terapêutico concentra-se no trabalho individual e enfatiza a dinâmica intrapsíquica. Pouco tem sido escrito sobre os sonhos em outras modalidades de tratamentos com ênfase na dinâmica interpessoal e, mais especificamente, na terapia de casal (PERMULTER; BABINEAU, 1983).

O artigo de revisão de Pensant e Zadra (2004) traz importantes reflexões e pesquisas empíricas sobre questões que envolvem o uso dos sonhos como uma ferramenta terapêutica útil em diferentes contextos clínicos como individual, grupo, família e casal. Para os autores, os principais objetivos do artigo consistem em conscientizar os clínicos de que a integração de sonhos em sua prática clínica é acessível e potencialmente valiosa, incentivando-os refletir sobre o papel que eles querem que o sonho desempenhe em sua prática clínica.

Hill (1996), Scheredl et al. (2000) e Pensant e Zadra (2004) apontam alguns motivos que dificultam o uso do sonho na prática clínica. Segundo os autores,

os sonhos são utilizados apenas ocasionalmente pelos clínicos de diferentes abordagens, apesar de seu uso ser reconhecido como um recurso terapêutico útil por grande parte dos terapeutas. Algumas razões levantadas por eles: a falta de estudos que forneçam diretrizes para sua utilização, de maneira que se sintam mais habilitados para o trabalho com sonhos; as concepções errôneas sobre o fenômeno onírico e sua interpretação em concebê-lo como um fenômeno isento de significado, além da crença de que sua interpretação esteja limitada à abordagem psicanalítica clássica de longa duração.

Já Scheredl et al. (2000) desenvolveram uma pesquisa para avaliar o trabalho clínico com os sonhos em diferentes abordagens teóricas. Os autores encontraram resultados semelhantes ao de Pensant e Zadra (2004) sobre a formação teórica e prática dos profissionais realizada, preponderantemente, de modo informal, por meio de leituras e seminários, havendo uma lacuna que poderia ser preenchida caso fosse oferecida formação sistematizada que incluísse aulas teóricas e supervisão clínica.

Também se encontrou a existência de correlação entre a frequência com que o analista trabalha seus próprios sonhos em sua análise pessoal e a frequência do trabalho com os sonhos de seus clientes. Assim, vemos, neste estudo, um panorama do uso do sonho no contexto clínico, ficando clara a necessidade de estudos que visem oferecer subsídios para o seu uso terapêutico na prática clínica, no intuito de capacitar e incentivar o profissional a lidar com os sonhos que são levados ao *setting* terapêutico.

Segundo Pensant e Zadra (2004), as pesquisas com sonhos consistem principalmente de relatos de casos e descrição de estudos sobre o tema. Quanto aos estudos empíricos, os autores destacam as dificuldades de operacionalizar a interpretação dos sonhos, sendo estas o maior obstáculo do acesso científico ao trabalho com os sonhos no contexto clínico. Segundo eles, tais dificuldades envolvem algumas questões que nos conduzem à complexidade do trabalho com sonhos no contexto clínico.

Contudo, os autores alertam sobre a necessidade de transpor os obstáculos e investirmos na produção de estudos científicos que tentem esclarecer algumas questões como: O que exatamente significa uma interpretação dos sonhos? É um processo separado e que pode ser destacado do resto da psicoterapia? Podemos delimitar onde a interpretação começa e onde ela termina?

Ela está interconectada com tudo que surge no decorrer da sessão? No tocante ao problema da validade, outras questões: Os resultados terapêuticos são devido ao trabalho com os sonhos ou outros fatores que ocorrem durante a terapia? O que chamamos de interpretação é o que nos conduz aos resultados terapêuticos?

A relevância dessas questões e de outras aqui não levantadas não pode ser negada, mas sabemos que, na medida em que elas forem respondidas, outras surgirão e que, somente desse modo podemos avançar e alcançar uma compreensão mais clara dos fenômenos oníricos no contexto clínico.

Segundo Pensant e Zadra (2004), a abordagem cognitivo-experimental é a que mais produz pesquisas empíricas e artigos científicos sobre o trabalho com os sonhos, porém a psicanálise e a psicologia junguiana são abordagens mais utilizadas pelos clínicos em geral. Os autores destacam os trabalhos de Hill (1996) e de Kolchakian e Hill (2000) que propõem um modelo sistematizado de trabalho clínico com o sonho, o qual foi posteriormente adaptado e testado empiricamente para o trabalho com casal (HILL; KOLCHAKIAN, 2002).

Esse artigo contribuiu para a nossa pesquisa, pois aponta importantes dados sobre os sonhos no contexto clínico. Ele mostra que a pesquisa, em sua maioria, enfoca o trabalho individual e em grupos e que, apesar do interesse significativo por parte dos clínicos e dos clientes em fazer uso dos sonhos na terapia, muitos terapeutas não se sentem preparados para trabalhar com eles. Tais dados vêm ao encontro do propósito da presente pesquisa de oferecer aos profissionais subsídios teóricos e práticos, sob a luz da psicologia analítica, que os auxilie em sua prática clínica.

Destacamos os artigos científicos de Hill e Kolchakian (2002) e Kolchakian e Hill (2000) na abordagem cognitiva-experimental, de Permulter e Babineau (1983), Nicolò, Norsa e Carratelli (2003), Scharff e Scharff (2004) na psicanálise, que versam sobre o uso do sonho na terapia de casal. Tais artigos realçam a importância do trabalho com os sonhos nesta área como instrumento facilitador para a ampliação da compreensão da dinâmica do casal e dos conflitos que possam surgir no espaço conjugal.

O modelo de trabalho com os sonhos desenvolvido por Kolchakian e Hill (2000), apresenta uma proposta de abordagem integrativa entre o terapeuta e o cliente. De acordo com esta abordagem, os sonhos refletem as concepções do eu, do mundo e do futuro do cliente, podendo serem vistos como representações de

esquemas do indivíduo, já que suas temáticas trazem a mesma distorção cognitiva que o pensamento no estado de vigília.

A experiência onírica pode ser explorada como ela é, no aqui e agora da sessão, sem considerar o sonho como uma representação metafórica de alguma coisa. Assim, o trabalho com os sonhos pode ajudar a identificar as distorções cognitivas, esquemas e padrões de pensamentos mal adaptados. No trabalho com casais, os sonhos podem ajudá-los a alcançarem um nível mais profundo de compreensão mútua da situação que estão enfrentando.

Neste método proposto, existem três fases denominadas: exploração, *insight* e ação. Na proposta, o trabalho com os conteúdos oníricos é realizado com o sonhador primeiramente e, em seguida, com o parceiro que é solicitado a abordar o sonho "como se fosse seu próprio sonho". Durante as três fases, o parceiro é estimulado a ouvir o sonho empaticamente e refletir sobre ele em relação a si próprio e ao relacionamento conjugal. Para os autores, essa maneira de abordar o sonho desestimula qualquer tentativa do parceiro de interpretar o sonho do outro.

Na primeira fase, exploração, o terapeuta solicita ao sonhador que descreva cuidadosamente as imagens do seu sonho e faça associações. Em seguida, o parceiro é solicitado a fazer associações a partir das imagens relatadas "como se fosse seu próprio sonho". Na fase subsequente, de *insight*, o terapeuta e o sonhador primeiramente tentam alcançar alguma compreensão do sonho e seu significado para a vida do sonhador. Em seguida, o terapeuta tenta ajudar o parceiro do sonhador a entender o que o sonho pode significar para a sua própria vida. Por último, ele incentiva o casal a fazer associações a partir das imagens do sonho e conectá-las à dinâmica conjugal.

Na terceira fase, denominada ação, o terapeuta trabalha com o sonhador a possibilidade de haver algum aspecto que ele julgue necessário mudar em sua própria vida ou no relacionamento com o seu parceiro. Em seguida, trabalha essas mesmas questões com o parceiro a partir das ideias adquiridas ao interpretar o sonho do outro "como se fosse seu próprio sonho". Finalmente, o terapeuta trabalha com ambos os parceiros para delinear como eles poderiam melhorar ou manter a relação a partir do que eles descobriram.

No final do trabalho, pede-se a ambos os membros do casal que resumam o que aprenderam durante o processo de interpretação do sonho sobre si como indivíduo, sobre seu parceiro e sobre seu relacionamento.

Nota-se ademais que o estudo de Hill e Kolchakian (2002) teve como objetivos principais examinar a eficácia do modelo cognitivo desenvolvido por Hill de interpretação de sonho no trabalho com casais e analisar o resultado da interpretação de seus sonhos. Eles levantaram a hipótese de que casais cujos sonhos foram trabalhados em terapia alcançam melhor comunicação aberta, maior empatia e satisfação no relacionamento do que os casais que não receberam a interpretação de seus sonhos. Outro objetivo da pesquisa foi delinear se há diferença entre os gêneros a respeito dos efeitos da interpretação de sonho no atendimento de casal.

Participaram da mencionada pesquisa 40 casais de namorados heterossexuais entre as idades de 18 e 30 anos, vivendo em um relacionamento estável. Os casais foram recrutados por meio de anúncios no campus universitário e a participação na pesquisa garantia-lhes crédito para o curso de introdução à psicologia. Dos 40 casais, 20 foram escolhidos aleatoriamente para participarem do grupo de controle e não receberam interpretação de sonhos enquanto os demais 20 foram atendidos em duas sessões por terapeutas que, em sua maioria, possuíam experiência com a interpretação de sonhos, embora poucos tivessem experiência no trabalho com casais. Os casais foram instruídos a trazer seus sonhos redigidos e, se muito extensos, eles elegiam alguma parte do sonho para ser trabalhada. Cada casal teve duas sessões de 90 a 120 minutos. A primeira sessão foi centrada no sonho de um dos parceiros e a segunda sessão, realizada num intervalo de uma semana, foi focada no sonho do outro parceiro.

Foi realizada uma pré-sessão na qual cada parceiro respondeu a questionários e após uma semana das duas sessões realizadas, esse procedimento foi repetido. O mesmo foi feito com o grupo de controle. Foram utilizados os seguintes instrumentos: *The Primary Communication Inventory - PCI*, *The Self and Other Dyadic Perspective-Taking Scales – SDPT and ODPT*, *The Dyadic Satisfaction Scale – DSS* e *Gains from Dream Interpretation* (HILL; KOLCHAKIAN, 2002).

Os resultados demonstraram que as mulheres que receberam a interpretação de sonhos apresentaram maiores ganhos terapêuticos em relação ao seu relacionamento do que as mulheres do grupo de controle que não receberam. No entanto, parceiros masculinos que receberam atendimento não apresentaram melhorias significativas quando comparados com os parceiros masculinos que não receberam o atendimento em questão. Assim, observou-se que a interpretação de

sonhos de casais pode ser mais útil para as mulheres do que para os homens. Entretanto, este resultado também aponta que um maior esforço por parte do terapeuta pode ser necessário para envolver homens em sessões de casais nas quais se trabalhem com sonhos.

Outro ponto relevante é que, na pesquisa, não foram encontradas diferenças de ganhos terapêuticos entre o trabalho com o próprio sonho versus o trabalho com o sonho do parceiro. Tal dado mostra que um vínculo suficientemente forte e íntimo entre o casal, contribui para uma forte conexão com o sonho do outro. Os resultados da pesquisa sugerem que a tarefa de compartilhar os sonhos de um dos parceiros na sessão pode ajudar a modificar posturas defensivas, contribuir ao fortalecimento do vínculo do casal, aumentar a capacidade de empatia na relação, favorecer a intimidade psíquica e auxiliar o casal a construir novos significados que contribuam para a qualidade do vínculo conjugal.

Esse estudo apresentou um modelo sistematizado de trabalho com os sonhos no tocante a casais, testando seu alcance terapêutico. Ele também apontou temas importantes para futuras pesquisas com os sonhos. Porém, observamos alguns fatores limitantes quanto à generalização dos resultados e julgamos a necessária a realização de novas e diferentes pesquisas.

Dentre as considerações, nota-se as características da amostra, formada por estudantes voluntários interessados no ganho de créditos no curso de psicologia. Como casais de namorados, eles não apresentavam necessariamente dificuldades em seus relacionamentos, um projeto de vida em comum e, portanto, poderiam estar pouco motivados para se engajarem em mudanças. Quanto à avaliação da eficácia do método de Hill e Kolchakian (2002), o número de sessões e o tempo do intervalo entre a primeira avaliação e a reavaliação parecem ser insuficientes para constatar as mudanças significativas.

Permulter e Babineau (1983) por sua vez, examinaram o uso e os significados dos sonhos compartilhados em contextos de psicoterapia de casal por meio de revisão de literatura, exemplos clínicos e discussão. Os autores sugerem uma aproximação das dimensões interpessoais no trabalho com os sonhos e a incorporação do conceito de ressonância do inconsciente. Este conceito aproxima-se da noção de empatia e implica num processamento ativo do mundo inconsciente do outro. Segundo eles, a dimensão de intimidade pode ser proporcional à tolerância e às reações positivas de um membro para com os processos inconscientes do

outro membro. O processo interpessoal hesita em crescer quando tal ressonância é bloqueada pela incongruência das necessidades individuais entre os parceiros.

Este artigo traz um referencial psicanalítico e enfatiza a importância de se atentar para a comunicação inconsciente entre os parceiros na realização de um trabalho profundo com o casal. Além disso, enfoca o sonho como um meio de estimular o desenvolvimento da compatibilidade - aspecto requerido em diferentes áreas do cotidiano do casal para um bom relacionamento - entre os símbolos e metáforas inconscientes usados por cada membro do casal.

Os autores ressaltam o momento em que os parceiros compartilham um dos sonhos do parceiro na sessão da terapia de casal, pois segundo eles, é quando a comunicação inconsciente se manifesta e a consciência e a afetividade podem ser ampliadas. Segundo eles, por meio do sonho compartilhado, também é possível entender com maior profundidade a natureza da intimidade da relação entre eles e auxiliá-los e alcançar maior estabilidade no relacionamento.

Compartilhamos com esta proposta de trabalho, cuja ênfase terapêutica recai nas associações dos sonhos que são trazidos espontaneamente para o *setting* pelo sonhador e nas reações afetivas do parceiro em relação ao material apresentado, estimulando-o a participar ativamente do sonho do parceiro que agora está a serviço do casal. Segundo os autores, tais reações iluminam os pontos conflituosos ajudando o terapeuta a abordar os aspectos interpessoais do sonho e facilitam a aproximação do outro parceiro ao material onírico.

Os autores salientam também que o trabalho de interpretar sonhos inclui o terapeuta como um participante da interação, sendo necessário que este estabeleça uma aliança com o casal e garanta um ambiente adequado e seguro para que os sonhos possam estar a serviço do crescimento deles. O papel do terapeuta é encorajar o compartilhamento dos sonhos, agir como facilitador para o envolvimento do parceiro não-sonhador, atentar para as respostas carregadas de afeto e ajudar o casal a traduzir a comunicação inconsciente para a linguagem do consciente.

Ainda discorrendo sobre o papel do terapeuta, Permulter e Babineau (1983) colocam que as interpretações puramente intrapsíquicas do sonho de uma pessoa podem ser perigosas em terapia de casais, na qual o campo difere do campo da terapia individual. Para eles, o terapeuta deve enfatizar a dimensão interpessoal do sonho mais do que a dimensão intrapsíquica, pois uma apreciação prematura do

sonho feita pelo parceiro com frequência tende a ser prejudicial, pois pode estar permeada de projeção e especulação.

Permulter e Babineau (1983) e Nicolò, Norsa e Carratelli (2003) compartilham ideias semelhantes quanto aos motivos inconscientes que permeiam o relato de um sonho na terapia de casal e sobre os cuidados que o terapeuta deve ter ao abordá-lo. Para Nicolò, Norsa e Carratelli (2003), o relato do sonho na sessão pode representar o desejo de comunicar alguma coisa além de si mesmo, ou seja, algo da própria relação conjugal. Assim, o parceiro sonhador ao relatar um sonho pode estar buscando uma resposta emocional afetiva no outro.

Permulter e Babineau (1983) afirmam que o relato de um sonho pode também envolver o desejo de revelar algo conflituoso para o parceiro de maneira indireta, funcionando como um pedido de aproximação, uma busca de crescimento e transformação da relação ou até mesmo uma necessidade de testar a reação do parceiro, para ver se ele/ela será confiável e empático frente ao mesmo e ao material revelado.

Assim como em um jogo compartilhado, no qual o outro é convidado a participar, estes artigos citados nos alertam que o trabalho com os sonhos com casais pode conter armadilhas e por isso pressupõe uma participação ativa e cuidadosa por parte do terapeuta. Este deve estar sempre atento ao conduzir o trabalho com o material onírico, pois um sonho oferecido pode revelar aspectos inconscientes dos parceiros, possibilitando tanto uma forma de estimular o progresso terapêutico, quanto ser usado de maneira destrutiva, pela exposição das vulnerabilidades psicológicas destes. Logo, os autores sugerem que os sonhos presentes no curso da psicoterapia de casais sejam apreendidos de forma ampla e flexível, para que as associações contribuam positivamente, de modo a aumentar a proximidade entre os cônjuges.

O trabalho de Nicolò, Norsa e Carratelli (2003), dentro de um referencial psicanalítico, foca no conceito do vínculo entre o casal. Em sua concepção, o sonho introduzido na sessão, mesmo enquanto produção individual de um dos parceiros, oferece a possibilidade de participação mais profunda dentro da dimensão inconsciente da relação. Assim, escutar o sonho narrado por um parceiro, como se o sonho pertencesse à ambos, permite captar o senso compartilhado na relação. Terapeuta e os parceiros podem olhar, através do sonho, a esfera emotiva do casal,

ativando a emergência de diferentes versões do *self* e viabilizando o surgimento de uma nova forma de se relacionar com o outro.

Quanto à postura do analista, de acordo com as autoras, sua atenção deve estar direcionada à comunicação não-verbal dos parceiros e à atmosfera emotiva produzida naquele momento. Essa postura ajudará a compreender como o casal se compromete com os *insights* que surgem no *setting* terapêutico. Assim, o analista, no trabalho com o sonho, precisa atentar para algumas questões que podem servir de orientação no trabalho com o casal, tais como: Qual é o motor afetivo do sonho? Onde está a figura do analista no jogo da dinâmica da transferência e contratransferência? O que o sonho tem a dizer como produto do sonhador? E como produto do casal? E como representação da dinâmica transferencial do analista?

Segundo as autoras, é por meio da transferência que o estado da relação conjugal é comunicado. Assim, quando as questões do inconsciente são primeiramente direcionadas ao analista, cada parceiro pode adquirir o senso de comunicação e então ajudar a construir a base do trabalho terapêutico. O analista assume o lugar de “terceiro” em relação ao casal, de modo que as mudanças necessárias deixem de ser ameaçadoras para eles. O espaço do sonho, então, pode ser considerado um espaço privilegiado, no qual o individual, o conjugal, o sonho pensado e compartilhado e a relação da transferência possam produzir *insights* e transformações.

Neste artigo, encontramos alguns pontos importantes que se encontram interconectados com a nossa proposta de trabalho com os sonhos no contexto terapêutico com casais, tais como: a construção de um espaço terapêutico proporcionado pela escuta do analista e sua atenção aos aspectos transferenciais e contratransferenciais; e o espaço do sonho compartilhado no *setting*, como um lugar seguro e protegido que permite ao casal encontrar formas novas e criativas de expressão tanto no âmbito individual como conjugal.

Scharff e Scharff (2004) estudaram o uso dos sonhos no tratamento de questões sexuais, intimidade e fidelidade. Sob o prisma da psicanálise, os autores enfatizam a função sinalizadora e facilitadora do sonho em relação à transferência. Para eles, o sonho no contexto da terapia conjugal é um produto do casal e da sua relação terapêutica. O sonho exprime a transferência e facilita seu processamento. Por meio dos sonhos, podemos entender os aspectos inconscientes nos quais se

baseiam a estrutura afetiva do relacionamento e o significado do sintoma compartilhado de disfunção sexual. De acordo com eles, os conceitos psicanalíticos como condensação, simbolização e identificação projetiva são mecanismos que resultam na conversão da dor emocional individual e relacional em sintoma sexual. Do mesmo modo, os sonhos utilizam processo semelhante para ocultar e ao mesmo tempo, transmitir as questões emocionais.

Os autores partem do princípio de que na idade adulta, a capacidade para desenvolver uma relação íntima com o parceiro cresce sobre a fundação da conexão física e emocional estabelecida na relação mãe-bebê. Essa parceria é denominada por eles de *psychomatic partnership*. A necessidade de segurança, prazer, confiança e autoafirmação é produzida e condensada no percurso da relação sexual, na qual se procura voltar ao desenvolvimento histórico de cada parceiro nas relações de objeto interno e ir além dos aspectos físicos da relação. Assim, numa parceria disfuncional, a dificuldade sexual é, ao mesmo tempo, um sinal e uma fonte de aflição na relação de casal. A dificuldade emocional torna-se uma dificuldade sexual por meio do mecanismo de conversão, as questões emocionais mais complexas são reduzidas pela simbolização e condensação, e expressas através da linguagem corporal.

No referido artigo, o método de trabalho com os sonhos é apresentado por meio de dois casos clínicos. O sonho é trazido por um dos parceiros espontaneamente no decorrer da sessão, e juntos, o sonhador e o parceiro tecem as associações a partir da sua narrativa. O terapeuta participa deste trabalho pontuando e “costurando” as associações. Quanto ao papel do sonho no processo analítico, eles observaram que, no primeiro caso, os sonhos expressaram, em nome do casal, a personificação do medo compartilhado pelos parceiros e a falta de segurança que ambos experimentavam.

Segundo os autores, as funções dos sonhos na terapia de casal são análogas às da terapia individual, porém na primeira, conta-se com a vantagem de usar as associações do parceiro o qual conhece intimamente o sonhador. Nos casos apresentados, observou-se que o trabalho com os sonhos iluminou a profunda ansiedade do casal, ajudou na sua superação na medida em que sinalizou um novo entendimento, removeu a resistência da transferência e permitiu que o casal funcionasse de uma forma mais cooperativa.

No segundo caso, os sonhos dos companheiros os conduziram a um entendimento do jogo que existia entre eles e que envolvia sentimentos de rivalidade, ciúme e inveja. Por meio dos sonhos, o casal se expressou e se conscientizou de seus medos de compartilharem tais sentimentos. Os sonhos também ilustraram a ambivalência presente no relacionamento e abriram possibilidades para o trabalho terapêutico com esse aspecto.

Scharff e Scharff (2004) reconhecem a importância da fundamentação teórica na terapia de casal, assim como a função sinalizadora e facilitadora do sonho em relação à transferência. Porém, do ponto de vista do método de trabalho com os sonhos na sessão, consideramos que alguns pontos precisariam ser revisados: a participação do terapeuta como um terceiro elemento que conduz as associações em direção ao casal; e o modo como o sonho é abordado, por exemplo, quando o sonhador e parceiro o abordam e um interpreta o sonho do outro. Essas questões foram discutidas por Permulter e Babineau (1983), Schredl et al. (2000) e Nicolò, Norsa e Carratelli (2003), quando abordaram sobre o uso inadequado dos sonhos na terapia de casal. Para eles, é preciso atentar para esse tipo de postura frente ao sonho, pois, entre outros aspectos, ao interpretar o sonho do outro, o parceiro pode deixar de se colocar como co-participante da situação-problema e o foco no casal pode ser perdido.

Vale salientar que os estudos de Hill e Kolchakian (2002), Permulter e Babineau (1983), Nicolò, Norsa e Carretelli (2003) e Scharff e Scharff (2004) mostraram que a tarefa de compartilhar e atentar para os sonhos de um dos parceiros na sessão pode promover modificações das posturas defensivas dos parceiros, as quais, em geral, tornam a convivência entre eles insustentável. Ademais, possibilita também ao casal alcançar um relacionamento mais harmonioso, com espaço suficiente para lidar construtivamente com o conflito conjugal. Segundo os autores, o trabalho com os sonhos permite o fortalecimento dos vínculos conjugais, aumenta a capacidade de empatia entre os mesmos e favorece a intimidade psíquica, ajudando-os a construir novos significados e contribuindo para a qualidade de suas relações afetivas.

O segundo momento do levantamento bibliográfico caracterizou-se pela busca de literatura que apresentasse pesquisas empíricas sobre o trabalho com sonhos numa perspectiva relacional, sob o prisma da psicologia analítica. Encontramos os estudos de Kron e Avny (2003) que versam sobre sonhos de

terapeutas com seus pacientes e a pesquisa de Gallbach (2000) sobre grupos de vivências com os sonhos.

Na abordagem analítica, por nós adotada na realização desta pesquisa, não encontramos artigos publicados em revistas indexadas sobre este tema, apesar da grande ênfase dada pelos profissionais junguianos ao trabalho com os sonhos (JUNG, 1987; ZOJA in BEYOND..., 1992). Notamos a escassez de produção científica sobre o trabalho com os sonhos focado na dimensão interpessoal, e mais especificamente, na terapia de casal.

Como dissemos, Kron e Avny (2003) examinaram os sonhos de analistas com seus pacientes. A pesquisa teve, entre outros objetivos, o de estudar os temas que aparecem nos sonhos dos terapeutas com seus clientes e avaliar as contribuições clínicas alcançadas por meio da interpretação dos sonhos. Foram coletados 31 sonhos de 22 terapeutas. Os questionários enviados aos participantes continham as seguintes informações: dados pessoais e profissionais e mais cinco itens nos quais os terapeutas eram solicitados a relatar os sonhos, seus pensamentos e associações. Os terapeutas foram solicitados a destacar os pontos do sonho que eles julgavam obscuros, as recordações evocadas por eles e o tempo entre o começo da terapia e a emergência do sonho. Os sonhos foram analisados por meio de categorização temática dos conteúdos: 1 - o terapeuta no sonho; 2 - o paciente no sonho; 3 - interação terapeuta-paciente; e 4 - o lugar do sonho.

Os resultados do estudo demonstram que a compreensão dos sonhos dos terapeutas sobre seus pacientes iluminam o aspecto inter-relacional do sonho e contribuem para o processo terapêutico. Escolhemos citar esta pesquisa, pois a mesma aborda e destaca o aspecto relacional dos sonhos, tema pouco pesquisado pelos junguianos, além de embasar teoricamente a nossa premissa de que os sonhos são expressões do inconsciente que sinalizam os aspectos significativos das relações interpessoais. Observamos, porém, que este estudo não apresenta uma análise substancial da relação terapêutica e dos conteúdos manifestos dos sonhos.

A segunda pesquisa é de Gallbach (2000), que aborda o trabalho com grupo de sonhos. Para a autora, a compreensão e a elaboração dos sonhos num contexto grupal proporcionam ricas experiências para o indivíduo, tanto no papel de sonhador quanto como observador dos processos oníricos do restante do grupo.

Participaram da pesquisa cinco mulheres com idade entre 20 e 50 anos, profissionais com formação universitária. Na constituição do grupo, as participantes

passaram por uma entrevista inicial e foram informadas sobre a proposta do trabalho. Os encontros foram semanais e se estenderam por um período de dois anos. Em sua pesquisa, a autora apresenta um roteiro sistematizado de observação do sonho e propõe um trabalho que visa à elaboração dos sonhos e dos complexos presentes sob o prisma da abordagem junguiana.

Esse trabalho teve como objetivos apresentar formas de trabalhar com os sonhos que permitam a sua elaboração e compreensão, ampliar os benefícios para sua interpretação e permitir que cada participante entrasse em contato com suas mensagens oníricas através de exercícios e técnicas específicas. Cada participante levou seu próprio sonho e com ele participou individualmente de cada técnica proposta. Numa etapa posterior, o sonhador e o grupo teceram os comentários, as amplificações e as associações sobre o sonho. Apesar do enfoque terapêutico, esse trabalho não se configura como terapia em grupo. Cada técnica proposta tem quatro fases: relato do sonho a ser trabalhado para o grupo, instrução sobre o exercício, relato da experiência com o exercício e elaboração final. O terapeuta teve um papel ativo no grupo o tempo todo do trabalho: ele o orienta, apresenta as proposta e as instruções do exercício e coordena as discussões.

Quanto ao método de trabalho com os sonhos, Gallbach (2000) propõe um exercício denominado por ela de “processamento do sonho”, o qual é constituído por três fases. Na primeira, os elementos do sonho são observados, segundo a estrutura dramática proposta por Jung (1984), que envolve exposição, intriga, culminação e desenlace. Na segunda fase, trabalha-se a elaboração do complexo, buscando ligar o sonho com a vida do sonhador. Na última fase, denominada *recriação do sonho*, cada sonhador reconstrói e reescreve imaginativamente o sonho já trabalhado e reflete sobre tudo o que já foi elaborado.

O trabalho de Gallbach (2000) é uma contribuição do pensamento junguiano ao trabalho com sonhos em grupo e uma referencia importante para a nossa pesquisa, ao apresentar detalhadamente um método de trabalho de sonhos em grupo numa abordagem junguiana. Seu estudo aponta para a necessidade de produção de pesquisas que privilegiem a construção de modelos de trabalho com os sonhos em contextos relacionais como, por exemplo, com casais e famílias.

No terceiro momento da revisão, nosso foco incidiu sobre artigos que tratavam da inserção de técnicas de intervenções terapêuticas na terapia de casal, de acordo com a abordagem junguiana. As técnicas terapêuticas junguianas são

utilizadas para explorar as imagens arquetípicas ativadas no casal e conectá-las ao problema concreto, possibilitando o processo de simbolização.

Relacionamos os trabalhos de Benedito (1996, 2004, 2006), sobre a técnica da escultura corporal e o uso de sonhos na terapia de casal; de Nell (2005), sobre a eficácia do uso dos sonhos no trabalho com casais e grupo de casais; de Vargas (1981), sobre os tipos psicológicos; de Young-Eisendrath (1995), sobre técnicas psicodramáticas de comunicação e o uso de histórias no trabalho com casais; e de Carvalho e Sant'Anna (2000), sobre a caixa de areia na terapia de casal.

Os autores citados concordam que as técnicas terapêuticas na terapia de casal ajudam os parceiros a identificar, vivenciar e integrar os complexos inconscientes que atuam na dinâmica conjugal. Elas possibilitam ao terapeuta assistir aos casais em sua dificuldade de comunicação e auxiliá-los a encontrar formas criativas para a resolução de conflitos. Cabe notar a falta de trabalhos científicos que tenham como objeto de estudo os sonhos como um instrumento facilitador na terapia de casal.

Na abordagem junguiana, encontramos dois trabalhos que versam sobre esse tema: o livro de Renée Nell (2005), *The use of dreams in couple counseling: a Jungian perspective*, cuja edição ocorreu a partir de uma palestra sobre sua prática clínica com casais realizada pela autora em 1975, e o trabalho de Benedito (2006).

Benedito (2006), discorre sobre a utilidade terapêutica e o manejo do sonho na terapia de casal por meio de dois casos clínicos. No primeiro caso, foi trabalhado um sonho do cônjuge masculino e no segundo caso, uma série de quatro sonhos trazidos pela esposa. Para a autora, o sonho, como um fenômeno simbólico, utiliza a linguagem do inconsciente e pode ser considerado como uma manifestação do sistema conjugal.

Em sua proposta, o sonho é abordado do ponto de vista da imagem que engloba a situação total apresentada no relato do sonho. Assim, não se salienta qualquer fator ou elemento do sonho em detrimento de outro, mas procura-se apreender o sonho como um todo. Para Benedito (2006), quando apreendemos o sonho sob esse prisma, aproximamos o sonhador e o parceiro à linguagem das imagens e dos símbolos. O sonho é trabalhado no nível individual, buscando aplicar seu simbolismo e as associações do sonhador à dinâmica do casal. As percepções do parceiro do conjunto de imagens apresentado pelo sonhador são inseridas no

trabalho e é por meio das imagens trazidas para o *setting* que ele poderá se confrontar e realizar as reflexões necessárias.

Benedito (2006) faz importantes apontamentos para o trabalho clínico com casais ao mostrar a importância do sonho como instrumento terapêutico facilitador na promoção da intimidade e empatia entre os parceiros e seu envolvimento no processo da individuação do casamento. Como Nell (2005), ela ressalta as funções diagnósticas e prognósticas do sonho no trabalho com casais. Constatamos que, devido à natureza de seu artigo, o método de trabalho clínico com os sonhos, o lugar do terapeuta e a questão da transferência são temas discutidos apenas brevemente pela autora.

O artigo de Benedito (2006) contribuiu muito para a nossa pesquisa na medida em que ele é o único trabalho nacional na abordagem junguiana sobre o tema. Ele também nos motivou a estudar o presente tema e desenvolver um método de abordagem do sonho na terapia de casal, pois mostra o quanto os embasamentos teóricos da psicologia analítica possibilitam um trabalho profundo com casais.

Nell (2005) escreve sobre a eficácia da interpretação do sonho no trabalho com casais e com grupo de casais e apresenta vários relatos de casos clínicos. A autora começou a utilizar os sonhos na terapia de casal quando percebeu que estabelecia pouco contato com o inconsciente dos parceiros e, frequentemente, ela, como terapeuta, encontrava-se no mesmo impasse que o casal, ou seja, com poucos recursos psíquicos para aprofundar o trabalho junto ao casal.

A autora enumera quatro razões para inserir o sonho na terapia de casal:

- 1 - desde o primeiro encontro, os sonhos mostram a conexão entre o comportamento manifesto e a dinâmica inconsciente;
- 2 – os sonhos destacam os conflitos que levam à tensão e à projeção;
- 3 - confrontam cada parceiro com suas características e com as raízes profundas de seus problemas;
- 4 – tal abordagem permite *insight* nas situações transferenciais, facilitando, assim, as discussões sobre os relacionamentos sexual e em geral.

Para ela, na primeira fase da terapia, os sonhos podem ajudar no diagnóstico da saúde emocional dos parceiros e apontar um possível prognóstico. O tratamento então pode ser definido de acordo com o que o demonstrado pelo sonho. Na segunda fase, os sonhos podem mostrar as reações do inconsciente de cada parceiro e do casal à terapia, assim como os aspectos transferenciais. E, na última

fase, os sonhos indicam o desenvolvimento futuro da relação do casal e também podem indicar o momento apropriado para finalizar o processo terapêutico.

A autora cita um exemplo de dado caso no qual o marido tinha muitos pesadelos e um dia trouxe um sonho com a imagem de uma antiga fábrica onde estavam algumas máquinas que outrora eram fortes, úteis e duráveis, mas que se encontravam agora totalmente destruídas. No sonho, a única pessoa que poderia recuperá-las estava arruinada também. Segundo Nell, o sonho retratou uma cena de completa destruição e as associações deste sonho e de outros similares revelaram uma estrutura psíquica muito frágil e um diagnóstico ruim (NELL, 2005).

Segundo Nell (2005), por meio dos sonhos podemos observar o tipo psicológico dos parceiros e como eles estão agindo no casamento. Esse trabalho visa ajudar cada um a se conscientizar quanto ao seu próprio modo de abordar o meio e conscientizá-los das diferenças entre eles.

Nell (2005) não apresenta um método de trabalho sistematizado com os sonhos, mas mostra como, no decorrer de sua obra, ela realizou seu trabalho. No primeiro contato com o casal ela pede para que os parceiros prestem atenção aos seus sonhos e os escreva sempre que possível. O parceiro que traz o sonho é estimulado pela terapeuta a conectar algum acontecimento ou pensamento importante do dia anterior ao conteúdo do sonho. Segundo a autora, esse procedimento pode trazer associações importantes para o processo terapêutico. Em seguida, o sonhador faz as associações e as conecta à sua vida pessoal e/ou conjugal e então, de modo espontâneo, o outro parceiro também participa com associações e reflexões sobre seu o parceiro sonhador e o papel de ambos no relacionamento.

A importância de o sonho ser apreendido pelo casal de forma positiva e construtiva é salientada por Nell (2005), pois os sonhos, quando compartilhados num ambiente seguro, facilitam a troca de sentimentos e ideias. Assim, os parceiros aprendem a entender e interpretar seus sonhos dentro de uma relação íntima, a qual pode ajudar o casal a compreender as mensagens do inconsciente.

Na proposta de Nell (2005) para o trabalho em grupo com casais, o terapeuta coordena as discussões, associações e questionamentos. É ele quem deve avaliar quando o trabalho com o sonho é produtivo para o sonhador e para o grupo. No decorrer do trabalho em grupo, o foco pode incidir no tema que está sendo discutido naquele momento, na vida do sonhador, de seu relacionamento ou

mesmo em outros membros do grupo. A aproximação das dificuldades conjugais de outros casais ajuda o casal a olhar para o seu problema e se apropriar do que é interessante para ele, pois um mesmo sonho pode elucidar o problema de vários membros do grupo.

Assim, é crucial que o sonhador tenha uma estrutura egóica forte o bastante e uma experiência pregressa em análise individual para suportar a confrontação de um conteúdo onírico no grupo. A sombra de cada um, quando ativada, é trabalhada com o auxílio do grupo e segundo a experiência de Nell (2005), os parceiros aceitam mais quando são confrontados pelos membros do que pelo terapeuta.

Quanto ao papel do terapeuta no trabalho com os sonhos na terapia de casal, Nell adverte que ele deve permanecer o mais perto possível do sonho. Para ela, quanto menos o terapeuta estiver pessoalmente engajado em esperar que a situação se resolva, melhor ele apreenderá o que está acontecendo com o casal.

O terapeuta deve atentar para o modo como o sonho é relatado, para as reações não verbais do sonhador e do parceiro e para as reações do casal frente às imagens oníricas. Estas observações refletem aspectos da transferência, elucidam o lugar de cada parceiro no casamento e mostram como cada um está envolvido com o seu relacionamento e com o processo terapêutico.

Para a autora, algumas vezes é importante olhar o sonho relatado como uma reação à última sessão ou às intervenções do terapeuta. Este material possibilita um grande avanço terapêutico, pois pode ajudar tanto o casal em seu processo como o trabalho do terapeuta, mostrando-lhe a direção certa. A autora cita um caso em que a cliente traz um sonho no qual ela aparece como a mãe da sonhadora, alimentando a filha excessivamente, sem que esta consiga reagir. Só então, a terapeuta pôde perceber o quanto a sonhadora se sentiu ofendida com a leitura que ela havia feito sobre o sonho que a cliente trouxera na sessão anterior. Como sua mãe real, a terapeuta também havia se empolgado com as imagens do sonho que a cliente trouxera e havia sido negligente com as necessidades da mesma (NELL, 2005, p. 56).

O trabalho de Nell (2005), trouxe importantes contribuições para nossa pesquisa e pode ser considerado referência no trabalho com os sonhos na abordagem junguiana. Suas intervenções com o casal e com grupo de casais foram inovadoras e ajudaram a ampliar e aprofundar o trabalho com casais ao considerar e

trabalhar os conteúdos inconscientes que permeiam a relação conjugal. Apontou também a possibilidade de trabalhar com casais num contexto grupal.

Na quarta e última etapa do levantamento bibliográfico, foram pesquisados livros e artigos de autores junguianos e neo-junguianos a respeito da teoria e a prática dos sonhos a partir da proposta de Jung. Uma leitura atenta das obras completas de Jung também se realizou. Outros textos e autores utilizados como referências para essa pesquisa foram explicitados no corpo do trabalho.

Os artigos selecionados mostraram que os estudos sobre os sonhos, em sua maioria, se concentram no trabalho individual e pouco tem sido escrito sobre os sonhos em outras modalidades de tratamento. Quanto ao uso dos sonhos na prática clínica, os estudos apontam que apesar de seu valor terapêutico ser reconhecido pelos terapeutas, ele é utilizado apenas ocasionalmente. Uma das razões levantadas pelos autores seria a escassez na literatura de estudos que forneçam diretrizes para sua utilização, de maneira que eles se sintam mais habilitados para o trabalho o com os sonhos com casais (PERMULTER; BABINEAU, 1983; SCHEREDL ET AL., 2000; KOLCHAKIAN; HILL 2000; PENSANT; ZADRA, 2004).

A dificuldade de operacionalizar a interpretação dos sonhos foi apontada como um dos obstáculos para o desenvolvimento de pesquisas científicas nesta área. Em nossa revisão, encontramos as pesquisas empíricas desenvolvidas por Hill e Kolckakian (2002) sobre o trabalho com os sonhos na terapia de casal sob o prisma cognitivo-comportamental. Além delas, deparamos com outros artigos científicos que tratam desta temática por meio de casos clínicos, mostrando a psicodinâmica do processo de terapia do casal e o referencial teórico no qual o trabalho é embasado.

Todos os trabalhos mencionados consideram o valor terapêutico do sonho na terapia de casal e também as diversas funções no processo terapêutico. Como um fenômeno simbólico que se manifesta no sistema conjugal, o uso de sonhos na terapia permite a realização de um trabalho profundo que considera o relacionamento do casal, a individualidade de cada cônjuge e as diferentes formas de conjugalidade. O papel do terapeuta de casal como um participante ativo no trabalho também foi destacado. Entre as funções citadas estão: coordenar as discussões, estimular e conduzir as associações em direção ao relacionamento conjugal, apresentar atividades para abordar os aspectos interpessoais do sonho e facilitar a aproximação do parceiro ao material onírico.

O conjunto dos trabalhos colhidos mostra o valor terapêutico do sonho e aponta para a falta de estudos que forneçam dados que possam capacitar os terapeutas clínicos a trabalharem de forma mais segura e contínua com os sonhos na terapia de casal.

Tais estudos reforçam a importância do papel ativo do terapeuta para que o trabalho com os sonhos possa ajudar o casal a construir um relacionamento suficientemente bom e criativo. Finalmente, estes dados nos mostram que no trabalho interpessoal a maneira como o sonho é conduzido na sessão interfere no resultado do seu alcance terapêutico enquanto um instrumento facilitador do processo.

Esta revisão da literatura sobre o trabalho com os sonhos na terapia de casal pareceu-nos bastante útil, pois além de possibilitar a compreensão dos aspectos do uso clínico dos sonhos no atendimento, mostrou as importantes descobertas feitas nesta área e apontou o que ainda precisa ser pesquisado. Por meio deste levantamento, pudemos responder algumas questões que norteiam nossa pesquisa: O sonho que surge no contexto da terapia de casal é terapêutico por si só? Como terapeutas, podemos sugerir formas de abordar o sonho que o torne mais efetivo, funcional e produtivo no processo terapêutico do casal?

Assim, a relevância da nossa pesquisa está na constatação de que há poucos estudos disponíveis na literatura científica sobre métodos de interpretação de sonho no contexto relacional. Neste sentido, nossa proposta de pesquisa é desenvolver um método de trabalho com os sonhos na terapia de casal sob o prisma da psicologia analítica. Acreditamos que este estudo venha colaborar para o preenchimento desta lacuna, fornecendo diretrizes para o trabalho com os sonhos, de maneira que os profissionais possam sentir-se mais habilitados para trabalhar com os sonhos e transformá-lo numa ferramenta útil na terapia de casal.

4 OBJETIVOS

4.1 Objetivo Geral

Propor um método de trabalho com os sonhos na terapia de casal.

4.2 Objetivo Específico

Elucidar como o trabalho com os sonhos na terapia de casal proporcionou a criação de insights dos casais participantes em relação aos conflitos conjugais e à dinâmica conjugal.

5 Método

Nesta pesquisa sobre o trabalho com os sonhos na terapia de casal, empregou-se o método qualitativo por julgá-lo adequado à natureza deste estudo. O método qualitativo possibilita uma melhor compreensão dos fenômenos humanos em nível profundo e também a análise dos processos psíquicos por meio dos quais os sentidos podem ser construídos e expressos em diferentes momentos da vida dos indivíduos e do casal. Assim, a construção da intersubjetividade ocorre a partir da relação dialética entre o pesquisador e o fenômeno estudado e da investigação da realidade psíquica, tanto de uma perspectiva subjetiva como objetiva.

De acordo com Turato (2005), os pesquisadores qualitativos analisam os fenômenos no *setting* em que ocorrem, preocupando-se em interpretá-los em termos das significações que tais fenômenos ganham para as pessoas que os vivenciam. Portanto, a ênfase recai no processo e nos significados, permitindo ao pesquisador maior liberdade para observar e interagir com os fenômenos e, assim, entender as ligações entre os elementos e observar as novas configurações que possam surgir.

Como salienta Cozby (2003), na pesquisa qualitativa leva-se em conta a presença do observador/pesquisador, que, ao interagir com a realidade, investigada por meio de sua própria subjetividade, conseqüentemente a modifica, sem no entanto anular a sua validade. O fenômeno é construído e observado dentro de uma experiência relacional viva, na interação com o outro no *setting* terapêutico. O movimento de aproximação e distanciamento do pesquisador/terapeuta em relação aos participantes/casal permite-nos a construção da análise dessas relações. Desse modo, as informações são construídas por meio das relações ativas entre os participantes e o investigador, permeadas o tempo todo por elementos conscientes e inconscientes (FARIA, 2003).

O caráter descritivo, compreensivo e interpretativo do método qualitativo nos permite apreender as diferentes formas de expressão da subjetividade do indivíduo, do casal e do terapeuta nos diferentes momentos do atendimento. Portanto, ele possibilita a leitura e a análise simbólica dos fenômenos oníricos e de sua relação com o conflito do casal.

No presente estudo, utilizamos como base os pressupostos da pesquisa qualitativa e da Psicologia Analítica, os quais estão relacionados entre si quanto à

consideração da relatividade da natureza do homem e da complexidade do conhecimento humano. Segundo Penna (2005), Jung, ao afirmar o paradoxo e a contradição inerente ao ser humano, assim como sua infinita complexidade e diversidade, propõe uma psicologia alinhada com uma visão integrativa e construtiva do conhecimento, inserida na ciência contemporânea. A mesma autora, ao discorrer sobre a psicologia do inconsciente, a epistemologia e sobre os métodos para o estudo científico do psiquismo humano surgidos nas primeiras décadas do século XX, escreve:

Esses métodos estão baseados numa concepção ontológica e pressupostos epistemológicos que situam o inconsciente como um fator preponderante na vida humana, interferindo e alterando o funcionamento da consciência em todos os seus aspectos. As relações interpessoais, os comportamentos e atitudes, e as relações intrapsíquicas são consideradas manifestações no nível consciente de demandas inconscientes que se associam às situações existenciais e à vivência subjetiva dos indivíduos. (PENNA, 2003, p. 69).

Dessa forma, Penna (2005) propõe o método de investigação junguiano, partindo da perspectiva simbólico-arquetípica, na qual o fenômeno psíquico investigado é o símbolo, cuja função é intermediar a relação consciente e inconsciente. O símbolo é considerado a porta para o conhecimento, a linguagem por meio da qual este apresenta suas demandas ao consciente. Esse referencial balizou esta pesquisa, que teve como foco a experiência simbólica com os sonhos do casal em relação aos seus conflitos.

Nesta pesquisa, tínhamos como objetivo elaborar um método de trabalho com os sonhos na terapia de casal, dentro dos pressupostos da Psicologia Analítica. Nossa questão: como realizar este trabalho?

Do grego, método (de *meta* e *hodós* – via, caminho) pode ser entendido como um caminho para se chegar a determinados objetivos, dentro de uma investigação científica (CUNHA, 2010,p. 424). Implica também a criação de fases ou passos para a sua execução, procedimentos e determinadas atitudes necessárias para a sua consecução.

Assim, estávamos interessados em desenvolver um trabalho mais empírico, criar um caminho prático para o trabalho na terapia de casal.

Ao iniciarmos a pesquisa, já possuíamos um modo de trabalho com os sonhos em terapia de casal, fruto de nossa prática e advinda de inúmeras

influências, tanto práticas como teóricas (BUSTOS, 1990; CAILLÈ, 1994; GALLBACH, 1995; BENEDITO, 1996; KOLCHAKIAN; HILL, 2000).

Por isso, pensamos em extrair o método da pesquisa e, especificamente, suas fases, objetivos e procedimentos a partir do trabalho clínico com casais. Dessa forma, poderíamos sistematizar, por meio desta investigação, a operacionalização deste processo, e oferecê-la como contribuição para terapeutas que trabalham com casais na abordagem junguiana e em outras abordagens.

5.1. Participantes

Participaram da pesquisa dois casais heterossexuais que foram selecionados de acordo com os seguintes critérios: classe socioeducacional média/superior, manter uma relação conjugal estável, não considerar no momento presente a possibilidade de rompimento, residir junto há mais de um ano e possuir projetos de vida em comum. Cada casal deveria estar vivenciando um conflito conjugal e habitualmente atentar para seus sonhos.

Esses critérios garantiram que os casais apresentassem um relacionamento suficientemente bom para lidar com os conflitos no *setting* terapêutico, conhecimento um do outro e disponibilidade para o trabalho com os sonhos. Não optamos pelo critério de idade, tempo de união e tipo específico de conflito conjugal, pois não foi objetivo desta pesquisa estudar um conflito conjugal, em particular dentro de uma etapa específica do casamento ou do ciclo vital do casal.

Três casais foram encaminhados por colegas da área que tinham conhecimento da realização da pesquisa. Dos três casais, dois foram selecionados pela pesquisadora. O casal não selecionado tinha um ano e seis meses de convivência, considerando-se o tempo de namoro e casamento. Cada um dos parceiros apresentava uma idealização muito grande em relação ao outro e ao casamento, e ambos não conseguiram definir com clareza o conflito que os afligia. Assim, a pesquisa contou com o número de dois casais, o qual foi considerado adequado, pois permitiu que se coletasse material suficiente para alcançar o objetivo proposto.

Para preservar a identidade dos casais participantes, utilizamos nomes fictícios. Dessa maneira, o primeiro casal é formado por Joel, 48 anos, bancário, e Lana, 29 anos, fisioterapeuta, sem filhos. Moram juntos há seis anos e não são casados oficialmente. É o segundo casamento do marido, que no primeiro teve dois filhos com 20 e 22 anos.

O segundo casal é formado por Paulo, 27 anos, e Rita, 30 anos. Eles estão casados há um ano e seis meses e não têm filhos. O casal possui nível de escolaridade superior completo e ambos trabalham como educadores.

5.2 Procedimento

Iniciou-se a pesquisa com sua divulgação entre os profissionais da área que atuavam na cidade de Bauru-SP, a qual foi promovida por nós, incumbindo-nos, portanto, contatar os profissionais pessoalmente, por e-mail e por telefone. Uma seleção prévia já havia sido realizada, uma vez que os colegas que encaminharam os casais tinham conhecimento dos principais critérios para escolha dos participantes.

Os três casais encaminhados foram contatados pela terapeuta via telefone e foi explicado a eles, de modo sucinto, que se tratava de uma pesquisa sobre o trabalho com os sonhos na terapia de casal. Comunicou-se que eram procurados casais que estavam juntos há mais de um ano, mantinham um relacionamento estável, estavam vivenciando um conflito e costumavam prestar atenção a seus sonhos.

5.2.1 Entrevista inicial

Em seguida, foi marcada a primeira entrevista, na qual cada casal foi informado separadamente sobre a natureza da pesquisa, o objetivo do estudo, assim como a possibilidade de participarem ou não dela. Tanto a entrevista quanto todos os atendimentos para a coleta de dados foram realizados em lugar seguro, com sala apropriadamente estruturada para terapia de casais. Todos os encontros, inclusive a entrevista, foram gravados com o conhecimento e a permissão dos

casais. O gravador era ligado na presença do casal no início de cada sessão e desligado no final desta.

Na entrevista, com duração de 1h30, levantou-se a história do casal, algumas informações sobre sua vida, as queixas trazidas e o quanto elas estavam interferido no relacionamento conjugal. Investigamos também a ótica de cada parceiro sobre o conflito, sobre o papel do sonho na vida deles, bem como as expectativas e a disponibilidade de cada um em relação ao trabalho terapêutico. Dentro do prazo de uma semana, os casais foram informados por nós sobre a sua inclusão ou não no estudo.

Para a viabilidade da pesquisa, foi adotada a terapia breve focal. Apesar de não objetivarmos propor um método de trabalho com o sonho para ser utilizado exclusivamente na terapia breve de casal, esse tipo de atendimento permitiu limitar o tempo de duração do processo e assinalar o início, o desenvolvimento e o encerramento do atendimento, quesitos importantes para a realização da pesquisa.

5.2.2 O enquadre

O enquadre terapêutico foi realizado de acordo com a delimitação do problema a ser trabalhado, do número e tempo das sessões, assim como dos possíveis ganhos terapêuticos. O tempo médio de duração foi de 12 a 16 sessões – sendo a frequência dos encontros semanais.

A terapia breve é uma abordagem que se caracteriza por um processo que se desenvolve em torno de uma situação específica, ou seja, de uma área de dificuldade psicológica, e que se realiza em um espaço de tempo mais curto que as terapias chamadas clássicas. De acordo com Santos (1997, p.31), o tempo limitado não é a única caracterização da chamada psicoterapia breve, pois esta envolve mais que isso, ou seja, uma sistematização própria que apresenta “objetivos precisos centrados na evolução de um foco”.

Portanto, de um modo geral, a terapia breve pode ser caracterizada por uma psicoterapia de tempo limitado, objetivos precisos e foco previamente estabelecido. Outros aspectos do enquadre terapêutico e da postura do terapeuta podem ser considerados, como delimitação do campo terapêutico para a indicação da modalidade de tratamento, tempo máximo de sessões, sua duração e o tempo de

intervalo entre uma sessão e outra (MELLO, 1998; SANTOS, 1997). Esses aspectos contribuíram para decidir-se por esse tipo de atendimento, uma vez que vislumbrávamos como meta elaborar um método de análise de sonhos com casais que estavam vivendo um conflito naquele momento de sua vida.

Inicialmente, introduziu-se o termo de consentimento, pelo qual os casais concordaram em participar da pesquisa. Em seguida, na primeira sessão com cada casal, estabelecemos um contrato terapêutico, entendido como um compromisso explicitado e bem definido, para que todas as partes envolvidas diretamente entendessem claramente tanto as demandas práticas da situação terapêutica quanto suas limitações e possibilidades.

Realizamos o contrato terapêutico com cada casal de terapia breve, sendo esta gratuita, com tempo de duração de 12 a 16 sessões. Os atendimentos dos casais ocorreram no período de agosto de 2007 a fevereiro de 2008. As sessões tiveram frequência semanal e duração de aproximadamente 80 minutos. O tempo de cada atendimento de casal é, em geral, mais longo do que o atendimento individual, que dura em torno de 50 minutos. O registro das sessões foi feito por meio das gravações e de nossas anotações no decorrer dos atendimentos.

5.2.3 O trabalho realizado com os casais

Foram trabalhados oito sonhos com o casal Joel e Lana segundo o método proposto. Dois deles, “Atrasada” e “Inadequação”, foram trabalhados na segunda sessão, em 01/10/07, sob a alegação de que continham temáticas semelhantes. Outros dois sonhos, “Fragilizada” e “Sem Saída”, foram trabalhados posteriormente, na quinta sessão, em 29/10/07.

Na sétima sessão, realizada em 19/11/07, quatro sonhos foram relatados, e o casal elegeu o sonho “O Sequestro” para ser trabalhado naquele momento. Dentre os sonhos restantes, o sonho “Medo” foi escolhido e trabalhado na nona sessão, em 03/12/07. O penúltimo sonho, “Contramão”, foi relatado e trabalhado na décima terceira sessão, em 21/01/08, e o último sonho, “Contundida”, foi trabalhado na décima quarta sessão, em 28/02/08.

Com o casal Rita e Paulo foram trabalhados seis sonhos. O primeiro, intitulado “Traição”, foi relatado na primeira sessão, em 08/08/07 e trabalhado na

terceira sessão, em 22/08/07. Na sétima sessão, realizada em 26/09/07, trabalhamos com o sonho de Paulo “O Encontro”. Na nona, em 10/09/07, cada parceiro relatou um sonho e o casal decidiu trabalhar o sonho de Rita intitulado “O Vizinho”. Na décima primeira sessão, em 24/10/07, trabalhamos o sonho de Paulo “O Início”; na décima terceira, em 27/11/07, o sonho de Rita “Desafio” e, finalmente, na décima quinta sessão, trabalhamos com o casal o sonho de Paulo intitulado “Iniciativa”.

5.2.4 Contrato terapêutico

Discorremos sobre o horário dos atendimentos, a frequência, o papel do terapeuta e do casal, a questão do sigilo profissional, o uso do gravador, das anotações nas sessões e sobre as expectativas de cada parceiro em relação à terapia. Foi abordada também a questão da ética entre o casal quanto aos conteúdos discutidos nas sessões e sugerimos a eles que ficassem atentos para não fazer uso desses conteúdos fora do seu contexto.

Como o trabalho com o sonho fazia parte do estudo, solicitamos aos casais que observassem seus sonhos e os escrevessem, quando possível, para não os esquecer totalmente ou parcialmente. Também sugerimos que os trouxessem redigidos ou apenas memorizados, de forma livre e espontânea, conforme eles fossem surgindo. Os casais foram informados de que não precisariam trazer sonhos em todas as sessões, pois não se teria um número de sonhos previamente estipulado, nem mesmo trabalhar-se-ia, necessariamente, com sonhos em todas as sessões.

Os casais poderiam relatar qualquer sonho que julgassem ser pertinente, e não apenas aqueles com seus respectivos cônjuges. Cada cônjuge foi estimulado a entrar em contato com o seu sonho e o sonho do parceiro livre de julgamentos, com atitude de respeito e aceitação em relação aos conteúdos oníricos, assim como em relação aos recursos internos e o tempo que cada um necessitou para lidar com os conteúdos levantados durante o trabalho.

5.2.5 O trabalho com os sonhos com os casais

No trabalho com os casais, nosso foco foi a conjugalidade. Assim, o sonho relatado e trabalhado no *setting* foi direcionado e colocado a serviço da dinâmica do casal.

Utilizamos o termo “sonho na terapia de casal” para nos referir ao trabalho com o sonho, pois, para nós, a presença do sonho por si só na terapia pode ser apenas um dado entre outros, mas entendemos ser o trabalho com o sonho que o torna uma ferramenta terapêutica.

Os sonhos relatados pelos casais foram trabalhados de modo a tornar suas imagens e conteúdos eficazes para a compreensão da situação atual do casal e do processo terapêutico como um todo. Como se tratou de uma proposta de psicoterapia breve, os sonhos foram vistos em relação ao conflito que o casal estava vivenciando naquele momento e, a partir daí, buscamos observar como eles sinalizavam, delineavam e elucidavam o conflito.

O trabalho com os sonhos foi realizado de forma flexível e adaptável às especificidades de cada casal, ao seu momento presente, ao estilo e à criatividade do terapeuta e ao vínculo estabelecido com cada um. Procuramos estabelecer uma postura de interação entre analista e analisando e, no decorrer do processo, a tríade terapeuta-marido-mulher construiu junto uma maneira de apreender as mensagens oníricas e encontrar seus significados.

Nossa postura como terapeuta foi participativa e diretiva, na medida em que funcionou como sinalizadora, atentando o casal para voltar para o sonho quando este tendia a usar o relato de fatos para se desviar do contexto onírico, para tecer conclusões precipitadas ligadas à problemática do casal, ou mesmo direcionando acusações ao parceiro. Outras intervenções de nossa parte foram realizadas, como solicitar ao parceiro “ouvinte” que se dispusesse a ouvir mais atentamente o sonho relatado e que participasse da apreciação de cada sonho escolhido no sentido de abordá-lo de forma mais completa possível.

Todos os sonhos apresentados foram ouvidos e posteriormente, o casal elegeu o sonho que seria trabalhado. Houve sessões em que os sonhos não foram trabalhados. O tempo de trabalho com cada sonho variou: alguns foram trabalhados em uma única sessão e outros demandaram mais tempo. Procuramos dar espaço suficiente para as associações, as amplificações e para os *insights* do casal. De

acordo com o assunto surgido nas sessões, os sonhos já trabalhados foram evocados tanto pelos parceiros quanto pela terapeuta e serviram como referencial para as discussões e reflexões do assunto em pauta.

A seguir, descreveremos como trabalhamos cada sonho com as casais nas sessões.

Após o casal definir o sonho a ser trabalhado, pedimos ao parceiro sonhador que relatasse o sonho duas vezes em voz alta e no tempo presente. Consideramos que o relato no tempo presente poderia facilitar a aproximação de sentimentos e emoções e permitir o acompanhamento da narrativa, das ações e dos sentimentos tanto das personagens quanto do ego onírico, assim como o relato em voz alta poderia ajudar o sonhador a ouvir o sonho que ele, no momento, está compartilhando com o parceiro.

Enquanto o parceiro sonhador narra o sonho e o outro o ouve, ambos podem se concentrar nas emoções que sentem e, assim, entrar em contato como casal no contexto da experiência onírica. Então, o sonho passa a ser visto como algo diferenciado que está a serviço da relação, como o “sonho do casal”.

Ao parceiro, foi solicitado que ouvisse o relato do sonho “como se fosse seu”. Com essa instrução, objetivamos propiciar aos parceiros uma vivência de empatia, atitude, a nosso ver, muito importante na terapia de casal.

Num segundo momento, propusemos um exercício com o objetivo de abrir um espaço para o casal exercitar sua capacidade de dialogar e de encontrar uma resolução comum a partir de diferentes opiniões. Nesse sentido, solicitamos ao casal que escolhesse um título para o sonho narrado que sintetizasse as ideias dos dois parceiros sobre a narrativa.

Concedemos o tempo necessário para que pudessem dialogar sobre a percepção de cada um sobre o sonho narrado e então chegassem a um acordo a partir das sugestões de ambos. Nesse momento, permanecemos em silêncio, apenas observando a discussão do casal. Nossa presença como terapeuta comunicou aos parceiros que eles estavam sendo observados e cuidados. Dar um título para o sonho ajudou o casal a observar o relato deste como um todo e se aproximar dele como o “sonho do casal”.

A etapa seguinte envolveu a apreciação detalhada dos elementos do sonho em questão. Esse trabalho caracterizou-se pela apreciação dos aspectos dos elementos dos sonhos. Percebemos que, nesse momento específico, a participação

do parceiro sonhador foi mais proeminente do que a do parceiro ouvinte, pois foi aquele quem trouxe o material onírico. Diante disso, estimulamos o parceiro a ficar atento à análise dos elementos e a contribuir com o trabalho de compreensão da estrutura dramática destes. Para isso, pedimos que falassem de suas impressões, descrevessem as imagens que lhes ocorressem ao ouvir o sonho “como se fosse seu” e dialogassem a respeito das impressões do parceiro sonhador.

Na abordagem do sonho em seu contexto intrínseco, procuramos nos aproximar das imagens oníricas observando os aspectos dos elementos que o compõem. As imagens dos sonhos foram exploradas por meio de descrições detalhadas, o que ajudou o casal a experimentar as emoções ligadas a elas e motivar associações. Logo, utilizamos como referência para a exploração os quatro momentos da narrativa dramática sugeridos por Jung (1984), que são: exposição, intriga, culminação e desfecho ou lise. Estes momentos serviram como um guia para realizarmos uma observação mais completa possível do sonho relatado,

Após a análise contextual do sonho narrado, passamos à terceira fase, a fase final do trabalho com o sonho. O casal foi convidado a se situar na narrativa e nas imagens oníricas, e relacioná-las ao conflito conjugal. A partir das associações pessoais, amplificações e dos *insights* alcançados, eles puderam falar de seus conflitos tanto no âmbito individual como no âmbito conjugal.

Nesse momento, levantamos com o casal algumas questões para ajudá-los a refletir sobre o relacionamento à luz do sonho trabalhado, tais como: “O que o sonho ilustrou além da situação apresentada?” “Que mensagem o sonho trouxe para o casal e para cada um dos parceiros?”

Para ajudar os casais a olhar os aspectos interpessoais do sonho e refletir por meio dele sobre o conflito conjugal, a terapeuta propôs uma atividade gráfica com um sonho, com cada casal (FURTH, 2006). Com o Casal 1, trabalhamos o sonho “O Sequestro”, na 7ª sessão (em 19/11/07) e com o Casal 2, o sonho “Início” na sessão em 27/11/07.

Solicitamos que cada um expressasse graficamente o que cada parceiro havia vivenciado no sonho. Para tanto, foram oferecidos materiais gráficos, como folha de papel sulfite, lápis preto e lápis de cor.

Após a realização da atividade, solicitamos que cada um comentasse seu próprio desenho e, logo em seguida, os parceiros mostraram seus desenhos um para o outro e conversaram sobre a visão de cada um sobre o sonho. Essa atividade

foi realizada com um sonho de cada casal, cujo objetivo foi ampliar um pouco mais sua vivência com as imagens trazidas pelo sonho, aproximá-los da mensagem nele contida e aprofundar sua reflexão sobre o relacionamento e o conflito conjugal.

Ao final dessa terceira fase do trabalho com os sonhos, estimulamos o casal a falar sobre os conflitos presentes na relação, os obstáculos que precisavam ser superados e como cada parceiro poderia contribuir para a construção de um relacionamento mais harmonioso.

5.3 Procedimento de análise dos dados

Para o procedimento da análise dos dados utilizamos a análise de conteúdo, que, segundo Bardin (1979) e Rey (2005), é definida como um conjunto de técnicas de análise da comunicação que objetiva alcançar, por meio de procedimentos sistemáticos, indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos às produções e recepções das mensagens. Dessa forma, neste estudo, por meio da análise de conteúdo, os elementos objetivos e subjetivos foram considerados e a análise foi feita de maneira exploratória, de modo que esse conteúdo foi organizado em categorias.

Inicialmente, procedemos à leitura do material, das sessões transcritas dos dois atendimentos de casal. Foi necessário ler e ouvir o material coletado para termos uma ideia de todo o processo terapêutico.

Como o nosso objetivo era elaborar um método de trabalho com os sonhos, realçamos os sonhos no atendimento, selecionamos as sessões em que eles foram trazidos, assim como observamos o modo como os sonhos foram trabalhados e o resultado deste trabalho.

Em seguida, construímos as categorias para a elaboração do método. À primeira categoria denominamos Fases e subfases do método.

5.3.1 Categoria I

Percebemos que o método que emergia se desdobrava em três momentos ou fases: Sonho do casal, Apreciação e Reflexão.

5.3.1.1 Sonho do casal

A primeira fase do método, *Sonho do casal*, refere-se ao momento inicial do trabalho com os sonhos, quando este foi trazido por um dos cônjuges e o casal passou a olhá-lo conjuntamente. Tratou-se, portanto, de direcionar o trabalho com o sonho compartilhado por um dos parceiros no *setting*, em direção ao relacionamento conjugal, colocando-o a serviço da relação.

Esta fase dividiu-se em algumas subfases, que denominamos:

- **Contar o sonho**

No início do atendimento os casais foram estimulados a atentar para os seus sonhos e anotá-los se achassem necessário. Qualquer sonho poderia ser contado nas sessões. Todos os sonhos trazidos pelos parceiros foram ouvidos pela terapeuta atentamente e sem interrupção.

- **Escolher o sonho**

Depois de contar o sonho, o casal decidia se gostaria de trabalhar ou não com ele na sessão. Caso houvesse mais de um sonho, o casal poderia escolher um deles para ser trabalhado.

- **Relato**

Após o casal definir o sonho a ser trabalhado, pedimos ao parceiro sonhador que relatasse o sonho duas vezes em voz alta e no tempo presente. Enquanto o parceiro sonhador narrava o sonho, o parceiro ouvinte era estimulado a ouvir o sonho “como se fosse seu”.

Neste momento, os parceiros podiam se concentrar nas emoções que sentiam e, assim, como casal, entrar em contato com o contexto da experiência onírica. Então, o sonho podia passar a ser visto como algo diferenciado, que estava a serviço da relação, como o “sonho do casal”.

- **Título**

Num momento seguinte, propusemos um exercício com o objetivo de abrir um espaço para o casal exercitar sua capacidade de dialogar e de encontrar uma resolução comum, com base em diferentes opiniões. Solicitamos ao casal que

escolhesse um título para o sonho narrado, que sintetizasse as ideias dos dois parceiros sobre a narrativa. Concedemos o tempo necessário para que os parceiros pudessem dialogar a respeito da percepção de cada um sobre o sonho narrado e chegassem a um acordo, baseado nas sugestões de ambos. Nesse momento, a terapeuta permanecia em silêncio, apenas observando a discussão do casal.

5.3.1.2 Apreciação

Refere-se à observação detalhada por parte do casal das imagens oníricas e dos temas que elas evocam. Esta etapa envolveu a apreciação do sonho em seu contexto intrínseco. Procuramos nos aproximar das imagens oníricas, observando os aspectos dos elementos que o compõem. As imagens dos sonhos foram exploradas por meio de descrições detalhadas, o que ajudou o casal a experimentar as emoções ligadas a elas e motivar associações. Utilizamos os quatro momentos da narrativa dramática sugeridos por Jung (1984), que são: exposição, intriga, culminação e desfecho ou lise. Realizamos com o casal uma observação mais completa possível do sonho relatado, procurando acompanhar sua narrativa.

Estimulamos os parceiros a participar da análise dos elementos e a contribuir com o trabalho de compreensão da estrutura dramática, solicitando que falassem de suas impressões, dos temas presentes no sonho, sobre as associações e amplificações tecidas e sobre os insights alcançados após o contato com as imagens.

Nesta fase, os sonhos foram trabalhados, na sessão, segundo os critérios: contexto onírico, associações pessoais, amplificações, temas oníricos, insights do casal e hipótese sobre os conflitos.

- **Contexto onírico**

Trata-se do cenário onde se passa o sonho, quando a cena da ação, a situação e os protagonistas são apresentados por meio da narrativa.

- **Associações pessoais**

Comentários sobre as imagens simbólicas que surgiram nos sonhos, as

quais se encontram ligadas às vivências pessoais do casal.

- **Amplificações**

Material expresso verbalmente pelo casal ou pelo terapeuta que promoveu a expansão do contexto da interpretação das imagens oníricas, permitindo que seu conteúdo, tanto manifesto como latente, fosse explorado.

- **Temas oníricos**

Motivos encontrados na narrativa do sonho que ajudaram o casal a identificar e abordar os elementos presentes na dinâmica relacional.

- ***Insights do casal***

O sentido que o trabalho com o sonho propiciou ao casal em relação a uma situação específica, isto é, as percepções das conexões significativas entre as mensagens oníricas e o conflito conjugal.

- **Hipóteses sobre os conflitos**

As hipóteses dos conflitos dos casais que, segundo a terapeuta, os sonhos foram apontando no decorrer do trabalho.

5.3.1.3 Reflexão

Nesta terceira fase, finalmente, o casal foi estimulado a relacionar os aspectos trabalhados com os sonhos aos conflitos do casal. Ou seja, foi estimulado pela terapeuta a se situar na narrativa e nas imagens oníricas, a fim de relacioná-las ao conflito conjugal. Toda vivência com o sonho, os aspectos dos elementos presentes nele, assim como as próprias imagens oníricas, neste momento, foram evocados tanto pelo casal como pelo terapeuta, para ilustrar, clarear e mediar o diálogo sobre o conflito e as possíveis formas de lidar com ele. Procuramos estimular o casal a lidar com problemática do relacionamento por meio do que foi vivenciado com o trabalho com o sonho. Nesta fase, o casal foi convidado a falar sobre seu relacionamento, seus conflitos, expectativas em relação ao casamento e

os *insights* alcançados. E por fim, refletir juntos sobre as possíveis formas de resolver os conflitos emergentes.

5.3.2 Categoria II

Após o delineamento das fases, observamos quais as repercussões que cada subfase provocara na dinâmica do casal. Construímos, então, a categoria II, denominada “As repercussões do método na dinâmica conjugal”.

A partir das análises nas Categorias I e II pudemos construir um método de trabalho com os sonhos, que inclui: objetivos, procedimentos e atitudes terapêuticas, que serão apresentados na discussão.

5.4. Cuidados éticos

A orientação do Comitê de Ética da PUC-SP, protocolo da Pesquisa nº 158/2007, foi cumprida e as informações pessoais dos participantes foram alteradas, de modo a garantir o sigilo de suas identidades.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo A) foi entregue para cada casal e examinado juntamente conosco. Este continha nossos dados pessoais, a natureza da pesquisa, sua justificativa e procedimento. Esclarecemos aos casais o método de trabalho, a terapia breve focal, o número e tempo de duração das sessões e, também, o uso do gravador e de anotações nas sessões, informando-se, ainda, que eles poderiam desistir do programa em qualquer momento.

Garantimos o sigilo sobre a identidade dos participantes e foram omitidos quaisquer dados que os pudessem identificar. Esclarecemos aos participantes as possibilidades e os limites dos benefícios de sua participação neste estudo.

Oferecemos para os casais suporte terapêutico no decorrer do processo, como sessões extras, caso estes sentissem necessidade de mais de uma sessão semanal, assim como após o término dos atendimentos.

6 RESULTADOS E ANÁLISE

No presente capítulo apresentaremos o trabalho com os sonhos no contexto de terapia breve com os dois casais participantes da pesquisa. Transcrevemos o sonho trabalhado de acordo com as fases do método e tecemos comentários sobre a relação do trabalho com o sonho, o conflito do casal e sua dinâmica.

6.1 Casal 1: Lana e Joel

Histórico do casal

Lana é uma mulher jovem, simpática, de 29 anos, que trabalha como fisioterapeuta e gosta muito de sua profissão. Joel é um homem de 48 anos, simpático, que procura ser agradável com as pessoas. É bancário e diz que está descontente com a sua profissão, pois trabalha muito e não tem uma boa qualidade de vida.

O casal está junto há seis anos e se conheceu no trabalho. Na época, Lana tinha 23 anos, era solteira, sem filhos, e Joel era desquitado e tinha dois filhos do primeiro casamento, hoje um com dezoito e outro com vinte anos. No início do namoro, Lana costumava ficar no apartamento de Joel, até que um dia se mudou para lá definitivamente. O filho mais novo de Joel mora com o casal há quatro anos, enquanto o mais velho mora com a mãe. em outra cidade. Segundo o casal, ao assumirem o namoro, eles tiveram que enfrentar muitos conflitos com a ex-mulher, os filhos e com a família de Lana. Para Joel, “a ex-mulher até hoje instrui os filhos a não serem cordatos com Lana.”

Joel tem uma irmã e um irmão mais novos e, desde que perdeu o pai, aos 13 anos, sente-se responsável pela família, especialmente pela mãe, a qual até hoje ajuda e se envolve com seus problemas. Conta que o pai era viajante e que tinha muito ciúmes da mãe. Ele era um homem reservado e não tinha intimidades com os filhos, e quando estava em casa não gostava que a esposa saísse e o deixasse sozinho. Joel conta que sua mãe trabalhou muito para que ele pudesse estudar e que seu cunhado também o ajudou financeiramente quando ainda era estudante.

Lana pertence a uma família simples, filha mais nova de quatro filhos, o pai é operário, e sua mãe, dona de casa. Refere-se ao pai como uma pessoa que sempre esteve distante de sua vida pessoal, que não participou de nenhum evento importante de sua formação educacional e social, como sua primeira comunhão, seu batismo, quando entrou na igreja, e nem de suas formaturas do colegial, do curso técnico e da faculdade. Sentia que ele não se importava com ela.

Segundo Lana, no início do namoro, sua família não aceitava o relacionamento por Joel ser mais velho e ter sido casado. Mas, com o tempo, seu marido foi interagindo com a família e hoje eles mantêm um bom relacionamento. Para ela, Joel a ajudou a se aproximar da própria família e hoje sente que o pai a respeita e a admira. Joel relata que na família de Lana ninguém se importava com a vida de ninguém, como datas importantes, almoços e mesmo se alguém ficava doente.

O casal tem poucos amigos e seus contatos sociais se limitam às respectivas famílias de origem. Quanto à diferença de idade, Joel diz que existem algumas questões que atualmente poderiam ser importantes para Lana, como ter filhos e casar-se de “véu e grinalda”. Lana responde que a diferença de idade não é um problema para eles, pois sente que os dois têm muitas afinidades. Diz também que não pensa mais em ter filhos, pois compreende a difícil situação de Joel para criar os dois filhos, mas que gostaria de oficializar a relação dos dois.

Queixa e expectativas

O casal relata que tem dificuldade em dialogar e que suas conversas quase sempre terminam em discussões, criando uma situação de mal-estar entre eles que costuma perdurar muitos dias. Nessas discussões, Joel insiste em fazer valer sua opinião, até que, sem mais argumento, Lana chora e desiste de conversar. Para se esquivar das situações de atritos, Lana evita dar opiniões e fazer escolhas próprias. Para Joel, essa atitude da esposa dificulta seu papel no relacionamento, pois sente que “sobra para ele decidir tudo sozinho” (sic). Joel espera que a terapia ajude Lana a se colocar mais, pois, segundo ele, ela precisa aprender a expressar seus pensamentos e sentimentos, para assim ajudá-lo a ser mais paciente e sociável com as pessoas e com as situações de conflitos.

Quanto às questões sobre a vida sexual, o casal coloca que esta área do casamento está muito afetada devido às brigas entre eles. Segundo Lana, Joel

precisa aprender a se abrir mais com ela, pois quando fica muito tempo calado e magoado, algum momento depois, ele “despeja tudo”, falando de vários fatos que aconteceram no passado. Para ela, essa atitude de Joel só agrava os conflitos entre os dois, dificultando o relacionamento como um todo.

Lana diz se incomodar muito com o mau humor do marido, pensa que é por sua causa, por ela não se impor frente aos problemas, mas que não sabe como agir nessa situação. Joel diz que o problema é que Lana não consegue validar sua opinião junto às pessoas. Lana diz que não consegue ocupar seu espaço como mulher dele, não sente que a casa é sua, apesar de participar das decisões do funcionamento da casa, inclusive as financeiras. De acordo com ela, os filhos de Joel tratam-na como a namorada do pai e isso a incomoda muito.

Lana gostaria de oficializar o casamento com uma cerimônia religiosa, pois se incomoda com o fato de, quando questionada sobre seu estado civil, ter que responder que é solteira. Joel diz que isso não o incomoda, pois não é o papel que fará diferença no relacionamento deles. Diz que entende a situação de Lana quanto às atitudes com a ex-mulher, que dificultam o relacionamento com seus filhos até hoje. Porém, pensa que ela deve ter paciência, que, se eles se casarem agora, isso poderia criar muitos conflitos junto a eles e a sua ex-esposa.

No final da entrevista que realizamos em 13/08/2007, Lana fala baixo, mesmo sorrindo, parece tensa, apresenta a cabeça inclinada e o choro contido. Diz que há muito tempo prefere evitar situações estressantes, como ela diz, “deixar quieto”, mas que gostaria de mudar sua postura, pois tem vontade de falar e mudar a situação, todavia reconhece que isso é muito difícil para ela.

Hipóteses levantadas dos conflitos relacionais

Na primeira sessão, em 24/09/07, Lana relata dois sonhos que costumava ter na época em que os dois namoravam. Esses sonhos não foram trabalhados em terapia, mas nos ajudaram a levantar algumas hipóteses sobre o conflito e a dinâmica conjugal. Seguem os relatos dos sonhos:

L- ... Eu sempre sonhava com uma boneca que eu queria, mas quando eu ia pegá-la eu acordava. Sonhava que eu podia levitar. Aí eu conseguia sair do chão um pouco. Lembro só desses.

No sonho, há uma menina que vê e deseja uma boneca, contudo, ao tentar alcançá-la, acorda e se depara com o vazio. Levitar pode remeter à ideia do pensamento mágico, de uma forma infantil e não efetiva de buscar sair do conflito. Lana, no sonho, só consegue “sair do chão um pouco”. Os primeiros sonhos trazidos à terapia podem ter, entre outros aspectos, um caráter iniciático, ou seja, a função de ritualizar o início do trabalho terapêutico, e diagnóstico, mostrando ao terapeuta com quem ele irá trabalhar.

Quando questionados sobre a característica de cada parceiro que mais impressionou cada um quando o casal se conheceu, Lana e Joel responderam:

J- ... A meiguice e a atenção que ela me deu. A preocupação que ela mostrava para comigo, que eu nunca tive em outros relacionamentos.

L- ... O que mais me encantou nele foi o caráter dele, o carinho, como ele cuida de mim, por mais que seja uma superproteção.

Sabemos que a projeção é um fenômeno natural que possibilita o encontro entre duas pessoas, porém, no casamento, devido à sua complexidade, a retirada da projeção, é condição essencial para o desenvolvimento da relação. Assim, aquilo que um dos parceiros mais admirou no outro ao se conhecerem, pode tornar-se, com o tempo de convivência, um “defeito”, uma característica que atrapalha o desenvolvimento do relacionamento se o casal permanece numa relação idealizada e indiferenciada.

De acordo com a história e a queixa do casal, podemos supor que os parceiros construíram um modelo de relacionamento assimétrico, uma relação de pai e filha. As mesmas características que um encontrou no outro no início do relacionamento estão sendo vivenciadas em suas polaridades. A meiguice e a atenção de Lana, que um dia surpreenderam Joel, são sentidas, agora, como passividade e falta de assertividade, que impedem Lana de defender suas próprias ideias e trazem conflitos para a relação. Lana, seduzida pelo lado protetor de Joel, encontra-se cerceada pelo lado controlador do marido. E Joel não tem consciência de sua dificuldade de se relacionar com uma mulher sem necessitar ser seu cuidador, simplesmente como homem.

O resultado dessa situação pode ser um sentimento de solidão em ambos e um bloqueio de um diálogo produtivo. Logo, cada um precisa tomar para si aquilo que sombriamente viu no outro e desenvolver esses aspectos em si mesmo, para que cada um seja único, inteiro e se relacione com o outro diferenciado de si. Podemos supor que essa complementaridade do casal, o protetor e o protegido, apresenta-se disfuncional, pois está impedindo o desenvolvimento do relacionamento.

6.1.1 Primeiro sonho: “Atrasada” (Lana)

6.1.1.1 Sonho do casal

- **Contar o sonho**

Na segunda sessão, em 01/10/07, o casal relatou os sonhos que teve durante a semana. Lana foi quem primeiro contou seus sonhos e, em seguida, Joel se lembrou de dois sonhos que havia tido no decorrer da semana. Nesse momento, percebemos que Joel ouviu atentamente Lana contar os e se sentiu estimulado a relatar os seus.

Lana:

Sonhei que estava numa formatura, mas estava sem vestido apropriado.

Estava numa piscina, usando um biquíni, mas lá não podia usar biquíni, tinha que usar maiô e vieram me retirar de lá.

Sonho que estou com os filhos do Joel dirigindo um carro. Estou num lugar grande, parece uma fazenda, vejo uma casa com a porta aberta e vejo os móveis antigos desmontados.

Joel:

Olho e vejo minha mãe limpando a calçada da casa dela e digo: “Você não pode fazer esforços porque operou, pois o médico mandou você fazer repouso.”

Eu estava numa ilha e fui atacado por um míssil; estávamos eu, meu cunhado e meu irmão, que é caminhoneiro.

- **Escolher o Sonho:**

Após os relatos dos sonhos, pedimos que o casal escolhesse um deles para ser trabalhado. O casal elegeu os dois primeiros sonhos de Lana, pois, segundo eles, ambos traziam temáticas semelhantes.

- **Relato:**

Lana relatou o sonho escolhido em voz alta, na primeira pessoa, no tempo presente, enquanto a terapeuta anotava o sonho. Observamos que, no trabalho com esse sonho, o casal conseguiu participar de forma espontânea, tanto Lana ao relatá-lo quanto Joel ao aproximar-se das imagens evocadas por meio do relato.

Estou na cerimônia da minha formatura, está todo mundo lá, chego atrasada e percebo que não estou com a roupa adequada. Tenho uma sensação muito ruim, tenho que sair de lá, pois não estou com o traje adequado. Sento no último banco. Acórdó.

- **Título:**

Pedimos para o casal escolher, junto, um título para o sonho narrado. Após discutirem por alguns minutos sobre o título que melhor expressaria o tema do sonho narrado, sugeriram dois títulos “Formatura” e “Atrasada”. Finalmente, ambos escolheram o segundo título, pois o fato de Lana ter chegado atrasada à formatura foi decisivo no sonho.

Esse exercício foi realizado sem dificuldade, pois percebemos que ambos estavam bem próximos das imagens e do tema trazidos pelo sonho, o que também ajudou o casal a participar juntos da próxima etapa, que envolveu a apreciação dos elementos do sonho.

6.1.2.2 Apreciação

Terapeuta: O que está acontecendo?

Lana: *Não sei se era missa ou culto de formatura, e se era numa igreja ou num teatro. Aí, eu e o Joel chegamos atrasados. Como eu não estava com a beca ou coisa assim, que eu teria que vestir para participar junto, sentei-me no último banco e lá fiquei.*

T- O que é para vocês uma “formatura”?

L- Pra mim, representa um momento de tomar posse de algo que você conquistou depois de ter cumprido uma série de requisitos, tipo provas, estágios, frequências às aulas.

T- Receber um certificado de conclusão?

L- É, não pensei nisso, acho que mais que isso, então formatura seria um reconhecimento público, uma comemoração.

T- Como é o clima do ambiente?

L- É um clima de festa, mas não para mim. Eu estava atrasada e sem a roupa. Tenho uma sensação de estar fora, inadequada.

J- Acho que esse sonho traz uma sensação de agitação, de angústia, porque você quer resolver a situação. É difícil! Você não poder participar de uma coisa que é sua também.

T- Uma sensação de estar fora de algo que você quer e tem o direito de participar.

J- Você lembra que falamos na sessão passada, quando falamos das crianças em casa. Acho que tem a ver. Fica muito forte pra ela.

T- Como assim?

J- É uma sensação de não poder participar do ambiente familiar.

T- Inteiramente.

J- Sim.

T- E como é essa sensação?

L- Sempre me senti assim, né Joel? Sinto essa sensação de estar “desencaixada”, não me sentir bem em um lugar, isso sempre foi forte.

T- Quais lugares?

L- Eu não sei expressar como é que é. Mas sinto isso com as pessoas, em geral, mas é mais forte em casa, principalmente quando os filhos de Joel estão lá.

T- Ok. Vamos voltar para o sonho. Descreva o cenário do sonho.

L- É de noite, o lugar estava cheio de pessoas, os formandos e seus familiares, minha família estava lá. Acho que eu chego com o Joel, algo assim. O clima é gostoso, de festa, mas para os outros e não pra mim, que estou de fora e super chateada, parece que tem um mundinho meu a parte. Sento no último banco.

T- Mundinho?

L- É pequeno, triste e isolado.

T- O último banco. Quem estava lá?

L- Tinha muita gente, os formandos e seus familiares, e, Joel, meus pais e irmãos.

T- Quem é o protagonista do sonho?

L- Eu. Mas “antes não fosse eu”. [Diz sorrindo]. A formatura é minha, sou eu quem chegou atrasada e acabo não participando.

T- Esse lugar é conhecido?

L- Não tenho certeza, mas parece o teatro da faculdade.

T- Qual é a problemática do sonho?

J- Acho que é fazer tudo, estudar e tirar o diploma, mas não poder participar da formatura, da festa.

T- Você não pôde participar?

L- *Ninguém me proibiu, na verdade, mas como eu estava sem a beca, eu mesma me excluí.*

J- *Acho que eu faria o mesmo.*

L- *No sonho, eu estou tensa, pois lá estão todos prontos e felizes; e além de eu chegar atrasada, não estou de beca, com a roupa adequada. Fico sem ter como agir.*

T- Paralisada.

L- *É assim mesmo que me sinto no sonho.*

T- Joel, como é esse sonho para você?

J- *Que Lana percebe que está fora e não tem como participar, pois não tem a roupa.*

L- *É não tem jeito, se fosse só atrasada, mas sem a beca!*

T- Você não se sente completa, está faltando algo que a impede de entrar no lugar que você sabe que é seu também, que você tem o direito de participar. Você se apressa, vai até lá e fica lá.

L- *Sentada, de fora, no último banco.*

T- Que atitude é essa no sonho?

L- *Hum... Não sei.*

J- *Eu não posso falar nada, pois nem sei se participaria da formatura. Atrasado então, nossa! Voltaria para casa na mesma hora!*

T- Como o sonho termina?

L- *Eu não faço nada, fico sem ter como agir, me conformando.*

J- *Sem o vestido, ela se sentiu fora do lugar, não é?*

T- A Lana, no sonho, senta lá no fundo e assiste de longe. Ela e as pessoas que estão com ela não fazem nada frente à situação. Mas então, como é o final do sonho?

L- *Eu, lá no fundo sentada, sem fazer nada.*

[Silêncio]

T- O que pode significar não estar vestido adequadamente?

L- *Acho que está ligado às regras sociais e à adaptação da pessoa, é isso? Estou sem beca e sem o capelo. Não me casei oficialmente. A beca e o capelo representam algo oficial, legítimo.*

J- *Para os outros. Não para mim.*

T- Pode ser. Apresentar-se adequadamente para os outros, o mundo, as pessoas... No sonho, a personagem Lana tem dificuldade em encontrar um lugar para ela. Você, no sonho, não vai à frente, junto aos formandos, mas se senta quietinha no último banco e aceita o fato de não poder participar, por estar sem a roupa adequada.

L- *É isso mesmo. É uma situação difícil, porque você precisa se expor.*

T- Como assim? Você pode explicar melhor?

L- *Ah, cheguei atrasada e estou lá, sem a beca, acho que é difícil mostrar minhas imperfeições, sei lá.*

T- Entendo.

T- O que o sonho poderia estar ilustrando, além da situação apresentada?

L- *Sobre nós?*

T- Por exemplo, que tipo de atitudes os personagens apresentam nos sonhos.

J - *Da Lana é um inconformismo, pois ela quer participar e um conformismo, porque não faz nada para conseguir isso.*

L- Dos outros, eu diria que eles nem percebem minha situação. Ninguém se manifesta para me ajudar, nem o Joel nem meus familiares, muito menos meus colegas de turma.

T- O que a protagonista poderia fazer, além de constatar que está sem beca, sem o capelo?

L- Tentar dar um jeito melhor assim mesmo.

T- Aceitar o fato de que existem coisas que não podemos mudar, como a roupa e o atraso, mas há outras coisas que podem ser feitas.

J- Verdade, ela teria que participar e pronto.

J- Eu, por mim, já teria ido embora. Eu não tenho paciência...

L- Você? Acho que nem entraria só por estar atrasado.

6.1.2.3 Reflexão

Nesse terceiro momento do método de trabalho com o sonho, discutimos sobre as dificuldades que o casal tem enfrentado. Lana diz que a sensação de estar “desencaixada”, de não se sentir bem em um lugar, sempre a acompanhou. Ela diz ter criado um “mundinho” para ela, o qual parece ser pequeno, triste e isolado. Sobre sua reação, ela diz: “É como no sonho, eu fico sem ter como agir, paralisada.”

Dessa forma, parece que o inconsciente expressou, por meio da imagem simbólica do “último banco”, o mundinho que o casal criou e que precisa ser ampliado. Este pode representar a dificuldade do casal em sair de uma relação regida por um padrão patriarcal rígido, no qual Lana fica como filhinha e Joel como pai. É difícil para ela assumir uma posição de mulher, de esposa legítima de Joel e deixar de sentir que chegou atrasada na vida dele. Esse é um conflito que o casal precisa resolver.

O casal conversou sobre a dificuldade que enfrenta com a ex-esposa e os filhos do marido. Para Joel, a postura passiva de Lana o incomoda, pois ela não consegue lidar com seus filhos quando estão em casa de férias. Lana diz que discorda do jeito com que Joel lida com os filhos em casa, pois é ele que tem dificuldade em colocar limites. Sente que eles se comportam como se a casa não pertencesse a ela, ignorando suas instruções. Para evitar as reações negativas do marido, ela prefere ceder e se calar. Fazendo um paralelo com o drama onírico, podemos observar a semelhante situação que o sonho traz; nele, Lana senta-se no último banco, na vida real, Lana prefere ceder e se calar.

QUADRO 1 – Sonho “Atrasada”

Contexto Onírico	Associações Pessoais	Amplificações	Temas Oníricos	Insights do Casal	Hipóteses sobre os Conflitos
<ul style="list-style-type: none"> • Cerimônia de formatura de Lana no teatro da universidade. • Lana e Joel chegam atrasados. • Lana não participa, pois não está com a roupa de formatura. • Há muitos amigos e familiares, 	<ul style="list-style-type: none"> • Cerimonial de Formatura: momento muito importante de reconhecimento público e familiar de uma grande conquista. 	<ul style="list-style-type: none"> • Ritual de passagem. • Beca e cabelo: roupa especial para o cerimonial. 	<ul style="list-style-type: none"> • Busca de reconhecimento social. • Sentimento de inadequação. • Impedimento • Ansiedade: atrasada e sem a roupa apropriada. • Vitimizada: Lana permanece sozinha, sentada no último banco. 	<ul style="list-style-type: none"> • Sentimento de solidão e inadequação • Lana está com Joel e familiares, mas se sente sozinha. • Necessidade e desejo de Lana em legitimar a união do casal. 	<ul style="list-style-type: none"> • Dificuldade de comunicação e interação do casal. • Passividade de Lana, que não consegue ocupar seu lugar no casamento. • Dificuldade de Joel em ser empático com as necessidades de Lana.

6.1.1.4 Comentários sobre a dinâmica do casal

Joel participou do trabalho com esse primeiro sonho de forma empática, se envolvendo em sua narrativa. Desse modo, ele sai momentaneamente do papel de crítico e controlador de Lana e se coloca numa postura de cooperador no trabalho com o sonho. É quando ele comenta a difícil situação relatada no sonho. Ele diz: “Acho que esse sonho traz uma sensação de agitação, de angústia, porque você [Lana como o ego onírico] quer resolver a situação. É difícil você não poder participar de uma coisa que é sua também.”

No sonho, Lana conseguiu o diploma, pois cumpriu as exigências formais escolares, mas não pôde participar da formatura porque chegou atrasada e não estava com a roupa adequada. Sentimentos de não pertencimento, inadequação e vergonha lhe invadem. Lana parece estar presa aos seus complexos, o que dificulta o seu processo de individuação e um diálogo mais maduro com Joel.

6.1.2 Segundo Sonho: “Inadequação” (Lana)

6.1.2.1 Sonho do casal

- **Contar o sonho**

Este sonho foi relatado juntamente com o primeiro sonho “Atrasada”.

- **Relato**

L- Estou numa piscina, quando uma mulher se aproxima e pede para eu sair, pois estou de biquíni e lá só pode ir de maiô.

- **Título**

Após o relato do sonho, ao casal foi solicitado dar um título para ele. Os parceiros então conversaram sobre a sensação evocada em cada um ao ouvir o seu relato e sobre como cada um interage de maneira diferente com o meio externo. Lana disse que se sentiu inadequada somente quando a mulher se aproximou dela e pediu que saísse da piscina. Já Joel disse que teve uma sensação de incômodo desde o início do sonho, ao imaginar-se lá na piscina com outras pessoas. Lana então sugeriu o título “Inadequação” e Joel concordou. Segundo ele, esse título parece ser representativo para os dois parceiros.

6.1.2.2 Apreciação

T- O que está acontecendo?

L- Estou numa piscina, quando alguém pede para eu me retirar, pois lá não pode frequentar de biquíni, só de maiô e eu estou de biquíni.

T- Fique com a imagem da piscina. O que isso evoca em vocês?

L- Uma sensação boa, gostosa, divertida, poder ficar solta, a água...

J- É, mas em mim, não sei, não consigo ficar só com a imagem da piscina.

T- Como assim?

J- As pessoas lá, isso que fica mais forte pra mim, não é tão bom como a Lana falou, sinto lá muito gente e fico incomodado.

T- Vamos pensar no simbolismo da água, de estar na água.

L- Lembra barriga da mãe, aconchego.

T- A piscina pode ser vista como uma grande barriga.

L- Me sinto bem lá, a água está gostosa, nem quente nem fria.

J- *Para mim, poderia ser até gostoso, mas não sou de ficar relaxado na água.*

T- No sonho, a Lana não pode ficar lá.

L- *Não sei se saio da água, mas sei que tenho que sair de lá. A sensação é a mesma da formatura; talvez um pouco pior, de vergonha e humilhação.*

J- *Ácho que nesse sonho também, a Lana sente que não pode ficar lá como todo mundo.*

T- Também?!

J- *É. Como no sonho da formatura.*

T- Como você se sentiria sendo a Lana no sonho?

J- *Nossa! Muito mal. Exposto.*

T- A Lana do sonho está de traje de banho e entra na piscina.

L- *É, mas não o que era adequado para aquele lugar, aquela piscina. Eu teria que usar um maiô.*

T- É uma regra daquele lugar específico.

L- *Verdade, eu uso biquíni numa boa.*

T- Como é o ambiente do sonho?

L- *É alegre, de dia, sol, muita gente, mas o lugar não está cheio, aglomerado.*

T- Como é essa piscina?

L- *Parece ser de um clube, pois é grande, retangular e há pessoas desconhecidas. Sabe, no sonho não vejo ninguém conhecido, mas não tenho a sensação de estar sozinha. Sinto-me bem lá, até que a mulher chega.*

T- Esse lugar é conhecido?

L- *Não, é como um clube, daí pode parecer familiar.*

T- O que vocês associam com a ideia de “clube”?

L- *Lá, onde eu morava, tem um clube famoso e todo “o mundo da sociedade” vai lá. Não é que seja de rico, mas é um lugar de encontro. Eu nunca fiquei sócia, às vezes, ia aos bailes, só!*

J- *Eu era sócio, mas nunca gostei muito. Prefiro um lugar menor, com poucos amigos.*

T- Então, no sonho a Lana está sendo retirada da piscina do clube?

J- *É, do social. O clube é uma organização fechada, que quem quiser ficar sócio, tem que ser convidado por outro sócio. E a diretoria pode aceitar ou não.*

T- E então?

L- *Então, a pessoa tem que se submeter ao socialmente correto.*

[Silêncio]

T- Vamos voltar ao sonho. Quais são as personagens?

L- *Eu, a mulher e as outras pessoas que estão lá.*

T- Essa mulher é uma figura conhecida da vida real?

L- *Eu queria mesmo falar da mulher. Eu não a conheço, ela é séria, está de vestido, assim, roupa normal, anda rápido e com passos firmes. É direta e vem até a mim e dá o recado.*

T- Essa figura feminina lembra alguém conhecido?

L- *Não. Não me lembra ninguém, nunca a vi.*

T- Que associações você poderia fazer com a figura dessa mulher?

L- *Uma pessoa muito diferente de mim, da minha mãe e irmãs.*

T- Diferente dos modelos que você teve?

L- *É isso. Ela não é delicada e não se preocupa se está sendo agradável ou não, apenas cumpre sua obrigação e pronto.*

T- Quem é o protagonista do sonho?

L- *Eu? Ou a mulher?* [Risos].

T- O que vocês acham?

J- *Ela* [Aponta para Lana], *apesar de estar sofrendo a sanção.*

L- *Pra mim, são as duas.*

T- Como assim?

L- *Uma que entra e sai e a outra que vai e tira.*

T- E a problemática do sonho?

J- *Não poder ficar lá. Até então estava tudo bem. A mulher desata a problemática, não é?*

T- Há um impedimento.

L- *É, por mim eu ficaria lá, mas sou convidada a sair. Para mim, as duas mulheres desencadeiam a problemática.*

T- Sim. Só então percebeu que não estava usando maiô como todo mundo.

T- Como você se sente depois do pedido da mulher?

L- *De fora, sendo cortada de algo; não aceita. É assim que me sinto no sonho.*

T- Esta mulher te desperta para um problema.

L- *Aí que percebo que só eu é que estou de biquíni, mas esse não seria um motivo para me tirar da piscina.*

T- O que acontece quando a Lana do sonho se depara com a situação?

J- *Ela percebe que está fora do padrão de lá e que tem que sair. De novo, ela não está com a roupa certa.*

L- *É isso.*

T- Mas você está com uma roupa de banho. O que tem que ser mudado? Você ou a regra do clube, por exemplo?

[Silêncio]

T- E o que você faz então?

L- *Não sei, eu acordo, mas o sonho termina comigo, ouvindo a mulher dizer que eu não posso ficar ali e que vou ter que sair.*

T- Quer dizer, aquela sensação de estar ali numa boa, termina e você se dá conta de que não querem que você fique ali, daquele jeito, ou seja, de biquíni. Para ficar ali, teria que deixar de usar o seu biquíni e vestir um maiô.

L- *É. Mas eu estou inadequada para eles, eu mesma não me sinto inadequada usando biquíni.*

T- Interessante. E como o sonho termina?

L- *Sim, de novo eu não faço nada nem discuto. Acho que eu saio da piscina.*

T- O que vocês acharam do sonho?

J- *Interessante, tem a ver com a Lana. Ela precisa se colocar mais nas coisas dela.*

T- E pra você, o que cada personagem pode evocar em você?

J- *Em mim? Não sei, sinceramente não sei.*

L- *Eu penso que preciso mudar esta minha postura de deixar minhas ideias e opiniões serem definidas pelos outros, mas eu realmente nem sei como fazer isso.*

T- Pelos outros e pelas circunstâncias. E a mulher? Você se identifica com ela em algum aspecto?

L- *Difícil, né? Mas eu sou decidida, por exemplo, no meu trabalho, na minha profissão. Mas tenho dificuldade em mandar e chamar atenção do pessoal do meu setor; eu prefiro deixar quieto e fazer o que eles não fazem.*

T- Mas você é a chefe do serviço, não é?

L- *Pois é.*

T - Mais alguma coisa sobre o sonho?

L- *Acho que preciso me impor mais.*

T- O que a protagonista poderia fazer ali, você pode responder, Joel?

J- *Ah! Argumentar, questionar e brigar pelos seus direitos.*

T- No mínimo, discordar daquela regra. Mas também negociar.

L- *Hum!... Tentar convencer a mulher ou mesmo arrumar um maiô, sei lá.*

6.1.2.3 Reflexão

T- O que este sonho pode estar mostrando para vocês, enquanto casal?

J- *Nós dois? Só consigo ver uma situação que envolve um lugar gostoso, lazer, comemorando algo ou se divertindo, quando aparece um obstáculo. Não sei, mas é como a Lana se sente, muitas vezes, na dificuldade dela lidar com isso.*

L- *É bem minha dificuldade. Penso que poderíamos nos ajudar um ao outro, não sei.*

Lana, nesse momento, emocionada e chorando muito, fala de seu sentimento de abandono. Diz que manteve um relacionamento muito distante com seu pai, que não demonstrava interesse pelos momentos importantes de sua vida, como seu batismo, formatura e aniversários. Diz não ter tido contato físico com ele e que foi Joel quem a ajudou a se aproximar dele. O casal conversou sobre o sentimento de inadequação de Lana no casamento em relação aos filhos de Joel, sua ex-mulher e à dificuldade dos dois de tomarem decisões juntos. Joel, irritado, diz que Lana precisa ser mais decidida e parar de esperar que ele resolva por ela.

QUADRO 2 – Sonho “Inadequação”

Contexto Onírico	Associações Pessoais	Amplificações	Temas Oníricos	Insights do Casal	Hipóteses sobre os conflitos
<ul style="list-style-type: none"> • Lana e outras pessoas desconhecidas estão na piscina do clube da cidade. 	<ul style="list-style-type: none"> • Clube da cidade onde o casal morava. • Somente Joel era sócio. • Maiô, roupa de banho mais clássica, que pessoas mais velhas costumam usar. • Biquíni, roupa de banho usada por pessoas mais jovens 	<ul style="list-style-type: none"> • Água: energia psíquica inconsciente. 	<ul style="list-style-type: none"> • Necessidade de pertencimento. • Impedimento de frequentar uma piscina pública por não estar vestida conforme a regra social. • Modelo de relacionamento autoritário sem espaço para dialogar. • Sentimento de inadequação e vergonha. 	<ul style="list-style-type: none"> • A intervenção da mulher faz com que Lana perceba que está vestida diferente dos outros. • O ego onírico acata as ordens sem questioná-las. • Falta de iniciativa para se defender das sanções impostas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Relacionamento do casal baseado na complementaridade. • Passividade de Lana e intolerância de Joel. • Dificuldade do casal em desenvolver novas posturas para lidar criativamente com os desafios da situação presente. • Necessidade de interagir com o meio com mais consciência, liberdade e autonomia.

6.1.2.4 Comentários sobre a dinâmica do casal

O trabalho com o casal, por meio dos sonhos de Lana “Atrasada” e “Inadequação”, mostra a angústia de Lana em não ser incluída e a confronta com a sua necessidade de pertencimento, e o quanto esse aspecto tem interferido na conjugalidade. Lana parece necessitar do reconhecimento do outro, pois não consegue legitimar sua necessidade. Como se o fato de seu pai não ter participado dos ritos cerimoniais das passagens de sua vida, suas conquistas não pudessem legitimadas.

Nos dois sonhos de Lana, observamos sua necessidade e dificuldade de legitimar seu lugar como esposa e mulher ao lado de Joel. Ela se considera “atrasada”, pois não é a primeira mulher. Essa postura de Lana interfere na dinâmica conjugal, na medida em que ela tem dificuldade em se apropriar do seu lugar de esposa. No sonho “Inadequação”, a água da piscina pode representar a iminência de o ego vivenciar um período de transformação, ou seja, a energia do inconsciente que busca sua expressão na consciência.

O trabalho com esse sonho também sinalizou a situação de transferência e contratransferência. A mulher no sonho “Inadequação” pode representar aquela que a guia, que a chama para fora e a faz perceber que ela não está de maiô. Como a figura da terapeuta, que a ajuda a se conscientizar da necessidade de fazer escolhas, de se posicionar, convidando-a a enfrentar os desafios. A tomada de consciência pede a saída do conhecido para que possamos alcançar novas posturas e transformações. Como no Éden, após Adão e Eva comerem o fruto proibido, ambos perceberam que estavam nus, e uma série de mudanças em suas vidas desencadeou-se.

O trabalho com este sonho também alertou a terapeuta para a complexidade do fenômeno contratransferencial. Esta tomou consciência do perigo de se identificar com a solidão de Lana e se aliar a ela, correndo o risco de projetar na figura de Joel um animus negativo que se apresenta como um homem insensível, rude e distante. Assim, a terapeuta ficou atenta aos seus sentimentos contratransferenciais, no sentido de se identificar com a proposta de Lana de ser protegida e cuidada.

6.1.3 Terceiro Sonho: “Fragilizada” (Joel)

6.1.3.1 Sonho do casal

- **Contar o sonho**

O sonho de Joel foi relatado na segunda sessão, em 01/10/07.

- **Escolher o sonho**

O casal escolheu o sonho de Joel, após ter trabalhado os dois sonhos de Lana.

- **Relato**

Joel relata o sonho conforme as instruções dadas pela terapeuta.

J- Olho e vejo minha mãe limpando a calçada da casa dela e digo: "Você não pode fazer esforços porque fez cirurgia e o médico mandou você fazer repouso."

- **Título**

Foi Joel quem primeiro sugeriu o título “Fragilizada”, pois segundo ele, a mulher do sonho, representada por sua mãe, estava recém-operada. Lana concordou com o título, mas discordou quanto à fragilidade da mulher. Para ela, a mulher lhe pareceu mais fragilizada diante do filho, que lhe diz para não fazer esforço e a manda para dentro da casa.

Podemos observar com esse exercício, que Lana e Joel conseguiram conversar sobre um assunto e chegar a uma solução comum, apesar das divergências.

6.1.3.2 Apreciação

T- Qual a sensação que este sonho traz para cada um de vocês?

L- *A preocupação de Joel com a mãe. Ele a vê e já pensa na saúde dela.*

J- *Para mim é isso mesmo, quando vejo minha mãe limpando a calçada e fazendo esforço. Acho que ela pode piorar e que não está se cuidando.*

T- Então o que essa imagem evoca?

J- *Uma mulher frágil. É isso que eu vejo.*

T- O que está acontecendo no sonho?

J- *Chego de algum lugar e vejo minha mãe limpando a calçada da casa dela.*

T- Como é esse lugar?

J- *Comum, principalmente no interior. Uma rua tranquila e arborizada. Parece um lugar familiar, como a cidade que a gente morava. A casa dela e a vizinhança lembram um lugar conhecido, da minha infância.*

T- Este lugar traz alguma lembrança?

J- *Ah! Uma sensação boa, nostálgica, ao ver minha mãe ali, limpando a calçada da casa dela, ela está feliz. Não estava com aparência de cansada. Mas eu de imediato pensei na cirurgia e aí...*

T- Que tipo de cirurgia?

J- *Não sei com certeza, mas acho que de barriga.*

L- *Para mim, quando Joel chegou e fala com a mãe, o sonho começa a ter outro clima.*

T- Como assim?

J- *É verdade, parece de obrigação.*

T- Obrigação?

J- *Acho que é um lugar gostoso e de clima bom, mas de sofrimento na vida também.*

T- Sofrimento?

J- *É, pois envolve toda nossa história de vida minha, sozinha, envelhecendo, adoentada.*

L- *Nossa, quando escutei o sonho, eu senti o ambiente diferente; acho que eu fico com a mãe que superou uma doença, fez a cirurgia e está bem, está até limpando a calçada!*

T- Como é a situação? Havia outras pessoas lá, além de você e sua mãe?

J- *Não, só nos dois. É um dia claro e minha mãe parece animada, não sei se é de manhã, mas os idosos costumam limpar a calçada de manhã, não é? Só que ela havia feito uma cirurgia e na idade dela, tudo é mais delicado.*

L- *Eu também imaginei isso. Vejo também, sua mãe limpando a calçada, você chegando e já dando bronca.*

T- Hum!...

J- *Não é, é que esse é o meu jeito, parece que eu tenho que ver as coisas que precisam ser feitas a todo o momento. Isso até me cansa.*

T- Você acha que os outros esperam que você faça alguma coisa?

J- *É isso. E para eu me sentir útil, eu aceito.*

T- Qual o ponto ápice do sonho?

J- *Quando eu falo para ela parar de varrer a calçada e ir repousar, pois o médico dela havia recomendado repouso.*

T- Qual a problemática do sonho?

L- *A teimosia da mãe.*

J- *Ela não obedece às ordens médicas e eu, como médico, sou responsável também por ela.*

T- No sonho, ela aparece como uma mulher ativa, que cuida da vida dela, levanta e acha que pode fazer os serviços da casa. Como você disse, ela estava animada.

J- *Sim, mas fez uma cirurgia.*

T- Então, você age como o filho responsável que a manda parar o que está fazendo, entrar e repousar. É uma preocupação com ela e com você, também.

J- *Comigo?*

L- *É Joel, se você se sente responsável, se você se preocupa em não falhar.*

J- *Hum!...*

T- A mãe, a mulher do sonho, passou por uma cirurgia. O que isto pode significar para vocês?

L- *Uma reparação, tirar algo fora.*

J- *Uma retirada ou como a Lana disse, reparação, mas mais profunda e invasiva. Acho que para melhorar a qualidade da vida dela.*

T- Isso te diz alguma coisa?

J- *Não, no momento assim, não.*

T- Quem é a personagem principal do sonho?

L- *É ela, a mãe que fez a cirurgia.*

T- A mulher.

J- *É, eu também acho que é ela quem faz o papel principal.*

T- Ela foi operada, está varrendo a calçada e está desobedecendo às ordens médicas.

J- *Ela é ativa, valente, faz o que acha que está certo e pronto.*

T- Mas você a confronta.

J- *Manda a mãe sair dali e obedecer às ordens médicas.*

J- *Faço o que é bom pra ela.*

T- O que você acredita que seja bom para ela.

J- *Desde menino cuido dela, pois meu pai viajava muito como caminhoneiro e morreu quando eu ainda era adolescente.*

T- Como é a relação entre as duas personagens?

J- *Boa, de um filho cuidando da mãe.*

L- *Não sei, eu pensei diferente.*

L- *É uma relação autoritária, ele não é amoroso e carinhoso. Claro tem cuidado, mas de um jeito seco, sei lá.*

T- Talvez esta seja uma problemática do sonho.

J- *Na vida real, eu sou assim mesmo, até com ela [a mãe]. No sonho, logo que a vejo, já vou falando para ela não fazer esforços.*

T- E entre vocês dois enquanto casal?

J- *Acho que sou assim com a Lana também, impaciente. Este é o meu jeito.*

L- *É, mas é ruim, pois no final nós dois nos machucamos.*

T- Como o sonho termina?

J- *Como o sonho termina?*

J- *Assim mesmo, com minha ordem e pronto.*

6.1.3.3 Reflexão

As reflexões realizadas por meio do trabalho com esse sonho confrontam-se com a temática do feminino acuado. Joel discorre sobre sua própria fragilidade. Fala de sua relação com a mãe, com a ex-esposa e com Lana, pessoas com as quais ele não consegue manter um relacionamento baseado no princípio da alteridade, pois ele acua e se sente acuado por elas. Ao mesmo tempo em que é cuidador e cumpridor do seu dever como filho, ex-marido (pai) e marido de Lana, ele não se sente satisfeito e livre para fazer suas próprias escolhas. Conta que desde menino se sentiu no dever de cuidar da mãe e se sente “responsável” por não ter dado aos filhos um lar “normal”.

6.1.3.4 Comentários sobre a dinâmica do casal

Essa dinâmica, acuado e acuador, quando constelada na dinâmica conjugal, impede o processo de individuação do casamento. Assim como no sonho,

quando Joel se encontra com a mãe, posiciona-se como aquele que cuida dela, o que o impede de vivenciar o lado espontâneo de filho que pode ser cuidado. Fica com a autoridade e a obrigação de zelar pela saúde daquela mulher que foi operada. Logo, ele dá ordens para a mãe e ela lhe obedece.

Podemos considerar que esse sonho aponta para a dificuldade de Joel em lidar com o feminino, o qual precisa ser cuidado, pois está afetando sua vida conjugal. Identificado com a figura do cuidador, ele permanece preso, como filho, ao complexo materno. A mulher adulta para ele é a mãe operada, a qual ele manda repousar, deslegitimando sua força e autonomia. Num nível subjetivo, pode-se dizer que Joel age defensivamente com seu lado feminino, afastando-se dele. Ao se deparar com o feminino, logo vê uma figura frágil e, de modo autoritário, diz o que é melhor para ela.

QUADRO 3 – Sonho “Fragilizada”

Contexto Onírico	Associações Pessoais	Amplificações	Temas Oníricos	Insights do Casal	Hipóteses sobre os Conflitos
<ul style="list-style-type: none"> • Joel encontra a mãe recém-operada, varrendo a calçada da rua em frente a sua casa. • Pede para ela fazer repouso. 	<ul style="list-style-type: none"> • O lugar lembra a infância de Joel. • Cuidados maternos. • Mãe: pessoa frágil que precisa ser cuidada. • Filho: sentimento de obrigação de filho cuidar da mãe. 	<ul style="list-style-type: none"> • Relação mãe x filho. • Dinamismo: patriarcal rígido. 	<ul style="list-style-type: none"> • Dinâmica do casal: presença de um feminino fragilizado. • Relacionamento autoritário sem espaço para dialogar. 	<ul style="list-style-type: none"> • Sentimento de ambiguidade: cuidar/ controlar. • Joel e Lana precisam ser cuidados. 	<ul style="list-style-type: none"> • Dificuldade em lidar com o princípio feminino no casamento. • Relacionamento do casal baseado na disparidade. • Conflitos nas polaridades: conjugalidade/ individualidade.

6.1.4 Quarto Sonho “Sem Saída” (Joel)

6.1.4.1 Sonho do casal

- **Contar o sonho**

Esse sonho foi relatado na segunda sessão, em 01/10/07.

- **Escolher o sonho**

Sonho escolhido para ser trabalhado na sexta sessão, em 05/11/07.

- **Relato**

Joel relata o sonho:

J- Eu olho pra cima, vejo um míssil descendo em minha direção, percebo que não tenho muito tempo e vejo a gravidade da coisa e então corro, sem saber direito pra onde vou. Fico meio perdido à procura de um lugar seguro.

- **Título**

Após relatar o sonho, Joel fala sobre como se sentia em muitos momentos de sua vida. Ele disse: “É como se as coisas não pudessem estar bem comigo, pois sempre surgia algo que estragava tudo, algo ruim acontecia.” Então ele sugeriu o título “Sem Saída”. Lana aprovou o nome, pois, segundo ela, o nome retrata bem a situação que o casal enfrenta quando as coisas não dão certo e Joel fica alterado. Segundo Lana, não há o que fazer nesse momento, apenas esperar ele esperar ele se acalmar.

6.1.4.2 Apreciação

T- Você pode descrever o lugar onde o sonho se passa?

J- Estou numa ilha, eu, meu cunhado e meu irmão. É um lugar bonito, com árvores e plantas, praia e mar. O dia está claro e faz calor.

T- Quais são as personagens do sonho?

J- Meu cunhado e meu irmão. São duas pessoas diferentes. Meu cunhado é meu amigo, temos a mesma profissão e conversamos bastante sobre tudo. Já meu irmão é caminhoneiro como meu pai. É mais desligado e vive enrolado com dinheiro. Ele sempre me telefona, pedindo uma ajuda; aí eu penso nos filhos dele e ajudo.

T- Como está o clima e o ambiente?

J- É um dia muito claro e quente e o ambiente é bom, parece que estamos relaxados, até o momento em que aparece um míssil descendo do céu.

T- Como é a ilha?

L- A ilha? Eu imaginei um lugar que pode ser gostoso, mas que é de difícil acesso e também, se for natural, com pouca infraestrutura. Nos filmes, começa tudo bem e daí esse lugar vira um horror, pois não há como sair de lá.

J- Ficar ilhado é ficar preso, isolado, cercado de água por todos os lados.

T- Fale sobre essa imagem.

J- *Como eu disse; de repente, eu olho para cima e vejo algo grande, pontudo, meio escuro, vindo em minha direção. Nesse momento, parece que estou sozinho, não tenho para onde ir. Preciso achar um lugar seguro. Penso que está acontecendo uma guerra.*

T- O que é um míssil para vocês?

J- *Algo carregado de energia, uma bomba, que quando dispara, vai direto ao alvo e ninguém consegue detê-la. Ela é mais forte do que o alvo, que no sonho sou eu e os outros dois.*

L- *Acho que é como nossa vida mesmo, que quando parece que tudo está bem, Joel reage às coisas como se tivesse um míssil vindo em sua direção. E eu sei que ele fica apavorado, tenso, nervoso, mas porque ele deixa as coisas acumularem na cabeça dele.*

T- Você não tem para onde ir?

J- *É assim que me sinto, sozinho e perdido.*

T- Desconectado.

J- *Isso mesmo. Acho que as duas coisas, pois eu estou isolado, mas apavorado.*

T- Como o sonho termina?

J- *Termina comigo sem saber o que fazer, esperando o pior.*

T- Querem acrescentar algo sobre o sonho?

J- *No começo, não via nada demais nesse sonho, mas depois de tudo isso, nossa! Quanta coisa! Eu gostei. Vejo que os dois têm muito a ver.*

T- Para onde o sonho aponta, além da situação ali relatada?

L- *Para uma situação sem saída. Quando a gente está discutindo. Acho*

J- *Acho que é como eu me sinto mesmo, sem saída. Fico alterado e não vejo como contornar a situação.*

T- Como assim?

J- *Eu estou na ilha, isolado, me escondendo do perigo, parece que não posso estar tranquilo. Eu tenho estes tipos de sonhos, nos quais estou viajando e coisas ruins acontecem; é sempre assim, não que sejam pesadelos, mas sempre tem algo ruim acontecendo. Esse míssil me apavorou, mas ele veio de dentro de mim. Posso falar assim?*

T- Sim, é uma imagem criada em você e para você.

J- *Acho que é assim que a gente tá vivendo.*

L- *Há momentos bons, mas há muitos momentos de sofrimentos.*

T- O que você poderia dizer sobre os personagens do sonho que estão com você, seu cunhado e seu irmão?

J- *Meu cunhado é meu colega de trabalho e também meu amigo. Já meu irmão, mora em uma cidade distante; tem uma vida imprevisível e está sempre me pedindo ajuda financeira.*

L- *Joel sempre gostaria de mudar esta situação, mas não consegue. No final acaba ajudando todo mundo.*

J- *No fim, eu acabo nervoso, irritado, pois não dou conta de pagar bem as minhas contas. Mas não tenho como dizer não. [Risos]. É como no sonho mesmo, não vejo saída.*

QUADRO 4 – Sonho “Sem Saída”

Contexto Onírico	Associações Pessoais	Amplificações	Temas Oníricos	Insights do Casal	Hipóteses sobre os Conflitos
<ul style="list-style-type: none"> Joel, o cunhado e o irmão estão em uma ilha com árvores, plantas, praia, sol e mar, quando um míssil vem em direção a eles. 	<ul style="list-style-type: none"> Um lugar paradisíaco se transforma em um ambiente de horror. Ilha: sem saída, Isolamento, não tem para onde fugir. Míssil: arma de destruição. 	<ul style="list-style-type: none"> Guerra. Míssil. Fragilidade. 	<ul style="list-style-type: none"> Medo, ameaça, perigo. Ataque aéreo. Algo de fora e desconhecido ameaça o equilíbrio. Fragilidade e desamparo. 	<ul style="list-style-type: none"> Casal vive isolado das pessoas. Cada parceiro sente-se sozinho no casamento. Medo de enfrentar os conflitos e as mudanças. Dificuldade para encontrar soluções. 	<ul style="list-style-type: none"> O casal está fechado na situação conflituosa. Material sombrio projetado no outro permeia a relação. Necessidade de o casal se posicionar frente às situações que o ameaçam.

6.1.4.3 Reflexão

Neste momento o casal fala sobre suas discussões e as reações de mau humor de Joel quando ele é contrariado. Lana diz sofrer muito com isso e conta como tenta contornar a situação quando os filhos ou as pessoas da família estão presentes. Segundo Lana, Joel precisa lidar melhor com as situações estressantes e respeitar as pessoas que estão ao seu lado. Joel concorda com Lana sobre sua maneira de reagir, diz que sempre foi assim com os filhos e com a mãe.

Joel e Lana então conversam sobre a relação com os filhos e com a ex-esposa. Para Joel, apesar de reconhecer que a separação foi inevitável e que seu encontro com Lana foi uma das melhores coisas em sua vida, sente-se responsável pela família ter sido desfeita. Joel tenta compensar esse sentimento, sendo condescendente com os filhos e se submetendo a alguns caprichos da ex-mulher. Logo, a situação do casal se torna confusa, pois, de acordo com Lana, Joel a ouve como se ela fosse um dos filhos reclamando, o que impede o casal de tomar decisões conjuntas.

Por meio do trabalho com o sonho nas sessões posteriores, pudemos observar que a intimidade para Joel é algo ameaçador e que sua *anima* – conceito

este entendido como um potencial de relacionamento, de aproximação e envolvimento emocional – está pouco integrada à consciência. Ao deparar-se com a fragilidade de Lana, Joel se depara com sua própria fragilidade. Ele precisa lidar com mais consciência com seus próprios complexos.

6.1.4.4 Comentários sobre a dinâmica do casal

Joel, ao projetar sua agressividade reprimida no outro, intimida as pessoas e estabelece com elas uma relação autoritária. Quando irritado, ele agride o outro, mas isso vem via sombra, ele não tem consciência de toda essa agressividade. O *Self* mostra esta dinâmica no sonho por meio da imagem do míssil, a agressividade que Joel projeta fora dele e que de repente volta para ele. É como se todo material sombrio que fora projetado fora dele tomasse conta de sua personalidade. Como ele mesmo diz: “Quando as coisas começam a ficar boas, vem algo ruim”.

As personagens masculinas no sonho podem indicar os recursos internos que precisam ser integrados à consciência. A figura do irmão pode representar um lado mais espontâneo de Joel, que interage, tem amigo, pede ajuda e é mais aventureiro. E o personagem representado pelo cunhado pode mostrar aquele que ajuda de acordo com sua disponibilidade.

Segundo Nell (2005), quando o sonho é concebido pelo sonhador real e pelo ego onírico como uma catástrofe e não como um problema a ser resolvido, ele pode indicar uma estrutura egóica muito fragilizada. Os dois sonhos de Joel apontam justamente essa situação: um ego apavorado com o míssil vindo em sua direção e o filho que, ao ver a mãe convalescente, de imediato a manda entrar e repousar.

O sonho de Lana “Inadequação” e o de Joel “Fragilizada” parecem apontar a fragilidade da estrutura conjugal do casal, a qual não conta com uma relação de intimidade e confiança, que poderia ajudar o casal a criar um sistema forte o suficiente para suportar os desafios que a vida lhe apresenta. Neste sentido, a figura feminina desconhecida do ego vígil no sonho de Lana e da mãe que precisa exercer sua autonomia no sonho de Joel podem ser uma representação dos aspectos que faltam em ambos para enfrentarem juntos seus conflitos conjugais e

retomarem o processo de individuação. Uma *anima* que faz a ponte entre o mundo interno e o externo.

6.1.5 Quinto Sonho “O Sequestro” (Lana)

6.1.5.1 Sonho do casal

- **Contar o sonho**

Na sétima sessão, em 19/11/07, Lana conta um sonho que teve há dois dias, o qual muito a impressionou.

- **Escolher o sonho**

O casal decide trabalhar o sonho

- **Relato**

Após relatá-lo no *setting*, Lana tece alguns comentários sobre como se sentiu ao sonhá-lo. Joel então diz que não conseguiu acompanhar o relato do sonho de Lana, pois se lembrou de outros sonhos que havia tido e relatou-os logo em seguida. Após o relato dos sonhos de Joel, Lana relata outro sonho que lembrara.

Assim, todos os sonhos foram contados na mesma sessão e ouvidos pela tríade. A seguir, transcrevemos os sonhos e os comentários tecidos pelo casal.

✓ **Sonho 1**

L- Sou sequestrada e estou solta numa casa com outras pessoas. Penso em fugir, mas vejo um homem negro e forte me vigiando. Penso que se tentar fugir, a situação pode piorar. Fujo mesmo assim e vou para um ponto de ônibus perto da casa e de um matagal. Aí, vejo um acidente; uma pessoa foi atropelada pelo ônibus circular, que eu iria pegar. Há outras pessoas sequestradas na casa.

T- Foi um sonho, mas como se fosse pesadelo, estava torcendo para acordar.

L- Nossa! A pior coisa é ser sequestrada. Quando acordei, me senti muito angustiada. No sonho, não senti pavor, pois não estava amarrada nem sendo torturada, mas presa lá; eu pensava em fugir, mas... No sonho eu tinha sido sequestrada. Nossa, estou lembrando, parece hoje, parece que fui sequestrada agora.

T- Foi um sonho bem forte para você. O que você achou Joel?

J- Não consegui acompanhar muito, não.

L- No sonho, eu saio e vejo um acidente; foi desafiador, pensei: será que eu tenho que voltar para a casa?

T- Como assim?

L- Pensei que poderia estar mais segura lá.

T- Você conseguiu acompanhar o sonho de Lana?

J- Mais ou menos.

T- Você quer retomar o sonho?

J- Eu não consegui acompanhar, pois estou, aqui, pensando que eu tenho tido um sonho quase sempre nessa situação, não de sequestro; eu tenho sonhado que volto para a faculdade.

T- Ok

✓ Sonho 2

J- Nossa tive um sonho deste tipo!

T- Hum!...

J- E volto como aluno para a faculdade e tenho que fazer uma prova. Estou com medo da prova, lembro que eu falo: "Caramba! O que eu estou fazendo aqui?" Então, esse outro sonho que aconteceu com a Lana é semelhante, por isso que eu não estou conseguindo acompanhar. Eu sonho muito com viagem, também.

✓ Sonho 3

J- Estou viajando. É uma viagem muito tumultuada. Eu estou indo para a fazenda do meu irmão; aí o caminhão dele quebra. Aí, eu sonho que estou indo para a casa de meus parentes, chego e fico sabendo de pessoas da família que morreram. Normalmente, sonho com viagens atribuladas, onde acontecem acidentes. Eu não consigo visualizar bem. Acho que foi por isso que eu não consegui entrar muito no sonho da Lana.

T- Temos então vários sonhos! Joel, ao escutar o sonho de Lana, você se lembrou desses sonhos todos? Essas imagens ainda estão fortes em sua memória?

J- É isso que eu estou te falando. Nem eu sabia que me lembrava deles.

J- No sonho da faculdade, eu tô lá e sinto medo da prova, pois estou prestes a reprovar. Aí, eu falo pro professor como eu vou ficar reprovado se eu já fiz a faculdade?

T- Parece que você ainda tem que completar ou aprender mais alguma coisa lá.

J- Nada, não tenho que completar nada. É a situação de estar lá que é incomoda. Eu tenho que provar que já fiz o curso todo.

T- Bem, tanto o relato do Joel como o de Lana, trazem movimentos semelhantes. Os dois estão presos numa situação angustiante.

J- Nossa é isso! Pode até chamar “afritos”, Sílvia, pois por dentro a gente fica naquela aflição mesmo.

L- Nos sonhos dele, são viagens, lembranças, pois quando viajamos, partimos de um lugar para outro. Para mim, colocaria “partida”.

J- Todos os sonhos têm aflição. Eu lembrei também do sonho da formatura, sem a roupa...

L- Esta noite eu sonhei, nossa, até acordei! Fui à cozinha tomar água, era meia noite.

✓ **Sonho 4**

L- Estou com o Joel, o Tiago [filho mais novo de Joel], parecia um bar. Chega uma moça loira e chama o Joel para beber uma garrafa de vodca com ela. Eu falo: “Você não vai, vai?” E ele responde: “Eu vou”. Ele vai e eu fico olhando ele ali com a moça que pega a garrafa de bebida para tomar. Eu acordo tão assustada que eu vou tomar água.

T- Como foi esse sonho para você?

L- Assustador. Ainda bem que eu acordei. Acho que foi porque eu assisti a um filme que tinha um cara que, ao acordar, deparou-se com um cachorro e uma garrafa de vodca ao lado dele. Fiquei com a garrafa na cabeça.

T- Nossa! Agora quem está aflita e sem saída sou eu! Ou melhor, nós três! O que vamos fazer com todos esses sonhos?

L- Bom, escolhemos um de cada vez.

Notamos que o casal, ao lembrar os sonhos mostrou grande necessidade de relatá-los. Estimulados pelo trabalho terapêutico e envolvidos com a problemática conjugal, essa descarga de conteúdos inconscientes pode mostrar o quanto o inconsciente está mobilizado por expressar-se.

Joel sugere trabalhar o primeiro sonho relatado por Lana. Pedimos então para Lana relatá-lo conforme as instruções anteriores. Lana o relata novamente, na primeira pessoa e no tempo presente e neste momento, os dois acompanham atentamente a narrativa.

L- Sonho que sou sequestrada. Estou solta numa casa. Há outras pessoas lá também. Quando tento fugir, vejo um homem negro, bem grande. Penso que se tentar fugir, a situação vai piorar, mas fujo assim mesmo. Vou para a rua e tento pegar o circular, num ponto lá perto da casa e de um matagal. De lá, posso ver outras pessoas na casa. De repente, vejo um acidente com o ônibus circular que iria pegar, uma pessoa foi atropelada.

- **Título**

Joel e Lana sugeriram alguns nomes para o sonho, como medo, aflição, prisão e desafio. Mas, por fim, intitularam o sonho como “O Sequestro”. Para o casal, só a palavra “sequestro”, já lembra uma situação de muita aflição.

6.1.5.2 Apreciação

T- Como é esse lugar?

L- Ah! Uma casa grande, com mais pessoas lá. Um pouco afastada da rua, mas de lá dava pra ver a rua.

T- Como é essa casa?

L- A casa era desconhecida. Havia um homem alto e moreno lá. Eu acho que ele era o vigia. Havia outras pessoas desconhecidas na casa também. É uma casa meio antiga, mas bem conservada.

T- Como é a localização, o tempo e o que está acontecendo no sonho?

L- Parece que não há outras casas vizinhas e o dia está claro. Eu vejo as pessoas tensas, mas não há desespero.

T- Como são as pessoas do sonho?

L- Na verdade, não vejo ninguém conhecido, apenas destaco a figura do segurança: ele é moreno, forte e bem alto e está de olho em todo mundo. Sinto-me vigiada o tempo todo.

T- Como é sentir-se assim?

L- Eu quero sair da situação, mas tenho medo de tentar sair, tentar fugir do sequestrador e não conseguir. Pois a situação pode piorar.

J- Acho que esta é a aflição, se você ficar lá é ruim e perigoso, se tentar fugir também.

T- Que outra opção você tem?

J- Ficar lá ou se arriscar.

L- Me sinto paralisada, mas sei que tenho que fazer alguma coisa e dar o primeiro passo.

T- Quando começa a problemática do sonho?

J- Acho que quando ela se dá conta de que precisa sair de lá por ela mesma. Mas que não será fácil, pois tem muita gente na mesma situação que ela. Mas ela está sozinha lá, com ela mesma. Eu vi assim.

L- Acho que o maior problema depois de ser sequestrada, é como sair de lá viva e sem me machucar.

J- Ela precisou esperar a hora certa para escapar.

L- Não sei se eu sabia a hora certa, mas consegui fugir.

T- Correu o risco. E depois?

L- Veio outra questão, o que fazer e para onde ir.

T- E o que acontece?

J- Ela vai para o ponto de ônibus.

T- O que é “um ponto de ônibus”?

J- Um lugar que tem gente e que passa um ônibus coletivo.

L- Um lugar de pessoas reunidas com liberdade de ir e vir.

T- Que serve a comunidade.

L- *Que tem seu próprio itinerário e que transporta as pessoas de um lugar para outro. Sabe Sílvia, nunca pensei que iria olhar um ponto de ônibus, como algo tão importante, assim, profundo.*

J- *Pelo direito e a importância da liberdade da pessoa.*

T- Como é o cenário do sonho?

L- *De lá da casa, eu conseguia ver a estrada e o ponto. É perto de um matagal e tinha gente lá.*

T- O que acontece então ...

L- *Eu vejo o ônibus vindo e uma pessoa é atropelada.*

L- *Nessa hora, fico perdida novamente, não sei se poderei pegar o ônibus, olho para a casa, vejo pessoas lá.*

T- Como você se sente?

L- *Não sei. Mas não me sinto segura na rua, perto do mato e fora da casa.*

T- Como o sonho termina?

J- *Com ela fora da casa, entre a casa e o ponto de ônibus.*

L- *Num impasse.*

J- *Eu acho que ela sai da casa e vai dar um jeito dali pra frente.*

L- *Termina comigo meio sem saber o que fazer.*

T- Ok. Que mensagem esse sonho pode trazer para a vida de vocês, aqui e agora?

J- *Não sei, não vejo nada assim, de pronto. Só sei que me sinto cansado, depois de ver os detalhes dele.*

QUADRO 4 – Sonho “O Sequestro”

Contexto Onírico	Associações Pessoais	Amplificações	Temas Oníricos	Insights do Casal	Hipóteses sobre os Conflitos
<ul style="list-style-type: none"> • Lana e outras pessoas desconhecidas estão como reféns em uma casa. Há um homem vigiando. 	<ul style="list-style-type: none"> • Sequestro: a pessoa é presa abruptamente e obtém liberdade mediante resgate. • Ficar refém do outro. 	<ul style="list-style-type: none"> • Liberdade/aprisionamento 	<ul style="list-style-type: none"> • Medo • Dificuldade para enfrentamento • Perda da autonomia. • Controle. 	<ul style="list-style-type: none"> • Necessidade de enfrentar a situação conflituosa • Aprisionamento: controlador e controlado. • Decisão. 	<ul style="list-style-type: none"> • Dificuldade de sair do impasse. • Reféns do próprio medo. • Controle mútuo: paralisação do processo de individualização do casamento.

6.1.5.3 Reflexão

No momento da reflexão, Lana expressa como se sente desconfortável no

casamento, pois teme as consequências se tomar alguma decisão a respeito da situação com os filhos de Joel. Ela teme ficar sozinha e sem o apoio do marido. Como no sonho, ela sabe que não pode ficar no cativeiro, porém teme tentar “a fuga” e criar mais problemas. Neste momento, a terapeuta sugere voltar ao sonho, para ver o que ele traz para elucidar o conflito do casal. Lana, chorando, diz se sentir como no sonho do sequestro: presa numa situação e sozinha, apesar de haver pessoas na casa com ela. Trabalhamos com a imagem do sonho. Nele, Lana está incomodada por ter que ficar presa no cativeiro e está pronta para fugir. Da casa, ela avista a rua e um ponto de ônibus, mas precisa de coragem para tomar a decisão de sair de lá.

O casal também pode refletir sobre a ação do ego onírico do sonho, que, apesar do medo, conseguiu sair do cativeiro. O sonho “O Sequestro”, além de mostrar para o casal a necessidade de sair da situação na qual está refém, também mostra os obstáculos que ele terá que enfrentar.

Joel diz que percebe que Lana se sente insegura pelo fato de eles ficarem protelando a oficialização do casamento. Diz que nunca conversou sobre esse assunto com seus filhos. Lana também percebe que o casal tem descuidado da relação e que se excluiu da família de Joel, o que só aumentou seu sentimento de insegurança em relação aos seus filhos. Contudo, ela acredita que, se eles estivessem casados oficialmente, essa situação mudaria. Joel discorda de Lana quanto ao casamento, mas concorda que poderia ajudá-la mais quanto às questões com os filhos e com a ex-mulher, se ele se posicionar mais ao seu lado.

Para facilitar o momento reflexivo do casal, a terapeuta sugere aos parceiros representar graficamente, segundo eles, a mensagem trazida pelo sonho “O Sequestro”. Após desenhar, eles são solicitados a mostrar seu desenho um para o outro. Joel desenha uma pessoa atrás das grades e comenta: “Desenhei uma pessoa comigo em algum lugar”. Joel parece expressar, por meio do desenho, a solidão e o aprisionamento que os dois vivem no casamento. O fato de Joel ter desenhado apenas uma pessoa e se referir a duas pode indicar sua dificuldade em enxergar as necessidades do outro enquanto alguém diferente de si mesmo. Ele comenta:

J- Quis representar a solidão, uma pessoa sozinha comigo em algum lugar. Na hora nem pensei, só desenhei, mas agora olhando o desenho, vejo que ele reflete para mim, que eu sou

fechado. Aqui, eu barrei [as barras desenhadas], na hora não pensei.

Lana, ao ver o desenho de Joel, comenta: “ele colocou uma pessoa bem enrolada em si mesmo, uma pessoa sozinha numa cela que parece ser ele mesmo”.

O desenho de Lana apresenta duas pessoas, uma está na porta da casa, olhando para fora e a outra correndo para tomar o ônibus. Em seu desenho, há movimento e vivacidade. Ele mostra que é preciso sair, escapar do controle do outro e buscar novos recursos no coletivo, representado no sonho pelo ônibus circular. Nos desenhos do casal, observamos que o foco ainda está no medo. Joel desenha as barreiras entre ele e o mundo lá fora, a espontaneidade e seus conflitos internos. O desenho de Lana mostra a hesitação, um personagem que fica na porta da casa e outro que foge.

No restante da sessão trabalhamos no sentido de ampliar a visão do conflito. Conversamos sobre a família e seus subsistemas fraternal, conjugal e parental; discutimos sobre a importância de manter com a ex-esposa uma relação suficientemente boa de pai e mãe dos filhos. Joel percebeu que por muito tempo sentiu que tinha um compromisso “moral” com a ex-mulher e os filhos, que devia obrigações a eles como pai e ex-marido, mas agora sabe que precisa ser um bom pai e ter uma relação amigável com ela. Joel diz que admira a paciência que Lana tem tido com a situação, Lana responde que hoje percebe que foi paciente até um determinado ponto, mas que depois se tornou passiva e que sua atitude contribuiu para que ela permanecesse à margem da família. Essas são algumas mudanças que o casal precisa realizar.

6.1.5.4 Comentários sobre a dinâmica do casal

O trabalho com o sonho “O Sequestro” colocou um desafio para o casal: ele precisa enfrentar o novo, o diferente e temido. Não há outro jeito, ou se fica preso dentro da casa ou se arrisca em direção ao estranho e desconhecido. No sonho, a protagonista deu o primeiro passo, se arriscou e saiu da casa.

No sonho “O Sequestro”, o ego onírico, apesar do medo, consegue fugir, mas ao defrontar-se com um primeiro obstáculo – o ônibus circular que iria pegar e

que atropela alguém – logo é tomado pelo medo e uma dúvida o invade, então pensa em voltar para a “falsa” segurança do cativo.

6.1.6 Sexto Sonho: “Medo” (Joel)

6.1.6.1 Sonho do casal

- **Contar o sonho**

Este sonho foi narrado na sétima sessão, em 19/11/07.

- **Escolher do sonho:**

Na nona sessão, realizada em 03/12/07, o casal escolheu o sonho de Joel intitulado “Medo”, Joel preferiu este sonho, pois como ele disse: “Este sonho me marcou mais que os outros, tanto que ao ouvir Lana relatar o sonho do sequestro, eu logo me lembrei dele, pois foi muito forte para mim.”

- **Relato**

*J- Volto para a faculdade e estou com medo da prova.
Penso: “Caramba! O que estou fazendo aqui!”*

- **Título**

O casal o intitulou “Medo” e foi Joel quem sugeriu esse nome. Lana concordou dizendo que este sonho poderia chamar “Pavor”, pois, para ela, traz uma situação apavorante na qual a pessoa, depois de mais velha, percebe que não tem o seu diploma. Joel diz que no sonho ficou perplexo e intrigado, pois pensava ser impossível isso estar acontecendo com ele. Ele disse:

T- Como assim?

J- Fiquei perplexo, intrigado e pensei: isso é impossível!

T- Não ter o seu diploma?

J- Acho que sim. Esta é a coisa mais certa pra mim.

T- E quanto ao título que vocês deram para esse sonho?

J- Tinha que ser este mesmo.

L- Até no sonho da viagem, o medo está presente. [Risos]

6.1.6.2 Apreciação

T- Como é o lugar onde o sonho se passa?

J- *Estou na faculdade onde estudei, numa sala, junto à sala dos professores e da secretaria. Eu estou sozinho com o professor, ele é quem vai me aplicar uma prova.*

T- Tem outras pessoas lá?

J- *Não sei, parece que não, o prédio está vazio, não há alunos, só eu e ele lá, apesar de ser de dia.*

T- E como é a situação?

J- *Para mim, é tensa, para o professor, acho que não. Para ele parece uma situação de rotina. Sou eu quem precisa do diploma, portanto, tenho que passar na prova.*

T- Você precisa do diploma.

J- *Justamente. Eu dependo do professor e é por isso que estou com medo.*

T- A figura do professor é conhecida?

J- *Não. Não o conheço, mas ele parece ser uma pessoa velha, séria e justa.*

T- O sonho lhe mostra qual a matéria que você não está aprovado?

J- *Não, nem imagino.*

T- Qual a problemática do sonho?

J- *Eu ter que voltar à faculdade como aluno e ter que fazer uma prova; provar que sei a matéria.*

T- Esta é a problemática?

L- *Posso falar? Acho que a problemática do sonho não é só fazer a prova, mas a insegurança dele de não passar na prova!*

J- *E estar atuando como profissional ilegítimamente, pois eu não sabia que não tinha feito tudo que tinha que fazer!*

T- E o ponto alto do sonho?

J- *Ah! Eu lá sozinho com o professor, tendo que fazer a prova, provar que eu sei. Não tinha outro jeito, senão não ganhava meu diploma.*

T- Voltar para a condição de aluno.

J- *Isso mesmo. Foi terrível e não tinha escapatória.*

T- Como termina o sonho?

L- *Com ele lá naquela situação.*

J- *[Risos] Meus sonhos terminam assim, eu numa enrascada.*

T- Como assim?

J- *Eles não apresentam a solução, como nesse sonho, eu nem sei se fiz a prova, se passei ou não.*

T- Como se ficasse no impasse, na problemática.

L- *Vejo que esse sonho mostra a dificuldade de Joel em ouvir o outro. Lembra da discussão que tivemos sobre "se um dia era um novo dia"? Você não conseguiu ouvir meus argumentos! Sabe, Sílvia, ele pensa de um jeito e pronto.*

T- Você diz que tem dificuldade em estabelecer um diálogo e integrar aquilo que, a priori, é diferente do que você pensa.

L- *Exatamente.*

J- *Eu sou assim, sou impaciente. Até com os meninos, eu não tenho paciência para explicar, por exemplo, assuntos que eles me perguntam da faculdade. Eu penso assim: aquilo que é óbvio para mim, deve ser para eles.*

T- E o medo?

J- *De ser aluno novamente e mostrar que não sabe, pode ser isso? Sinto que estou sendo testado.*

T- Como assim?

L- *No sonho, ele precisa voltar e fazer o que pulou, pois não pode continuar em frente com isso, porque senão, fica um diploma falso.*

J- *Falsidade ideológica. [Risos].*

T- Mas você estava com medo?

J- *Sim. Apesar de saber que será bom para mim, eu ter que passar por isso tudo, eu preferiria fugir disso. É um sentimento ambíguo.*

T- Podemos pensar que antes, você, nos sonhos, atuava profissionalmente, sem saber que não havia cumprido todos os requisitos, mas depois de ter tomado ciência disso, cabe a você fazer o que precisa ser feito.

J- *Encarar e me submeter. Mas eu posso repetir e fracassar.*

T- Este sonho traz alguma reflexão para vocês enquanto casal?

J- *Acho que sim. Como aquele sonho do sequestro também trouxe. No sonho, eu tive que ficar e me submeter à situação de aluno, pois do contrário, perderia o diploma.*

L- *Ou melhor, todo o curso que você tinha feito.*

J- *Acho que preciso ser menos explosivo e mais paciente.*

T- Menos explosivo e impaciente com as pessoas?

J- *Não, comigo mesmo!*

L- *Acho que é isso. Se o Joel teve que amadurecer cedo na vida, isso já passou, agora é diferente, ele pode viver com menos medo e estresse. Mas ele precisa querer mudar.*

Nesse momento de reflexão, Joel pode falar do seu medo de se colocar na condição de aprendiz, de como teme ser criticado e reprovado pelos outros. Como no sonho, ele se vê muito assustado com a situação e com medo de ser reprovado. Porém, ele também percebe a necessidade de se libertar dessa ansiedade, que só será alcançada se ele confrontar a situação e o desafio. O ambiente da universidade e a figura do professor não lhe parecem por demais ameaçadores. Podemos observar esse dado quando ele diz:

T- A figura do professor é conhecida?

J- *Não. Não o conheço, mas ele parece ser uma pessoa velha, séria e justa.*

T- Mas você no sonho está com medo?

J- Sim. Apesar de saber que será bom para mim, não é fácil eu ter que passar por tudo isso, eu preferiria fugir disso. É um sentimento ambíguo.

L- Acho que Joel no sonho sente que o professor quer o bem dele. Que não está lá para prejudicá-lo.

6.1.6.3 Reflexão

Neste momento, o casal discute sobre a sua dificuldade em lidar com as diferenças de opinião de cada um, com a intolerância de Joel e com a tendência de Lana em tentar evitar atritos e manter o equilíbrio do relacionamento.

Joel disse que, apesar de estar procurando ser mais tolerante quando contrariado, isso não é fácil. Para Lana, a intolerância do marido extrapola, na medida em que ele se coloca inflexível e afasta as possibilidades de acordo e aproximação. O casal comenta sobre uma situação do final de semana na qual ele foi agressivo e chutou a mala na frente de Lana e os filhos. Joel reconhece que perde o controle em situações nas quais se sente desrespeitado, como no caso de marcar um horário com a pessoa e não poder tolerar nenhum atraso. Ele diz: “Viro um monstro. Eu sou muito intolerante, mesmo com coisas pequenas.” Joel vê a imperfeição no outro e não a tolera. Não aceita a própria imperfeição. Como uma forma de justificar e explicar suas atitudes, ele se compara ao pai:

J- Ele era muito mais intolerante do que eu. Uma vez, fomos para a fazenda do meu avô e passamos para apanhar um amigo dele. Quando chegamos, ele não estava pronto e meu pai não teve dúvida, deixou o amigo e foi embora. Ele não precisava fazer isso.

T- E como você se sentiu?

J- Eu não me incomodei, já era como ele.

J- Por isso que eu digo, este sonho foi forte pra mim.

A ambiguidade parece estar presente na dinâmica psíquica de Joel, quando ele resiste em se apresentar como fraco, frágil e como alguém que precisa de ajuda. No trabalho com o sonho, ele percebe que, ao mesmo tempo em que teme a situação, ele se sente cuidado e aliviado, pois poderá ter o diploma e seguir em frente com outros projetos, por exemplo.

6.1.6.4 Comentários sobre a dinâmica do casal

O trabalho com o sonho “Medo” trouxe um dado de conscientização para o casal; Joel e Lana precisam olhar para o casamento, passar por algumas provas e etapas para poder realizá-lo.

Esse trabalho também pôde nos mostrar que o *Self* conjugal está apontando para a necessidade de Joel se colocar na condição daquele que aprende com o outro, que ouve e que precisa ser cuidado e ensinado. Parece ser muito difícil para ele sair dessa onipotência e estar diante de uma mulher a quem ele se refere como “uma menina boba”. Esse recurso defensivo o impede de amar e se sentir amado genuinamente. Ele precisa se desligar do primeiro casamento, das dívidas morais que diz ter com seus filhos por ter se separado, para poder se realizar no casamento com Lana.

QUADRO 5 – Sonho “Medo”

Contexto Onírico	Associações Pessoais	Amplificação	Temas Oníricos	<i>Insights</i> do Casal	Hipóteses sobre os Conflitos
<ul style="list-style-type: none"> Joel para a faculdade, pois precisa fazer uma prova para pegar o diploma. No prédio só estão ele e o professor. 	<ul style="list-style-type: none"> Escola: lugar para aprender. Professor e aluno: aquele que ensina e aquele que aprende. Diploma: certificado/ reconhecimento. 	<ul style="list-style-type: none"> Relação: professor e aluno. 	<ul style="list-style-type: none"> Necessidade de aprovação e permissão para exercer a profissão. Ameaça. Acatar regras, aprender com o outro. 	<ul style="list-style-type: none"> Dificuldade de Joel no relacionamento com as outras pessoas do seu meio. Mais cumplicidade no casamento. Ansiedade e medo. Respeito ao outro. 	<ul style="list-style-type: none"> Desenvolver uma <i>persona</i> criativa. Precisa se colocar como aprendiz.

6.1.7 Sétimo Sonho: “Contramão” (Lana)

6.1.7.1 Sonho do casal

- Contar o sonho**

Esse sonho foi relatado na sétima sessão, em 19/11/07 e foi trabalhado

na décima terceira sessão, em 21/01/08.

- **Escolher o sonho**

Lana diz ter tido a sensação de incômodo quando teve este sonho e o contou pela primeira vez. Ele ainda está muito forte em sua lembrança.

- **Relato**

Lana relata o sonho conforme as instruções. Joel comenta que ao ouvir o sonho se sentiu incomodado com a história.

L- Estou com o Joel e o Tiago [o filho mais novo de Joel] em um bar, quando chega uma moça loira e chama o Joel para beber uma garrafa de vodca com ela. Eu falo: “Você não vai, vai?” E ele fala: “Eu vou”. Ele vai e eu fico olhando ele, ali, com a moça que pega a garrafa de bebida para tomar. Eu acordo muito assustada e vou tomar água na cozinha.

- **Título**

A procura de um título para esse sonho foi realizada com certa dificuldade. O casal sugeriu alguns títulos na tentativa de apreender o contexto dramático do sonho como: separação, fuga, oposição, movimentos, contramão. Lana foi quem sugeriu o último. Ao justificar sua escolha, o casal diz que no sonho há um movimento de duas mãos, de aproximação e de distanciamento. Segundo o casal, no sonho, Lana age de forma diferente daquela que normalmente agiria.

6.1.7.2 Apreciação

T- Gostaria que vocês ficassem com a imagem do sonho e com as sensações que elas evocam.

L- Eu não consigo fazer isso. É difícil. Parece que quando tento, tem algo que puxa para eu não sair deste lugar.

T- Como vocês se sentiram com esse sonho?

L- Então, pelo que eu me lembro, eu acordei na madrugada muito assustada. Eu pensei: “Ainda bem que acordei”.

T- Foi um pesado?

L- Sim. Foi muito angustiante.

J- Pra mim, ele traz uma sensação de perda.

T- Perda.

J- É como estar fugindo.

T- Como assim?

L- Se distanciando um do outro. Distanciamento.

T- Hum!...

J- A Lana de mim eu da Lana. Não sei. No sonho, acho que a Lana se distancia.

T- A Lana?

J- Sabe, da Lana passiva, que não faz escolhas.

[Silêncio]

T- E como é para você, Lana?

L- Ver o Joel me deixando lá sentada e se dirigindo em direção à loira? Foi terrível. Sentí muito medo.

T- Gostaria que vocês tentassem ficar com a imagem do sonho e com as sensações que elas evocam.

L- Eu não consigo fazer isso. É difícil. Parece que quando tento, tem algo que puxa para eu sair deste lugar.

T- É difícil ficar com esta imagem.

L- Eu até consigo, mas é muito angustiante. Sabe, parece que eu convivo com essa sensação.

T- De perda.

L- Exatamente. Tenho a sensação de perda, de distanciamento. Sinto-me angustiada, pois na imagem, ele se afasta de mim e se aproxima da loira.

J- Pra mim, é difícil entender isso, quando fico olhando a imagem e vejo um distanciar e um se aproximar. Aí, penso em nossa relação, nas situações que acontecem com a gente.

T- Situações?

J- É de brigas e desentendimentos, pelo meu jeito e o da Lana.

L- As nossas diferenças.

T- É dessa forma que vocês ficam juntos... Como é esse lugar?

L- É um bar, meio escuro, mas o lugar onde as mesas estão é mais claro e arejado. Tem um balcão que separa o bar em duas partes e a mulher está do outro lado do balcão. Ao mesmo tempo que eu a vejo longe da gente, lá do outro lado do balcão eu sinto que ela está próxima, não está tão longe, pois o bar não era tão grande e espaçoso.

T- Interessante. Temos, aí, dois pares de opostos, proximidade e distanciamento e claro e escuro.

L- É mesmo, né? Em relação a mim e a mulher loira.

T- Como assim?

L- Ela parece ser..., como dizem? Meu avesso.

T- Como é a figura dessa mulher?

L- Não é conhecida, nunca a vi. Mas ela parece estar muito distante de mim. Penso que é igual à mulher do sonho da piscina, ativa e decidida. Porém, mais descontraída, mais jovem. Ela está no bar se divertindo.

T- Faz sentido para vocês se olharmos a loira do sonho como a personificação de outro lado da Lana, por exemplo?

L- Nossa, faz sim. Um lado mais forte.

J- Mais decidido. Eu me aproximando desse lado da Lana e lidando com ele.

L- Pra mim, me traz um alívio do medo de Joel me abandonar se eu deixar de ser aquela que cede em tudo.

T- Se sente mais confortável.

L- Isso. Vejo que é possível. Mas sinto isso agora, pois na hora em que eu acordei, nossa! Foi um sentimento de desespero.

J- Pra mim, não consigo ver Lana com essa postura nesta situação.

T- Como assim?

J- É uma postura que contradiz a de Lana na vida real.

T- Da loira ou da Lana no sonho?

J- A Lana mesmo, não pelo fato de dizer: "Não, não vai"`, mas acho que contraria o que ela é.

T- Não entendi, como assim?

J- A Lana, quando contrariada, pode até ficar brava, mas não agiria assim.

T- Como você acha que ela agiria?

J- Levantaria e iria embora.

T- Você concorda com a opinião dele?

L- Acho que sim. Este seria mais o meu jeito.

T- Fugir da situação?

L- Não sei se é isso, mas talvez deixar ele ir e depois ele volta.

T- Você agiu de modo diferente do habitual.

L- Verdade.

T- Você esperava que ele voltasse?

L- Eu sei que ele iria voltar. Mas no sonho eu me apavorei com a atitude dele.

T- Fugiu do seu controle. Que vai em direção a essa mulher diferente e parece que não vai voltar?

L- É.

T- Vamos falar mais um pouquinho do lugar e do clima do sonho. Como é esse lugar?

L- Não é ruim, pois estamos os três tranquilos lá. Mas não deixa de ser um bar e não ser familiar.

T- Como assim?

L- Não é um ambiente de família, mas é um lugar bom para adultos ficarem e conversarem. Não temos o costume de frequentar esses lugares.

T- E para você, Joel?

J- Ah, pensei também que é um lugar que não frequentamos, não temos o costume de ir a um lugar só para "bater papo". A gente sai para comer e volta.

T- Quais são as personagens e como elas aparecem no sonho?

L- São quatro.

J- Dois homens e duas mulheres.

L- A loira e eu, o Tiago e o Joel.

T- Vocês associam isso a alguma coisa?

L- Ah! Eu e a loira, temos personalidades diferentes.

T- Hum...

J- Ela, loira, sentada num balcão e com uma garrafa de vodca? Muito diferente da Lana.

T- Neste sonho aparece mais uma mulher com personalidade diferente. Que figura da mitologia poderia representá-la?

J- Pensei numa guerreira, lutadora.

L- Eu também pensei, eu esqueci o nome, aquela que é independente, que vai à luta...

T- Atená.

L- Essa mesmo.

J- Interessante...

T- No sonho, você diz que ela chama o Joel para beber uma garrafa de vodca, é isso?

L- Parece que sim, não um copo, mas para ficarem lá um tempo até acabar a vodca.

T- E os outros dois?

L- Bem, o Tiago fica comigo lá. Não sei... Me passou uma idéia agora, quando o Joel fica contrariado, sempre sobramos eu e o Tiago. [Risos].

J- Verdade, ele fica ao lado da Lana, muitas vezes, sem falar nada. Ele não toma partido.

T- Como os filhos quietos num canto.

L- Nossa, é verdade. Porque na dá pra ficar perto do Joel.

T- Ok, quem é o protagonista?

L- A loira, pois o problema começa com ela.

J- Pra mim é a Lana mesmo, ela que está lá e tem que enfrentar a loira.

T- Enfrentar a situação. E a figura do Joel no sonho?

L- Ele parece que faz o que quer.

T- Escolhe entre ir e ficar.

L- Nesse sentido, ele também poderia ser o protagonista.

T- Mudaria a problemática do sonho?

J- Acho que sim. O Joel, no sonho, escolhe a mulher mais ativa.

T- E como a história se desenvolve?

L- Ela o chama e eu digo para ele não ir, mas ele vai.

T- E como termina?

L- Comigo lá sentada com o Tiago. Acho que eu não faço nada. Só sei que acordei assustada.

J- É isso, penso que eu no sonho da Lana, estou longe dela e do Tiago.

T- Isso mostra alguma mudança?

J- Eu me distanciei dos dois que ficaram quietos e vou para perto de uma pessoa diferente para conversar com ela. Na vida real, dificilmente eu faço uma escolha desse tipo, pois prefiro ficar no meu canto.

T- Gostariam de acrescentar mais alguma coisa?

L- Não. Acho que não.

J- Agora eu vi que esse sonho não é tranquilo. É meio pesado, por isso que ela acordou assustada.

T- Pesado?

J- É, porque ele mostra mudanças para nós, eu acho.

T- Mudanças?

J- No nosso relacionamento, no nosso jeito de ser um com o outro. Não conseguimos deixar de estar juntos, mas sempre brigando e isso é ruim para os dois.

T- Hum... Mais algum comentário?

J e L- Não.

6.1.7.3 Reflexão

Para Lana, o trabalho com esse sonho trouxe a questão de sua insegurança em ser abandonada por Joel se ela o contrariar. Lana diz que ficou muito assustada quando teve esse sonho, pois sempre agiu como uma mulher que tenta se conformar com a situação que seu marido lhe impõe, pois tem medo de perdê-lo. Ela gostaria de ser como a loira, mais assertiva que “o chama e ele vai”. O desespero que o sonho provoca, de certa forma, introduz a experiência de perda, que é o requisito para uma transformação. Porém, o casal viu o quanto essa possibilidade o assusta.

Para Joel, o medo de Lana atrapalha a relação dos dois. Ela deixa de se colocar e ele fica com o papel de “intransigente”. Mas no sonho ela age de modo diferente. O trecho abaixo se refere ao trabalho com o sonho “Contramão” e mostra como uma atitude de um dos parceiros pode evocar uma mudança no padrão conjugal:

J- A Lana, quando contrariada, pode até ficar brava, mas não agiria assim.

T- Como você imagina que ela agiria?

J- Levantaria e iria embora.

T- Você concorda com a opinião dele?

L- Acho que sim. Esse seria mais o meu jeito.

T- Fugir da situação?

L- Não sei se é isso, talvez o deixaria ir e depois esperaria ele voltar.

T- Esperar que ele volte.

L- Eu sei que ele volta. Mas no sonho, me apavorei com a atitude dele.

Joel diz estranhar a postura de Lana, que no sonho diz: “Você não vai, vai?” Diferente da Lana cordata, no sonho o ego onírico age de acordo com sua posição de mulher que está acompanhada pelo marido. Porém, é a loira quem

representa um lado desconhecido de Lana, uma mulher sensual e independente que vai desacompanhada ao bar e pede uma garrafa de vodca.

No trabalho com o sonho, observamos com o casal a possibilidade de caminhos para a resolução do conflito; a necessidade de trazer para o espaço do casamento o respeito mútuo e de deixar de ver o outro como aquele que nos poupa dos desafios da vida. Reféns de seus complexos, o casal se protege ao mesmo tempo em que se fecha para um movimento em direção ao crescimento.

QUADRO 6 – Sonho “Contramão”

Contexto Onírico	Associações Pessoais	Amplificações	Temas Oníricos	Insights do Casal	Hipóteses sobre os Conflitos
<ul style="list-style-type: none"> • Lana, Joel e Tiago estão sentados em uma mesa de um bar. Do outro lado do balcão há uma mulher loira com uma garrafa de vodca. 	<ul style="list-style-type: none"> • Bar: um lugar para beber e conversar que o casal não costuma frequentar. • Vodca, uma bebida muito forte de “homem”. • Joel fica mais relaxado quando bebe. • Mulher sozinha no bar: independente, decidida, sensual. 	<ul style="list-style-type: none"> • Arquétipo da mulher guerreira: Atená. • Ferida do abandono 	<ul style="list-style-type: none"> • Sentimentos: de ameaça e abandono. • Dependência/interdependência • Distanciamento/aproximação. • Integração dos aspectos da sombra conjugal. 	<ul style="list-style-type: none"> • Dificuldade do casal de fazer este movimento de aproximação e distanciamento. 	<ul style="list-style-type: none"> • Dificuldade de lidar com o princípio feminino no casamento. • Relacionamento do casal baseado na disparidade. • Conflitos nas polaridades individualidade e conjugalidade.

6.1.7.4 Comentários sobre a dinâmica do casal

O trabalho com o sonho mostrou que a dinâmica do casal apresenta-se disfuncional e que este se mostra pouco disposto a encarar uma mudança de padrão no relacionamento. O medo da mudança e do novo é maior que o desconforto psíquico sentido pelos parceiros na relação. Essa mudança envolveria o desenvolvimento de um relacionamento baseado na interdependência, na liberdade, com espaço para lidar com as diferenças entre o casal.

No sonho, a figura de Lana tem posturas diferentes das atitudes habituais da Lana real. Podemos considerar que esse sonho aponta para a necessidade e a possibilidade de o casal lidar com os conflitos de cada um reconhecendo suas

dificuldades pessoais e se responsabilizar por modificá-las.

O trabalho com o sonho trouxe a temática do abandono e do distanciamento e o quanto ambos são sentidos pelo casal como algo ameaçador. O abandono é algo temido universalmente, mas o distanciamento e a interdependência é algo que precisa ser alcançado num relacionamento. Sendo assim, esse movimento de distanciamento e aproximação expresso no sonho é crucial para o equilíbrio da relação. Somente assim o casal poderá criar um espaço no casamento onde cada parceiro possa ser um indivíduo e ver o outro enquanto indivíduo também.

6.1.8 Oitavo Sonho: “Contundida” (Lana)

6.1.8.1 Sonho do casal

- **Contar o Sonho**

Na 14ª sessão, em 28/01/08, Lana relata o sonho que teve com sua faxineira.

- **Escolher o sonho**

Segue o primeiro relato e os comentários sobre o sonho, para entendermos o quanto a imagem onírica da mulher ferida motivou o casal escolher trabalhar com este sonho.

L- Eu tive um sonho. Sonhei que a mulher chegou de madrugada para limpar a casa.

T- Quem?

L- A faxineira. Ela só vai de segunda.

Eu sonhei que ela tinha chegado sei lá às quatro horas da manhã e foi arrumando a casa. Aí, eu falei pra ela: “Nossa! Por que você veio tão cedo? Só que na hora que eu fui olhar pra ela, vi que estava com o rosto e os dois olhos roxos e com o pé machucado. Ela disse que tinha apanhado do marido dela. Então, eu falei: “Não, você não vai trabalhar agora. Você vai dormir”.

L- É. Eu falei pra ela ir dormir, porque ela estava toda machucada. “Vai dormir que amanhã a gente vai fazer um boletim de ocorrência”. Eu falei pra ela ir dormir no quarto do Tiago; só que ela deitou na cama dele. Então eu disse: “Não, aí é o lugar do Tiago, dorme no colchão”. Aí, o sonho acabou.

T- Com ela dormindo no chão?

- L- *É. Ela dormindo no colchão, no chão ao lado da cama.*
- L- *Eu fiquei preocupada, porque quase não a vejo. E ela é muito quieta, muito fechada, tem medo de tudo e de todos. Muito medo mesmo. Ela só toma água em casa e não abre a geladeira.*
- L- *Se eu der alguma coisa pra ela levar pra casa, ela não leva. Ela só leva se deixo na portaria, para o porteiro lhe entregar.*
- J- *Ela tem medo de ser acusada pelo porteiro de estar levando alguma coisa escondido.*
- L- *Se eu deixo comida pronta ela não come.*
- J- *Tem que esquentar e dar na mão dela.*
- L- *Se oferecemos ela diz: “Não precisa, eu não estou com fome, vou comer em casa.”*
- L- *Se ela quebrar algum copo, no outro dia, ela traz outro copo pra colocar no lugar.*
- J- *Essa mulher é sofredora. Outro dia, eu me esqueci de avisá-la que estava saindo para trabalhar; aí, ela ligou pra mim e perguntou se ela havia feito alguma coisa de errado e me pediu desculpas.*
- J- *Esta mulher deve ter passado por algum trauma.*
- L- *Ela pensa que todo mundo a despreza.*
- J- *Um dia, pedimos os documentos dela para fazer o cadastro do pessoal que trabalha no prédio e ela começou a chorar, pensando que ela tinha feito algo de errado.*
- L- *Antes de eu dizer qualquer coisa ela já me pede desculpa. Se eu perguntar: “Você viu tal coisa?” Ela entra em desespero.*
- J- *Uma pessoa tão boa...*

• Relato

A partir daí, a terapeuta propõe o trabalho com o sonho e pede para Lana contá-lo novamente, no tempo presente e na primeira pessoa, sem interrupção.

L- *A faxineira chega em casa de madrugada. É uma segunda-feira e eu pergunto por que ela veio tão cedo. Então percebo que ela está com os olhos roxos e o pé fraturado. Ela diz que havia apanhado do marido. Digo a ela para não começar a trabalhar naquela hora e que poderia ir dormir no quarto do Tiago [o enteado]. Ela então deita na cama dele, eu digo que essa é a cama do Tiago e peço que se deite no colchão, que está no chão, ao lado da cama.*

• Título

T- Que título vocês podem dar para esse sonho?

J- *A Contundida.*

L- *Eu pensei em “A faxineira”, mas fica melhor “Contundida” mesmo, pois ela parece estar muito machucada.*

T- Como é o cenário do sonho, o lugar onde ele se passa?

L- *Estou em minha casa mesmo, é de madrugada. Sabe? Meio escuro ainda e parece que só eu estou acordada. Sabe como de filme? Assim, à noite, escuro, muito frio. Lembro que a sala era bem apertada. Não tinha muito espaço, assim como o quarto também.*

T- Qual é a problemática do sonho?

L- *Começa quando ela chega fora do horário e percebo que está machucada. Olho para seus olhos roxos e seu pé fraturado. Como ela não costuma chegar naquele horário, deduzi que algo*

estava acontecendo.

J- *É isso, essa situação dela chegar nesse horário e ainda machucada.*

L- *Eu achei estranho, não é normal alguém chegar daquele jeito. Eu pensei em ajudá-la de alguma forma, pois ela precisava de uma atenção especial.*

T- Como assim?

J- *Eu logo pensei que ela havia apanhado do marido e vejo que ele foi muito violento, estúpido.*

T- Quais as personagens do sonho?

L- *O Joel, eu e a faxineira. O Joel está dormindo e sou eu quem interage o sonho todo com a mulher.*

T- Como essa mulher está?

L- *Assustada, cansada, machucada.*

T- Como está o seu pé?

L- *Meio torto, inchado e roxo. Deduzo que está fraturado.*

L- *Fiquei impressionada, não sabia como lidar com toda essa situação. O que eu iria fazer com ela naquele momento?*

J- *Ver uma mulher machucada me impressiona.*

L- *Sei que nessa hora eu tinha que tomar alguma atitude imediata para, pelo menos, aliviar. Alguém tinha que ajudá-la, pelo menos, ouvi-la.*

J- *Na verdade, ela queria proteção.*

T- Vocês associam alguma coisa à figura dessa mulher?

J- *Não, especificamente, mas à dor, à submissão de ter que aceitar muita coisa ruim.*

T- Uma mulher sem condições no momento de reagir e se defender.

L- *Isso.*

J- *Parece que ela não tinha para onde ir, apesar de não se sentir à vontade em casa, na casa dos patrões.*

L- *Uma situação difícil.*

T- Como o sonho se desenvolve?

J- *Lana a leva para dormir no quarto do Tiago.*

L- *É mesmo, eu tinha que arrumar um lugar para ela dormir.*

T- O Tiago estava dormindo lá?

L- *Não, a cama estava vazia.*

J- *E ela tenta deitar na cama do menino, mas a Lana não deixa e a leva para se deitar em um colchão. É isso?*

L- *Isso mesmo. Coitada.*

T- Coitada?

L- *Eu achei que ela estava ocupando o espaço de alguém ali, sendo que o lugar dela era no colchão.*

T- Como a figura da Lana agiu no sonho?

L- *Em vez de eu falar para ela: "Olha você vai dormir no colchão ao lado da cama do Tiago", eu deixei que acontecesse isso, chegar até esse ponto.*

T- Que ponto?

L- *De ela chegar a se deitar na cama e ter que se mudar de lá.*

T- Por que você não a deixou lá?

L- *Acho que fiquei com medo do Tiago chegar e encontrar alguém estranho na cama dele.*

T- Ele ficaria bravo?

L- Acho que sim. Ele não iria gostar da minha atitude.

T- Não valeria a pena enfrentá-lo pela causa da mulher?

J- Eu, pra mim não me assusta, agora pra Lana, já é uma coisa mais delicada.

T- Como assim?

J- O Tiago reclamar da situação. A Lana não lida bem com isso.

T- O que você faria?

J- Eu argumentaria e pronto. Eu o ensinaria a ter amor ao próximo.

J- O que me assusta, é pensar que ele vai reagir dessa forma.

L- Eu já acho que devemos ver os dois lados: o dele e o da mulher.

T- Mas, às vezes, é impossível agradar os dois lados.

L- Não, mas procuro entender, porque é o espaço dele que está sendo invadido.

J- Eu, nesse sonho, se eu pudesse, falaria pra essa mulher deitar aonde ela escolheu; a cama é o lugar para ela, independente da situação de ser do Tiago ou não.

J- A Lana respeita o espaço dele, mas não consegue ajudar a mulher da melhor forma possível, que está machucada e precisando de cuidados. E até uma forma de ensiná-lo a dividir espaço.

T- Entendo.

J- Eu falaria para ele: "Respeito é tudo".

J- Este sonho mostra que Lana quer ocupar seu espaço e não consegue como eu ocupo o meu e acabou.

T- Qual é o desfecho do sonho?

J- Para mim, não tem conclusão.

L- Ela obedece e dorme ali no chão, apesar da cama estar vazia.

T- Este é o final do sonho. Qual a sensação que esse sonho trouxe para vocês?

J- Para mim, um sentimento de pena, pois essa mulher parece que não tem força para reagir.

T- Ela vem para uma casa, na qual ela não tem tanta intimidade.

L- Sinto que ela estava sem ter para onde ir, quieta, mas desesperada. Interessante é que no sonho, ela não fala uma palavra; eu vou olhando para ela e entendendo tudo o que está acontecendo.

T- No sonho você está próxima a ela.

L- Estou e não estou, pois entendo o que ela quer me dizer, mas não faço tudo o que poderia ter feito.

T- Você não responde às necessidades dela.

L- Isso que eu sinto.

J- Ela é fechada, sozinha, machucada.

L- É tudo isso que o Joel disse. Acho também, que ela é judiada pela vida.

T- Como assim?

L- Apanha do marido, é pobre e não tem ninguém que a ampare.

T- E a Lana no sonho?

J- *Acho que a Lana foi atenciosa com ela, acolheu, ficou com pena, mas não a deixou dormir na cama do Tiago. [Risos].*

L- *Nossa! É verdade, eu vi os machucados dela, a situação dela como mulher, mas acho que eu a tratei como a faxineira o tempo todo.*

T- Como assim?

L- *Que chega, faz seu serviço e vai embora. Eu não a olhei como pessoa.*

L- *Eu não cuidei dela como poderia fazer se fosse outra pessoa.*

J- *Eu acho que ela não fez nada pela mulher, em si.*

L- *Só acolhi, deixei-a ficar ali.*

J- *Ela tinha aquele tempo ali para conversar com ela.*

T- Sei.

J- *Em nenhum momento, ela perguntou o que aconteceu.*

T- Parece que a Lana do sonho não sabia muito que fazer com ela?

L- *Agora, eu pensei que a Lana do sonho tinha mais autonomia que a faxineira, mas não o suficiente para cuidar bem dela, colocá-la na cama e ficar com ela. Eu não quis acordar ninguém.*

T- Ela te pediu alguma coisa?

L- *Não. Ela não pronunciou uma palavra, só eu que falei e muito pouco, pois queria resolver logo a situação.*

T- Você estava preocupada com os outros, no caso o Joel e o Tiago.

L- *Sim, por isso não a ajudei como poderia.*

T- Que tipo de sentimento essa situação evoca em você?

J- *De estar cego diante da dificuldade.*

J- *Diante daquela violência.*

L- *Eu teria dito para ela procurar uma delegacia e denunciar aquilo porque é crime, mas deixei do jeito que estava.*

T- O que essa mulher pode representar para cada um de vocês.

J- *Para mim, é a situação de estar fechado.*

T- Como assim?

J- *O que ela tem muito em comum comigo, é que ela fica muito fechada e sozinha. Eu sou assim.*

L- *Para mim, é esse jeito muito simples dela, sem direito a nada.*

T- Subjugado?

L- *Exatamente.*

T- E o que isso reflete na vida de vocês?

L- *Ela não cuida dela, da vida dela, do casamento. E eu não cuidei dela, no sonho.*

L- *Acho que eu não cuidei de mim, da minha vida.*

J- *É. Eu acho isso, também.*

6.1.8.3 Reflexão

No trabalho com esse sonho, Lana e Joel puderam refletir sobre a presença da imagem da mulher ferida no casamento. Lana, ao olhar como tratou a faxineira no sonho, percebe como ela se coloca na vida e no casamento, como tem

tratado a si mesma da maneira que tratou a faxineira no sonho, como alguém inferiorizada, mantendo consigo mesma um julgamento depreciativo. Ao olharmos o sonho, podemos considerar a figura da faxineira como sua função inferior, seu lado subdesenvolvido, que não se apoderou de seus próprios recursos e que chega de madrugada lhe pedindo abrigo.

Essa maneira de Lana se colocar diante do relacionamento com o marido, tão inferiorizada e humilhada, configura-se numa agressão a ela mesma, numa agressão à sua psique. Para Joel, a figura da mulher fragilizada o fez pensar sobre sua postura em relação ao feminino e tudo aquilo que envolve ternura e paciência. Na frase abaixo, percebemos o sentimento de ambiguidade que Joel vivencia nos relacionamentos pessoais. Ele diz:

J- Eu me tornei os dois lados opostos: sou muito bom e também muito frio. Eu estou me tornando assim, os dois lados, um lado está preocupado com a pessoa, ao mesmo tempo, o outro não, pois me sinto irritado e abusado.

De acordo com ele, o trabalho com este sonho de Lana mostra uma mulher solitária, com medo da vida, e isso o remete à sua situação de isolamento. Ele também percebe que dentro dele há “um princípio muito machista” que o faz se irritar com mulher no trânsito, por exemplo. Neste momento, ele traz a seguinte reflexão:

J- Eu acho que eu não consigo dar aquilo que é necessário para o relacionamento, ou seja, mais carinho, mais atenção.

J- Sabe, geralmente quando eu sonho com mulher, eu sonho que estou brigando com a Lana.

T- Parece que você briga com você mesmo.

J- Pois é. Todos os sonhos são desse jeito; no caso da minha mãe, eu sonho discutindo com ela, se sonho com a Lana, é sempre brigando com ela.

Ao trabalhar este sonho pudemos observar que ele apontava para a dificuldade do casal em acolher o feminino ferido e encontrar um lugar para eles na vida conjugal. Lana não cuida da mulher, pois tem medo que Joel acorde, que seu filho chegue e fique bravo ao vê-la deitada em sua cama. Isso pode representar a dificuldade do casal de falar sobre o casamento, seus planos, desejos e receios e assim, encararem juntos os desafios da vida a dois.

Este foi o último sonho trabalhado com o casal e pudemos perceber que

ele mobilizou muitos aspectos importantes, desafiando os parceiros a desenvolverem uma relação baseada no padrão da alteridade.

Na última sessão, em 15/02/08, ao fazer o fechamento, o casal retoma a reflexão sobre o sonho “A contundida”. Ambos contam um episódio que representou uma conquista para os dois, pois envolve uma mudança de postura. Lana conta que deu dinheiro para Tiago fazer a inscrição do vestibular e ele a fez, contudo, com o troco, comprou um livro. Quando voltou, Lana disse que ele não deveria ter comprado o livro, pois naquele momento, eles estavam priorizando o vestibular. O filho não gostou, reclamou da atitude de Lana com o pai e com a mãe. Lana diz que não se arrependeu, pois fez o que tinha que ser feito e que ela e Joel sustentaram sua posição enquanto casal.

Ao citar o trabalho com o sonho, Lana observa que sua postura nele foi diferente da acima relatada. Diz que no sonho não conseguiu deixar a mulher ferida deitada na cama de Tiago, pois ele ficaria bravo se chegasse e visse alguém em sua cama. Pensa também, que no sonho não conversou mais com a faxineira porque Joel poderia acordar e se incomodar. Para ela, tudo isso é reflexo da sua falta de autonomia e assertividade. Segue um trecho da sessão:

L- Acho que no sonho, eu não agi com autonomia. Eu poderia ter falado para ela ir deitar no colchão, ao lado da cama do Tiago, mas eu deixei que acontecesse isso, chegar ao ponto de tirá-la de lá, da cama, sendo que ela estava toda machucada.

T- Se o Tiago chegasse e visse a mulher deitada na cama dele, ele aceitaria?

J- Não.

L- Ficaria bravo.

J- Eu falaria para ele e pronto. Ele precisa entender o que está certo e o que está errado.

T- E você?

L- Para ser sincera, se fosse antes da terapia, eu evitaria essas situações como no sonho, mas não sei como eu arranjei força e falei o que achava para o Tiago, apesar de saber que ele não concordaria. Mas eu quis mostrar para ele a situação.

L- Se ele quiser brigar, porque eu falei isso ou aquilo, eu continuo na minha. Não me importo. Uma hora ele vai perceber. O importante é que falei.

Nesse momento final do processo, Joel conta um sonho que teve com seu chefe há um ano e que havia esquecido totalmente. Podemos pensar que tal sonho foi trazido por Joel nesse momento, para sinalizar a necessidade do casal dar continuidade ao trabalho terapêutico. Segue o sonho:

J- Chego ao banco e me deparo com um evento de

representantes. Quando eu entro lá, um homem, que foi meu chefe quando eu era estagiário, me empurra e eu falo pra ele: "Aqui acabou viu. Agora nós somos de igual pra igual. Eu acho que tecnicamente sou até melhor que você. Você entende isso? O cara tem vinte anos a mais que eu. Você vê que até no sonho tenho a necessidade de brigar, de me defender?"

T- No sonho você confronta o chefe.

J- Ele sempre foi um cara chato, autoritário.

T- Como você agiu no sonho?

J- Eu dei o troco. Era o que eu deveria ter feito há vinte anos.

J- Isso que é. Eu não esqueço e aquilo vai incomodando muito.

T- Que sensação o sonho lhe trouxe?

J- Uma sensação de alívio, mas ao mesmo tempo, uma sensação de que estou atrasado, que perdi tempo em minha vida. Eu fiquei guardando isso e não resolvi algo dentro de mim.

Esse sonho não foi analisado segundo nossa proposta de trabalho, mas apontou pontos importantes para o casal em relação à sua psicodinâmica. Semelhante aos primeiros sonhos de Lana, "Atrasada" e "Inadequação", este sonho traz a temática do enfrentamento. Nele, Joel confronta um lado masculino autoritário e prepotente que o acua. A figura do professor pode deixar de ser ameaçadora a partir do momento em que Joel se aproxima da possibilidade de construir uma relação que respeita as diferenças, na qual ele pode receber conselhos e ser cuidado sem se sentir humilhado.

QUADRO 7- Sonho "Contundida"

Contexto Onírico	Associações Pessoais	Amplificações	Temas Oníricos	Insights do Casal	Hipóteses sobre os Conflitos
<ul style="list-style-type: none"> • Lana recebe a faxineira em sua casa de madrugada. • Ela está vestida para trabalhar, mas está machucada, com os olhos roxos e o pé fraturado. • O Joel está dormindo. 	<ul style="list-style-type: none"> • A faxineira: uma pessoa tímida, quieta, que tem medo de tudo. • Teme ser acusada de estar fazendo algo errado. • Pede desculpa pela possibilidade de alguém reclamar de alguma coisa. 	<ul style="list-style-type: none"> • O arquétipo da mulher ferida. 	<ul style="list-style-type: none"> • Desamparo • Mulher subjugada, que precisa de ajuda. • Sofrimento. 	<ul style="list-style-type: none"> • O casal precisa agir com mais autonomia. 	<ul style="list-style-type: none"> • Eles precisam desenvolver uma relação baseada no padrão de alteridade.

6.1.8.4 Comentários sobre a dinâmica do casal

Este momento terapêutico foi importante para o casal perceber que o encontro deles representa a possibilidade de superar os conflitos vividos no decorrer da história pessoal de cada um e viver como companheiros e parceiros que constroem juntos uma história. No término do processo, conversamos sobre a importância de o casal prosseguir com o trabalho psicoterapêutico e assim, trabalhar os complexos carregados de energia psíquica que podem atrapalhar e impedir o fluxo do processo de individuação de cada um e do casamento.

6.2 Casal 2: Paulo e Rita

Histórico do casal

Rita tem 30 anos e Paulo, 27. Eles estão casados há um ano e quatro meses e não têm filhos. Ambos trabalham na área da educação. Eles frequentam uma igreja evangélica desde quando se conheceram e começaram a namorar, há sete anos.

Segundo o casal, nos três últimos anos de namoro, eles trabalharam muito para comprar um terreno, construir uma pequena casa, mobiliá-la e, só então, se casaram. Rita conta que eles se casaram de acordo com a doutrina da igreja e não tiveram relações sexuais antes do casamento.

A família de origem de Paulo é formada pelos pais e um irmão, dois anos mais novo que ele. Seu pai, um militar aposentado, costumava trabalhar em outra cidade e, quando estava em casa, não conversava muito com a família. Sua mãe, uma mulher quieta e reservada, nunca trabalhou fora e sempre dependeu do marido para tomar as pequenas decisões do dia a dia. Paulo conta que em sua casa as pessoas se falavam pouco e como na cozinha não havia uma mesa para fazerem as refeições juntos, cada um fazia seu prato, ia para seu quarto e comia enquanto via a televisão.

Paulo se descreve como uma pessoa calma, alegre e descontraída, mas com dificuldade em administrar seu tempo e dinheiro. Não consegue dizer “não” para as pessoas, o que acaba fazendo com que ele se desvie de suas metas para

aderir ao problema do outro. Reconhece que Rita o ajudou a lidar melhor com suas dificuldades, pois a considera uma pessoa organizada. Segundo ele, apesar de não ter tido uma vida sofisticada, sua família não passou dificuldades financeiras, mas não foi criado com disciplina e rotina. Ele não tem lembranças de ter visto seus pais se preocuparem com seus estudos, com notas e frequência à escola, nem com o futuro dos filhos quanto à profissão.

Atualmente, os pais de Paulo enfrentam problemas com seu irmão, que mora com os pais e agora trouxe a namorada, que está grávida, para morar na casa deles. Seu pai está incomodado com essa situação, pois sente que seu irmão tem ocupado o espaço na casa, mas não consegue conversar com o filho e tomar as decisões necessárias para resolver a situação. Paulo é quem que conversa com o irmão e tenta ajudá-los a resolver os conflitos da casa de seus pais.

Rita cresceu numa família com poucos recursos financeiros e passou muitas dificuldades quando criança. Seu pai trabalhava como pedreiro e sua mãe ficava em casa. Ela tem um irmão três anos mais novo, solteiro e que mora com seus pais. Para Rita, seu pai é uma pessoa boa e calma e sua mãe uma mulher emocionalmente inconstante. Quando criança, lembra que sua mãe ficava brava e agressiva sem motivos.

Rita conta que ela e o irmão sofreram agressões físicas e verbais por parte da mãe. Ela e a avó materna “praticavam bruxarias” em sua casa e nesses dias, Rita e o irmão, que eram ainda pequenos, não podiam permanecer lá, pois sua mãe não fazia comida e batia neles por qualquer motivo. Por isso, eles tinham que passar o dia na rua ou na casa dos vizinhos. Quando o pai chegava, eles se sentiam um pouco mais protegidos, mas ele, apesar de bom, não conseguia enfrentar a esposa.

Desde cedo aprendeu a proteger a si e ao irmão dos comportamentos agressivos da mãe. Conta que com nove anos foi trabalhar como empregada doméstica na casa de uma vizinha, para comprar um livro para a escola. Trabalhou nessa casa até completar quatorze anos, quando conseguiu outro emprego como vendedora em uma loja. Atualmente, a relação com sua família está estável. Sua mãe está mais equilibrada emocionalmente e seu pai os visita constantemente. Rita está em processo terapêutico individual, cujo foco do trabalho no momento é a vivência traumática de sua infância e como isso tem afetado sua dinâmica pessoal e conjugal.

Queixas e expectativas

Paulo e Rita chegaram ao consultório pela primeira vez em 30/07/07, animados e bem humorados. Nesse mesmo dia, eles receberam a notícia de que Rita estava grávida. Porém, na semana seguinte, ela teve um aborto espontâneo.

O casal trouxe a seguinte situação conflituosa: Paulo teve um caso extraconjugal com uma mulher amiga do casal que frequentava a mesma igreja. Segundo Paulo, Rita não consegue superar essa situação, trazendo sempre esse fato para a relação deles, gerando brigas e discussões.

Paulo e Rita se casaram em maio de 2006 e em junho desse mesmo ano ela teve uma crise de pânico. Conta que nesse período estava trabalhando muito, quase doze horas por dia, sentia-se sozinha, pois o marido não a procurava sexualmente. Nessa época, teve um sonho no qual o marido a estava traindo com uma amiga do casal. Mas, ao questioná-lo sobre o seu possível envolvimento com a pessoa, Paulo sempre negava. Somente em novembro do mesmo ano ele confirmou que teve um relacionamento afetivo com essa pessoa, o qual teve início em maio de 2005 e só terminou em junho de 2006, quando o caso foi descoberto.

Para Rita, o marido ainda não contou a ela tudo sobre o caso e até hoje ela desconfia de sua fidelidade. Segundo ela, ele tem “mania de mentir e omitir a verdade em relação aos fatos da vida dele e é assim pela educação que recebeu de seus pais, os quais nunca exigiram nada dele”. De acordo com Rita, Paulo só revelou toda história do relacionamento em março de 2007, no ano seguinte, ou seja, nove meses depois que foi descoberto. Ela diz: “Ele mentiu para mim e foi leal com a outra. Ele não revelou a história de uma vez, mas foi ‘soltando’ aos poucos e eu fui adoecendo. Isso foi me matando e me atormenta até hoje.”

Paulo conta que a vida do casal está muito ruim, pois os cônjuges não passam dois dias sem discutir e sem que Rita toque no assunto da infidelidade. Para ele, Rita precisa superar esse fato, caso contrário, os dois não poderão viver em paz, pois, segundo ele, “ela tem muita necessidade de falar sobre esse assunto o tempo todo.” Ele diz reconhecer que não foi honesto com a esposa e que na época ela estava trabalhando muito e dispensava pouca atenção para ele. Pensa que precisam seguir em frente e coloca que não contou nada antes, pois tinha medo das reações agressivas da esposa. Ele acredita que eles precisam “pôr uma pedra em cima deste assunto”.

Paulo considera Rita uma pessoa muito íntegra, trabalhadora e amorosa,

mas diz que seu lado crítico atrapalha o relacionamento dos dois, pois sente que é difícil contentá-la. De acordo com ele, Rita quer estar no controle de sua vida, quer controlar como ele ocupa seu tempo e dinheiro, não tolera um pouco de atraso e acha que ele precisa consultá-la para comprar até um simples utensílio de cozinha. Rita discorda de Paulo quando este diz que ela quer controlar tudo, mas que ela só age deste modo porque Paulo é muito desorganizado, gasta dinheiro com coisas desnecessárias e tem mania de mentir. Tudo isso a deixa muito irritada.

Quanto ao que cada um espera da terapia, Paulo diz que espera que ela ajude Rita a esquecer o que passou e voltar a acreditar nele, para que eles possam ter uma vida melhor juntos. Diz que sabe que tem que mudar muitas coisas em sua vida, mas que o descontrole de Rita só atrapalha o relacionamento e a deixa doente. Paulo considera que atualmente a saúde emocional de Rita está bem melhor, pois não está mais tomando remédio para depressão e quando ela fica “meio nervosa”, eles saem para um passeio e “ela se distrai”. Rita diz que Paulo tem que parar de mentir para que ela possa voltar a confiar nele.

Apesar dos conflitos, o casal diz que tem momentos muito especiais juntos e que não pensa em se separar, pelo contrário, eles querem superar os conflitos e continuarem a crescer juntos. Eles se descrevem como um casal alegre e afetuoso, que cuida um do outro, mas que precisa mudar muitas coisas no casamento.

6.2.1 Primeiro Sonho: “Traição” (Rita)

6.2.1.1 Sonho do casal

- **Contar o sonho**

Rita conta o sonho na primeira sessão, em 08/08/07. Diz que logo que soube da pesquisa, pensou no sonho que havia tido com Paulo há mais de um ano. Conta que teve esse sonho um mês após seu casamento, quando ainda não sabia que o marido estava mantendo um relacionamento extraconjugal com uma amiga do casal.

R- Estou na cozinha onde há uma porta de vidro separando-a do outro ambiente. Eu vejo o Paulo com essa pessoa, eles estão

de mãos dadas conversando e trocando carinhos. Daí, vejo os dois se beijando. Tenho a sensação de traição.

Este sonho não foi trabalhado logo após o seu relato. Ao terminar o relato, Rita tece o seguinte comentário sobre o sonho:

R- No sonho me sinto traída, decepcionada e não querendo acreditar no que eu estava sonhando.

Nas duas primeiras sessões, em 08/08/07 e 15/08/07, percebemos a necessidade de Rita expressar sua dor de mulher que se sente traída, quando ela retoma com detalhes o fato ocorrido e expõe seus questionamentos sem esperar ouvir alguma resposta por parte do marido ou mesmo da terapeuta. Em meio ao relato do sonho e chorando muito, Rita expressa seus sentimentos ao descobrir que foi enganada por Paulo.

Nesse momento, o casal apresentou pouca disponibilidade para distanciar do arranjo fixado, “traído e traidor”. Rita estava machucada e conta sua dor por meio do relato de seu sonho.

A nosso ver, esse sonho não foi compartilhado com o parceiro, Rita ainda estava muito identificada com o sonho, logo não havia espaço para a terapeuta estimular o casal a atentar conjuntamente para a sua narrativa, nem propor uma atividade de modo a direcionar o trabalho com o sonho ao relacionamento conjugal.

Na segunda sessão, em 15/08/07, Rita para fala de sua revolta em relação à atitude de Paulo e sobre as lembranças dos episódios relacionados ao fato ocorrido. Percebemos que as lembranças se apresentavam carregadas de afetos e tomavam conta do espaço terapêutico.

P- Ela insiste em ficar perguntando, eu não quero mais falar nisso, se eu conto piora, ela se altera e isso não bom pra gente.

R- Eu me altero um pouco, porque eu queria colocar um ponto final nisso e ficar bem.

P- Tem coisas que não tem explicação, eu não sei como aconteceram.

R- Às vezes, eu tenho dúvida se ele me ama, se ele está comigo porque quer. É isso o que você quer Paulo?

R- Na semana do casamento eu fiquei me questionado bastante, porque eu sempre falei, eu não quero me casar para me separar.

R- Quando eu perguntava se ele queria se casar, ele respondia que sim, só que na época ele já estava me traindo. Se ele tinha certeza que queria se casar comigo, porque ele estava me traindo?

P- Sem problema, hoje eu falo sem problema. Acho que nós

estávamos trabalhando muito e não tivemos tempo legal pra gente.

R- Mas eu sempre falei isso, ele ficava enfiado dentro da Igreja e nunca tinha tempo para o nosso relacionamento.

Nos momentos do processo em que Rita expressou sua raiva e dor, a terapeuta precisou lidar cuidadosamente com a situação contratransferencial que se instalou. Por um lado, havia um sentimento de empatia com a dor de Rita, a mulher ferida, que ama e quer ficar no casamento, mas que não encontra uma forma para acolher suas mágoas e prosseguir na construção da vida a dois. Na outra polaridade, a fala de Rita ressoava como um discurso acusatório e provocativo que parecia ter como fim provocar em Paulo um desconforto semelhante ao seu, para assim alcançar um alívio apenas imediato. Essa ressonância trouxe um desconforto na terapeuta, que a percebia como uma pessoa difícil, queixosa, repetitiva.

Na situação transferencial, Paulo parece pedir o suporte da terapeuta para se defender dos ataques de Rita. Logo, ele conta alguns episódios em que Rita expressa sua raiva de maneira agressiva e também fala da necessidade dela em controlar sua vida.

Paulo precisa mostrar o quanto sofre com a essa situação e que a resolução só depende da boa vontade de Rita. Essa postura do cônjuge evocou um sentimento ambíguo na terapeuta, que ao mesmo tempo em que conseguiu compreender sua situação aflitiva, sentiu também certo desconforto com suas atitudes defensivas de esquiva quando falava para Rita esquecer essa história “de uma vez por todas”, como se esta fosse uma vivência corriqueira.

Nessa segunda sessão, trabalhamos a situação transferencial com o casal, a dificuldade de Paulo em interagir com as demandas de Rita e da situação, que pede um confronto com o conflito, e sua postura em querer sair rapidamente desse lugar, ou mesmo, procurar dissipar o clima difícil por meio de uma postura descontraída, brincalhona e desprovida de seriedade. Percebíamos que nesta atitude também havia traços de desconsideração e falta de empatia para com a dor da esposa. Conversamos também sobre a dificuldade que Rita tem de sair deste lugar.

- **Escolher o sonho**

Na terceira sessão, em 22/08/07, o casal expressou sua vontade de

retomar o sonho.

- **Relato**

O sonho foi relatado por Rita, segundo a proposta aqui apresenta.

R - Estou na cozinha que tem uma porta de vidro separando-a do outro ambiente. Eu vejo o Paulo com essa pessoa, eles estão de mãos dadas conversando e trocando carinhos. Fico olhando e daí, eu vejo os dois se beijando. Tenho a sensação de traição.

- **Título**

Após o relato, pedimos para que os cônjuges escolhessem um título para o sonho. Paulo comenta com certo humor, que já havia escutado “mil vezes” esse sonho e, em seguida, Rita diz que ele a acompanha há muito tempo. Neste momento, os dois riem. Rita, posteriormente, sugere o nome “Traição” e Paulo concorda dizendo: “só poderia ser este nome mesmo”.

A terapeuta pergunta se eles gostariam de sugerir outro título para este sonho e eles respondem que não.

6.2.1.2 Apreciação

T- O que está acontecendo?

R- Estou na cozinha, não sei se é na Igreja ou em uma casa bem grande. Há um ambiente do outro lado da cozinha onde estão o Paulo e a “outra”, “a dona da história”.

P- Eu imagino uma casa com outro cômodo sendo uma sala.

T- Como é a cozinha?

R- É bem simples uma pia grande, uma mesa retangular. Os armários ficam em baixo da pia.

T- Que ideia vocês associam com “cozinha”?

R- Um lugar da casa onde a gente conversa, se alimenta. Nós gostamos de ficar conversando na cozinha de casa, não é Paulo?

P- É verdade. A gente vai fazendo a coisa junto e vai conversando. É gostoso. Na casa dos meus pais eu nunca tive isso de ficar na cozinha.

T- No sonho você está sozinha lá. Esse lugar é conhecido?

R- Não sei, me lembrou a cozinha da Igreja, mas era diferente. Coisas de sonho!

T- Temos no sonho a casa e /ou a Igreja. O que significa para vocês dois estes lugares.

R- Eu penso Sílvia que os dois lugares são sagrados. Eles tem funções diferentes como, por exemplo, a casa acolhe a família e a Igreja agrega muitas pessoas diferentes.

P- Os fiéis.

R- [Risos] *E os infiéis.*

T- Quem está no sonho?

R- *Eu, o Paulo e a outra pessoa.*

T- Não há mais ninguém na casa?

R- *Não. O lugar é claro e silencioso.*

T- Em que período do dia o sonho acontece?

R- *Acho que é de dia, a tardezinha, pois o ambiente está bem claro ainda.*

P- *Eu também imaginei que era dia.*

T- Como é o restante do cenário do sonho?

R- *Do outro lado da porta é um cômodo grande, uma sala, mas não vejo móvel nenhum lá. Um lugar vazio. Tem também a porta de vidro que está fechada e separa a cozinha desta sala.*

T- Uma porta de vidro?

R- *Isso, um vidro muito transparente, De lá posso ver tudo muito nítido. Só sei que é uma porta, pois tem uma fechadura.*

T- E como você está no sonho?

R- *Estou parada em pé só olhando Paulo e a menina. Eles estão do outro lado, juntos se acariciando. Sinto-me extremamente sozinha nesta hora.*

T- Você fica em pé parada?

R- *Acho que paralisada, melhor falando. Não saio de lá, não faço nada, só fico olhando os dois.*

T- E os dois?

R- *Eles estão de mãos dadas, se acariciando, um olhando para o outro. No final eles se beijam.*

T- Qual o protagonista do sonho?

R- *Ela é a dona da história, mas acho que eu sou a protagonista.*

T- Como assim?

R- *Não sei, é confuso... As duas são protagonistas.*

T- Como os personagens estão posicionados em relação ao eu do sonhador?

R- *Ah, eu no sonho estou sozinha e isolada.*

P- *Eu estou perto da menina e distante de Rita.*

T- O que isto evoca em vocês dois enquanto casal?

P- *Lembra quando você falou que no sonho as figuras que aparecem podem representar partes nossa? Então, o que está faltando para que eu e a Rita possamos ficar mais perto um do outro é poder ser mais carinhosos um com o outro.*

R- *Isto faz sentido, pois falando desse sonho agora, sinto que eu preciso enxergar mais alguma coisa, sei que tenho que aprender alguma coisa com tudo isso.*

T- Qual a sua sensação no sonho?

R- *No sonho?*

T- Sim, no sonho?

R- *Me sinto distante, sozinha e abandonada.*

T- E do outro lado?

R- *É outro clima. Eles estão um com o outro, próximos e felizes.*

Eu estou fora disso.

T- Paulo, está tudo bem com você? Você gostaria de falar alguma coisa sobre o sonho?

P- Não, na verdade, neste momento posso me colocar no lugar da Rita e eu posso sentir o mal estar dela.

T- Ela lá do outro lado da porta?

P- Isso. Vejo que ela está muito sozinha.

T- E como está sendo para você trabalharmos este sonho desta maneira?

P- Sei que não é fácil para nos dois tocarmos nisso, mas toda vez que Rita lembrava dele, eu só conseguia ver que a gente não saía disso e pensava: "De novo!". Mas hoje sinto que ficou menos pesado falar sobre isso.

T- E você Rita?

R- Eu também, eu acho que com você aqui, consegui falar deste sonho de maneira mais leve e ver algo mais além de estar sozinha e com raiva.

T- Explica melhor.

R- Ah, que eu preciso abrir aquela porta de vidro.

T- Então vamos continuar com o sonho. Qual é problemática do sonho?

R- Quando vejo o Paulo, meu marido com outra mulher.

T- Qual é o clima do ambiente do sonho?

P- Olhando pelo lado da Rita, o clima é tenso, de apreensão.

R- Verdade. Para mim é de desmoronamento, de decepção.

T- Qual o ponto mais alto do sonho?

R- Eu parada ali, olhando tudo aquilo acontecendo, sem conseguir ir até lá, passar para o outro lado.

P- Acho que é isso mesmo.

T- Como assim?

R- Eu sinto muito ódio. Sabe Sílvia, depois que eu tive este sonho, um dia eles estavam na sala e eu no quarto, aí eu a ouvi dizer; "Ela não desconfia de nada". Aquilo me tirou o chão. Tive a mesma sensação no sonho.

T- Eu posso entender.

P- Eu vejo o que eu fiz, não foi legal.

T- Como o sonho termina?

R- Eu não faço nada, fico parada do outro lado, eu sozinha com um monte de sentimentos ruins. É exatamente como eu me sinto no meu casamento, sozinha.

P- Acho que é isso que temos de mudar no nosso casamento.

T- Me explique melhor.

P- Eu acho que enquanto a Rita ficar paralisada por essas lembranças, nada vai mudar, pois tudo na nossa vida gira em torno disso.

T- Ok. Então o Paulo está lá do outro lado.

R- Acho que eu teria que ir lá.

T- Se movimentar em direção a ele?

R- É isso, ocupar o meu lugar ao lado dele.

T- É isso o que a protagonista poderia fazer, além de descobrir que está sendo traída?

P- Tentar mudar a situação. Na verdade eu estou tentando.

T- Paulo, como é esse sonho para você?

P- Pra mim pude ver que eu e a Rita estamos distantes um do outro, como se ainda tivesse uma porta de vidro. Eu queria estar com a Rita carinhosa, que eu pudesse me aproximar.

R- É difícil.

T- Um desafio que exige um sacrifício. Gostaria que vocês tentassem olhar a mulher do sonho, como uma parte do sonhador. Como ela aparece para vocês? Sem ficar presos à figura dessa pessoa, sabe?

R- Você quer saber as características dela?

T- Como esta figura aparece no sonho?

R- Ela parece estar feliz e tranquila ao lado de Paulo e não está “dando bola para nada”.

T- Bem diferente de você no sonho, não é?

P- Muito.

R- Diferente de mim na vida real mesmo. Eu sou uma pessoa preocupada e ansiosa.

T- Ok. E o que o sonho poderia estar ilustrando para a situação atual de vocês dois?

R- Sobre nós?

P- Sabe o que eu pensei? Que estas três personagens estão representando nós dois e que temos que fazer um arranjo com isso.

T- Um arranjo?

P- Não sei ao certo, mas sei que cada de um nós precisa sair deste lugar que o sonho mostra que estamos.

R- Verdade.

T- Assim, então vamos lá, que tipo de atitudes os personagens apresentam nos sonhos?

R- Do Paulo, uma pessoa que está fazendo algo errado, mas que não está nenhum pouco preocupado com a situação. Ele não tem postura de um homem casado. Eu, no sonho estou com muita raiva dos dois e fico distante.

P- Com razão.

T- O problema é ficar preso à essa “razão”.

R- Pois é, eu sei disso, mas é difícil. A outra está sendo carinhosa, gentil, tudo o que eu não consigo ser no sonho. Mas ela também é safada.

T- Hum, hum. Ok. Nosso tempo está acabando, mas podemos continuar o trabalho com este sonho na próxima sessão. Vocês gostariam de falar mais alguma?

R- Eu gostaria de falar que eu gostei de contar o sonho e me sinto mais aliviada.

6.2.1.3 Reflexão

A fase de reflexão com esse sonho se estendeu nas duas sessões seguintes: a quarta sessão, em 28/08/07, e a quinta sessão, em 12/09/07, após

olharem o sonho juntos, a partir das associações, ampliações e *insights* alcançados durante o trabalho de apreciação dos aspectos dos elementos do sonho. Então, eles puderam conversar sobre como cada um se percebia na relação, como se sentia tratado pelo outro e como tratavam um ao outro.

Trabalhamos com a imagem do sonho em que Rita vê o marido trocando carinhos com uma mulher que é amiga do casal. Do ponto de vista subjetivo, o inconsciente utiliza a figura do parceiro para mostrar aspectos que estão projetados nele, que precisam ser retirados e reintegrados na pessoa do sonhador. Lidamos, assim, com os aspectos da individualidade e da conjugalidade. Separados por uma porta de vidro translúcido, os cônjuges podem ver um ao outro, mas não conseguem se tocar, ou seja, Paulo não acessa a mulher erótica em Rita e esta não consegue acessar o homem protetor e viril em Paulo.

Rita aparece sozinha, isolada, agarrada na razão e na justiça. Ela acredita ter direito de ficar ao lado do marido, pois é sua mulher legítima. Ao refletir sobre essa imagem e seu papel no casamento, Rita percebe o quanto ficou distante de seu lado carinhoso, meigo e erótico ao se ocupar com todas as coisas práticas do casamento, de sua vida e da vida de Joel.

Já a figura de Paulo no sonho, representa a outra polaridade, aquela que vive o prazer do momento e evita entrar em contato com as profundezas do relacionamento. Paulo, por sua vez, parece não estar maduro para o casamento. Ele está pronto para namorar. Logo, ele não consegue facilitar o caminho de Rita, pois não está voltado para acessar o erotismo da esposa.

Esse sonho não apenas antecipou uma revelação, mas o trabalho com ele trouxe aspectos importantes da dinâmica da personalidade de Rita e da dinâmica conjugal. No trabalho com o casal, pudemos apreender que, no sonho, Rita está sozinha na cozinha, olhando o marido trocar carícias com uma mulher e há uma porta de vidro que a separa dos dois. Apesar de ser a esposa, ela se sente desesperadamente sozinha.

Nesse momento de reflexão, a função da terapeuta foi coordenar as discussões que envolveram a questão da infidelidade de Paulo e o impacto desta no casamento e na ferida de abandono de Rita e conduzir as associações em direção ao relacionamento conjugal.

Podemos entender a dificuldade de Rita em compartilhar esse sonho, que traz o triângulo amoroso na terapia de casal. Não é fácil para ela olhar e ver o

quanto não tem conseguido ser amante, o quanto tem abafado o próprio feminino e também o quanto não sabe se pode contar com o companheirismo de Paulo. Como ela diz: “Ah... eu preciso abrir aquela porta de vidro”.

Abaixo, segue um trecho dos momentos reflexivos do casal:

P- *Sei que preciso estar mais presente no casamento e estou tentando meu máximo. Mas me sinto sufocado, preso. Tenho medo das reações dela. Sinto insegurança em tudo.*

R- *Eu percebi que eu e o Paulo precisamos mudar algumas coisas em nós, por exemplo, acho que eu preciso relaxar mais, ficar mais solta. É por isso que estou tão doente. O Paulo precisa ficar mais atento às nossas necessidades de casal. Eu percebo que ele não se importa com isso.*

P- *Eu também acho que a Rita precisa mudar, ser mais carinhosa. E eu, por ser diferente dela, às vezes, “pisso na bola” com horário ou mesmo gastando o que não precisaria.*

R- *Eu gostaria de confiar nele.*

Podemos sugerir que o trabalho com esse sonho sinalizou o início do processo do casal, pois permitiu um diálogo mais aberto sobre as dificuldades de cada um e a flexibilização da relação traidor/traído trazida pelos parceiros nos primeiros encontros. Apontou para o casal a necessidade de acessar a sexualidade, o contato prazeroso, o carinho e o afeto no relacionamento.

QUADRO 8 – Sonho “Traição”

Contexto Onírico	Associações Pessoais	Amplificações	Temas Oníricos	Insights do Casal	Hipóteses sobre os Conflitos
<ul style="list-style-type: none"> • Rita sozinha na cozinha de sua casa, vê o marido com outra mulher, amiga do casal, trocando carinhos. • Uma porta de vidro que separa a cozinha de outro cômodo. 	<ul style="list-style-type: none"> • A cozinha: lugar onde o casal conversa e faz as coisas juntos. • Na infância de Paulo e a família não ficavam juntos na cozinha. • Casa reúne família e, a Igreja, as pessoas da mesma religião. • Os dois são lugares sagrados. 	<ul style="list-style-type: none"> • A casa acolhe a família e a Igreja agrega pessoas com a mesma fé. • Cozinha: lugar da casa onde preparamos o alimento e fazemos as refeições. • Lugares de reunião e comunhão. 	<ul style="list-style-type: none"> • Infidelidade. • Traição. • Paralisação. • Solidão. • Separação. • Relacionamento íntimo/sexual. 	<ul style="list-style-type: none"> • Sentimento de solidão e abandono. • Mudanças necessárias de atitudes em relação ao parceiro. • Necessidade de Rita ser mulher/amante e de Paulo atentar mais às necessidades do relacionamento. 	<ul style="list-style-type: none"> • Os efeitos traumáticos da traição imobilizaram as forças do casal e abalaram a confiança. • Constelação do complexo de abandono. • Dificuldade de acessar o lado erótico do outro.

6.2.1.4 Comentários sobre a dinâmica do casal

Nas cinco primeiras sessões, a temática da infidelidade permaneceu na pauta das discussões do casal. Em boa parte do tempo dessas sessões, Rita expressava seus sentimentos de indignação e raiva e Paulo tentava minimizá-los. Percebemos também, a necessidade de cada um apontar aquilo que, segundo eles, o outro precisava mudar. Esse aspecto dificultou muito o início do trabalho a partir do sonho com o casal.

Este sonho inicial mostrou aspectos da situação diagnóstica do casal, a qual está permeada de sentimentos contraditórios, ambiguidades, mas também de possibilidades. Também marca o início do processo terapêutico ao trazer a questão do abandono. Os dois lidam com o abandono. Este é um denominador comum no vínculo conjugal. Porém, eles lidam com isso de forma diferente. Paulo tem dificuldade de entrar em contato com o conflito e busca gratificar-se de outras formas, distanciando-se de Rita. Esta, por sua vez, tenta controlar o outro e a situação, pois acredita que, se corresponder adequadamente aos padrões sociais e às normas religiosas, ela merecerá ser correspondida.

6.2.2 Segundo Sonho: “O Encontro” (Paulo)

6.2.2.1 Sonho do casal

- **Contar o sonho**

Na sexta sessão, realizada em 19/09/07, Paulo, animado, conta que havia sonhado e que no sonho, ele e Rita encontram duas amigas. Ambos comentam que se surpreenderam pelo fato de Paulo lembrar-se de um sonho.

- **Escolher o sonho**

O casal decide trabalhar o sonho.

- **Relato**

Paulo relata o sonho conforme as instruções da terapeuta. Durante o relato, Rita parece distante e distraída. No final, ela pede para Paulo contar o sonho

mais uma vez.

P- Eu e a Rita estamos no centro da cidade quando encontramos duas amigas da igreja. Elas vêm nos cumprimentar. Está um clima alegre entre nós. Elas perguntam se estávamos bem, nós respondemos que estava tudo bem.

- **Título**

O casal encontrou muita dificuldade para entrar em contato com o enredo do sonho e dar um título a ele. Rita parecia irritada e intolerante com o entusiasmo de Paulo em relatar o sonho na sessão e se mostrou resistente em participar da proposta de trabalhar com o sonho. Paulo, animado e sem perceber o mau humor de Rita, sugeriu o título “Alegria”.

Nesse momento, Rita argumentou que ao ouvir o sonho logo pensou nas diferenças entre ela e Paulo e também, no descompromisso do marido com ela e com as questões do casamento. Segundo ela, para ele tudo é fácil, ela sente que ele não olha para suas necessidades. Diz Rita: “Este otimismo de Paulo me irrita, eu gostaria que ele fosse mais realista”.

Para Rita, Paulo deveria ter pensado nela ao contar esse sonho na terapia, pois essas amigas da igreja eram amigas da moça com a qual Paulo teve um caso. Segundo Paulo, esse é o lado controlador de Rita. Ele diz: “E até meus sonhos ela quer controlar!”. Para ele, Rita tem muita dificuldade de deixar de falar do assunto “traição”, pois, diz ele: “tudo o que acontece na nossa vida a faz lembrar esse assunto, ou pior, ela pensa que eu estou com caso com a moça”.

Depois de conversarmos sobre as diferenças de cada um a respeito do tipo de personalidade, de visão e da postura frente à vida e o quanto essas diferenças podem incomodar um ao outro, o casal pôde refletir sobre como encontrar o melhor modo de lidar com essas diferenças para que ambos os parceiros, na medida do possível, possam sentir-se respeitados.

Deste modo, na sétima sessão, em 26/09/07, retomamos o trabalho com o sonho de Paulo e eles, finalmente, conseguiram concordar com um título, “O Encontro”.

6.2.2.2 Apreciação

T- Como é o cenário onde o sonho se passa?

P- Ele acontece na rua do centro da cidade. É de dia e há

muitas pessoas na rua, andando pra lá e pra cá.

R- *Imaginei o centro da cidade, no calçadão, onde costumamos andar e fazer compras aos sábados.*

P- *No sonho é assim mesmo, acho que é o calçadão da cidade.*

T- Como é este lugar?

P- *É normal, sabe de sábado o lugar fica lotado de gente. O povo quer gastar [risos].*

T- Sim. Mas descreva este lugar do sonho.

P- *É uma rua larga, não há carros, mas sim muita gente andando, uns vem e outros vão. Nós estamos parados lá no meio, eu a Rita e as duas amigas.*

T- O que podemos associar a esse lugar, a essa imagem do sonho de Paulo?

R- *Para mim é um lugar público, aberto, onde as pessoas estão andando sozinhas ou umas com as outras.*

P- *É isso mesmo, como dizem as pessoas, a rua não tem dono!*

T- E quanto às personagens do sonho?

P- *Elas são nossas amigas, nossas conhecidas. No sonho estavam a Sonia e Ana.*

R- *São duas meninas da Igreja que participavam do ministério do louvor que Paulo liderava naquela época que ele estava tendo um caso com a menina.*

T- Estas pessoas evocam alguma lembrança ou ideia?

R- *Em mim, me faz lembrar o relacionamento dele com ela. Quando eu encontro essas pessoas, eu não consigo me sentir a vontade. Eu logo penso: “Ele alimentava isso, sendo um homem casado, ele não tinha postura. Ela ligou até no celular dele quando eu estava perto e eu ainda com pontos de outra cirurgia que eu havia feito”.*

P- *Mas elas também suas nossas amigas.*

R- *Eu sei Paulo que elas não têm ligação direta com o caso, mas indiretamente sim. Sabe Sílvia eu me lembro disso e sinto raiva, pois imagino que ele era carinhoso com ela e não era comigo.*

T- Elas são amigas do casal?

R- *Na verdade, elas não são amigas de frequentar nossa casa. Nós nos encontrávamos na igreja e costumávamos sair para tomar um lanche juntos. Só isso.*

T- Entendo. E para você Paulo?

P- *Eu vejo um clima bom no sonho, como na época em que eu Rita estávamos bem e nos encontrávamos com as pessoas. Era bom.*

R- *Posso falar? Eu sinto um clima bom, mas não consigo me imaginar no sonho.*

T- Como assim? Você não se sente dentro dele?

R- *Não. É exatamente isso, como no outro sonho, eu me sinto de fora.*

T- Como se o Paulo estivesse com as meninas e você afastada?

R- *Sim, exatamente.*

T- Há algum aspecto do cenário que gostariam de observar?

P- *Não. Eu acho que o sonho é simples*

R- *Não sei, eu pensei na multidão, pessoas desconhecidas nos rodeando.*

T- Interessante. Isso lhes diz algo?

P- Não, eu não consigo pensar em nada.

R- Hum... Sinto-me sozinha apesar de estar no meio de uma multidão.

T- Você não se sente integrada?

R- No fundo acho que é isso. Pois para o Paulo todo mundo já é amigo. Eu já sou diferente.

T- Acho que temos aí uma imagem relevante para vocês. Vocês dois, as duas as mulheres mais próximas de vocês e as pessoas desconhecidas.

R- Uma imagem do nosso casamento?

T- Como assim?

R- Eu e o Paulo namoramos por sete anos, mas não conseguimos viver como casados, ter nossa vida e cuidar de nós. Não sei, mas pensei nisso agora.

P- É verdade, sempre estivemos rodeados de gente como as pessoas da igreja, das nossas famílias, do emprego e tudo o mais. Mas só depende de nós agora, pois sempre estivemos juntos, independente da situação.

T- Qual o protagonista do sonho?

P- Nem sei, porque parece que no sonho não acontece nada.

R- Acho que nos dois que estamos andando na rua, só isso.

P- Eu concordo.

T- Que sensação este sonho traz para vocês?

P- A minha, já disse, muito boa, estamos todos alegres.

R- A minha para variar [risos], desconfortável.

T- Desconfiada?

R- Não, mas meio triste e distante.

T- Sei. Diferente de Paulo, você não se apresenta empolgada com esta situação.

R- É isso. Parece que eu não consigo. Não pelo encontro das amigas, mas tudo, até mesmo eu e o Paulo passeando juntos.

T- Vocês dois conseguem vivenciar momentos prazerosos juntos?

P- Sim, e são momentos bons, a gente se diverte juntos. Mas eu sei que a qualquer momento tudo aquilo pode voltar e aí ela começa a falar e falar e eu acabo me alterando.

R- Eu não consigo, eu fico me questionando: por quê? É uma tortura porque não tenho resposta.

T- Qual o ponto ápice do sonho?

P- Quando encontramos as duas amigas.

T- Há uma problemática na narrativa do sonho?

R- Para o Paulo não. Esta é a problemática [risos].

T- Qual?

R- Ele não vê as coisas com seriedade, para ele tudo é fácil de resolver é só deixar pra lá.

P- Sabe por que Rita? Porque para você tudo é pesado, difícil e você tem que controlar tudo. É isso que você quer?

R- Não. Eu quero uma resposta. Sílvia, na semana do casamento eu o questionei bastante, porque eu sempre falei, eu não quero me casar para me separar. Eu perguntava se ele realmente queria se casar comigo. Ele respondia que queria, mas na época ele já estava me traindo. Se ele tinha certeza, porque ele estava me traindo?

T- Vocês dois falam algumas vezes “para ele tudo é... ela sempre...” É tudo mesmo?

P- [Risos] *Legal sua colocação. Na verdade não é “tudo”...*

T- Acho que se vocês conseguirem relativizar algumas posturas e ideias, as coisas ficarão mais fáceis para vocês administrarem.

R- Eu sinceramente quero sair desta situação tão difícil.

P- Ela fica doente com tudo isso.

T- Então voltamos a problemática do sonho.

R- Só pensei em uma coisa, a diferença entre eu e o Paulo no modo de encarar a situação.

T- No sonho?

R- Sim. Eu estou lá junto com ele, mas ainda não estou inteira, solta. Mas estou melhor que no primeiro sonho que eu trouxe.

T- Neste sonho vocês dois estão juntos num ambiente aberto e se movimentando.

P- Neste sonho há muito mais movimento e espaço que o outro.

T- Como o sonho termina?

P- Com a gente lá conversando.

T- Há alguma resolução, uma mudança ou transformação?

P- Não.

R- No sonho em si não, mas se compararmos este com o outro, neste estou ao lado do Paulo.

T- Num lugar aberto e os personagens estão em movimento. O sonho aponta para alguma direção?

P- Direção?

T- Ele mostra algo para o casal?

P- Eu percebi uma coisa, que estamos juntos para enfrentar as situações lá fora, com as pessoas que temos contato. Acho que isso é bom para mim e para ela.

R- Eu percebo que apesar de estar ao lado dele, eu não me sinto segura e nem eufórica quanto ele. Para ele está tudo bem. Também vejo o quanto a gente lida diferente com as coisas e as pessoas.

T- Quer falar alguma coisa Paulo?

P- Ah, só quero falar que nem imaginava que pudéssemos falar tanto deste sonho tão pequeno e sem história. Eu gostei.

R- Eu também gostei.

6.2.2.3 Reflexão

Esse foi o primeiro sonho que Paulo trouxe à terapia e por meio de associações, o casal chegou à temática que envolve a postura de cada um no relacionamento entre eles e no convívio social. O sonho em sua totalidade mostra a dificuldade do casal em lidar com a maneira com que cada um interage com o meio. No trabalho com o sonho, o casal percebeu que precisa respeitar o jeito diferente de

cada um lidar com o meio, que pode parecer estranho para o outro. O sonho mostra o lado extrovertido de Paulo, que entra imediatamente em contato com as amigas, se entrosa e sente que está tudo bem entre os quatro personagens do sonho.

Porém, esse aspecto apontou para Rita sua dificuldade em lidar com o coletivo, com seus relacionamentos pessoais e sua história de abandono. Mais uma vez ela se sentiu sozinha e preterida. Assim, além do aspecto do tipo de personalidade, podemos supor que Rita, no trabalho com esse sonho, deparou-se com um lado desconhecido seu, um confronto com sua sombra. Ela diz:

R- Este otimismo de Paulo me irrita, eu gostaria que ele fosse mais realista.

No momento de reflexão, Rita conta que muitas vezes fica chateada com algumas atitudes de Paulo, pois as percebe como desprezo e descuido para com sua pessoa. Ela não percebe que tais situações podem também apenas refletir a maneira como ele “vê as coisas”. Como, por exemplo, quando estão com outras pessoas e ele se entrosa de tal forma, que se esquece do que os dois haviam combinado, como a hora de ir embora ou se iriam ou não contar algum episódio da vida deles.

Porém, o casal discutiu a respeito dessa atitude empolgada de Paulo, que também denota a sua atitude descuidada para com Rita, quando, por exemplo, ele não percebe que algumas ações dele podem ser indelicadas em relação à esposa. Abaixo, o trecho do trabalho com os sonhos que mostra como a imagem do encontro com as amigas evoca em Rita o sentimento de solidão e abandono:

T- Estas pessoas evocam em vocês alguma lembrança ou alguma ideia?

R- Em mim, me lembra do relacionamento dele com “ela”. Quando eu encontro essas pessoas, eu não consigo me sentir à vontade. Eu logo penso: “Ele alimentava isso, sendo um homem casado, ele não tinha postura, ela ligou até no celular dele quando eu estava perto e eu ainda com pontos de outra cirurgia que eu havia feito”.

P- Mas elas também são nossas amigas.

R- Eu sei Paulo que elas não têm ligação direta com o caso, mas indiretamente sim. Sabe Sílvia eu me lembro e sinto raiva, quando imagino que ele era carinhoso com ela e não era comigo.

No trabalho com o 2º sonho “O Encontro”, o casal pôde olhar as polaridades das características da personalidade de cada um e atentar para uma forma de colocar a complementaridade a serviço deles. O casal percebeu que um mesmo fato poderia constelar sentimentos diferentes em cada um e que seria interessante olhar o fato sob o prisma do casal. Foi assim que os cônjuges perceberam o quanto estava difícil para Rita continuar a frequentar o mesmo local, a igreja onde tudo aconteceu, e que seria melhor para o casal procurar outra. O sonho também trouxe a questão das polaridades vividas na dinâmica conjugal, por conseguinte trabalhamos os polos negativos e positivos da postura descontraída e descompromissada de Paulo e da postura rígida e controladora de Rita.

QUADRO 8 – Sonho “O Encontro”

Contexto Onírico	Associações Pessoais	Amplificações	Temas Oníricos	Insights do Casal	Hipóteses sobre os Conflitos
<ul style="list-style-type: none"> • Rita e Paulo encontram duas amigas da igreja em uma rua, entre outras pessoas, no centro da cidade. 	<ul style="list-style-type: none"> • Centro da cidade: nadar e fazer compras aos sábados. • As amigas: pessoas conhecidas da Igreja onde Paulo liderava o louvor 	<ul style="list-style-type: none"> • Rua: um lugar público, aberto, onde as pessoas estão andando sozinhas ou umas com as outras. 	<ul style="list-style-type: none"> • Encontro. • As diferenças no casamento. • Vulnerabilidade. • Individualidade e conjugalidade. 	<ul style="list-style-type: none"> • Sentimento de abandono. • Os dois estão juntos para enfrentar as situações com as pessoas que têm contato. • Diferenças individuais. 	<ul style="list-style-type: none"> • Lidar com as diferenças entre eles. • As fronteiras do casamento precisam ser fortalecidas. • Desenvolvimento de atitudes de cuidado um com o outro. • Polaridades: individualidade e conjugalidade.

6.2.2.4 Comentários sobre a dinâmica do casal

A dificuldade de Rita em superar a experiência da infidelidade vivida no casamento e a postura distante de Paulo impedem o desenvolvimento de uma relação mais madura. Quanto mais Paulo teme as reações de Rita, mais se distancia dela, deixando-a mais potente e defensiva. Dessa forma, Rita se torna para ele mais mãe que mulher.

Sabemos que os conteúdos inconscientes e indiferenciados atrapalham o

relacionamento do casal. Porém, para trabalhá-los, em primeiro lugar é preciso minimizar a força do impacto da traição, aproximar os parceiros para que eles possam realizar as possíveis reparações.

6.2.3 Terceiro Sonho: “O Vizinho” (Rita)

6.2.3.1 Sonho do casal

- **Contar o sonho**

Nesta sessão, Paulo e Rita relataram dois sonhos:

P- Estou em minha casa conversando com um menino. Estamos sentados em uma cadeira um de frente para o outro. Percebo que ele está triste e em dúvida de fazer alguma coisa que ele sabe que não é legal. Então, eu falo para ele: ‘ não faça isso, eu passei por isso, olha só o que aconteceu comigo, não foi bom’.

R- Estou na rua conversando com meu pai. Acho que a gente tinha se encontrado na rua. Ai ele fala para mim: “Eu preciso ir ao centro da cidade, no enterro do seu Osvaldo, porque eu acabei não indo ao velório. Preciso ir ao enterro, se não vai ficar chato”.

- **Escolher o sonho**

Após o relato dos dois sonhos do casal, Paulo comenta que, ao aconselhar o menino, sabia que havia quebrado uma aliança com sua esposa quando teve um caso extraconjugal e viveu as consequências desse ato.

Rita diz que Paulo ficou impressionado com esse sonho e o comentou com ela durante a semana. A terapeuta propõe que o casal escolha um sonho para ser trabalhado na sessão. Paulo propõe trabalhar o sonho de Rita, diz que de certa forma seu sonho trouxe uma mensagem clara para ele em relação à situação do casamento. O casal então elegeu o sonho de Rita para ser trabalhado na sessão.

- **Relato**

Rita relata o sonho duas vezes, no tempo presente e na primeira pessoa, enquanto Paulo o ouve como “se fosse seu sonho”.

R- Estou na rua conversando com meu pai. Acho que a gente tinha se encontrado na rua. Ai ele fala para mim: "Eu preciso ir ao centro da cidade, no enterro do seu Osvaldo, porque eu acabei não indo ao velório. Preciso ir ao enterro, se não vai ficar chato".

- **Título**

Assim que o casal foi solicitado a dar um título para sonho, Paulo de imediato sugere "O Velório" e rindo, justifica que essa é a temática do sonho. Rita, meio irritada, coloca que este é o jeito de Paulo, ele não consegue refletir sobre um assunto e quer logo "resolvê-lo". Para ela, a temática do sonho não é o velório, mas a preocupação de seu pai em não participar, ao menos do enterro de seu vizinho, já que ele não pôde ir ao velório.

Abaixo, transcrevemos o diálogo sobre a escolha do título do sonho:

P- Foi mais ou menos isso que eu quis dizer. Mas você pode dar o Título que você quiser.

R- Não é isso Paulo, eu queria que a gente pudesse conversar sobre isso e chegar num acordo juntos. Só isso.

T- Vocês poderiam tentar fazer isso agora. Querem que eu leia o sonho para vocês?

R e P- Não é preciso.

R- O Sr Osvaldo é vizinho do meu pai, foi meu vizinho quando eu morava com meus pais.

P- Poderia ser "O vizinho", então.

R- Eu concordo. Nem o meu nem o seu.

6.2.3.2 Apreciação

T- Descreva o cenário onde o sonho se passa.

R- Parece de dia e eu estou na rua, há muitas pessoas transitando.

T- O que há próximo a rua?

R- Acho que há pequenas casas de comércio, sabe lojinhas. Ah, me lembrei! Nós estamos em um lugar de comércio do meu bairro.

T- E como está o tempo e a temperatura?

R- Pela luz do sol parece que está muito claro, acho que faz muito calor também. O que é normal nesta cidade que moramos.

T- Quem são os personagens que aparecem no sonho?

R- Eu e meu pai. Meu pai está calmo e tranquilo, apesar de meio preocupado com o enterro. Eu também estou bem.

T- Você se lembra de como vocês estão vestidos?

R- Eu não me lembro da minha roupa, mas percebo que meu pai está mais arrumado, de sapato, calça social e camisa de manga curta.

P- Acho que é por causa do velório mesmo, pois normalmente ele não se veste assim. Ele é uma pessoa bem simples que anda de chinelo.

R- Verdade, ele anda de chinelo.

T- A figura do Sr Osvaldo os remete a alguma lembrança?

R- Ele sempre foi um vizinho bom pra gente.

P- Lembro dele sempre conversando com seu pai. Até hoje eles são amigos.

T- E então, qual a problemática do sonho?

R- Acho que ela começa quando meu pai fala que não foi ao velório do vizinho. E que iria ficar chato.

P- Ah, entendi, o problema não foi o fato de o vizinho ter morrido, mas sim de seu pai não ter comparecido!

R- É acho que também tem isso, porque o que me chamou a atenção no sonho foi ele dizer que se ele não fosse iria ficar chato.

T- Seu pai é uma pessoa preocupada com que os outros pensam?

R- Não sei se é isso, mas sempre notei que ele gosta de fazer tudo direitinho, para não ter problemas com os outros.

P- Ele é muito honesto. Pra mim, o pai da Rita é uma pessoa boa e calma, que quer ser leal ao amigo e às outras pessoas por isso ele faz questão de ir ao enterro.

T- Sei.

R- Meu pai estava preocupado em prestar as últimas homenagens ao amigo.

T- E a problemática?

R- Agora pensando, vejo que há duas preocupações, a morte do amigo e o que ele deve fazer como ir ao enterro. Noto que ele está preocupado com isso.

T- E como é isso para vocês?

R- Olhando agora, vejo também sua preocupação em não arrumar confusão com os outros. Quando ele chegava e via eu e meu irmão na rua e sem comer, ele não falava nada para a minha mãe, ele colocava a gente para dentro e dava comida. Ele não brigava com a minha mãe e não nos defendia, porque queria evitar confusão.

T- Como assim?

R- Ele poderia falar para a minha mãe cuidar da gente e parar de fazer os trabalhos de bruxaria dela com minha avó.

P- É mais hoje ela não mexe mais com isso.

R- Hoje não Paulo! Mas fazia quando a gente era criança!

P- Sabe Sílvia, a Rita é assim também, muito preocupada com os outros. Eu não gosto de arrumar confusão, mas faço o que

tenho que fazer sem se preocupar se as pessoas irão concordar comigo ou não.

T- Vamos voltar ao sonho. Como está o seu pai?

R- Ele parece aceitar a morte do vizinho como coisa da vida, mas quer participar do enterro, por consideração.

P- É interessante, parece que no sonho ele estava indo para uma coisa bem seria para ele, o enterro.

R- Diferente de mim que estou andando pela rua para comprar alguma coisa.

T- Como você está ao encontrar seu pai?

R- Eu estou muito bem, cuidando das minhas coisas. Acho que estou indo comprar algo para mim. Mas quando soube do velório fiquei triste, pois o conhecia.

T- O que significa para cada um de vocês “vizinho”?

P- Como meu pai era militar a gente mudou muito de casa e de cidade, nos não tínhamos muito contato com os vizinhos. Em casa ficávamos sozinhos, eu, minha mãe e meu irmão, porque meu pai viajava.

R- Para mim já é diferente, como eu já te contei, quando minha mãe fazia aqueles trabalhos espirituais, eu e meu irmão ficamos na rua e nas casas dos vizinhos. O Sr Osvaldo era um deles. Uma pessoa boa, que ajudava como podia. Então, vizinho me lembra cuidado, um ajudando o outro.

T- O que representa para vocês o serviço funeral.

P- Um momento de despedida e de separação, daqueles que ficam e daquele que vai. As pessoas se juntam para se consolar com a morte.

R- O fim.

T- O fim?

R- Para mim é o fim da nossa vida aqui na Terra.

P- Uma situação difícil que precisa ser encarada, pois a vida continua...

T- E o enterro faz parte...

P- É, faz parte do ritual, normalmente as pessoas vão até o lugar aonde o defunto vai ser deixado, elas jogam terra e flores na cova, se despendem e voltam em silêncio.

R- Saindo dali cada um vai para a sua casa.

T- Como o sonho se desenvolve?

R- Não sei, acho que com meu pai falando da morte do seu Osvaldo e da aceitação da situação.

T- E você no sonho?

R- Eu tento lidar com a notícia e noto o jeito do meu pai, sei que ele está triste, mas ao mesmo tempo conformado.

P- Pra mim, ele está lidando bem, se arruma sai de casa e vai ao enterro.

T- Seu pai está triste?

R- *É interessante, no sonho ele parece aceitar a situação. Ele não estava triste nem alegre.*

P- *É mesmo, não deve ser fácil para ele, porque afinal é amigo dele e da idade dele.*

T - Como a figura da Rita agiu no sonho?

R- *No sonho, eu percebi que meu pai estava arrumado e decidido a ir ao enterro e fiquei triste com a morte dele, pois o conhecia.*

T- E a morte para vocês?

R- *Para mim é o fim da história da pessoa aqui na terra. Acho muito difícil pensar que um dia meus pais vão morrer.*

P- *Eu nem sei. Graças a Deus nunca perdi um ente querido. Eu não gosto de participar de velório, por exemplo.*

R- *Mas é uma realidade que todos nos temos que aceitar.*

P- *Querendo ou não.*

T- Volta para a sua vida sem a presença real da pessoa, apenas com as lembranças.

P- *Nossa é bonito e triste.*

T- E este encontro o que ele pode significar para vocês enquanto casal?

P- *Pensei uma coisa, mas não sei se tem a ver. No meu sonho estou conversando com um menino, aconselhando. E neste Rita está com o pai dela. Então neste sonho há alguém mais velho, no caso o pai da Rita, transmitindo uma mensagem para ela.*

T- Interessante.

R- *Como ele lida com a morte.*

T- Tem aí alguma mensagem para a vida de vocês dois?

R- [Risos]. *Acho que preciso enterrar esta história. Mas é difícil.*

P- *Acho que a Rita já velou muito... [Risos].*

T- Mas é assim, velou acabou?

R- *Aí que está, Sílvia. No sonho meu pai está indo ao enterro e como você falou ficam as lembranças.*

P- *Eu acho que nós precisamos enterrar e depois tocar a vida.*

T- As memórias com o tempo vão arrumando um lugar para ficar. Mas como o sonho mostra, cada parte do ritual é importante para lidar com a perda. Como o sonho termina?

P- *Comigo e meu pai na rua. Acho que no final ele vai para o enterro e eu continuo minhas compras.*

T- Vamos pensar neste final. Há algo de diferente em você depois deste encontro?

R- *Não sei responder. Mas acho que sim, pois a partir daquele momento sei que seu Osvaldo não estava mais vivo, que meu, amigo dele estava triste, mas não podia fazer nada, além de ir ao enterro.*

T- Qual é o desfecho do sonho para você Paulo?

P- *Para mim, ele termina com o pai de Rita indo ao enterro e ela continuando na rua fazendo suas coisas. Assim que ele*

termina.

T- O que fica do trabalho com este sonho para cada um de vocês?

P- *Este sonho me mostrou que é preciso lidar com a morte na vida. Sabe como cheguei nisso? Pensando no final do sonho, o seu Celso [pai de Rita] arrumado para ir ao enterro e a Rita nos afazeres dela.*

R- *Hum, gostei da sua resposta! [Risos].*

T- E para você Rita?

R- *Pra mim o que ficou foi como meu pai enfrentou a morte do vizinho.*

T- Como assim?

R- *Ah, se conformando e fazendo sua parte, que foi participar do enterro dele.*

P- *Sabe Sílvia, acho que a Rita precisa pensar que esta história da mãe dela, da infância triste acabou. Hoje ela tem outra vida e se relaciona bem com a mãe e o pai dela.*

T- Qual o luto que vocês vivenciam no casamento?

R- *O casamento que eu sonhei ter e que fiz tudo para dar certo. Este sonho acabou, e eu não me conformo com isto, não entendo porque o Paulo fez isso comigo.*

P- *É eu acho isso, também. Fui sacana.*

[Silêncio]

T- Vocês gostariam de acrescentar mais alguma coisa?

P- *Não.*

R- *Acho que é isso.*

QUADRO 9 – Sonho “O Vizinho”

Contexto Onírico	Associações Pessoais	Amplificações	Temas Oníricos	Insights do Casal	Hipóteses sobre os conflitos
<ul style="list-style-type: none"> Rita encontra seu pai em uma rua, no bairro onde mora, onde há pequenas casas de comércios. Ele está arrumado, usando sapatos, calça social e camisa para ir ao enterro do vizinho. 	<ul style="list-style-type: none"> Funeral: momento de despedida das pessoas que morrem. As pessoas se consolam mutuamente. Morte/vida/perda. Enterro: ritual. Deixar o passado e continuar a vida. 	<ul style="list-style-type: none"> Serviço funeral: momento de despedida, de separação. Morte: fim da vida. Enterro: parte do ritual fúnebre. 	<ul style="list-style-type: none"> Despedida. Fim de uma etapa. Aceitação do passado. 	<ul style="list-style-type: none"> Necessidade de Paulo se envolver com as vicissitudes da conjugalidade. Rita: elaboração do luto do casamento idealizado. 	<ul style="list-style-type: none"> Conjugalidade X Individualidade Dependência X autonomia. Elaboração da perda e possibilidade de reconstrução

6.2.3.3 Reflexão

Nessa fase do trabalho, o casal conseguiu dialogar sobre alguns aspectos do seu relacionamento. Paulo colocou a necessidade de aprender a ser mais claro em seus posicionamentos com Rita e tentar respeitar sua sensibilidade, ou seja, aquilo que é importante para ela. Rita sabe que ao tentar ajudar Paulo, ela acaba ficando no papel de controladora, o que não é bom para nenhum dos dois nem para o casal.

Paulo reconhece que sua dificuldade é não conseguir manter um diálogo aberto e verdadeiro com Rita. Diz que sempre foi assim em sua vida. Ele diz: “As coisas aconteciam e ficavam comigo, aí eu pensava: ‘Ah, já foi, já passou, ela não precisa saber.’ Eu sei que a comunicação é importante para a vida do casal.”

Nesse momento, Paulo descreve uma imagem para falar de sua relação com Rita:

P- Sabe como eu imagino a Rita comigo? Como uma corda me puxando, assim querendo me ajudar, me puxando na direção dela com intenção de se aproximar. Ela me ajuda a permanecer na direção certa, me mostrando o caminho. Quer dizer, eu sei que eu preciso tirar essa corda dela e me fortalecer.

Conversamos sobre como essa imagem e como essa corda não parece confortável para os dois. Abaixo, segue a fala de Rita:

R- É realmente Sílvia, eu acho que você fez uma análise certa quando falou do papel de mãe e de esposa. Eu me sinto mal por eu ter que controlar o Paulo, pois acho que eu estou desrespeitando o jeito dele.

R- Eu estou atrapalhando o desenvolvimento dele e também penso: “será que ele está fazendo tal coisa porque eu estou cobrando ou por livre e espontânea vontade?” Na maioria das vezes, eu acho que é porque eu estou cobrando.

T- E se você deixar de controlar, o que você acha que pode acontecer?

R- Dá impressão que ela vai desviar de novo do caminho.

6.2.3.4 Comentários sobre a dinâmica do casal

O trabalho com o terceiro sonho, “O Vizinho”, apontou a força motriz para

a mudança. Traz o tema do velório, do enterro do vizinho e apresenta um encontro de pai e filha. No sonho, o pai está indo ao enterro do vizinho da família. É assim que o sonho termina, com a constatação da morte do vizinho, com o pai e a filha seguindo cada qual o seu caminho. O que esta integração pode representar para a dinâmica conjugal? Uma necessidade de elaborar a perda e viver a vida no tempo presente?

O trabalho com esse sonho mostrou aspectos da vida de Rita com o seu passado, seu pai, o vizinho e as pessoas próximas a ela. Parece que, em sua visão, as figuras masculinas não são suficientemente fortes para que ela possa confiar e se apoiar. No relacionamento do casal, percebe-se a dificuldade de ambos saírem do lugar que ocupam na relação, ou seja, Rita, com aspectos de um *animus* forte e negativo, apresenta-se como a responsável pela manutenção do casamento, logo ela tem que ser a mulher madura e séria. Paulo é aquele que está disponível para o outro, alegre, companheiro. Ambos também apresentam a outra polaridade, Paulo como o irresponsável, volúvel e impulsivo, e Rita como a chata e controladora.

Nessa dinâmica do casal, a conjugalidade fica enfraquecida, preponderando a individualidade no relacionamento. Rita, por meio de suas vivências pessoais, apresenta-se como uma mulher que precisa se defender de sua fragilidade por meio do controle. Paulo também traz em sua história pessoal a vivência um dinamismo patriarcal fraco e pouco discriminado. Ele cresceu num dinamismo matriarcal indiferenciado e levou essa bagagem vivencial para o casamento. Percebemos a dificuldade de ambos saírem do lugar que ocupam na relação.

6.2.4 Quarto Sonho: “Início” (Paulo)

6.2.4.1 Sonho do casal

- **Contar o sonho**

Na 11ª sessão, em 24/10/07, Paulo comenta que havia sonhado e que no próprio sonho pensou que gostaria de relatá-lo na sessão.

- **Escolher o Sonho**

O casal decide trabalhar este sonho.

- **Relato**

Paulo relata o sonho segundo a instrução do método proposto por nós.

Neste momento, a postura de Paulo ao relatar o sonho nos pareceu mais séria, ele estava concentrado nas imagens oníricas e se mostrava menos preocupado em impressionar a terapeuta e a esposa. Observamos que ele relata seu sonho de forma clara e segura. Rita também participa do relato, escutando atentamente e cedendo espaço para Paulo se expressar.

P- Eu estou em um terreno muito grande, de forma retangular, cuja frente tem uma parede. Atrás dessa parede, no terreno, há materiais de construção como terra, pedra e areia. Em todo o tempo da obra eu estou junto com o pedreiro, estamos construindo uma casa. A Rita também está no terreno, só olhando eu trabalhar. Para pegar o material de construção uso um "carrinho de pedreiro" e preciso dar uma grande volta, ou seja, ir até a rua, contornar uma parede, para apanhar os materiais. No terreno, eu e o pedreiro estamos montando quadradinho por quadradinho com barbantes e estacas. Eu olho e vejo o terreno quase todo quadriculado. Cada quadrado tem mais ou menos um metro e estão bem certinhos. No sonho, lembro que a Rita pergunta por que eu não pego o material que está ali perto de nós. Mas penso que isso não é possível, pois penso na parede. Então, para eu pegar o material, eu tenho que descer pelo terreno baldio ao lado, que está cheio de mato, pedra e entulhos. Em seguida eu desço pelo terreno vizinho, saio na rua principal, contorno a parede, pego o material, coloco no carrinho e volto pelo mesmo caminho que vim. Lembro-me que no sonho, eu olho para todo o entulho e me parece difícil passar por ele. Eu falo: "Nossa como está difícil passar por aqui". Nesta hora eu estou com o carrinho vazio, mas eu passava pegava o material; voltava pelo mesmo lugar e continuava fazendo. Eu estou alegre e contente e comento com o pedreiro, que hoje eu estava alegre, pois hoje a gente ia terminar tudo.

T- Como foi o relato para vocês?

R- Ouvindo o Paulo contar o sonho, eu consegui visualizar bem a imagem do terreno e tudo.

P- Sim. Tudo ajeitadinho. E eu estava lá, ajeitando tudo, ajudando o pedreiro, fazendo esforço, construindo. Eu ia colocando o material para o pedreiro trabalhar.

- **Título**

T- *Eu gostaria que vocês dois agora escolhessem um Título para sonho.*

R- *Não sei pensei em “Construção”.*

P- *Eu pensei em “Início”, porque parece o início da construção, preparando o terreno.*

R- *É pode ser, faz sentido, “O Início”.*

6.2.4.2 Apreciação

T- Como é o cenário da ação do sonho?

P- *Um terreno com uma obra de construção. Ele é retangular com uma parede na frente. Ele está inteiro dividido em quadrados de um metro mais ou menos, como aquelas marcações que o pedreiro faz com linha.*

T- O que tem no terreno?

P- *Material de construção como água, pedra, areia, terra e ferramentas tipo pá, martelo, estaca e barbante.*

R- *Quando ouço Paulo descrever, eu me lembro do nosso terreno, quando estávamos construindo nossa casa.*

P- *É mais ou menos assim, só que este terreno do sonho está todo quadrangulado. É assim que se fala? Ele está todo certinho com as estacas e o barbante.*

T- Como é esta imagem?

P- *Eu achei muito bonita, pois ela é organizada.*

T- Este terreno é plano?

L- *Não, ele tem um aclive, da frente onde tem a parede, precisamos subir.*

T- Há um terreno ao lado?

P- *Exato, por onde eu tinha que passar, como se fosse dar um volta, sair por ele e entrar na rua principal, para pegar o material atrás da parede.*

R- *Eu imaginei este terreno ao lado como um terreno baldio com mato e entulhos, que não havia passagem.*

P- *Eu tinha que passar por ele, mas era difícil por causa dos entulhos.*

T- Como está o clima?

P- *Está um dia gostoso, claro e não faz muito calor. Eu e o pedreiro estamos tranquilos lá, trabalhando.*

T- Ok. Quem é que está lá, além de você e o pedreiro?

P- *A Rita, mas ela não está trabalhando, só dando palpites. [Risos].*

T- Como você vê isso Rita?

R- *Acho que sou eu mesma no sonho do Paulo. Mas eu tento ajudar, acho que eu quero ser prática, resolver.*

P- *Mas não tem jeito, no sonho eu tenho que fazer daquele jeito, passar pelo terreno baldio, ir até a rua, passar pela parede e pegar o material e voltar.*

T- Trabalhoso. Não dá para pegar um atalho...

P- *Isso mesmo.*

R- *Verdade, às vezes, a gente quer cortar o caminho... [Risos].*

T- Como o sonho se desenvolve?

P- *Eu e o pedreiro estamos trabalhando bem, pois eu olho e vejo o terreno todo demarcado, o que me dá uma sensação de que as coisas estão caminhando.*

T- E o pedreiro?

P- *Não é uma pessoa conhecida. Ele trabalha o tempo todo e não fala nada. Mas é ele quem coordena a obra. Eu estou lá ajudando. Ele é o mestre de obra.*

R- *Ele é uma pessoa mais velha que entende e está trabalhando ali com o Paulo.*

T- Qual a problemática do sonho?

R- *Acho que é quando eu falo para o Paulo pegar o material*

P- *No sonho, lembro que a Rita pergunta por que eu não pego o material que está mais perto. É isto? Nessa hora eu penso que eu não posso fazer isso, que tenho que dar a volta e passar pelo terreno ao lado.*

T- Até então, você estava indo pegar o material que estava atrás da parede?

P- *Isso mesmo. Mas quando a Rita fala, eu penso se poderia fazer diferente, mas vejo que não dá. Tem que ser daquele jeito mesmo.*

T- Interessante. Qual o ápice da história?

P- *Para mim, é quando eu vou com o carrinho vazio e volto com ele cheio de material.*

R- *Eu vejo assim, também, quando ele olha os obstáculos e passa por eles.*

T- Ele continua apesar dos entulhos...

R- *Pensei em nós, no nosso casamento. Estamos enfrentando entulhos.*

P- *É mesmo e não dá para “cortar caminho”.*

T- O sonho mostra uma construção, a base, o início como vocês o intitularam.

R- *Acho que ele mostra que lidar com tudo isso é muito trabalhoso.*

P- *Mas que vale a pena.*

T- Qual o desfecho do sonho?

P- *Acho que é quando eu olho e vejo o trabalho realizado ali no terreno, as estacas e os quadrados...*

R- *O fim do sonho é o começo da construção.*

T- De alguma forma ele aponta um futuro. É isso?

P- Acredito que sim.

R- Acho que a gente tem que recomeçar do zero, porque a gente começou errado com traição.

P- Mas eu sei que podemos nos acertar, é só querer.

T- Qual a sensação que esse sonho trouxe para vocês?

P- Para mim, um sentimento de esperança e vontade de fazer as coisas darem certo.

R- Pra mim, que não é fácil, mas me animei em ver o Paulo no sonho e ao vivo [risos] envolvido na construção.

T- O sonho apresenta os materiais de construção como pedra, areia... Qual é o material que vocês têm disponível para construir ou fortalecer o vínculo de vocês no casamento?

P- Como assim?

R- Em nosso relacionamento Paulo! O que nos faz ficar juntos, não é isso Sílvia?

T- Sim.

P- Nós somos companheiros, carinhosos um com o outro. Eu amo essa mulher brava!

R- Eu também amo o Paulo quero ficar casada. A gente se dá bem de um modo geral. Mas acho que falta compromisso, envolvimento dele como homem, como marido. Acho que nem no namoro houve intimidade e romantismo.

T- Você é romântica com ele?

R- Eu tento, mas é difícil principalmente quando me lembro daquela história.

P- Acho que até antes da história Rita já tinha dificuldade de ser carinhosa.

R- Mas romântica eu sou.

T- E esse homem no sonho, o pedreiro, o que ele pode representar para cada um de vocês.

R- Lembrei do meu pai que nos ajudou na construção da nossa casa. Acho que representa um apoio, uma força.

P- Uma pessoa que me ensina e me ajuda na construção, no meu terreno. Para mim representa um pai mesmo, uma pessoa que passa uma segurança.

T- Muito bem, vocês dois citaram alguns materiais que estão presentes na relação e outros que estão faltando. Querem acrescentar algo mais sobre o sonho e o que ele apontou para vocês?

P- Não, nossa acho que falamos bastante.

R- Eu concordo.

T- Já que falamos sobre construção e futuro, eu tenho uma última proposta: Haveria possibilidade de um final diferente para este sonho?

P- Eu consigo ver as paredes da casa erguidas com os buracos das janelas e portas. E também o terreno murado.

R- Eu também vejo uma casa quase pronta no terreno.

T- Ok. Vamos parar por aqui.

6.2.4.3 Reflexão

Na décima segunda sessão, em 06/11/07, continuamos o trabalho com o sonho “Início”, e para adentrarmos mais profundamente em sua imagem, estimulamos o casal a refletir sobre suas dificuldades conjugais à luz do sonho trabalhado. Solicitamos que cada parceiro expressasse, por meio do desenho, sua vivência do sonho de Paulo compartilhado na terapia de casal. Em seguida, pedimos para cada parceiro olhar o desenho do outro e observar os aspectos do sonho trabalhado que cada um enfatizou e o que representou para si e para o relacionamento.

O desenho de Paulo mostra um terreno com traços fortes, duplos e contínuos. Destaca o muro erguido na parte da frente do terreno, dando-nos a impressão de uma forte proteção. Os entulhos estão representados no terreno ao lado, de forma confusa e emaranhada e no terreno estão desenhadas, de forma equidistante, as três figuras: o pedreiro, Rita e Paulo, cujo carrinho está próximo.

Discutimos com o casal que, no desenho, Paulo representa um percurso no qual é necessário dar a volta, enfrentar os obstáculos, os entulhos, ultrapassar a parede e pegar esse material para a construção da obra. Os traços demarcados no desenho podem representar a necessidade de balizas que o orientarão na sua construção, seja ela pessoal ou conjugal. Quanto à imagem dos entulhos no sonho, ela pode representar tudo aquilo que não serve mais, que precisa ser jogado fora, para que se possa trabalhar de forma mais organizada. Aí, então, o casal poderá abrir um espaço no relacionamento, olhar seus desejos pessoais e conjugais e avaliar como eles querem construir esse relacionamento.

É possível também supor que o desenho de Paulo nos remete à ideia de que este carece de modelos funcionais de papéis de pai e marido e também precisa permanecer dentro da fronteira do âmbito conjugal e proteger seu relacionamento de invasões externas.

O desenho de Rita mostra um terreno traçado com linhas pontilhadas, um pedreiro trabalhando dentro de um quadrado; Paulo está carregando o material e passando com o carrinho de pedreiro pelos entulhos emaranhados. A figura de Rita aparece perto do muro onde estão os materiais de construção, areia, terra, tijolos e pedras. Paulo, ao olhar o desenho de Rita, comenta que tanto no sonho como no desenho Rita parece querer apressar o trabalho da construção. É ela quem tem a

ideia mais rápida e eficiente para o trabalho a ser realizado.

Segundo Paulo, o sonho mostra que eles não devem se apressar, mas sim fazer o que precisa ser feito, ou seja, passar pelo entulho, pegar o material necessário e construir a obra. Para ele, essa metáfora serve para o casamento dos dois. Rita concorda com Paulo e diz que se os dois quiseram fazer muitas coisas com pressa, podem se esquecer do essencial, que é cuidar do relacionamento do casal. Ela diz:

R- Sabe Sílvia, eu pensei agora, que eu e o Paulo fizemos tudo certinho, namoramos sete anos, mas não construímos nosso casamento. Ele ficou uma bagunça, pois na verdade a gente não construiu uma base firme.

P- Para mim, apesar dos sete anos de namoro, que foram importantes para sabermos que queremos ficar juntos, agora é que nós estamos aprendendo a viver como casal.

QUADRO 9 – Sonho “O Início”

Contexto Onírico	Associações Pessoais	Amplificações	Temas Oníricos	Insights do Casal	Hipóteses sobre os Conflitos
<ul style="list-style-type: none"> • Paulo e Rita estão em uma construção. O terreno é retangular, está todo quadriculado, marcado com estacas e barbante. • Há um pedreiro na obra, um carrinho para carregar o material, e uma parede na parte da frente do terreno. 	<ul style="list-style-type: none"> • Construção da casa: trabalho a longo prazo. • O próprio casamento precisa ser construído. • Construção civil: materiais como areia, ferro, água, cimento e tijolos. • Casamento: companheirismo, carinho, amor. 		<ul style="list-style-type: none"> • Estabelecimento de fronteiras individuais e conjugais. • Percorrer o difícil caminho da construção de um relacionamento equilibrado. • Interação: individualidade e conjugalidade 	<ul style="list-style-type: none"> • Construir um relacionamento é trabalhoso. Não se pode cortar etapa para amadurecer. • Rita pode ajudar Paulo com sua praticidade e Paulo com sua espontaneidade. 	<ul style="list-style-type: none"> • Saída de um padrão disfuncional para um novo padrão que ainda não está pronto e precisa ser construído. • Trabalhar o que falta na relação: compromisso, envolvimento íntimo como homem e mulher.

6.2.4.4 Comentários sobre a dinâmica do casal

Percebemos que esse sonho trouxe imagens importantes que representaram o caminho da individuação do casal. A figura do pedreiro aparece no

sonho, nas associações e no desenho. Como um elemento do triângulo, entre outras possibilidades, ele pode representar a figura que o terapeuta constela no casal, uma pessoa que os ajuda a construir sua relação e criar um espaço para cada um no casamento. As imagens das demarcações do terreno e a figura do pedreiro ali presente trazem uma sensação de ordem, segurança e amparo para o casal, que sabe que o trabalho é árduo e o percurso é longo.

No sonho, Paulo não quer cortar caminho, pegar atalhos, mas sim fazer uma trajetória longa, transpassando os obstáculos e paulatinamente pegar o material para ser usado por eles na construção. Ele está sob a orientação do pedreiro, confia nele e isso lhe dá segurança. Rita também está lá ao seu lado. Diferente da realidade, no sonho Paulo argumenta a sugestão de Rita quanto ao modo de transportar o material e lhe mostra a necessidade de percorrer o caminho mais longo.

Rita, por sua vez, coloca sua opinião de como o trabalho poderia ser feito, porém acata a posição do marido. Cada um tem o seu jeito e sua maneira de ver como o caminho pode ser percorrido, e os dois precisam encontrar o melhor jeito para percorrê-lo juntos.

Observamos que a participação do casal nas três fases do trabalho com esse sonho deu-se de forma cooperativa. Paulo parece envolvido com o drama onírico, ele consegue ocupar seu espaço na sessão com mais propriedade e Rita, por sua vez, também se apresenta mais disponível para ouvir e refletir sobre as colocações e as reflexões de Paulo.

6.2.5 Quinto Sonho: “Desafio” (Rita)

6.2.5.1 Sonho do casal

- **Contar o sonho**

Na décima terceira sessão, em 13/11/08, Rita trouxe um sonho que teve durante a semana.

- **Escolher o sonho**

Segundo Paulo, o sonho apresentava muitas cenas e acontecimentos

diferentes. Apesar de acompanhar a história, ele ficou confuso ao ouvi-lo. Rita concordou com Paulo, pois percebeu, ao contar o sonho, que ela se sentiu cansada de tantas coisas que tinha que “dar conta”. O Casal decide trabalhar o sonho.

- **Relato**

Rita relatou o sonho conforme a instrução da terapeuta. Paulo acompanhou o relato e conseguiu se aproximar das imagens do sonho.

R- Estamos com um grupo de pessoas em um lugar que parece uma universidade. Há placas com nome de cursos como administração e ciências contábeis. No meio do campus há uma casa enorme com cozinha, onde povo está alojado. Eu estou organizando o grupo e colocando as pessoas nesta casa. Então, de súbito vejo o pessoal todo sentado numa varanda bem grande, enquanto eu e outras pessoas fazemos comida e ao mesmo tempo lavamos roupas. Eu não paro, estou naquela agitação, enquanto o Paulo conversa no meio do povo. Nesse momento passam dois meninos de mais ou menos seis anos e um deles vira pra mim e fala assim: “Oi tia, vamos ver a casa de cima porque está suja e a gente precisa limpar”. Eu, o Paulo e os meninos começamos a subir e então, eu peço para eles irem devagar, porque era um lugar bem distante da casa principal, numa rua de terra e em meio a mato e árvores. Chegando lá, falo para eles guardarem os brinquedos que estavam espalhados dentro da caixa e deixar que o restante eu mesma faria. Depois, nós continuamos subindo e então, eu vejo placas com quatro nomes de cursos, mas só me recordo de dois: administração e ciências contábeis. No curso de administração, havia quatro grupos de pessoas que faziam o curso de final de semana. Nesta hora Paulo diz que vai voltar a fazer administração e pede para eu escolher um dos grupos. Diz também, que entre as pessoas que estão na casa principal, há um tatuador. Penso que sou uma mulher preconceituosa. Neste momento, me lembro que estou liderando o grupo e então, volto sozinha, passo pela casa principal, vejo que tem muita gente lá. Vou até o portão e vejo um ônibus parado, cheio de gente com velas acesas, com flores para fazer oferendas. Havia um cemitério que ficava ao lado da universidade e para esse grupo entrar no cemitério, ele teria que passar por dentro da universidade. Eu pergunto se não há outro lugar para passar, explico que estamos num evento da universidade e não gostaria de misturar com oração. Uma pessoa me fala que a única entrada para esse cemitério é pela universidade. Enquanto o grupo passa, sinto uma grande aflição. Neste momento me lembro de minha mãe, porque ela mexia com isso.

- **Título**

No momento de encontrar um título para o sonho, o casal sentiu dificuldade para realizar essa atividade devido ao grande número de informações presentes no relato do sonho. Intitularam-no “Desafio”.

T- Como foi este sonho para vocês?

R- Foi um sonho agitado, mas eu estava bem. Acordei cansada, pois muita coisa dependia de mim.

P- Nossa, o sonho retrata direitinho a Rita no trabalho, tentando dar conta de tudo.

T- Que sensação ele traz?

P- São duas sensações ao mesmo tempo, uma boa de crescimento, por causa das placas do curso e das pessoas e outra de cansaço, pois o tempo todo Rita está trabalhando e cuidando das pessoas.

R- Concordo com Paulo, sinto que tudo depende de mim, que tenho que tomar muitas providências.

T- Vocês podem escolher um título para esse sonho?

R- Eu colocaria “Desafio”.

T- Desafio?

R- É, porque sinto que dar conta de tudo no sonho foi um desafio.

P- Gostei do Título, concordo com ele, pois retrata a vida de Rita e eu ao lado dela [risos].

6.2.5.2 Apreciação

T- Como é este lugar?

R- Eu não conheço este lugar. Ele é muito grande como um sítio, com mato, árvores, ruas de terra e montanhas. Pelas placas e as pessoas, parece um campus de universidade. As pessoas estão lá em grupos, para estudar e fazer algum curso.

T- Como está o tempo?

R- Não me lembro, mas o dia está claro e vejo uma paisagem verde.

T- E como são estas casas?

R- Elas parecem com casas de um lugarejo de construção simples. Não lembra prédio de faculdade nem casa de fazenda. São casa quase vazias, sem pintura, com cadeiras, mesas, camas, banheiros e uma cozinha completa. Tenho a impressão que são casas para passar um tempo e que não mora ninguém lá.

T- Como é o clima emocional do lugar?

R- *Gostoso, agitado, alegre, mas muito sério.*

P- *Me pareceu que era um clima de descontração misturado com clima de trabalho.*

T- E as personagens do sonho?

R- *Além de mim e de Paulo, as outras são desconhecidas. Elas estão em grupos de quatro a dez pessoas.*

T- Quais as idades delas?

R- *São todas jovens. Estudantes que estão animados por estarem lá.*

T- Você e o Paulo estão coordenando?

R- *Não, somente eu estou na coordenação. O Paulo está fazendo companhia pra mim e me ajudando. Os meninos também, eu acho que eles são moradores do lugar.*

T- Qual é o personagem principal?

R- *Eu, pois estou sozinha, coordenando, fazendo tudo e sinto que eu preciso fazer para que dê tudo certo.*

P- *Ela está agitada, organizando o grupo, acomodando as pessoas na casa, fazendo comida e lavando roupa! Muita coisa!*

T- Muita coisa mesmo! No sonho o Paulo conversa com as pessoas. Como é isso?

R- *Ah! Eu não paro, estou naquela agitação e quando vejo o Paulo conversando, sinto aliviada, pois ele está integrando as pessoas, algo importante que não dá para eu fazer.*

P- *Nossa! É bem a nossa realidade.*

T- Como assim?

P- *A Rita está sempre ocupada com muitas coisas e eu fico recebendo as pessoas.*

R- *Sabe, eu penso que eu tenho que fazer, então é melhor o Paulo ficar com esta parte.*

T- Você pega as coisas para si?

R- *Podê se dizer que sim...*

P- *E tem que ser do jeito dela. Eu sou mais flexível que a Rita. Mas para ela isso é defeito... [Risos]*

R- *Não é isso Paulo, é que você brinca tanto que eu tenho que ser o lado sério!*

T- Como na história da cigarra e a formiga ou mesmo de Marta e Maria amigas de Jesus.

R- *Isso, eu sou o lado sério, prático e sei que, às vezes, sou a chata.*

T- Vamos voltar para o sonho. Qual é a problemática que aparece nele?

P- *Acho que é a agitação da Rita, ele ter que dar conta de tudo. Isso aparece desde o início do sonho...*

T- O que você acha Rita?

R - *Eu acho que a problemática começa quando o pessoal de fora*

apareceu para ir ao cemitério. Eles não faziam parte da nossa atividade e poderiam atrapalhar.

T- Atrapalhar?

R- Acho que diretamente não, mas no sonho eu fico preocupada, pois não queria misturar universidade com oração.

T- O que poderia ser isso?

R- Duas coisas diferentes...

P- Ciência e religião.

T- Coisas do seu passado.

R- Não sei, pode ser. Só sei que sinto que isto poderia atrapalhar o evento. Eu via as flores, as oferendas, as velas, flores e não gostei. Acho que era mais uma coisa para eu dar conta.

T- Com o que mais você estava preocupada?

R- Como o Paulo falou, com tudo [risos]. Com os detalhes e com o evento como um todo.

T- Como essa situação foi resolvida?

R- Eu pergunto se não há outro caminho, mas a pessoa diz que não. Ai eu sou obrigada a deixar, mas fico aflita com a situação.

T- Você teve que ceder e aceitar a situação.

R- É.

P- Mas não teve nenhum problema!

T- Mas foi um desafio.

R- Verdade.

T- Vamos falar um pouquinho do lugar da universidade? Como vocês vêm este lugar?

R- Acho que é um lugar para aprender novas coisas, que muda nossa visão do mundo, nosso pensamento.

P- É um lugar estruturado para você participar, estudar o conteúdo e mostrar que sabe. As pessoas que estão lá querem ter um futuro melhor.

T- E as placas? O que elas podem significar para vocês dois?

R- Uma indicação, orientação. As pessoas seguiam a placa do curso que escolheram. Interessante é que o Paulo fala para eu ver em qual dos grupos eu vou me encaixar.

T- O que isso pode expressar para você?

R- Um conselho, um caminho para eu seguir.

T- Ele também faz uma escolha.

R- Verdade, ele diz que vai voltar a fazer administração.

T- E o cemitério neste sonho?

R- Um lugar para fazer uma oferenda aos mortos, um ritual de homenagem.

T- Pra que as pessoas fazem as oferendas?

P- *Para os mortos não perturbarem os vivos [risos].*

R- *Quando eu era criança e minha mãe largava a gente, eu e meu irmão, para fazer os rituais eu pensava: "Porque ela fica mexendo com os mortos e não cuida da vida"?*

T- No sonho o pessoal está pedindo para passar pelo campus.

R- *Pois é, será que é para eu entrar em contato com o passado? No sonho eu acabo deixando...*

T - Acho que sim, uma forma de ritualizar o passado e lidar com ele na vida presente.

R- *Interessante.*

T- E o tatuador?

P- *Outra polêmica...*

T- Como assim?

P- *A Rita é um pouco intolerante com algumas coisas, por exemplo, outras religiões. Isso eu acho que é por causa da mãe dela; mas também tatuagem, palavrão, bebida alcoólica...*

R- *É verdade, eu tenho este lado. Sabe Sílvia, no sonho eu penso que sou preconceituosa.*

T- Uma rigidez?

R- *Isso, pois eu gosto das coisas certas. Mas também percebo que sou uma pessoa que não consegue aceitar outros modos de ser, de ver as coisas.*

P- *O jeito dela é que certo... Por exemplo, um tatuador é para você um profissional sério?*

R- *Na verdade eu não gosto disso.*

P- *É, mas essa é uma profissão e eu conheço gente que faz um trabalho muito sério e artístico, muito bom mesmo.*

R- *Eu sei. Mas tem muita picaretagem também...*

T- Para que alguém faz uma tatuagem?

P- *É uma forma de expressão, de um sentimento, de uma crença...sei lá.*

R- *Até pode fazer para homenagear alguém.*

T- Um ritual...

R- *É bem isso. No sonho quando eu vejo as velas acesas, e as flores para fazer oferendas no cemitério, eu logo me lembro de minha mãe, porque ela mexia com isso.*

P- *E não queria deixar as pessoas passarem...*

R- *Um preconceito... [risos].*

T- Vocês associam isso a alguma questão atual da vida de vocês?

R- *Sim, pois minha mãe deixava de cuidar de mim, das coisas da vida para ficar mexendo com os mortos e coisas do passado. Acho que é isso.*

P- *Isso foi muito pesado para a Rita, mas já passou...É isso que penso, que no sonho ela tem que deixar as coisa do passado no passado.*

T- No sonho esta imagem pode representar uma forma de ritualizar o passado.

P- Enterrá-lo?

T- Dar um sentido novo a ele, de forma que ele possa ficar com você sem te incomodar tanto ou trazer tantas lembranças dolorosas.

R- O que você falou faz muito sentido pra mim.

T- Este sonho traz alguma mensagem para o relacionamento de vocês?

R- Várias, eu posso ver várias Silvia! Pra mim como pessoa e no meu casamento. O desafio é que não consigo confiar no Paulo e não consigo viver deste jeito desconfiando... Isso não é fácil!

T- Desafios?

R- Minha necessidade de querer fazer tudo do meu jeito. Eu tenho que estar no controle, como no casamento, pois penso que se eu soltar ele vai desmanchar. Confiar mais e ser mais flexível.

P- Eu preciso ser mais sincero, sem temer as reações dela.

T- No sonho, você acabou deixando o pessoal da oferenda passar, pois era o único caminho.

R- É verdade, apesar da aflição que eu senti no sonho, acho que isto não atrapalhou em nada o evento da universidade.

P- Você se lembrou do passado, por isso que sentiu a aflição.

T-É muito importante aceitar o passado. E para você Paulo?

P- Acho que no sonho de Rita, eu apareço como eu sou na realidade, ao lado dela, mas com ela se sentindo sozinha mesmo assim. Pois no sonho tudo depende dela. É assim que ela lida com as coisas. Mas no sonho nós estamos juntos e isso mostra que podemos melhorar: eu fazer mais e ela menos...

T- Hum...

P- Eu sei que eu preciso me envolver mais, mas ela também tem que relaxar mais, me dar mais espaço e reconhecer que o jeito que eu lido com as coisas também é bom.

R- Eu até reconheço, mas ele não me enfrenta, falta reação da parte dele. Ao invés de ele me encarar ele fica enrolando ou vira as costas e me deixa sozinha.

P- Quando eu tomo uma decisão, ela briga, não aceita. Ela fica querendo muita explicação e tem coisa que não tem explicação e eu não vou inventar só porque ela quer...

T- Como as placas no sonho, elas mostram o curso, o grupo do qual você pode fazer parte. É preciso fazer uma escolha...

R- Pode até ser, mas eu não consigo, pois como a gente falou, eu to muito presa ao passado. Fico pensando no que faltou no nosso casamento!

P- É complicado, eu nunca a trai antes da menina, apesar de estar rodeado de muitas pessoas. Aconteceu! Eu sinto que eu não tenho a resposta que você quer!

R- Então, mas a resposta que eu falo é: O que você viu nela que você não vê em mim?

P- Como eu vou responder o que eu não sei?

T- Algumas respostas vocês poderiam procurar e encontrar juntos, outras o outro pode nos dar e ainda outras não teremos respostas.

P- Sabe Sílvia, como no sonho de Rita, eu a vejo como uma pessoa que tem muitas qualidades, ela é séria, responsável, amiga, leal, uma mulher que gosta das coisas certas. Mas quando ela é rígida e obcecada por alguma coisa, ele se torna uma mulher chata.

T- Fica difícil estabelecer um diálogo...

R- Eu consigo enxergar isso, porque eu fui muito cobrada na minha vida. Quando eu era criança eu tinha que me preocupar até com a comida da minha casa. Eu não tinha pai com autoridade para me defender. Minha mãe exigia e judiava muito de mim. Eu apanhei muito. Eu tive que criar um muro em volta de mim para me proteger, eu precisei criar uma casca. Eu não sou assim dura, por dentro, eu sou muito frágil.

P- Eu entendo o que você passou na infância, mas gostaria que você entendesse que eu menti, mas não é por isso que eu sou um mentiroso.

T- Eu gostaria de dizer que no trabalho com este sonho pude notar o comprometimento de vocês, o que é muito importante para a construção de um relacionamento íntimo baseado na confiança mútua.

6.2.5.3 Reflexão

O trabalho com o sonho “Desafio”, de Rita, trouxe alguns temas importantes que ajudaram o casal a discutir e olhar para a possibilidade de criar um espaço no casamento seguro o suficiente para que cada um possa confrontar sua sombra e seus complexos, e, ao mesmo tempo, cuidar do vínculo conjugal. A conscientização de cada parceiro sobre as suas próprias dificuldades traz transformações necessárias para o equilíbrio do vínculo conjugal.

Pudemos observar que apesar de a infidelidade ter motivado o casal a procurar a terapia, outros conteúdos conflituosos ligados à história pessoal de cada um estão presentes e impedem que o casal alcance um relacionamento mais maduro. Neste casal, o complexo do abandono foi constelado, trazendo à tona conteúdos do passado da história pessoal de cada e do relacionamento deles.

Observamos que Rita, no sonho, é quem coordena o grupo, a logística, a alimentação e a segurança do encontro. Paulo a acompanha e conversa com o

peçoal. Esse é o apoio que ele consegue dar a ela. Sem responsabilidades e sem autonomia, ele fica com a parte mais leve do serviço, porém à mercê de Rita. O casal precisa olhar para esse arranjo, questioná-lo e a partir dele encontrar outro mais funcional.

QUADRO 12 – Sonho “Desafio”

Contexto Onírico	Associações Pessoais	Amplificações	Temas Oníricos	Insights do Casal	Hipóteses sobre os Conflitos do Casal
<ul style="list-style-type: none"> • Rita está com Paulo e outras pessoas desconhecidas, organizando um evento no lugar que funciona um campus universitário. • Há placas com nomes de cursos. Há alojamentos simples. 	<ul style="list-style-type: none"> • Placas: indicação, orientação para ajudar os alunos. • Universidade: lugar para estudar e transmitir o saber científico. • Ritual: lidar com medo, abandono, quando a mãe de Rita não cuidava dela e do irmão. 	<ul style="list-style-type: none"> • Oferenda: ritual para homenagear os antepassados. 	<ul style="list-style-type: none"> • Ritualizar o passado e lidar com ele na vida presente. • Integração dos aspectos considerados diferentes e ameaçadores: tatuagem, oferendas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Paulo precisa assumir mais responsabilidade e ganhar mais autonomia no casamento. • Rita: ser mais flexível e tolerante com as diferenças e imperfeições. 	<ul style="list-style-type: none"> • Dificuldade de confrontar sua sombra e seus complexos. • Dar um sentido à experiência da infidelidade para o casamento.

6.2.5.4 Comentários sobre a dinâmica do casal

Conversamos sobre a necessidade de Rita querer controlar o que acontece ao seu redor, o que a deixa estressada e pouco flexível para lidar com os problemas que aparecem no dia a dia.

Paulo falou sobre o quanto a rigidez da esposa e sua dificuldade em confiar nele atrapalham o relacionamento e o impedem de ser mais presente e ativo no casamento.

Este sonho retoma o tema da integração, a necessidade de integrar o presente, o passado e ter uma visão de um todo mais organizado, o que poderá trazer para o casal uma sensação de conforto, de ordem e de crescimento. Porém, essa ordem não pode vir apenas do racionalismo e dinamismo patriarcal rígido em Rita.

Ao refletimos sobre os temas que os sonhos apontaram e as possibilidades de lidar com os conflitos de forma a alcançar uma dinâmica mais funcional, Rita retoma mais uma vez a questão da infidelidade do marido. Para Jung (1999a), a orientação que o Si-mesmo, o centro da psique, propicia decorre do movimento da *circumambulatio*, circulação ao redor de um centro. Esse movimento pode aparentar uma repetição, mas, em termos psicológicos, seria o movimento circular em relação a um ponto central, que se configura numa espiral.

No trecho abaixo, é possível observar a necessidade do casal de lidar com esse movimento:

R- Sabe o que eu questiono? Porque ele foi romântico com a outra e não comigo nestes sete anos?

T- Havia romantismo no namoro de vocês?

R- Até que tinha, mas para ela, ele fez coisas que nunca fez para mim, como me mandar uma tele-mensagem, uma cesta de café da manhã, um e-mail carinhoso. Comigo ele não tinha tempo, mas com ela fez com prazer.

P- Aquilo não foi amor de verdade. Se fosse não estaríamos juntos...

R- Paulo, você não tem que pensar no hoje, eu estou querendo te dizer o que você viveu com ela! Que sentimentos que você tinha com ela que comigo você não teve? O que você viu nesse relacionamento que você não viu no nosso?

P- Para mim, não é difícil falar, o problema é que você não consegue ouvir...

Podemos perceber que Rita tenta elaborar junto a Paulo essa passagem em sua vida, mas, para ela, tudo isso é muito doloroso. Falar a respeito desse episódio ainda alimenta seus sentimentos de desprezo, indiferença, exclusão, raiva e evoca a fantasia ligada ao abandono. Tudo isso dificulta o caminho para a individuação do casal. Por outro lado, o trabalho com esse sonho também mostrou um aspecto positivo ao casal, quando eles conseguem interagir como parceiros.

Assim, Rita e Paulo só poderão sentir que podem contar um com o outro desde que possam reconhecer a dor e a necessidade do outro. Rita, como a pessoa traída, precisa se conectar com sua capacidade de trair, só assim, poderá se entregar numa relação, sabendo que ambos podem trair e serem traídos.

6.2.6 Sexto Sonho: “Iniciativa” (Paulo)

6.2.6.1 Sonho do casal

- **Contar o sonho**

Esse sonho foi contado e trabalhado em 04/12/07, na décima quinta sessão.

- **Escolher o sonho**

Paulo conta o sonho e o casal decide trabalhá-lo.

- **Relato**

Paulo o relata conforme instrução da terapeuta.

P- Estou com um grupo de homens trabalhadores em uma casa grande que tem apenas um cômodo com uma geladeira velha. Estamos com roupas simples, conversando descontraidamente como se estivéssemos aguardando o momento para voltar ao trabalho. Há apenas uma mulher que acho que é a chefe. Ela está bem arrumada, com roupa clássica e óculos escuros, sentada em uma cadeira no meio do salão. Ela observa o homem que está quebrando o gelo do congelador com um martelo. Percebo que o homem está tenso e nervoso, pois ele não consegue terminar o serviço. Todos lá estão esperando ele terminar para voltar ao trabalho. De repente eu me aproximo, pego uma marreta e tiro todo o gelo. O homem pega o gelo e o joga sobre um gramado que há ao redor da casa. A mulher então diz: “Até que enfim alguém tomou alguma providência!”

- **Título**

Para escolher um título para o sonho, Paulo e Rita conversam sobre ele:

R- Acho que o ponto principal do sonho é quando Paulo toma a iniciativa de ir ajudar o homem que está quebrando o gelo. Então, eu pensei em “Iniciativa”

P- Eu saio do lugar onde estou e vou até lá ajudar o homem.

T- Então qual é o título que vocês escolheram?

P- Eu gostei de “Iniciativa”

6.2.6.2 Apreciação

T- Como é o cenário do sonho?

P- É uma casa grande no meio de um gramado. Parece casa de chácara, mas só tem um cômodo grande, uma cadeira onde a mulher está sentada e uma geladeira velha que está há uns três metros da mulher.

T- Quem são os personagens?

P- Alguns homens trabalhadores, uma mulher, eu que estou lá no meio dos outros homens.

T- São pessoas conhecidas?

P- Não. Também não conheço o homem que está quebrando o gelo.

T- Como estão estes personagens e o que estão fazendo?

P- Os homens estão vestidos de roupas de trabalhadores, eles não usam uniformes, mas estão com roupas simples como jeans e camiseta. A mulher que parece ser a chefe está bem arrumada. Ela está sentada em uma cadeira olhando o homem tirar a gelo da geladeira.

T- Como está o clima entre vocês?

P- Os homens estão conversando numa boa e o clima é de descontração e paciência. Somente a mulher e o homem que tiram os gelos estão tensos e preocupados.

R- A mulher, porque quer que ele acabe logo e ele porque não está conseguindo. É isto?

P- Isto mesmo. Os homens só estão esperando um sinal para voltar ao trabalho. Eles estão tranquilos e conversam entre si animados.

T- Esse lugar traz alguma sensação?

P- De tranquilidade enquanto estou com os trabalhadores e de tensão, ao mesmo tempo, quando eu percebo o clima tenso entre a mulher e o homem.

R- Eu não percebi a tensão.

P- A mulher pressiona o homem para ele quebrar logo aquele gelo. Ele não está conseguindo!

T- Esta é a problemática do sonho?

P- Exatamente. Quando olho para a mulher e vejo sua preocupação com o tempo que o homem está levando para tirar todo o gelo, fico apreensivo.

T- Interessante, pois você deixa de interagir com os homens trabalhadores para prestar atenção às outras coisas que estão acontecendo no ambiente.

R- Na verdade ela, como chefe, é a responsável pelo serviço, pois estes trabalhadores estão parados.

P- É bem o seu jeito...

R- *Não é que esse é o meu jeito Paulo! É que parece que só eu que tenho que ver as coisas que precisam ser feitas a todo o momento. Isso me cansa.*

P- *Me cansa também ter que sempre fazer as coisas do jeito que você acha que é certo!*

T- Temos um impasse importante aí... Qual o ponto ápice do sonho?

P- *Quando eu saio do lugar onde estou, me coloco entre a mulher e o homem e começo a tirar o gelo com uma marreta.*

R- *Eu acho que quando ele percebe a situação...*

T- Sei.

R- *O fato de Paulo ir até lá com a marreta já mostra que ele está tentando resolver a situação.*

T- Como a situação do sonho se desencadeia?

R- *O Paulo chega com uma marreta.*

T- A ferramenta que homem usa é um martelo.

R- *Um martelo, mas o Paulo vem com uma marreta [risos]...*

P- *A marreta é maior e mais pesada que o martelo.*

T- Que situação se apresenta neste momento?

R- *De decisão e de enfrentamento.*

P- *Na hora eu não penso na mulher, mas na situação dos trabalhadores esperando e do homem que precisa de uma força.*

T- Mas você foi elogiado.

P- *A mulher reconheceu e gostou da minha atitude.*

T- E você o que acha desta atitude?

P- *Eu sei que eu tenho dificuldade de agir assim, pois acho que tenho medo de fazer besteira ou alguma coisa errada.*

R- *Ele precisa confiar mais nele mesmo.*

T- O que você poderia fazer para ajudá-lo?

R- *Eu sei que eu deveria parar de falar o que ele tem que fazer. Mas é difícil, pois eu penso que se eu não falar nada ele também não vai fazer nada.*

T- Alguém tem que começar...

P- *Temos que falar um, dois três e já... [risos]*

T- Qual o final do sonho?

P- *Eu vou até a geladeira, tiro os pedaços de gelo e o homem os joga no gramado ao redor da casa.*

T- O que poderíamos pensar sobre o gelo, a geladeira e “quebrar o gelo” neste sonho?

P- *Interessante pensar nisto...*

T- O gelo é o estado sólido da água, que se congela devido ao esfriamento. Temos também no sonho uma geladeira velha...

P- *Esta geladeira velha está cheia de gelo que precisa ser quebrado...esta geladeira está gelando muito...*

R- *“Quebrar o gelo” poderia significar se aproximar, amolecer, ficar mais sensível.*

P- *O homem sozinho e com o martelo não está dando conta e eu vou lá quebro o gelo. Os pedaços de gelo lá fora irão derreter e talvez, a geladeira sem tanto gelo funcionará melhor.*

T- O que esta imagem que o Paulo descreveu agora pode dizer para vocês?

R- *Nossa Sílvia! Que o nosso casamento está congelado e que precisamos “quebrar o gelo”.*

P- *Precisamos mudar...*

T- Como assim?

P- *O modo de nos tratarmos.*

R- *Cuidar mais do nosso relacionamento.*

T- O que vocês acharam deste desfecho do sonho?

P- *Este sonho tem um final feliz, pois o problema foi resolvido.*

R- *Eu também achei.*

T- Como é o relacionamento entre os personagens?

P- *Bom. Cada um está no seu papel.*

R- *Mas ao mesmo tempo estão todos juntos lá.*

T- Interagindo...

R- *Sim. Parece que tem um espaço para todos.*

T- Quem é a personagem principal do sonho?

R- *Eu pensei que era a mulher, mas acho que foi o Paulo, que deu um jeito na situação.*

P- *É. Eu também acho, pois com minha atitude no sonho eu consegui resolver o problema.*

T- No sonho, a mulher está fazendo a parte dela...

P- *Sim, mas eu vejo que está demorando e que ela está preocupada.*

T- Cada um está fazendo uma parte...

R- *Ela como chefe, os funcionários esperando e o homem quebrando o gelo. Mas o Paulo percebeu que o homem precisava de ajuda.*

T- Então, o que esta imagem pode mostrar para o relacionamento de vocês dois?

P- *Para mim, que eu preciso prestar mais atenção às coisas que estão acontecendo e o que eu posso ajudar... Acho que é o que a Rita fala pra mim...*

T- Como assim?

P- *Que eu preciso me envolver mais, para ela poder contar comigo.*

R- *E eu, eu quero fazer minha parte e deixar de ser “mãe” dele, a pessoa que fica cobrando uma atitude.*

T- Sair do impasse.

R- *Agora eu vi, um não tem que esperar o outro para agir.*

P- *E cada um tem que fazer a sua parte. Acho que estamos aprendendo...*

T- Qual a sensação que este sonho traz para cada um de vocês?

P- *Uma sensação boa, de mudança. No sonho o clima era bom, apesar da dificuldade com o gelo.*

P- *Sabe o que eu acho? Que eu e Rita podemos viver bem e lidar melhor com as nossas necessidades.*

R- *Se cada um fizer a sua parte.*

T- E para você Rita? Qual a sensação que este sonho traz para cada um de vocês?

R- *Este sonho do Paulo e com tudo o que falamos hoje, eu me sinto mais animada com meu casamento. Sei que não será nada fácil nem pra mim nem para o Paulo, mas eu quero um dia poder esquecer tudo isso e aprender a confiar mais.*

T- Isto é um desafio e precisa ser exercitado. Vocês querem fazer alguma observação?

P- *Eu gostaria de dizer que eu vi com este sonho, que agora pensando aqui no outro sonho "Início", que nós não devemos apressar as coisas e querer que fique tudo bem de um dia para outro. Mas que temos que tomar algumas iniciativas para fazer as mudanças no nosso casamento.*

R- *Acho que cada um de nós precisa mudar muitas coisas em nós mesmos, para melhorar a nossa vida no casamento. Que apesar de nós termos feito tudo certinho para casar, faltou o principal: nós dois mais próximos um do outro.*

6.2.6.3 Reflexão

Esta fase da reflexão com o sonho "Iniciativa", na última sessão em 11/12/07, Rita e Paulo falaram sobre os obstáculos que terão de enfrentar para alcançar um relacionamento mais equilibrado e harmonioso. Rita, no sonho, sentiu a cumplicidade de Paulo naquele ambiente, quando interagia com os trabalhadores, mas ao mesmo tempo, conseguiu perceber a situação entre a mulher e o homem que tirava o gelo. Para ela, um precisa ajudar o outro para que superem essa situação.

O diálogo abaixo ilustra o desafio do casal para alcançar uma relação mais madura, na qual cada um pode estimular o outro à mudança e ao crescimento, ao invés de controlar.

R- *Eu sinto que Paulo não me vê como mulher, mas como mãe. Eu fico muito triste quando eu me lembro de tudo o que passou e me vejo, cuidando de casa, lavando, passando e cozinhando e o filho adolescente saindo, paquerando, namorando, com namoradinha. Eu não sinto cumplicidade dele comigo Sílvia, eu não sinto.*

R – *Eu sempre penso: ‘Será que ele tá fazendo isso porque eu estou obrando ou por livre e espontânea vontade?’. Na maioria das vezes é porque eu estou cobrando e eu percebo isso.*

T- E se você parar de cobrar?

R- *Tenho a impressão que ela vai desviar de novo do caminho.*

P- *E a minha grande dificuldade é falar as coisas para a Rita. Eu sempre tentei esconder as coisas de Rita. É porque eu sempre tive medo das reações dela. Várias vezes ela falava pra mim que o casal precisa se comunicar. Hoje eu vejo que, fiz muita coisa errada, magoei muito ela, mas se quisermos ficar juntos vamos ter que superar isso. O controle dela sobre mim não é confortável, mas ao mesmo tempo é um apoio, pois eu sinto que é muito difícil para eu contentá-la.*

QUADRO 13 - Sonho “Iniciativa”

Contexto Onírico	Associações Pessoais	Amplificações	Temas Oníricos	Insights do Casal	Hipóteses sobre os Conflitos
<ul style="list-style-type: none"> • Paulo está com outros operários em uma casa grande com um cômodo grande, onde há uma geladeira velha. Uma mulher, chefe de serviço, está sentada, observando o homem tirar o gelo da geladeira. Todos os trabalhadores estão aguardando. 	<ul style="list-style-type: none"> • Trabalhadores • Empresa: <ul style="list-style-type: none"> ✓ geladeira velha ✓ quebrar o gelo ✓ martelo e marreta. • Mulher/Chefe: pessoa mandona • Gelo: sem poder ter contato, duro, queima, derrete fora da geladeira. 	<ul style="list-style-type: none"> • Congelamento: sem vida, impenetrabilidade 	<ul style="list-style-type: none"> • Movimento de aproximação e enfrentamento. • Providências para resolver conflitos. • Possibilitar um começo/ se aproximar 	<ul style="list-style-type: none"> • Dificuldade de Rita controlar suas reações agressivas em direção a Paulo. • Aproximação. • Dificuldade de Paulo de ter mais cumplicidade com Rita. Não temer suas reações. • Melhorar o canal de comunicação do casal. 	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver a relação afetiva e sexual. • Abrir espaço no casamento para acolher o sentimento de medo do abandono de ambos.

6.2.6.4 Comentários sobre a dinâmica do casal

O trabalho com esse último sonho permitiu um afastamento dos sentimentos amedrontadores que permeavam a vida do casal, como a insegurança, infidelidade e o medo do abandono, ajudando-o a refletir sobre a tensão entre as polaridades apego e desapego que estagnou o relacionamento, criando uma situação congelada, como mostrou o sonho “Iniciativa”.

A capacidade de comunicação do casal encontra-se limitada, a confiança prejudicada, a empatia pouco desenvolvida e a área sexual empobrecida. Mas se pode considerar que os recursos presentes no sonho mostraram que existem possibilidades de “quebrar o gelo”, de modo que as transformações e as aproximações na relação interpessoal possam ocorrer. Devido aos conflitos surgidos antes e depois do casamento, o casal não conseguiu viver experiências boas de proximidade, de vínculo de confiança, impossibilitando alcançar um relacionamento funcional e equilibrado.

Nas ações dos personagens oníricos do sonho, pudemos perceber diferentes atitudes concomitantes, como Paulo e os trabalhadores conversando descontraidamente, o homem que trabalha na retirada do gelo e a mulher que supervisiona seu trabalho. Se pensarmos na grande sala como o espaço do casamento, é possível olhar essa configuração como indicativa da necessidade de interação conjugal maior e mais profunda e ao mesmo tempo de um espaço para o desenvolvimento individual de cada parceiro. Eles precisam investir no relacionamento, cuidar mais do casamento.

Vemos também, que no sonho as ações dos personagens ocorrem de forma espontânea e natural, sem cobrança, interrogatórios, acusações e esquivas. Paulo amplia seu olhar além do círculo dos trabalhadores e consegue olhar empaticamente para a mulher-chefe que quer que os homens voltem ao serviço, mas precisa esperar a retirada do gelo. Ele também vê que o homem está com dificuldade para acabar seu serviço. Esta necessidade do casal é expressa na fala de Rita quando se refere à cumplicidade que ela gostaria de sentir por parte de Paulo em relação ao casamento. Este é o espaço da individualidade no casamento que precisa existir e ser cuidado, para que o espaço da conjugalidade funcione razoavelmente bem.

O trabalho com esse sonho indicou caminhos em direção à trajetória da

individualização conjugal, da necessária aproximação entre ele como homem e ela como mulher. Mostrou a importância de cada um ocupar o espaço que lhe cabe no casamento e olhar para as necessidades de seu parceiro, como outro diferenciado de si.

Podemos considerar, ainda, que tal trabalho foi fértil, pois revelou a ação do ego onírico que transforma a situação, expressando para o casal a importância de refletir sobre as próprias ações de cada um e sobre as reações às ações do outro no casamento. Trouxe também importantes reflexões sobre a possibilidade de construir um relacionamento a partir das experiências e dos recursos de cada um.

6.3 As repercussões do método de trabalho com os sonhos na dinâmica conjugal

A seguir buscamos destacar algumas repercussões do método de trabalho com os sonhos na dinâmica conjugal de cada casal. Assim, vão ser colocadas as fases e subfases com as devidas repercussões. Estas repercussões foram analisadas não de cada sonho individualmente, mas de forma geral, embora nos quadros apontemo-las com sonhos específicos.

6.3.1 Casal: Lana e Joel

6.3.1.1 Sonho do casal

- **Contar o sonho**

Procedimento	Repercussões
<ul style="list-style-type: none"> • Contar o sonho no setting. • Ouvir o sonho do parceiro. 	<ul style="list-style-type: none"> • O trabalho estimulou cada parceiro a atentar para seus próprios sonhos. • O trabalho estimulou o parceiro a lembrar e contar os seus sonhos. • Observamos um maior envolvimento no trabalho terapêutico.

Após os relatos dos sonhos de Lana, Joel se lembrou de seus sonhos e expressou o desejo de compartilhá-los; ao fazê-lo, ajudou a criar uma proximidade entre o casal. Logo, o relato de cada sonho ajudou Joel a modificar sua postura defensiva inicial, na medida em que participou ativamente do trabalho com os sonhos e se envolveu nas fases posteriores do trabalho.

Observamos que Joel, no início do atendimento, disse que não costumava lembrar-se de seus sonhos e que veio à terapia para ajudar Lana em sua conquista de maior autonomia, posicionando-se fora da questão conjugal. Lana, por sua vez, esperava que a terapeuta a ajudasse a modificar o temperamento difícil do marido e, assim, facilitasse sua realização no casamento. Assim, podemos supor que ouvir o sonhos e contá-los ajudou no envolvimento do casal em seu processo terapêutico.

- **Escolher o sonho**

Procedimento	Repercussões
<ul style="list-style-type: none"> • Escolher um sonho para ser trabalhado na sessão. 	<ul style="list-style-type: none"> • O procedimento estimulou o parceiro a ouvir o sonho narrado com atenção e respeito. • O casal pôde exercitar sua capacidade para estabelecer critérios e resolver a situação apresentada, de modo a contentar a ambos. • O casal estabeleceu um diálogo e expressou opiniões.

A escolha do sonho envolve uma escuta atenta e um comprometimento com o parceiro. Percebemos que neste exercício, o casal precisou estabelecer critérios para resolver a situação da escolha. Os critérios usados pelo casal foram: a relevância do tema para o casal e a importância dos sonhos para o parceiro que trouxe o sonho. Notamos que o casal realizou essa atividade de forma equilibrada, diferente da maneira de o casal agir na sua vida cotidiana, na qual Joel age como aquele que impõe a sua vontade e Lana como aquela que cede.

- **Relato**

Procedimento	Repercussões
<ul style="list-style-type: none"> • Relatar o sonho segundo as instruções, de modo a compartilhar o sonho na sessão e colocá-lo a serviço da relação do casal. • Ouvir o sonho “Como se fosse seu”. • O terapeuta acompanha o relato, o parceiro sonhador e o parceiro ouvinte. 	<ul style="list-style-type: none"> • Lana relatou o sonho “Atrasada” conforme as instruções, facilitando a participação de Joel no trabalho com o sonho. • Joel pôde ouvir empaticamente a narrativa do sonho. Ele comenta: “não é fácil você não poder participar da sua formatura.”

Este momento foi importante para o casal, pois na medida em que o sonho pôde ser ouvido e compreendido por Joel, sua postura inicialmente, mais distante, foi se modificando. As instruções dadas estimularam a comunicação do casal e a participação do parceiro que estava ouvindo o sonho. Joel, nos dois primeiros sonhos de Lana, os ouviu atentamente e acompanhou suas narrativas. Este é um dado importante para que o sonho possa ser olhado como um sonho do casal.

- **Título**

Procedimento	Repercussões
<ul style="list-style-type: none"> • Escolher um título para o sonho. 	<ul style="list-style-type: none"> • O trabalho estimulou cada parceiro a expressar sua opinião de forma diferenciada. • O casal passou a olhar o sonho como algo importante, que está a serviço do seu relacionamento. • Dar um título para o sonho ajudou o casal a observar o relato deste como um todo e se aproximar dele como o “sonho do casal”. • O título pôde trazer símbolos importantes no contexto terapêutico, isto é, o título pôde se constituir numa expressão simbólica de aspectos do conflito conjugal.

Quanto à escolha do título, percebemos que o casal se engajou em uma atividade comum e tentou apreender a mensagem do sonho em sua totalidade, para escolher um título que representasse o drama onírico. Percebemos também, que ao nomear o sonho, o casal passou a olhá-lo como o sonho do casal, que está a serviço da relação deste.

Podemos observar que os títulos refletem os temas dos sonhos, assim como os temas relacionados aos aspectos dos conflitos presentes na dinâmica conjugal do casal. Assim, temos dois grupos: um feminino que precisa ser acolhido e integrado (1º, 2º e 8º sonhos) e o de situações ameaçadoras (2º, 4º, 5º, 6º e 7º sonhos).

Podemos avaliar que, ao encontrar um título para os oito sonhos trabalhados com este casal – Atrasada; Inadequação; Fragilizada; Sem Saída; Medo; O Sequestro; Contramão e Contundida – o casal pôde exercitar o diálogo, lidar com as diferenças entre eles para chegar a um consenso, tentar apreender a sua mensagem do sonho em sua totalidade, sem se ater a detalhes ou interpretações reducionistas.

6.3.1.2 Apreciação

- **Exposição / Intriga / Culminação e Desfecho**

Procedimento	Repercussões
<p>O trabalho com os quatro momentos, com os sonhos abaixo: 1º sonho: Atrasada 4º sonho: Sem Saída 5º sonho: Medo 6º sonho: O Sequestro</p>	<ul style="list-style-type: none"> • O casal alcançou os seguintes insights: <ul style="list-style-type: none"> ✓ perceberam que estão se sentindo sozinhos e não estão conseguindo mudar a situação; ✓ Joel percebeu que se sente sozinho e tem muito medo de se expor e se expressar; ✓ Lana se conscientizou da necessidade de superar o medo. • O trabalho trouxe maior intimidade entre o casal para compartilhar seus sentimentos de medo, vergonha e expectativas em relação ao casamento.

Na fase de apreciação, perpassamos os elementos dos sonhos e os temas presentes na narrativa. O casal pôde tecer as associações e amplificações e

vivenciar as emoções ligadas a elas. Por meio das associações, o casal pôde deparar-se com suas dificuldades em se relacionar empaticamente e dentro de um dinamismo de alteridade.

Como um exemplo, os trabalhos com o sonho de Joel “Sem Saída” e com o sonho de Lana “O Sequestro” retrataram o desespero de alguém que está presenciando algo ruim acontecendo. Esta situação que aparece no sonho “O Sequestro”, pode indicar que as situações conflituosas que o casal tem enfrentado estão desgastando o relacionamento. O *Self* conjugal expressa por meio desses dois sonhos a importância de cada parceiro lidar conscientemente com seus complexos pessoais, seus medos, desejos e fantasias.

6.3.1.3 Reflexão

Procedimento	Repercussões
<ul style="list-style-type: none"> O casal compartilhou suas dificuldades pessoais, seus medos, seus anseios, seus projetos de vida em comum e expressou seus sentimentos sobre as vivências do passado à luz dos sonhos trabalhados. As reflexões foram feitas a partir do trabalho com o 8º sonho – “Contundida”. 	<ul style="list-style-type: none"> O trabalho levou Joel a refletir sobre: <ul style="list-style-type: none"> ✓ sua postura em relação ao feminino e tudo que envolve ternura e paciência; ✓ sua atitude intolerante e o quanto isso prejudica seu crescimento pessoal e seu relacionamento com Lana. ✓ Joel foi estimulado a tentar ser mais paciente e mais empático com as necessidades da esposa. Observamos que Lana agora pode mudar sua postura diante da vida. A partir de seu medo de desagradar às pessoas, ficou motivada a agir diferentemente e a ser mais decidida.

No decorrer do trabalho com os sonhos, na 3ª fase do método, o casal pôde falar, sem se alterar, de assuntos ligados ao relacionamento, à vida pessoal de cada um, das famílias de origem e de suas expectativas futuras para o casamento.

O último sonho, “Contundida”, na última sessão (05/02/08), propiciou a reflexão sobre o arquétipo da mulher ferida em cada um dos parceiros, trazendo a figura do feminino pedindo um lugar na consciência do casal, indicando a necessidade de o feminino ser acolhido, tratado e valorizado.

Lana retoma o sonho “A contundida” para refletir sobre sua postura diante da vida. Diz que, no sonho, não conseguiu deixar a mulher ferida deitada na cama

de Tiago, pois ele ficaria bravo se chegasse e visse alguém em sua cama. Pensa que não conversou mais com a faxineira, porque Joel poderia acordar e se incomodar. Para ela, tudo isso é reflexo de seu sentimento de não pertencimento. Porém, diz ela, “agora eu quero agir diferente”.

Finalmente, podemos ressaltar que foi justamente nesse ponto que o trabalho com o sonho balizou o caminho a ser percorrido e destacou os aspectos dos conflitos que poderiam ser olhados, tocados e conscientizados.

Lana e Joel relataram seus sonhos espontaneamente nas sessões e a partir de seus relatos no espaço terapêutico. Por exemplo, no trabalho com o sonho “Contundida”, o sonho foi relatado, intitulado e eles puderam olhá-lo “como o sonho do casal”. Procuramos ajudar o casal a adentrar a vivência do sonho e apreender suas imagens. Em seguida, refletimos o que elas poderiam refletir para o relacionamento deles enquanto casal. Aos poucos, o casal pôde ver o quanto a figura da faxineira refletia o próprio casal, ou seja, aquele lado feminino machucado.

6.3.2 Casal 2: Rita e Paulo

6.3.2.1 Sonho do casal

Contar o sonho

Procedimento	Repercussões
<ul style="list-style-type: none"> • Rita conta o 1º sonho na sessão. • Rita conta novamente o sonho. • Paulo conta um 2º sonho “Encontro” 	<ul style="list-style-type: none"> • Após o relato do 1º sonho, emocionada, Rita discorreu sobre a traição do marido. • Rita sentiu-se incomodada com o conteúdo do sonho “O encontro”; para ela, o marido não se importa com seus sentimentos. • Abriu-se a possibilidade de um espaço para compartilhar o sonho. • Contar o sonho abriu possibilidades para uma comunicação mais eficiente, em que um ouve o que o outro tem a dizer.

Para o casal Rita e Paulo, a tarefa de contar o sonho na sessão exigiu um esforço, pois o casal, mais especificamente Rita, ocupava a maioria do tempo da

sessão com longos relatos sobre a traição do marido. O 2º sonho, “O encontro”, relatado por Paulo, traz a figura de duas amigas conhecidas da mulher com a qual Paulo havia tido um caso extraconjugal.

A traição é um tema complexo para se trabalhar com o casal, devido ao impacto que ele pode causar na vida pessoal do traído, do traidor e no relacionamento.

Assim, no início do trabalho com o sonho encontramos dificuldade para criar um espaço no *setting* para olhar com o casal o sonho trazido pelo parceiro e colocá-lo a serviço da conjugalidade. Foi preciso permanecer com o casal o tempo necessário nessa fase do método, até que os parceiros pudessem, aos poucos, compartilhar o sonho no *setting* e colocá-lo a serviço da relação.

- **Escolher o sonho**

Procedimento	Repercussões
<ul style="list-style-type: none"> • Rita e Paulo trazem um sonho cada um. • Paulo conta seu sonho e faz alguns comentários. Rita conta o seu sonho. No final, o casal escolhe o sonho de Rita, o 3º - “Vizinho”. • A terapeuta acompanha a escolha do casal. 	<ul style="list-style-type: none"> • Neste momento, Rita apresentou necessidade de ocupar o espaço e o fez na escolha do sonho. • Paulo cedeu o espaço. • O trabalho com o sonho mostrou que não há espaço para a afetividade e para um diálogo maduro no casamento. • A presença da terapeuta transmitiu ao casal que ele está sendo cuidado e respeitado em suas escolhas.

A tarefa de escolher um sonho para ser trabalhado ajudou o casal a exercitar sua saída da individualidade e se direcionar à conjugalidade. Rita precisa ceder espaço e se atentar à opinião de Paulo e aos seus sonhos e Paulo precisa se fazer mais presente e atento às atividades propostas pela terapeuta. Essa observação também é válida para o outro passo do método, a escolha de um título para o sonho.

- **Relato**

Procedimento	Repercussões
<ul style="list-style-type: none"> • Relatar os sonhos de acordo com as instruções da terapeuta. • Rita relata o 1º sonho – “Traição” 	<ul style="list-style-type: none"> • Paulo escutou o relato atentamente e Rita relatou sem interrupção. • Podemos supor que relatar duas vezes, no tempo presente, pode ter facilitado a aproximação de sentimentos e emoções e o acompanhamento da narrativa. • O trabalho ajudou Rita a se aproximar do sonho relatado e compartilhá-lo com o parceiro. • Rita diz que se sentiu mais aliviada por ter contado o sonho. • O trabalho abriu espaço para dialogar sobre a infidelidade de forma mais criativa.

Esta fase do método possibilitou abrir espaço para Rita falar de sua dor e para Paulo fornecer as informações necessárias para esclarecer as dúvidas surgidas. O casal necessita sair de uma forma de comunicação na qual as informações sobre a infidelidade são obtidas por interrogatórios e julgamentos, pois assim, dificilmente a confiança é alcançada.

- **Título**

Procedimento	Repercussões
<ul style="list-style-type: none"> • Escolher um título para o sonho “Traição” • Paulo e Rita escolhem um título para o 2º sonho: “Encontro” • Os títulos: “O Início” e “Desafio”. 	<ul style="list-style-type: none"> • O casal conseguiu se distanciar do arranjo fixado - “traído e traidor”. • O casal percebeu a necessidade de conversar sobre as decisões e avaliar melhor suas escolhas. • Também conseguiu apreender o contexto dos sonhos e sua mensagem para a conjugalidade. • Dar um título para o sonho ajudou o casal a observar o relato deste como um todo e se aproximar dele como o “sonho do casal”.

Assim, quanto aos títulos, no primeiro sonho, “Traição”, foi Rita quem o nomeou e Paulo concordou, dizendo: “Só podia ser esse mesmo” (sic). Já em relação ao segundo sonho de Paulo, “O Encontro”, Rita não aceitou a sugestão de

Paulo, “Alegria”, e os dois precisaram encontrar outro título para o sonho. O trabalho com o sonho de Rita “O Vizinho” trouxe uma discussão interessante e salutar para o casal, ressaltando a importância de os dois desenvolverem uma forma mais eficiente de comunicação.

6.3.2.2 Apreciação

- **Exposição / Intriga / Culminação e Desfecho**

Procedimento	Repercussões
<ul style="list-style-type: none"> • Abordar as imagens em seu contexto dramático, perpassando os quatro momentos com os sonhos. <p>Temas oníricos: abandono.</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ “O Início”: a exploração do contexto onírico como as demarcações do terreno, a figura do pedreiro e a parede da frente, apesar do trabalho árduo da construção, do percurso longo e trabalhoso e dos entulhos que estavam no terreno atrapalhando o andamento da obra. 	<ul style="list-style-type: none"> • O trabalho de apreciação do sonho balizou o caminho a ser percorrido e destacou os aspectos dos conflitos que poderiam ser olhados, tocados e conscientizados. • O casal pôde apreciar, ao mesmo tempo, os aspectos dos elementos do sonho. • Foi possível abordar os assuntos delicados e doloridos e cada parceiro pôde reconhecer o abandono do outro empaticamente. • Observou-se uma conscientização dos parceiros em relação aos próprios sentimentos de medo e de abandono. • O trabalho com as imagens do sonho trouxe uma sensação de ordem, segurança e amparo para os parceiros. • O casal pôde vivenciar a sensação de ordem, segurança, cuidado. • Essa experiência ajudou cada um a lidar com o colapso que se instalou no casamento com o episódio da infidelidade.

Com nossa ajuda, nesta segunda fase, observamos que o casal adentrou nas imagens relatadas, e por meio das associações, ampliações e dos temas emergidos, conseguiu ampliar a visão do conflito e visualizar possíveis soluções para a situação.

6.3.2.3 Reflexão

Procedimento	Repercussões
<ul style="list-style-type: none"> • Refletir sobre seus conflitos à luz do trabalho realizado com ele. • Terapeuta estimula e conduz as associações, reflexões e discussões em direção à resolução do conflito conjugal. • Procuramos ouvir os sentimentos e as experiências de cada cônjuge com boa vontade e empatia, de modo a validar o discurso de cada um. 	<ul style="list-style-type: none"> • O casal iniciou sua reflexão sobre como iniciar seu processo de reconstrução da confiança mútua. • Rita e Paulo tomaram decisões para proteger o relacionamento e passaram a frequentar outra igreja. • Paulo percebeu a necessidade de desenvolver ações de cuidados e atitude de compreensão com Rita. Rita se conscientizou de sua necessidade de controlar a vida de Paulo.

O trabalho com os sonhos 1- “Traição”; 2- “O Encontro”; 3- “O Vizinho”; 4- “O Início”; 5- “Desafio” e 6- “Iniciativa” gerou no campo do casamento possibilidades de abertura de espaço e distanciamento da ferida emocional. Possibilitou que o casal alcançasse um equilíbrio suficiente para que pudesse olhar a situação conflituosa que estava vivenciando no momento e refletir sobre as questões que envolviam o conflito, cujas temáticas foram destacadas no trabalho com os sonhos trazidos pelos parceiros.

7 DISCUSSÃO E ELABORAÇÃO DE UMA PROPOSTA DE ANÁLISE DOS SONHOS NA TERAPIA DE CASAL

Este capítulo propõe-se delinear um método de trabalho com os sonhos na terapia de casal, mostrando seus passos e os procedimentos referentes a cada um deles. Neste sentido, colocaremos inicialmente a proposta e apontaremos o que nos pareceu importante na elaboração do método, isto é, os objetivos de cada fase e subfase, o procedimento e as atitudes terapêuticas necessárias em cada fase do método.

Remontaremos à nossa colocação inicial que este é um método empírico e que busca responder a uma demanda prática de trabalho com os sonhos.

Nesta proposta de trabalho, buscamos inicialmente olhar cada sonho com o casal como um todo e, posteriormente, à luz do sonho, olhar para a situação conflituosa do casal.

O método consiste em três fases. A primeira, que chamamos de “Sonho do casal”, trata-se de um trabalho com este no sentido de direcionar o trabalho com o sonho compartilhado por um dos parceiros no *setting* em direção ao relacionamento conjugal e colocá-lo a serviço da relação. A segunda fase refere-se à *Apreciação* – observação detalhada por parte do casal das imagens oníricas e dos temas que elas evocam. A terceira fase – *Reflexão* – refere-se ao compartilhamento das percepções, ideias, sentimentos e *insights* do casal, no sentido de esclarecer os conflitos do relacionamento a partir do sonho trabalhado.

A teoria da personalidade de C. G. Jung, a experiência clínica da pesquisadora como terapeuta de casal e o pressuposto teórico de que todo sonho trazido pelo casal para o *setting* terapêutico é um símbolo do casal, uma expressão do *Self* conjugal que aponta algo novo que precisa ser integrado pela consciência, foram considerados pontos norteadores nesta pesquisa. Consideramos o sonho como exclusivo do parceiro sonhador, o qual, quando compartilhado no *setting*, foi colocado a serviço do casal.

Dessa forma, procuramos ressaltar os aspectos relacionais no trabalho com os sonhos com o casal e observar o que esses sinalizavam, delineavam e

elucidavam sobre os conflitos conjugais. Trabalhamos no sentido de torná-los um instrumento terapêutico útil na terapia de casais.

Por conseguinte, o método foi nascendo da própria prática terapêutica. À medida que iniciamos os atendimentos com os casais, os sonhos iam sendo trazidos por eles para o *setting* e o trabalho foi ocorrendo. Fomos, então, desenvolvendo empiricamente um modo específico de trabalhar com os sonhos com casais. Entre outros aspectos, percebemos a necessidade da terapeuta de desenvolver estratégias e posturas diferentes da postura do trabalho individual, as quais pudessem facilitar o envolvimento do casal com as imagens oníricas.

A partir destas considerações, colocaremos neste capítulo os objetivos, os procedimentos e as atitudes terapêuticas consideradas neste trabalho.

7.1 O trabalho com o casal

7.1.1 Sonho do casal

Essa fase é muito importante, pois é quando o parceiro sonhador colocará seu sonho a serviço da relação e agirá como elemento facilitador para que o outro ouça o seu sonho “como se fosse seu”. Atentamos para a construção de uma de uma relação terapeuta/casal e parceiros entre si, interativa e colaborativa, de maneira que, no decorrer do processo, ambos pudessem juntos apreender as mensagens oníricas e encontrar seus significados.

Nessa fase, uma das funções principais do terapeuta é facilitar a saída do sonhador do estado de identificação com seu sonho e facilitar ao parceiro adentrar no contexto onírico, para que ambos passem a vê-lo como um fenômeno psíquico que está a serviço da relação, ou seja, como o “sonho do casal”. Logo, o que a caracteriza não é somente a preparação para o início do trabalho com o sonho na terapia, mas sim como se trabalhará com esse fenômeno sem perder o foco do casal.

- **Contar o sonho**

Objetivos	Procedimento	Atitude do terapeuta
<p>Estimular cada parceiro a atentar para seus próprios sonhos e ao seu mundo interno.</p> <p>Possibilitar que os parceiros tenham acesso ao mundo interno um do outro.</p>	<p>O terapeuta pede que o parceiro sonhador conte o sonho e que o parceiro ouvinte ouça-o sem interrupção, como fenômeno natural e livre de pré-julgamentos.</p>	<p>Garantir um espaço seguro para que os casais se sintam livres para relatar o sonho no <i>setting</i>.</p>

Nesta proposta de trabalho, os casais podem ser estimulados a ficarem mais atentos para seus sonhos no dia a dia, a anotá-los se tiverem dificuldades para recordá-los. Porém, é importante que eles se sintam livres para relatar ou não seus sonhos nas sessões.

A nosso ver, não há um tipo específico de sonho para ser trabalhado com o casal, como, por exemplo, apenas trabalhar os sonhos nos quais o cônjuge está presente, mas sim qualquer sonho que um dos parceiros queira trazer para o *setting*, pois o sonho, como expressão do *Self* conjugal, surge no espaço terapêutico como um símbolo que busca esclarecimento. Assim, o terapeuta deve-se perguntar: Por que compartilhar um sonho com nosso parceiro na terapia? Não há uma única resposta para essa questão, mas podemos refletir sobre ela.

Em primeiro lugar, pode-se pensar que o sonho é um símbolo que um dos parceiros está trazendo tanto para ele mesmo como para a relação. Contar um sonho para o parceiro pode refletir vários aspectos, entre eles a necessidade e o desejo de compartilhar maior intimidade com seu companheiro, um pedido de mudança de padrão de relacionamento ou mesmo expressar possíveis saídas para o conflito que o casal está vivendo.

Quando um parceiro conta um sonho, é quase certo que ele já tenha uma leitura consciente ou inconsciente do que esse sonho traz a respeito da sua vida relacional e/ou pessoal, e o terapeuta precisa estar atento aos aspectos sombrios e defensivos que podem estar envolvidos na atitude do parceiro sonhador. Por isso, é importante para o terapeuta se questionar: Por que o sonhador está trazendo esse

sonho para a terapia de casal? É preciso ficar alerta para as projeções e para as questões transferenciais que possam surgir no processo terapêutico.

Como ilustração, podemos citar o caso 2, quando Rita traz o primeiro sonho, “Traição”. Entre outras motivações, uma delas foi, por meio do sonho, enfatizar o quanto ela havia sofrido no casamento, feito de tudo para “salvá-lo”, ou ainda, se poderia supor, se ater ao papel fixado traído/traidor. Nesse caso, foi preciso lidar com a sombra do casal por meio das imagens oníricas e contextualizá-las à dinâmica conjugal.

Portanto, quando o casal traz um sonho para o *setting*, dois pontos podem ser destacados. Primeiro: por conter inúmeros elementos e possibilidades, cabe ao terapeuta avaliar até onde trabalhar um sonho com o casal, e segundo: o terapeuta deve sempre perguntar se o casal quer ou não trabalhar o sonho relatado, pois um sonho pode conter temas difíceis e delicados, e o casal pode não estar pronto para trabalhar certos temas naquele momento.

- **Escolher o sonho**

Objetivos	Procedimento	Atitude do terapeuta
Escolher um sonho que represente o momento do casal na sessão; incentivar uma atitude cooperativa entre o casal, pois, na medida em que os cônjuges escolhem um sonho, eles realizam uma atividade comum.	Após os relatos dos sonhos, o casal escolhe um sonho para ser trabalhado na sessão. Caso haja apenas um sonho, o terapeuta pergunta se o casal quer trabalhar aquele sonho na sessão.	Interação diretiva e colaborativa em relação ao trabalho com os sonhos com os casais; procurar ouvir atentamente todos os sonhos relatados e abrir espaço para que o casal decida junto com qual dos sonhos deseja trabalhar.

Quando mais de um sonho é relatado na sessão, o outro parceiro pode se lembrar de um sonho e se sentir estimulado a relatá-lo. Nos dois casos desta pesquisa, os parceiros homens, no início do processo, disseram não ter costume de se lembrar de seus sonhos, porém, no decorrer do trabalho, ao ouvir o sonho das parceiras na sessão, eles passaram a relatar os seus.

Podemos citar como exemplo o casal Lana e Joel, em que este, na sétima sessão, em 19/11/07, após Lana contar o sonho “O Sequestro”, não conseguindo

acompanhar a narrativa da parceira, diz ter se lembrado de outros dois sonhos e, em seguida, relatou-os na sessão. Lana, então, após o relato dos sonhos de Joel, narra outro sonho que lembrara. Todos os sonhos envolviam situações agitadas e tensas.

Os sonhos relatados foram ouvidos e brevemente comentados, o que pode ter colaborado para que o casal conseguisse escolher um deles e trabalhá-lo sem que as lembranças dos outros sonhos interferissem.

Esse exemplo mostra que ouvir o sonho do parceiro estimula o outro a lembrar de seus sonhos e querer compartilhá-lo no *setting* terapêutico. É justamente o que o artigo de Permluter e Babineau (1983) aponta quando enfatiza a importância do momento em que um sonho de um dos parceiros é compartilhado na terapia de casal. Segundo os autores, é quando a comunicação inconsciente se manifesta e a consciência e a afetividade podem ser ampliadas por meio do sonho compartilhado.

- **Relato**

Objetivos	Procedimento	Atitude do terapeuta
Estimular a comunicação entre os parceiros de modo a ampliar a manifestação da afetividade; incentivar uma atitude cooperativa e empática entre o casal; ajudar o sonhador a sair de uma identificação com seu próprio sonho; facilitar o compartilhamento do sonho com o parceiro; propiciar um espaço para o casal criar junto uma vivência própria das imagens do drama onírico.	Solicitar ao parceiro sonhador que relate o sonho duas vezes, em voz alta e no tempo presente, sem interrupção. O terapeuta anota o sonho e o parceiro é instruído a ouvir o sonho "como seu fosse seu".	Escutar atentamente o relato do sonho e transmitir ao casal a importância deste como um recurso útil na terapia; atentar para com o acompanhamento do parceiro ouvinte e transmitir a ele a importância de sua participação no trabalho com o sonho.

Nesse momento, já temos um sonho escolhido, que será novamente relatado segundo as instruções do terapeuta. Contar o sonho em voz alta e ouvir a própria voz pode ajudar o sonhador a sair de uma identificação com seu sonho e facilitar a compartilhamento dele com o parceiro. O relato no tempo presente também facilita a aproximação do acompanhamento da narrativa, das ações e dos sentimentos tanto dos personagens quanto do ego onírico. Permite também maior

aproximação de sentimentos e emoções dos parceiros em relação ao tema abordado.

Podemos citar o exemplo do trabalho com o sonho de Lana “Atrasada”, quando Joel verbaliza a respeito da vivência da angústia de Lana no sonho, quando comenta sobre sua aflição.

T- Como era o clima do ambiente?

L- *Era um clima de festa, mas não para mim. Eu estava atrasada e sem a roupa. Tenho uma sensação de estar fora, inadequada.*

J- *Acho que esse sonho traz uma sensação de agitação, de angústia, porque você quer resolver a situação. É difícil! você não poder participar de uma coisa que é sua também.*

Cabe notar que, ao relatar o sonho, o sonhador traz junto sua vivência, assim como o parceiro que ouve o sonho. Esse encontro cria outra experiência, construída a partir da vivência a dois, tanto para o sonhador como para o parceiro ouvinte.

• **Título**

Objetivos	Procedimento	Atitude do terapeuta
Apreender o sonho em sua totalidade; oferecer um momento para dialogar e encontrar uma resolução comum para uma situação com diferentes possibilidades de soluções; desenvolver autonomia enquanto casal, sua capacidade de decisão; confrontar pontos de vista diferentes.	O casal é solicitado a escolher um título para o sonho narrado que sintetize as ideias dos dois parceiros sobre a narrativa; realizar uma atividade sem ajuda direta do terapeuta.	Conceder o tempo necessário para que os parceiros possam dialogar sobre a percepção de cada um sobre o sonho é importante, pois os ajuda a perceber que precisam e podem encontrar uma resolução para a questão.

Quando se pede ao casal para dar um título para o sonho, oferece-se a cada um deles uma oportunidade de dialogar com o parceiro para encontrar uma resolução comum para uma situação com diferentes possibilidades de solução. Nesse momento específico, o terapeuta permanece em silêncio, apenas

observando. Sua presença comunica aos parceiros que eles estão sendo observados, cuidados e os ajuda a desenvolver posturas respeitadas um em relação ao outro.

Importante notar as dificuldades de Paulo e Rita para realizar esta atividade juntos com o sonho “Traição”, de Rita. Quando solicitados a dar-lhe um título, não houve uma discussão entre eles. Paulo comentou, com certo humor, que já havia escutado “muitas vezes” este sonho, os dois riram e, em seguida, Rita sugeriu o nome “Traição”. Paulo diz: “só pode ter esse nome”. A terapeuta pergunta se eles querem pensar em outro nome, eles respondem prontamente que não.

Nos sonhos trabalhados posteriormente com esse casal, este exercício foi realizado de forma mais cooperativa e consciente. Por exemplo, no sonho “O Encontro”, Rita percebeu que Paulo sugeriu rapidamente um título para o sonho, sem atentar para a sua narrativa nem para a sua mensagem. O casal então conversou sobre essa atitude de Paulo e o quanto ela incomoda Rita. Acreditamos que a discussão tenha sido uma forma saudável de lidar com as diferenças e discórdias entre eles.

7.1.2 Apreciação

A segunda fase do método tem como objetivo permitir que os parceiros observem juntos os elementos dos sonhos e se aproximem dos conteúdos inconscientes expressados por meio das imagens oníricas. As imagens dos sonhos são exploradas com o casal de modo a ajudá-lo a experimentar as emoções ligadas a elas e motivar associações. Logo, utilizamos os quatro momentos da narrativa dramática sugeridos por Jung (1984), que são: exposição, intriga, culminação e desfecho ou lise, e se procura explorar os aspectos dos elementos dos sonhos referentes a cada momento.

Nesta fase cabe ao terapeuta uma postura que favoreça a interação colaborativa entre os parceiros e entre casal e terapeuta, pois é por meio da maneira peculiar de cada tríade terapeuta-casal que a imagem será ampliada e alcançará a mensagem do sonho. O casal é colocado em contato com os elementos dos sonhos, suas imagens, associações e amplificações.

Esta vivência possibilita ao casal uma base sólida de segurança para

passar para a terceira fase, que envolve a reflexão sobre o conflito do casal, pois muitos *insights* foram alcançados no trabalho realizado com o sonho até aqui. O casal tem mais recursos para lidar com o conflito por meio do diálogo, sem partir para acusações e interrogatórios.

Assim, é função do terapeuta dirigir o exercício objetivando abordar os elementos do sonho de forma mais completa possível. O terapeuta atua como sinalizador, atentando ao casal para voltar para o sonho quando este tende a se desviar do contexto onírico para tecer conclusões precipitadas ligadas à problemática do casal, ou mesmo tecendo acusações em direção ao parceiro. Cabe ao terapeuta também estimular o parceiro ouvinte a participar do trabalho desta etapa, pois nesse momento a atenção está mais voltada para o sonhador que trouxe o sonho.

- **Exposição**

Objetivos	Procedimento	Atitude do terapeuta
Abordar os elementos do sonho da forma mais completa possível; permitir que os parceiros observem e se aproximem dos conteúdos inconscientes expressados nas imagens oníricas.	Nesse momento, o casal é solicitado a trabalhar o sonho em seu contexto intrínseco, conduzido pelo terapeuta o casal entra em contato as imagens do sonho.	Colaborativa e próxima, que favoreça a interação entre os parceiros.

- **Intriga/Culminação**

Objetivos	Procedimento
Explorar as imagens com o casal de modo a ajudá-lo a experimentar as emoções ligadas a elas; motivar associações, ampliações e apreensão do significado da mensagem onírica para o casal.	O terapeuta auxilia o casal a tecer as associações, ampliações e <i>insights</i> do casal quanto às questões que envolvem a problemática do sonho.

- **Desfecho do sonho**

Objetivos	Procedimento	Atitude do terapeuta
Alcançar familiaridade com o sonho e com as imagens oníricas como um todo; estimular a observação da narrativa quanto ao desfecho do sonho e sua mensagem.	Atentar para os aspectos do sonho que ressaltam o seu desfecho Solicitar a participação ativa do casal para perceber o que o final do sonho suscitou em cada parceiro e no casal.	Integrativa e acolhedora, que contribua para que os temas evocados pelos sonhos sejam abordados pelos casais de forma construtiva.

Nesta pesquisa, o trabalho com a exploração dos aspectos dos elementos dos sonhos possibilitou a emergência de temas fortes, delicados e importantes para o trabalho terapêutico com os dois casais. O tema ligado ao complexo de abandono do casal Lana e Joel emergiu nos trabalhos com os sonhos de Lana “Atrasada” e “Inadequação” e “Fragilizada”, por exemplo.

Após o trabalho com as imagens desses sonhos, Lana falou sobre sua sensação de abandono em relação ao pai e Joel, que desde o início da terapia mostrava-se resistente, conseguem expressar sua fragilidade ao lembrar-se da perda de seu e do seu sentimento de solidão quando menino, aos treze anos.

O momento do desfecho do sonho pode colocar o casal em confronto com um final, a possibilidade de escolhas e de um recomeço. Podemos citar o casal Rita e Paulo, com o trabalho com o sonho de Paulo, “Início”, que traz o confronto com um casamento construído sob uma base muito frágil que precisa ser reconstruída. Segue o comentário dos dois quando questionados sobre o que ficou para cada um sobre o trabalho com esse sonho:

R- Sabe Sílvia, eu pensei agora, que eu e o Paulo fizemos tudo certinho, namoramos sete anos, mas não construímos nosso casamento. Ele ficou uma bagunça, pois na verdade a gente não construiu uma base firme.

P- Para mim, apesar dos sete anos de namoro, que foram importantes para sabermos que queremos ficar juntos, agora é que nós estamos aprendendo a viver como casal.

7.1.3 Reflexão: compartilhamento das percepções, ideias, sentimentos e *insights* do casal, no sentido de esclarecer os conflitos do relacionamento

Objetivos	Procedimento	Atitude do terapeuta
Estimular o casal a refletir sobre o relacionamento, os conflitos, expectativas em relação ao casamento à luz do sonho trabalhado e dos <i>insights</i> alcançados; trabalhar o equilíbrio entre a conjugalidade e a individualidade no casamento.	Neste momento, convida-se o casal a se situar na narrativa e nas imagens oníricas e a relacioná-las ao conflito conjugal; a vivência com o sonho e seus aspectos é evocada tanto pelo casal como pelo terapeuta, para ilustrar, clarear e mediar o diálogo sobre o conflito e as possíveis formas de lidar com ele.	Abordar os aspectos interpessoais do sonho e facilitar o estabelecimento de uma comunicação aberta e madura; ajudar o casal em suas reflexões pontuando as associações pessoais, culturais e arquetípicas, além dos aspectos da personalidade de cada um, que foram discutidos nas fases anteriores do trabalho com o sonho.

Após a análise contextual do sonho narrado, baseada nos pontos acima descritos, passamos para a fase final do trabalho com o sonho. Nesta fase, o casal já traz uma bagagem vivencial com as imagens, com a sua narrativa e com os temas dos temas abordados. Diferente das duas fases anteriores, nesta fase o terapeuta estimula o casal a falar sobre o relacionamento, seus conflitos, expectativas em relação ao casamento e os *insights* alcançados.

Toda vivência com o sonho, os aspectos dos elementos presentes nele, assim como as próprias imagens oníricas, neste momento são evocados tanto pelo casal como pelo terapeuta, para ilustrar, clarear e mediar o diálogo sobre o conflito e as possíveis formas de lidar com ele. Procuramos nos colocar de forma a garantir que a problemática do casal seja lidada à luz do sonho e que o material onírico sirva de base para que o casal consiga estabelecer uma comunicação aberta e madura.

Assim, focamos na interação entre os dois cônjuges e o fortalecimento da estrutura da relação conjugal, dentro de um espaço terapêutico, onde as verdades de cada um podem ser reveladas por meio do diálogo.

Neste momento do método, revolvemos algumas questões com o casal para ajudá-los a refletir sobre os aspectos pertinentes ao seu relacionamento e sempre que possível, refleti-los à luz do sonho trabalhado. Dessa forma, é possível

perguntar: O que o sonho ilustrou além da situação apresentada? Que mensagem o sonho trouxe para o casal e para cada um de vocês? Em quais pontos do sonho vocês identificaram algum paralelo com a vida de vocês?

Na terceira fase do método – Reflexão – temos a possibilidade de propor aos parceiros um espaço para eles expressarem o que eles vivenciaram no trabalho com o sonho num recurso gráfico. Esse recurso pode ser usado para ajudar o casal compartilhar com o parceiro as percepções, ideias e sentimentos a respeito da mensagem que o sonho trouxe em relação ao conflito conjugal.

Nesta pesquisa, aplicamos esse recurso com um sonho em cada casal, pedindo que cada parceiro expressasse graficamente o que havia vivenciado no sonho. Buscamos com essa atividade ampliar um pouco mais a vivência do casal com as imagens trazidas pelo sonho, aproximá-los da mensagem nele contida e aprofundar sua reflexão sobre o relacionamento, o conflito conjugal e a troca entre o casal.

No 5º sonho, “O Sequestro”, 7ª sessão, em 19/11/07, do casal 1, Lana desenhou um personagem solto e com movimento (Anexo B) e Joel, um personagem muito preso e sem movimento (Anexo C). O casal refletiu, sobre o desenho de Joel, o quanto os parceiros se sentem solitários e presos a um ao outro, enquanto que o desenho de Lana destacou a necessidade dos parceiros ampliarem o espaço do casamento, abrir novas possibilidades por meio do diálogo e da liberdade. Esta atividade suscitou um diálogo fértil entre os parceiros, no sentido de cada um poder entender melhor as dificuldades que ambos enfrentavam no relacionamento.

No 4º sonho de Paulo, “O Início”, na 11ª sessão, em 24/11/07, Paulo destacou as demarcações do terreno com traços fortes e riscos contínuos (Anexo D), enquanto Rita apresentou um traçado com linhas mais fracas e pontilhadas (Anexo E). O casal, ao ver o desenho um do outro, percebeu que cada um precisa fazer movimentos diferentes no casamento. Enquanto Paulo, nesse momento de sua vida, precisava fortalecer a fronteira conjugal e investir mais na conjugalidade, como ser mais atencioso, Rita precisava se abrir mais às trocas do meio social e deixar de se sentir a única responsável pelo casamento.

Finalmente, podemos dizer que o trabalho realizado com cada sonho ajudou no decorrer de todo o processo, pois serviu de referência para as discussões

no decorrer dos atendimentos. Observamos que o casal recorria aos sonhos trabalhados para falar dos seus conflitos pessoais e relacionais.

7.2 A função do terapeuta na abordagem dos sonhos com os casais

No trabalho com os sonhos com casal na terapia, temos uma situação específica e complexa em que terapeuta e casal exploram um material inconsciente de um dos parceiros, que será colocado a serviço da relação conjugal.

Entendemos que o processo de transferência ocorre quando o casal em terapia vivencia uma relação afetiva com o terapeuta, que poderá evidenciar complexos que poderão estar representados por diferentes formas de relações, por exemplo, uma relação paterna/materna amorosa, rígida ou rejeitadora.

Uma vez que, no campo interacional, as influências ocorrem no duplo sentido e ambos, analista e casal, se influenciam e se transformam, é importante considerar o fenômeno da transferência/contratransferência e lidar com ele da maneira mais clara possível, colocando-a a serviço da conjugalidade.

Jung (2007, p. 352), ao descrever o fenômeno da transferência, escreve sobre sua natureza e sobre a função do analista:

A razão psicológica geral da projeção é sempre um inconsciente ativo que procura expressão. Sua importância é equivalente ao conteúdo projetado. E uma transferência de natureza violenta corresponde a um conteúdo incendiário; contém alguma coisa de importante, alguma coisa realmente de grande valor na vida do paciente. Mas tão logo é projetada, o terapeuta parece incorporar essa coisa preciosa. E é impossível evitar permanecer nessa posição infeliz. Mas deve se devolver o valor ao paciente e a análise não termina até que o paciente tenha integrado completamente o valor à sua personalidade.

Há muitas possibilidades do fenômeno da transferência surgir quando se está trabalhando com sonhos com casais e nem sempre a figura do terapeuta aparece objetivamente no sonho do casal ou mesmo, a figura do casal surge no sonho do analista. Assim, ao analisar um sonho, é importante procurar considerar se ele está se expressando de modo objetivo ou subjetivo e avaliar o momento e o contexto terapêutico no qual esse sonho está inserido. Mesmo que caiba uma leitura objetiva do sonho, uma leitura simbólica do sonho é aconselhável, pois esta pode

enriquecer o trabalho terapêutico e apontar aspectos do sonhador ou da relação que precisam ser integrados.

Hall (1998) e Nell (2005) também defendem a ideia de que quando a figura do terapeuta aparece de alguma forma no trabalho com sonho, o melhor a fazer é observar claramente os aspectos desse elemento no sonho e o que eles possam estar representando para o casal. Esta postura pode trazer importantes ganhos terapêuticos.

Na abordagem analítica, o atendimento de casais envolve a investigação dos aspectos inconscientes, atualizados na relação com o terapeuta, por meio da escuta analítica, que envolve seus sentimentos contratransferenciais, os quais podem contribuir para que o casal descubra novos significados a partir do material onírico relatado no *setting*. Dessa maneira, sugere Hall (1998, p. 68) ao se referir à situação contratransferencial: “Não obstante, a situação do analista é maximizar o campo transformativo para o paciente, ao mesmo tempo em que minimiza a contratransferência perturbadora do analista”.

Portanto, cabe ao terapeuta estar sensível a toda experiência em relação ao casal com quem está interagindo e avaliar objetivamente sua relação com este casal. Por isso, salientamos a importância de ressaltar a formação teórica, prática e pessoal do terapeuta de casal que trabalha com os sonhos. Por exemplo, se o terapeuta sonhou com um dos parceiros, ele pode se perguntar que complexo inconsciente este casal ou este parceiro pode estar personificando. Em seu posicionamento analítico, o terapeuta deve preocupar-se com a investigação da situação consciente e inconsciente constelada tanto por ele, por sua história, sentimentos, complexos, quanto pelos aspectos psíquicos do casal que possam estar ressoando na pessoa do analista.

Como exemplos, podemos citar os dois casos que fizeram parte desta pesquisa, cujos sonhos retrataram a situação transferencial, ajudando os casais a fortalecerem o vínculo terapêutico.

No caso 1, no sonho “Inadequação”, de Lana, há a figura de uma mulher decidida, que a tira da piscina. Segundo Lana, essa mulher é uma pessoa muito diferente dela e das mulheres de sua família. Na situação transferencial, podemos supor que Lana projeta na figura da terapeuta uma mulher decidida e protetora; esta, por sua vez, estava muito próxima de uma identificação com a ferida de abandono de Lana e de projetar em Joel a figura de um pai rude e abandonador. O trabalho

com o sonho revelou uma situação de transferência/contratransferência e apontou a necessidade de a terapeuta manter uma postura afetiva, porém discriminada. Como a mulher que se dirige a ela na piscina com passos firmes e que sabia qual era a sua função ali no clube.

No caso 2, no sonho “Início”, há a figura do pedreiro que dá apoio, força e ajuda na construção da casa. Para o casal, essa figura acolhedora do pedreiro evocou a figura da terapeuta na vida deles naquele momento, pois lhes trouxe a possibilidade de construir uma relação firme e verdadeira. De acordo com os dois, eles não tiveram modelos nos quais pudessem se apoiar e na igreja, receberam conselhos que não refletiam suas próprias necessidades. Assim, pela primeira vez, eles estavam tendo a oportunidade de olhar para a relação e cuidar dela, de conversar sobre o relacionamento e pensar como querem construir o seu casamento.

Quanto aos aspectos contratransferenciais, a terapeuta se viu muito envolvida e preocupada em dar todo o apoio a este jovem casal. Porém, no trabalho com o sonho observamos como o casal pôde olhar e refletir sobre seus próprios meios para construir seu relacionamento. O reconhecimento dos sentimento contratransferenciais foi importante para a terapeuta sair do papel de “pais do casal”, abrindo espaço para uma relação terapêutica baseada num modelo mais igualitário.

É muito importante não deixar que um material sombrio possa contaminar a relação terapêutica, por isso, como terapeuta, precisamos nos responsabilizar pelo material psíquico que porventura estejamos recebendo, por aquilo que esteja ressoando em nosso íntimo, pelos nossos sonhos e seus respectivos significados, e assim preservar nossa realidade psíquica diferenciada. Nesse campo complexo, estudo, supervisão e análise são instrumentos valiosos para o trabalho com o sonho com casal.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo a elaboração de um método de análise dos sonhos na terapia de casal sob o enfoque junguiano. O trabalho realizado com os casais mostrou que o método incentivou a produção de *insights* junto aos casais participantes em relação aos seus conflitos conjugais e à dinâmica conjugal.

Partimos da hipótese de que o trabalho com sonhos no âmbito da terapia de casal permite que o sonho – um fenômeno revelador e porta-voz do inconsciente – se torne um instrumento facilitador e eficaz no trabalho com os conflitos conjugais no contexto terapêutico, favorecendo a compreensão da dinâmica do casal e apontando caminhos para a resolução do conflito conjugal.

O método elaborado contou com três fases, intituladas: 1- Sonho do casal; 2- Apreciação e 3- Reflexão.

Na primeira fase do método, *Sonho do casal*, ao propormos que o casal olhe conjuntamente o sonho de um dos parceiros, sugerimos, também, a saída do âmbito individual para o âmbito conjugal. Esta fase pontuou uma necessidade de aproximação entre os parceiros, de modo que são bastante compreensíveis as dificuldades encontradas no início do trabalho com os sonhos junto aos casais, especialmente nos casos em que a relação se encontrava caracterizada por uma comunicação ineficiente, além de posturas defensivas provavelmente bloqueando qualquer iniciativa em direção ao processo de individuação do casal.

Constatamos que as atividades propostas para cada casal nesta fase, como contar o sonho na sessão, escolher o sonho para ser trabalhado, relatar o sonho de acordo com as instruções da terapeuta e por último, dar um título para o sonho, contribuíram para que os parceiros pudessem olhar o sonho como um sonho do próprio casal, a serviço do relacionamento deste. Percebemos também que o envolvimento de cada parceiro nas atividades propostas com o sonho propiciou a aproximação entre eles, a troca de ideias e sentimentos e a oportunidade de exercitar suas habilidades em lidar com as diferenças, buscando encontrar uma resolução comum para a questão apresentada.

Quando o casal se apresenta ansioso por uma resolução rápida que o tire da situação de desconforto, podemos encontrar certa resistência a sua aderência às

atividades propostas no trabalho com os sonhos. Desse modo, pode haver pouco espaço para o trabalho, o qual exige uma atitude reflexiva e contemplativa por parte dos cônjuges.

Nesse sentido, a abordagem do conflito por meio do trabalho com o sonho pede uma postura diferenciada daquela percebida quando o conflito se instala na dinâmica conjugal, na qual há grande resistência por parte dos parceiros em reconhecer os aspectos projetados de um no outro e que cada um precisa desenvolver à sua própria maneira.

Como coloca Young-Eisendrath (1995), de um modo geral, o relacionamento baseado na desigualdade leva cada parceiro a se colocar como aquele que detém a razão e que está “sozinho” tentando manter ou salvar o casamento.

Ao mesmo tempo, esse é um desafio, pois, ao trabalhar com os sonhos com o casal, estamos também desenvolvendo com ele um modo funcional de lidar com o conflito. O casal deixa de falar do relacionamento como um objeto adquirido que não atendeu às suas expectativas, o que ajuda a falar de si mesmo, da relação que eles construíram e do significado de ser um casal.

A realização da 2ª fase, Apreciação, envolveu os aspectos dos elementos dos sonhos. Nela, baseamos nossa exploração na proposta de Jung (1984) e em seus quatro momentos da narrativa dramática. Tal proposta nos permitiu abordar o sonho com o casal em sua totalidade, sem que perdêssemos de vista os seus detalhes. Os sonhos foram trabalhados na sessão segundo os seguintes critérios: contexto onírico, associações pessoais, ampliações, temas oníricos, *insights* do casal e hipóteses sobre os conflitos.

Nesta fase do método, acompanhamos a trajetória do casal na exploração do contexto intrínseco do sonho, ajudando-o a direcionar o trabalho para que o sonho relatado pudesse ser apreciado como um todo. Ademais, abordamos os aspectos interpessoais do sonho, de modo que os cônjuges pudessem ampliar sua visão no tocante ao drama onírico e apreender as possíveis mensagens do sonho em relação ao relacionamento.

Esta 2ª fase possibilitou abordar os aspectos inconscientes que permeavam os conflitos, na medida em que o contato com as imagens oníricas motivou associações, ampliações e *insights*, incentivando também a emergência de sentimentos, que puderam ser compartilhados na sessão.

Na última fase, Reflexão, convidamos o casal, mobilizado pelo trabalho com as imagens e em situação de maior aproximação do parceiro, a refletir sobre seu relacionamento, o papel desempenhado por cada um no conflito conjugal e as possíveis formas de lidar com ele.

Neste momento, terapeuta e casal procuraram evocar o que foi apreendido no trabalho realizado com o sonho no *setting*, relacionando-o à conjugalidade ou aos aspectos de cada parceiro que pudessem estar interferindo de alguma forma no relacionamento. Ainda, buscamos, por meio do diálogo, abrir novas possibilidades de estruturar a relação do casal, atendendo às demandas levantadas pelos cônjuges.

Percebemos que o método de trabalho com os sonhos contribuiu para a elucidação e a elaboração do conflito. Pudemos abordar e trabalhar junto aos casais os problemas centrais do relacionamento, tocando aspectos tanto do âmbito pessoal quanto conjugal. Assim, houve grande auxílio para que se pudesse alcançar um nível mais profundo de compreensão mútua da situação que os parceiros enfrentavam.

No trabalho desenvolvido, notamos que o método proposto de trabalhar o sonho com o casal, nas três fases sugeridas, ajudou a transformar as defesas e resistências iniciais dos parceiros, permitindo que eles conseguissem entrar em contato e lidar com os conflitos de maneira muito mais criativa e funcional, por meio do diálogo. Consequentemente, percebemos que foi o modo segundo o qual os sonhos foram trabalhados no meio terapêutico que viabilizou este processo, tornando o uso dos sonhos um instrumento facilitador no trabalho com os conflitos relacionais.

Outrossim, tal uso dos sonhos nos possibilitou acessar as conexões existentes entre os conteúdos inconscientes e os conflitos apresentados, vindo ao encontro das necessidades destacadas nos estudos de Garcia e Tassara (2003) e de Ponciano e Carneiro (2003). Ressaltamos, ainda, que as mencionadas necessidades dizem respeito às intervenções eficazes estabelecidas com base na diversidade e na ultrapassagem da fixação de modelos.

Neste sentido, acreditamos que o presente trabalho trouxe contribuição à modalidade de intervenção terapêutica com casal que busca alcançar as raízes inconscientes dos conflitos na medida em que, juntos, terapeuta e cônjuges,

puderam ampliar seu universo e visualizar novas possibilidades, a partir da realidade psíquica apresentada por cada casal.

Por meio do trabalho realizado com os sonhos, foi possível também alcançar os complexos pessoais que afetavam o equilíbrio do relacionamento dos casais e os aspectos da sombra pessoal de cada parceiro projetados no outro. Além disso, atentar às atitudes de cada parceiro que pudessem contribuir para as mudanças no relacionamento. Assim como defendido por Jung (1975), acreditamos que é preciso lançar mão de um trabalho consciente e artesanal com o sonho para que o seu poder transformador possa ser alcançado.

No mais, vale ressaltar que procuramos, no método de abordagem dos sonhos com casal, apreciar o sonho em sua totalidade, evitando-se, assim, o foco em detalhes do sonho ou a realização de interpretações em direção ao parceiro. Esforços foram empenhados no direcionamento de associações, amplificações e *insights*, para que estes estivessem a serviço do relacionamento do casal no momento presente – “o aqui e agora”.

Cuidamos, ademais, para que o espaço individual e conjugal fosse delimitado, procurando, dessa forma, garantir o *setting* em espaço qualificado, seguro e protegido, tanto para a conjugalidade quanto para a individualidade de cada parceiro.

Finalmente, no propósito de delinear o método – ressaltando, contudo, que estamos longe de esgotá-lo – é possível destacarmos três pontos que encontramos no trabalho com o sonho. Enunciamos tais pontos a seguir.

O primeiro ponto engloba o modo pelo qual os sonhos foram trazidos pelo casal e foram concebidos no *setting*, como um símbolo de algo que expressa aspectos a serem integrados à consciência. Para Von Franz (1997, 1998), os sonhos constituem verdadeiros indicadores de onde se encontra nossa energia e a direção para qual ela se dirige. Em sua opinião, todos os sonhos contêm uma mensagem útil, podendo tal mensagem propiciar *insights* sobre o sentido de determinada situação específica da nossa vida.

Dessa forma, não havia, para nós, um tipo de sonho específico a ser trabalhado com o casal, nem uma dada quantidade de sonhos a serem trabalhados a cada sessão. Todos os sonhos relatados foram ouvidos, ainda que apenas alguns tenham sido efetivamente trabalhados. Optamos por não impor tipo algum de restrição aos sonhos a serem trabalhados também no intuito de que os parceiros se

sentissem estimulados a trazer seus sonhos à sessão e a discutir sua relação à luz dos temas oníricos.

O segundo ponto do método a ser destacado refere-se à postura do terapeuta junto ao casal. Ao incentivar o parceiro a ouvir o sonho do outro como um fenômeno natural e livre de pré-julgamentos, nossa postura desestimulou qualquer tentativa de o parceiro interpretar o sonho do outro, o que poderia constelar reações defensivas e sombrias no casal. Kolchakian e Hill (2000) e Hill e Kolchakian (2002), ao desenvolverem um método de interpretação de sonhos com casais sob a ótica cognitiva-comportamental, também compartilharam a mesma postura.

Ao desenvolvermos o método e descrevê-lo, ficou bastante claro, quanto à postura do terapeuta, que suas intervenções desempenham papel fundamental. É o que ocorre quando o terapeuta estimula a participação do parceiro na apreciação dos elementos do sonho trazido, modificando eventuais posturas defensivas. O terapeuta também contribui com o fortalecimento do vínculo do casal e com sua capacidade de empatia, ao pedir que este escolha um título para o sonho que seja representativo para ambos os parceiros e ao encorajá-los a ouvir o relato do sonho do outro como “se fosse seu”.

Ainda, no momento reflexivo, o terapeuta tem a oportunidade de favorecer a intimidade psíquica do casal, ao direcionar as associações e amplificações do sonho, encorajando-o a lidar com o conflito e a encontrar novas possibilidades, além de auxiliar esse casal a construir novos significados a partir da situação conflituosa vivida.

Por fim, o terceiro ponto refere-se aos aspectos terapêuticos que nortearam o trabalho com os sonhos dos casais, como o respeito mútuo, a empatia, o desenvolvimento de uma postura cooperativa e construtiva e o processo de individuação do casal e de cada um dos parceiros. Esforços foram concentrados para que elementos básicos ao processo de individuação do casamento, como o equilíbrio entre as polaridades conjugalidade e individualidade na interação conjugal e a consciência da necessidade de basear o relacionamento no dinamismo de alteridade, fossem fortalecidos.

Os estudos de Permluter e Babineau (1983), de Scheredl et al. (2000) e de Hill (1996) apontam que os sonhos são utilizados apenas ocasionalmente pelos terapeutas. Por sua vez, o estudo de Penzant e Zadra (2004) mostra que o sonho é bastante difundido como um recurso terapêutico útil, embora existam poucos

estudos que forneçam diretrizes para sua utilização e que contribuam para que terapeutas se sintam mais capacitados para trabalhar com sonhos.

Logo, diante do panorama apresentado, a elaboração deste trabalho, dentro da perspectiva junguiana, objetiva, ainda que apenas em modesta medida, preencher algumas das lacunas apontadas, procurando oferecer um modelo de recurso terapêutico que possa ser usado no âmbito da terapia de casal.

Não podemos deixar de discorrer, nestas considerações finais, sobre os resultados alcançados por meio da presente pesquisa. Nela pudemos também avaliar os limites encontrados, o que nos impede de produzir generalizações quanto aos seus resultados.

No tocante à aderência dos casais ao trabalho com os sonhos, precisamos considerar que eles foram convidados a participar da presente pesquisa foram atendidos em condições especiais, dentro do contexto de um programa de pesquisa, sem pagamento de honorários, tendo sido celebrado contrato de terapia breve com tais participantes. Desse modo, entendemos que os resultados alcançados podem ser questionados quanto à participação do casal no trabalho com os sonhos, abrindo margem para a dúvida sobre se seriam produzidos os mesmos resultados no contexto de outro contrato terapêutico, por exemplo.

No mais, não tivemos oportunidade para estudar e aprofundar nesta pesquisa outras questões como: a correlação entre o método de trabalho com os sonhos, as hipóteses dos conflitos e os temas oníricos; a escolha do sonho e o momento terapêutico vivenciado pelo casal à época da realização da pesquisa.

Ressaltamos a importância de que novas e complementares pesquisas sejam realizadas neste tema, com maior número de participantes e em hipóteses de terapia de diferentes durações, para que se possa detalhadamente comprovar a eficácia do método de análise dos sonhos no trabalho com casais e seu alcance terapêutico. Sugerimos também a realização de estudos focados em questões como o trabalho com o método com casais vivendo conflitos específicos e o uso do método em contextos diferentes da Terapia Breve e do consultório clínico, como é o caso da área da saúde, por exemplo.

Cabe aqui ressaltar, nossa convicção que os fundamentos do modelo da Psicologia Analítica são sólidos e estão em consonância com os novos paradigmas da ciência moderna. Como escreve Penna (2006, p. 19):

A relatividade do conhecimento humano diante da infinitude do inconsciente coletivo, a busca de integração e harmonização dos opostos sem anular as diferenças, a aceitação de paradoxos e contradições inerentes à diversidade e complexidade da natureza humana são alguns aspectos do paradigma junguiano, afinado com as características da ciência pós-moderna.

Nesse sentido, enquanto pesquisadores, acreditamos ser necessária a concentração de esforços no desenvolvimento de novos procedimentos que tornem o trabalho com os sonhos mais adequado e eficiente para o atendimento de casais. Ao final desta pesquisa, fica a sensação da necessidade de continuidade. Novos e outros estudos devem explorar detidamente o tema, aprofundando as questões encontradas e abordadas no decorrer da elaboração deste método de trabalho com os sonhos com casais.

De todo modo, é impositivo assinalar que, diante das mencionadas lacunas, a presente pesquisa pode ser encarada como um passo. Ainda que de maneira limitada e passível de questionamentos metodológicos, logrou-se apontar à possibilidade concreta de, pelo trabalho com sonhos de casais, atingir pontos intrincados da dinâmica conjugal e incrementar o relacionamento como um todo. Resta-nos esperar que a temática prossiga sendo pesquisada e que, em cada vez mais *settings* terapêuticos, o trabalho sério com os conteúdos oníricos possa pavimentar o caminho de casais em direção à individuação.

REFERÊNCIAS

- ALBERT, S. C. **Infertilidade na relação conjugal**. Uma pesquisa na abordagem junguiana utilizando a terapia breve com Sandplay. 2008. 190f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Pontifícia da Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.
- BENEDITO, V. L. D. Y. **Amor conjugal e terapia de casal: uma abordagem arquetípica**. São Paulo: Summus, 1996.
- _____. Abordagem simbólica do conflito conjugal: o corpo em cena. In: VITALE, M. A. F. (Org.). **Laços amorosos: terapia de casal e psicodrama**. São Paulo: Ágora, 2004. p. 83-100.
- _____. O trabalho com sonhos na terapia de casal. In: CONGRESSO LATINO AMERICANO DE PSICOLOGIA JUNGUIANA, 4., 2006, Punta Del Este. **Anais...** Punta Del Este, Uruguai: [s.n.], 2006. p. 61-64.
- BEYOND Freud and Jung. Seven analysts discuss the impact of new ideas about dreamwork. **Quadrant**. The Journal of Contemporary Jungian Thought, v. 25, n.2, p.85-85, 1992.
- BOSNAK, R. **Breve curso sobre sonho**. São Paulo: Paulus, 2006.
- BRANDAO, C. Conflitos e transformações: a identidade do analista junguiano. In: CONGRESSO LATINO AMERICANO DE PSICOLOGIA ANALÍTICA, 2., 2000, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: [s.n.], 2000. p. 493-498.
- BULKELEY, K. **An introduction to the psychology of dreaming**. London: Praeger, 1997.
- BUSTO, D. M. **Perigo...** Amor à vista! Drama e psicodrama de casais. 2. ed. São Paulo: Aleph, 1990.
- BYINGTON, C. A. B. A identidade pós-patriarcal do homem e da mulher e a estruturação quaternária do padrão de alteridade da consciência pelos arquétipos da anima e do animus. **Revista Junguiana**, n. 4, p. 5-69, 1986.
- _____. A família como dimensão simbólica do self. Um estudo da dinâmica do self familiar pela psicologia simbólica. **Revista Junguiana**, n. 17, p.57-88, 1999.
- _____. **A construção amorosa do saber**. São Paulo: Religare, 2003.
- _____. **Psicologia simbólica junguiana: a viagem de humanização do cosmo em busca da iluminação**. São Paulo: Linear B, 2008.
- CAILLÈ, P. U. **Um e um são três: o casal se auto-revela**. São Paulo: Summus, 1994.

CARNEIRO, T. F. Diferentes abordagens na terapia de casal: uma articulação possível. **Temas de Psicologia**, v. 2, n. 2, p. 53-63, 1994.

CARVALHO, L. A. P. P.; SANT'ANNA, P. A. O jogo de areia em terapia conjugal: uma proposta de intervenção. **Boletim de Iniciação Científica de Psicologia**, v.1, n. 1, p. 53-64, 2000.

COZBY, P. C. **Métodos de pesquisa em ciências do comportamento**. São Paulo: Atlas, 2003.

CUNHA, A. G. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexicon/Faperj, 2010.

DINIZ NETO, O. **Jogos conjugais**: proposta de um modelo construcionista social para terapia de casais. 2005. 241 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

DODSON, S. L.; GIBSON, T. L. **Psyche and family**: junguian application to family. Illinois: Chiron Publications, 1996.

FARIA, D. L. **O pai possível**: conflitos da paternidade contemporânea. São Paulo: EDUC, 2003.

FREITAS, L. Sonhos iniciais e sonhos iniciáticos. **Junguiana**, n. 9, p.42-55, 1991.

FURTH, G. M. **O mundo secreto dos desenhos**: uma abordagem junguiana da cura pela arte. São Paulo: Paulus, 2006.

GALIÁS, I. Reflexões sobre o triângulo amoroso. **Junguiana**, Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica, São Paulo, n. 6, p. 119-165, 1988.

GALLBACH, M. R. **Sonhos e gravidez**: iniciação à criatividade feminina. São Paulo: Paulus, 1995.

_____. **Aprendendo com os sonhos**. São Paulo: Paulus, 2000.

GAMBINI, R. **A voz e o tempo**: reflexões para jovens terapeutas. São Caetano do Sul: Ateliê Editorial, 2008.

GARCIA, M. L.; TASSARA, E. T. O. Problemas no casamento: uma análise qualitativa. **Estudos de Psicologia**, v. 8, n. 1, p. 127-133, 2003.

GUGGENBÜHL-CRAIG, A. **O casamento está morto**. Viva o casamento! São Paulo: Símbolo, 1977.

HALL, J. **Jung e a interpretação dos sonhos**: manual de teoria e prática. São Paulo: Cultrix, 1998.

HERRMANN, F. **Clínica psicanalítica**: a arte da interpretação. São Paulo: Brasiliense, 1992.

HEWISON, D. 'Oh rose, thou art sick!' Anti-individuation forces in the film American Beauty. **Journal of Analytical Psychology**, Blackwell publishing, USA, v. 48, n. 5, p. 683-704, 2003.

HILL, C. E. **Working with dreams in psychotherapy**. New York: Guilford Press, 1996.

HILL, C. E.; KOLCHAKIAN, M. R. Dream interpretation with heterosexual dating couples. **Dreaming**, v. 12, n. 1, p. 1-16, 2002.

HILLMAN, J. **The dream and the underworld**. New York: Harper & Row, Colophon Books. 1979.

_____. **Dreams animals**. San Francisco: Chronicle Books, 1997.

HOLLIS, J. O. **O Projeto Éden: a busca do outro mágico**. São Paulo: Paulus, 1997.

HOPCKE, R. H. **A guide tour of the collected works of C. G. Jung**. Boston: Shambhala Publications, 1999.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Estatísticas do Registro Civil 2006**. Rio de Janeiro: IBGE, v. 33, 2007.

JUNG, C. G. **Memórias, sonhos e reflexões**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

_____. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

_____. **A dinâmica do inconsciente**. Obra Completa 8. Petrópolis: Vozes, 1984.

_____. **Símbolos da transformação**. Obra Completa 5. Petrópolis: Vozes, 1986.

_____. **Sur l'interprétation des rêves**. Paris: Albin Michel, 1987.

_____. **O desenvolvimento da personalidade**. Obra Completa 17. Petrópolis: 1991a.

_____. **Tipos psicológicos**. Obra Completa 6. São Paulo: Vozes, 1991b.

_____. **Analytical psychology: notes of the seminar given in 1925**. William Mcguire (Ed.). New Jersey: Princeton University Press, 1991c.

_____. **Fundamentos de psicologia analítica**. Obra Completa 18/1. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. **Ab-reação, análise dos sonhos, transferência**. Obra Completa 16/2. Petrópolis: Vozes, 1999a.

_____. **Psicologia e alquimia**. Obra Completa 12. Petrópolis: Vozes, 1999b.

_____. **A natureza da psique**. Obra Completa 8/2. Petrópolis: Vozes, 2000a.

_____. **Civilização em transição**. Obra Completa 10. Petrópolis: Vozes, 2000b.

JUNG, C. G. **Psicologia do inconsciente**. Obra Completa 13. São Paulo: Vozes, 2001.

_____. **A vida simbólica**. Obra Completa 18/1. Petrópolis: Vozes, 2007.

JUNG, C. G.; WILHELM, R. **O segredo da flor de ouro**. Petrópolis: Vozes, 1986.

KAST, V. **Sonhos**: a linguagem enigmática do inconsciente. São Paulo: Vozes, 2010.

KNOX, J. **Archetype, attachment, analysis**: Jungian psychology and the emergent mind-Brunner. London: Routledge, 2003.

KOLCHAKIAN, M. R.; Hill, C. E. A cognitive-experiential model of dream interpretation for couples. In: VANDECREEK, L.; JACKSON, T. L. (Eds.). **Innovations in clinical practice**: a source book, 18. Sarasota: Professional Resource Press/Professional Resource Exchange, 2000. p. 85-101.

KRON, T; AVNY, J. Psychotherapists' dreams about their patients. **Journal of Analytical Psychology**, n. 48, p. 317-339, 2003.

LA TOUR, M. D. **Dialogue-recherches clinique et sociologiques sur le couple et famille**. Paris: [s.n.], 2004.

LEICESTER, J. S. Art, dreams and active imagination: A post-Jungian approach to transference and image. **Journal of Analytical Psychology**, n. 50, p. 127-153, 2005.

MARTIN, S. A. Smaller than small, bigger than big. The role of the "little dream" in individuation. **Quadrant**, v. 25, n. 2, p. 31-41, 1992.

MATTOON, M. A. **Understanding dreams**. Dallas, Texas: Spring Publications, 1984.

_____. Dreams. In: PAPADOPOULUS, R. K. **The handbook Jungian psychology**: theory, practice and applications. New York: Routledge, 2006. p. 245-259.

MELO, L. M. **Psicoterapia breve**: uma abordagem junguiana. São Paulo: Instituto Pieron, 1998.

MONTELLANO, R. M. P. **Psicopatologia psicodinâmica simbólica-aquétipica**. Montevideo: Universidad Católica, 2006.

MONTORO, G. M. C. F. Amor conjugal e padrões de relacionamentos. In: VITALE, M. A. F. (Org.) . **Laços amorosos**: terapia de casal e psicodrama. São Paulo: Ágora, 2004. p. 83-100.

NELL, R. **The use of dreams in couple counseling**: a Jungian perspective. Canada: Inner City Books, 2005.

NICOLÒ, A. M.; NORSA, D.; CARRATELLI, T. Playing with dreams: the introduction of a third party into the transference dynamic of the couple. **Journal of Applied Psychoanalytic Studies**, v. 5, n. 3, p. 283-296, 2003.

PENNA, E. M. D. A imagem arquetípica do curador ferido no encontro analítico. In: WERRES, J. (Org.). **Ensaio sobre a clínica junguiana**. Porto Alegre: Imprensa Livre, p. 52, 2004.

_____. O paradigma junguiano no contexto da metodologia qualitativa de pesquisa. **Psicol**, v. 16, n. 3, p.71-94, set. 2005.

_____. Jung e a pós-modernidade. **Junguiana**, n. 24, p.15-23, 2006.

PENSANT, A. Z.; ZADRA, A. Working with dreams in therapy: what do we know and what should we do? **Clinical Psychology Review**, n. 24, p. 489-512, 2004.

PERMUTTER, R. A.; BABINEAU, R. The use of dreams in couple therapy. **Psychiatry**, v. 46, n. 1, p. 66-72, 1983.

PIERI, P. F. **Dicionário junguiano**. São Paulo: Paulus, 2002.

PONCIANO, E. L. T.; CARNEIRO, T. F. Modelos de família e intervenção terapêutica. **Interações**, v. 8, n. 16, p. 57-80, 2003.

RAMOS, D. G. **Corpo e psique**. São Paulo: Summus Editorial, 1994.

REY, F. G. **Pesquisa qualitativa e subjetividade**: os processos de construção da informação. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

RIBEIRO, S. Sonho, memória e o reencontro de Freud com o cérebro. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v. 25, supl. 2, p. 59-63, 2003.

_____. New developments in the post-Jungian field. In: YOUNG-EISENDRATH, P.; DAWSON, T. (Ed.). **The Cambridge Companion to Jung**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

SANFORD, J. A. **Os parceiros invisíveis**: o masculino e o feminino dentro de cada um de nós. São Paulo: Paulus, 1986.

_____. **Os sonhos e a cura da alma**. São Paulo: Paulus, 1988.

SANT'ANNA, P. A. Uma contribuição para a discussão sobre as imagens psíquicas no contexto da psicologia analítica. **Psicol**, v. 16, n. 3, p. 15-44, 2005.

SANTOS, E. F. **Psicoterapia breve**: abordagem sistematizada de situação de crise. São Paulo: Ágora, 1997.

SCHARFF, D. E.; SCHARFF, J. S. Using dreams in treating couples' sexual issues. **Psychoanalytic Inquiry**, v. 24, n. 3, p. 68-85, 2004.

SCHREDL, M.; BOHUSC, C. KAHL, J. MADER, A.; SOMENSAN, A. The Use of Dream in Psychotherapy: A Survey of Psychotherapists in Private Practice. **J Psychother Pract Res**, n. 9, p. 81-87, 2000.

SIVER, S. **Process work and the facilitation of conflict**. Psychology of conflict. 2006. 420 f. Thesis (PhD Psychology) – Union Institute & University, Cincinnati, 2006.

TURATO, E. R. Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças, e seus objetos de pesquisa. **Saúde Pública**, v. 39, n. 3, p. 507-514, 2005.

ULANOV, A. B. **Conjunction and marriage**. Psyche and family: junguian application to family. Illinois: Chiron Publications, 1996.

VARGAS, N. S. **A importância dos tipos psicológicos na terapia de casais**. 1981. Dissertação (Mestrado em Psiquiatria) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1981.

_____. **Terapia de casais: uma visão junguiana**. São Paulo: Madras, 2004.

VITALE, M. A. F. (Org.). **Laços amorosos: terapia de casal e psicodrama**. São Paulo: Ágora, 2004.

VON FRANZ, M. L. **O caminho dos sonhos**. São Paulo: Cultrix, 1997.

_____. **Dreams: a study of the dreams of Jung, Descartes, Socrates, and the other historical figures**. Boston/London: Shambhala, 1998.

WILKINSON, M. **Coming in to mind, the mind-brain relationship: a Jungian clinical perspective**. London: Routledge, 2006.

YOUNG-EISENDRATH, P. **Bruxas e heróis: uma abordagem feminista à terapia de casais**. São Paulo: Summus, 1995.

ZWEIG, C.; ABRAMS, J. (Orgs.). **Ao encontro da sombra**. Cultrix, São Paulo, 2000.

ANEXOS

Anexo A

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, concordo em participar da pesquisa realizada pela psicóloga Maria Silvia Costa Pessoa, CRP 06/ 24154-6. A presente pesquisa é parte da elaboração da tese de doutorado junto ao programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica - Núcleo de Estudos Junguianos - da PUC-SP. Fui informado da natureza da pesquisa e seu objetivo, que é o estudo do trabalho com os sonhos na terapia de casal. A pesquisa será realizada na clínica privada da própria pesquisadora. O atendimento será gratuito, com tempo de duração de 12 a 16 sessões, com frequência semanal e terão uma duração de aproximadamente 80 minutos. Fui informado que as sessões serão gravadas em áudio, para fins de pesquisa. Estou ciente de que as gravações só poderão ser ouvidas pela equipe da pesquisa, devendo ser mantido sigilo de seu conteúdo. Declaro que estou ciente de que minha identidade não será revelada, havendo garantia total do anonimato em quaisquer circunstâncias. Os resultados da pesquisa poderão ser divulgados em publicações e/ou em eventos científicos, mas deverá ser organizado de modo a não revelar minha identidade. Fui informado que terei acesso aos resultados da pesquisa e que poderei desistir da mesma em qualquer momento sem nenhum prejuízo.

Nome do pesquisado:

Nome:

Data, __/__/2006

RG:

Assinatura:

Testemunha:

Nome:

Data, __/__/2006

RG:

Assinatura:

Pesquisador:

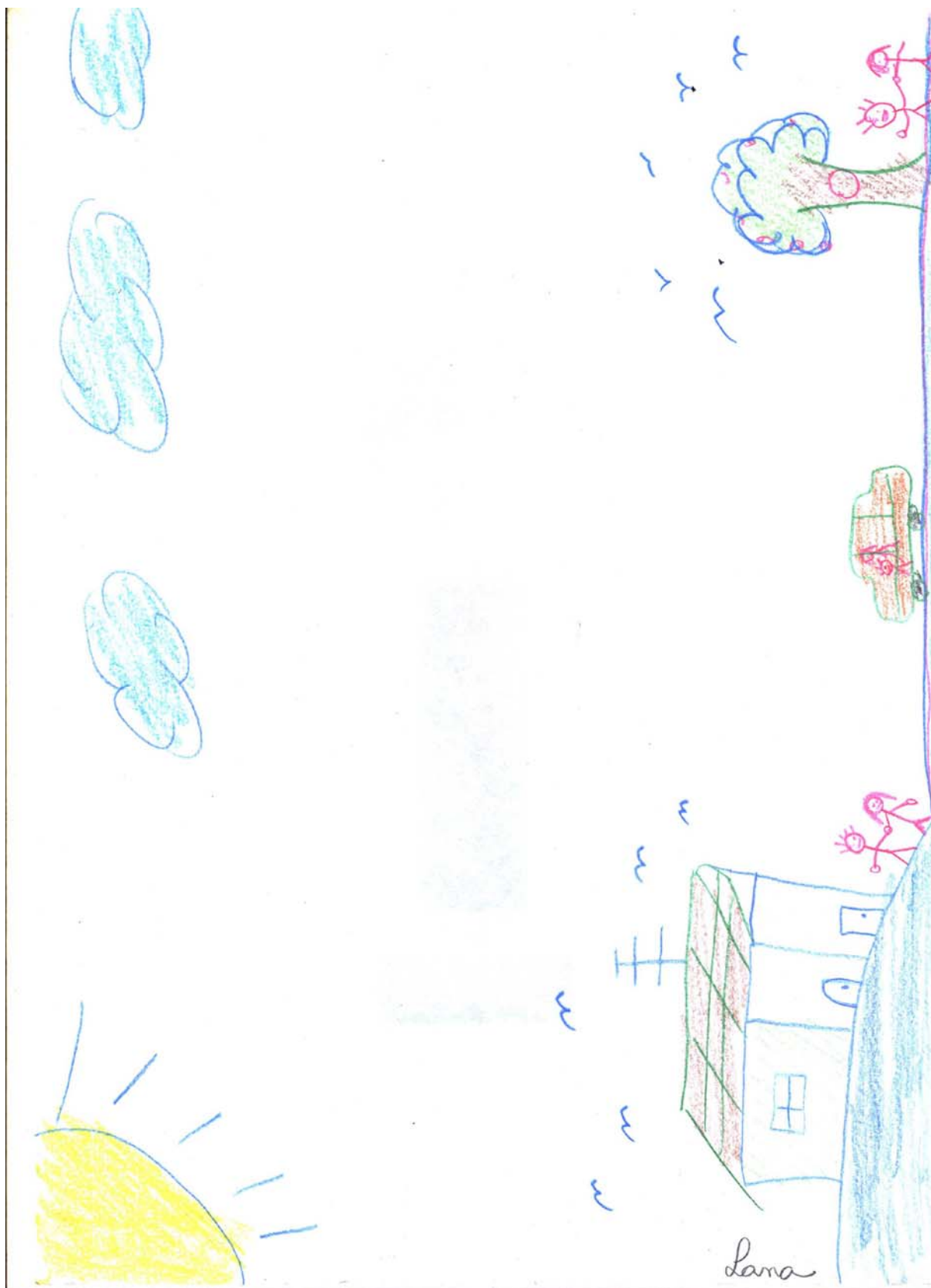
Nome:

Data, __/__/2006

RG:

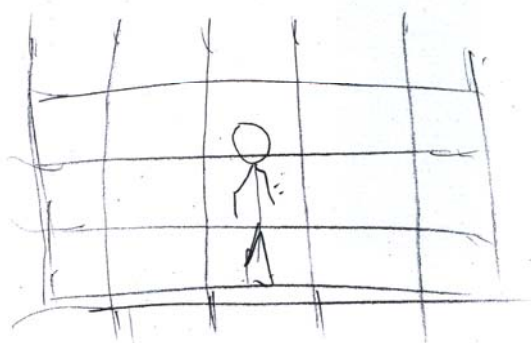
Assinatura:

Anexo B
Desenho de Lana



Anexo C

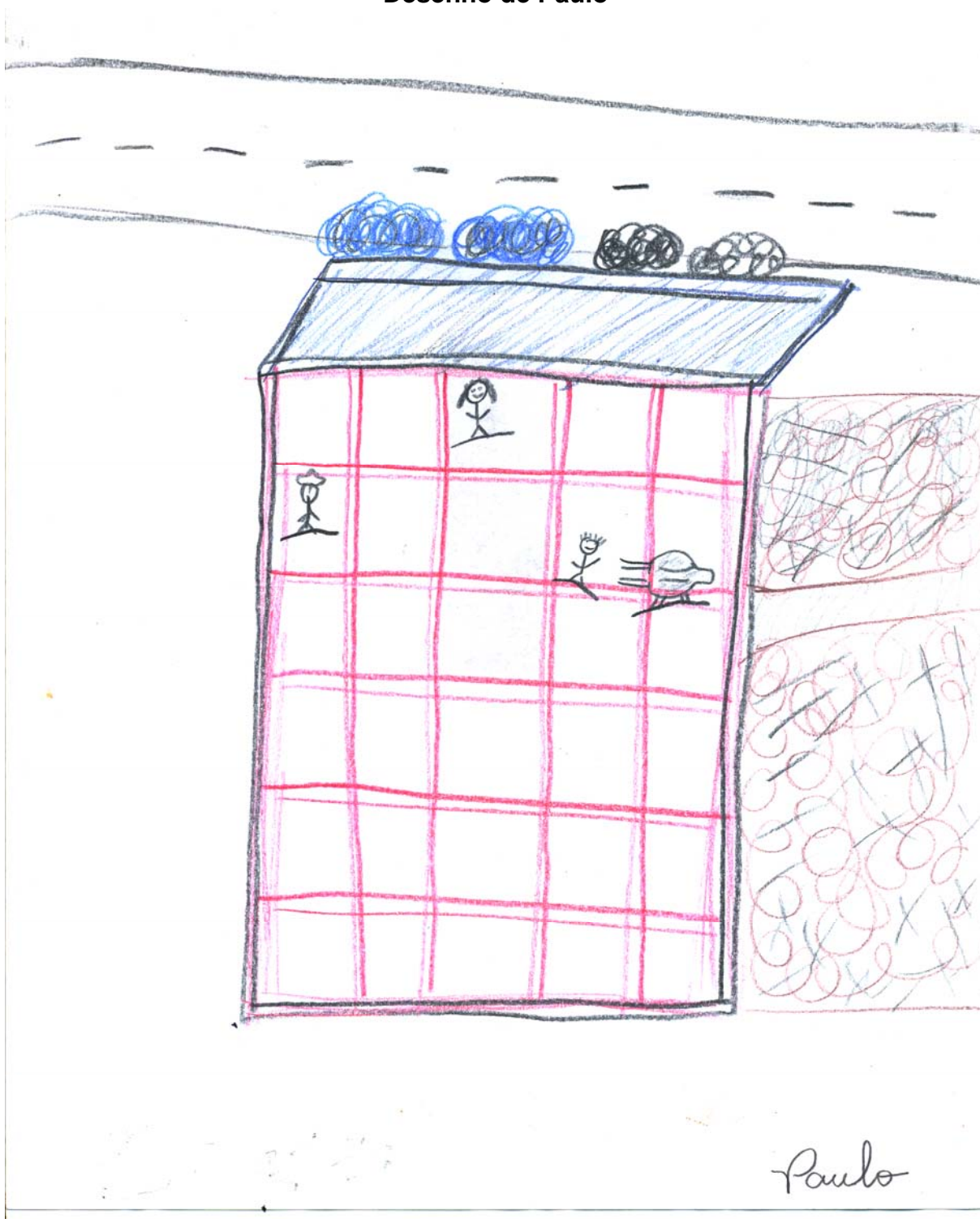
Desenho de Joel



Joel

Anexo D

Desenho de Paulo



Anexo E

Desenho de Rita

TERRENO (INÍCIO) 29/03/04

